A METADE PERDIDA

BRIT BENNETT

intrínseca

A METADE PERDIDA

BRIT BENNETT

TRADUÇÃO DE THAÍS BRITTO

intrínseca

Copyright © 2020 by Brittany Bennett

TÍTULO ORIGINAL
e Vanishing Half

PREPARAÇÃO
Nina Lopes

REVISÃO
Júlia Ribeiro
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

DESIGN DE CAPA
Lauren Peters-Collaer

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

REVISÃO DE E-BOOK
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE E-BOOK
Joana De Conti

E-ISBN
978-65-5560-155-8

Edição digital: 2021

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

 intrinseca.com.br

 @intrinseca

 editoraintrinseca

 @intrinseca

 intrinsecaeditora

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Sumário

Nota da editora

Dedicatória

PARTE 1: As gêmeas desaparecidas

Um

Dois

Três

PARTE 2: Mapas

Quatro

Cinco

Seis

PARTE 3: Linhas do coração

Sete

Oito

Nove

PARTE 4: A entrada para o palco

Dez

Onze

Doze

Treze

PARTE 5: *Pacific Cove*

Quatorze

Quinze

PARTE 6: Lugares

Dezesseis

Dezessete

Agradecimentos

Sobre a autora

Conheça outro título da autora

Leia também

NOTA DA EDITORA

Em *A metade perdida*, Brit Bennett optou por usar termos que hoje consideramos ultrapassados, incompatíveis com o entendimento contemporâneo de identidade racial, porém em consonância com a linguagem das décadas retratadas na obra, os anos 1950 a 1990. Nesta edição que o leitor tem em mãos, procuramos utilizar expressões em português que tivessem o mesmo peso histórico pretendido pela autora na versão original em inglês.

Para minha família

PARTE I

AS GÊMEAS DESAPARECIDAS

(1968)

UM

Na manhã em que uma das gêmeas desaparecidas retornou a Mallard, Lou Le Bon foi correndo até a lanchonete para contar a novidade e, até hoje, anos depois, todo mundo se lembra do choque ao vê-lo chegar escancarando as portas de vidro, suado, a respiração ofegante, a gola da camisa suja pelo esforço físico. Os clientes, até então caindo de sono, fizeram uma algazarra ao redor dele; eram umas dez pessoas, embora hoje em dia muita gente minta dizendo que estava lá, ainda que seja só para fingir que, pelo menos uma vez, testemunhara algo realmente emocionante. Nada de surpreendente havia acontecido naquela cidadezinha rural, não desde o desaparecimento das gêmeas Vignes. Mas, naquela manhã de abril de 1968, enquanto ia para o trabalho, Lou avistou Desiree Vignes caminhando pela Partridge Road, segurando uma mala pequena de couro. Ela tinha a mesma aparência de quando saíra da cidade aos dezesseis anos: ainda magra, com a pele cor de areia úmida. Seu corpo sem curvas o fazia lembrar de um galho carregado por uma brisa forte. Ela estava com pressa, a cabeça inclinada para a frente e — Lou fez uma pausa, performático — de mãos dadas com uma menina de uns sete ou oito anos, preta como piche.

— Preta azulada — disse ele. — Como se tivesse vindo diretamente da África.

O pessoal da Egg House se dispersou em grupinhos de conversa. O cozinheiro se perguntou se teria sido mesmo Desiree, já que Lou ia fazer sessenta anos em maio e era muito vaidoso para usar seus óculos. A garçonete afirmou que só podia ser ela, afinal, até mesmo um cego

reconheceria uma das garotas Vignes, e certamente não poderia ser a outra. Os clientes, que abandonaram os mingaus e ovos no balcão, não se importaram muito com aquela discussão... Mas que raio de criança escura era aquela? Poderia ser filha de Desiree?

— E seria filha de quem mais? — perguntou Lou, pegando alguns guardanapos para secar a testa suada.

— Vai ver é uma órfã que ela adotou.

— Não sei como uma coisa tão preta pode ter saído da Desiree.

— E por acaso Desiree faz o tipo que adotaria uma órfã?

Claro que não. Era uma garota egoísta. Se havia algo de que se lembravam a respeito dela era isso, e a maioria não recordava mais nada. As gêmeas tinham ido embora há quatorze anos, quase o mesmo tempo que todos conviveram com elas. Desapareceram da cama depois da festa do Dia do Fundador, enquanto a mãe dormia no quarto ao lado. Certa manhã, as gêmeas se arrumavam diante do espelho, quatro garotas idênticas mexendo no cabelo. No dia seguinte, a cama estava vazia, as cobertas dobradas como em qualquer outro dia: bem-arrumadas quando era Stella que fazia, amassadas quando era Desiree. A cidade inteira as procurou durante a manhã, chamando seus nomes no bosque e tolamente imaginando que haviam sido raptadas. O desaparecimento foi tão repentino que parecia o arrebatamento cristão; todos os pecadores de Mallard tinham ficado para trás.

É claro que a explicação não era assustadora, nem mística; logo as gêmeas reapareceram em Nova Orleans. Eram garotas egoístas fugindo das responsabilidades. Não continuariam longe por muito tempo. A vida urbana ia esgotá-las. Ficariam sem dinheiro, perderiam a audácia e voltariam com o rabo entre as pernas para a casa da mãe. Mas elas nunca voltaram. Em vez disso, separaram-se depois de um ano, as vidas repartidas como na divisão

do óvulo na barriga da mãe. Stella virou branca e Desiree se casou com o homem mais negro que encontrou.

Agora Desiree estava de volta, e só Deus sabia por quê. Talvez fosse saudade de casa. Sentiu falta da mãe depois de todos aqueles anos, ou então quis exibir sua filha escura. Em Mallard, ninguém se casava com pretos. Ninguém ia embora também, mas Desiree já havia feito isso. Ao se casar com um homem preto e andar pela cidade toda com aquela criança escuríssima, ela estava indo longe demais.

Na Lou's Egg House, o grupo se dispersou; o cozinheiro recolocou a touca, a garçonete começou a contar moedas no balcão, homens de macacão engoliram o café antes de voltar para a refinaria. Lou se recostou na janela suja e ficou observando a estrada. Ele deveria ligar para Adele Vignes. Não era certo que ela fosse surpreendida daquele jeito pela própria filha, não depois de tudo pelo que passara. E agora Desiree aparecia com aquela criança preta... Meu Deus. Ele pegou o telefone.

— Acha que pretendem ficar? — perguntou o cozinheiro.

— Vai saber? Mas ela parecia estar com pressa — respondeu Lou. — Não imagino o porquê. Passou por mim e não acenou nem nada.

— É uma esnobe. E que motivo ela tem para ser tão esnobe?

— Meu Deus — comentou Lou. — Nunca vi uma criança tão preta feito aquela.

ERA UMA CIDADE ESTRANHA.

Mallard, que significa pato em inglês, foi batizada assim por causa dos zarros-de-colar que viviam pelos arrozais e pântanos. Como qualquer outra, aquela cidade era mais uma ideia do que um lugar. A ideia ocorreu a Alphonse Decuir, em 1848, quando estava nos campos de cana-de-açúcar

que herdara do pai. O pai agora estava morto, o filho agora estava livre e desejava construir naquelas terras algo que durasse por séculos. Uma cidade para homens como ele, que nunca seriam aceitos como brancos, mas que se recusavam a ser tratados como negros. Um terceiro lugar. A mãe de Alphonse, que Deus a tenha, odiava a pele clara do filho; quando ele era criança, ela o colocava debaixo do sol, rezando para que escurecesse. Talvez aquela tenha sido a inspiração dele para sonhar com a cidade. A pele clara, como tudo que é conquistado a duras penas, era uma dádiva solitária. Ele se casara com uma mulata ainda mais clara que ele próprio. Naquela época, ela estava grávida do primeiro filho, e ele então imaginou os filhos dos filhos de seu filho ainda mais claros, como uma xícara de café sendo diluída aos poucos com leite. Um negro cada vez mais perfeito. Cada geração mais clara que a anterior.

Logo, outros vieram. E ideia e lugar se tornaram inseparáveis. Mallard se espalhou por todo o restante de St. Landry Parish. As pessoas de cor cochichavam, se perguntavam se era verdade. Os brancos não acreditavam que tal lugar existisse. Quando a igreja de St. Catherine foi construída, em 1938, a diocese enviou para lá um jovem padre de Dublin que chegou ali tendo a certeza de que estava perdido. O bispo não lhe contara que Mallard era uma cidade de pessoas de cor? Bem, então quem era aquela gente que morava ali? Peles claras, cabelos louros e ruivos, os mais escuros no máximo morenos como os gregos? Essas pessoas eram consideradas de cor nos Estados Unidos? Eram esses de quem os brancos queriam manter distância? Mas como eles sabiam a diferença?

Quando as gêmeas Vignes nasceram, Alphonse Decuir já estava morto havia muito tempo. Mas, querendo ou não, as tataranetas herdaram seu legado. Até mesmo Desiree, que sempre reclamava dos piqueniques no Dia do Fundador e revirava os olhos quando aquilo era citado na escola, como se

não tivesse qualquer relação com ela. Isso ficou marcado depois que as gêmeas sumiram. Como Desiree nunca quis fazer parte de uma cidade que era sua por direito. Como ela acreditava que podia apagar a história como se apaga um rabisco de lápis no papel. Você pode até fugir da cidade, mas não pode fugir do sangue da família. De certo modo, as gêmeas Vignes se consideravam capazes de fazer ambas as coisas.

Ainda assim, se Alphonse Decuir pudesse passear agora pela cidade que imaginara, ficaria encantado com suas tataranetas. Gêmeas, pele cor de creme, olhos cor de avelã, cabelos ondulados. Ele ficaria encantado. Filhos um pouquinho mais perfeitos que os pais. O que poderia ser mais formidável que isso?

AS GÊMEAS VIGNES DESAPARECERAM no dia 14 de agosto de 1954, logo após a festa do Dia do Fundador, e, como todos perceberam depois, aquele sempre fora o plano das duas. Stella, a inteligente, previu que toda a cidade estaria distraída. As pessoas estariam naquela lombeira pós-sol por causa do demorado churrasco na praça principal, onde Willie Lee, o açougueiro, assava costelas, bistecas e linguiças sulistas. Depois vinha o discurso do prefeito Fontenot, e o padre Cavanaugh abençoava a comida, enquanto as crianças, já inquietas, roubavam as peles de frango crocantes dos pratos dos pais, que ainda rezavam. A comemoração durava a tarde toda, ao som da banda, e a noite terminava com uma festa no ginásio da escola, de onde os adultos voltavam cambaleando para casa depois de exagerar no ponche de rum preparado por Trinity ierry... As poucas horas naquele ginásio eram um convite delicado à nostalgia dos anos de juventude.

Fosse em qualquer outra noite, Sal Delafosse talvez tivesse visto pela janela as duas garotas andando à luz do luar. Adele Vignes teria escutado o

rangido do piso de madeira. Até mesmo Lou LeBon poderia ter avistado as meninas pelas janelas de vidro embaçadas enquanto fechava a lanchonete. Mas, no Dia do Fundador, a Lou's Egg House fechava mais cedo. Sal, sentindo uma animação repentina, correu para a cama com a mulher. Adele apagou graças aos copos de ponche que tomou e, roncando, sonhou que dançava com o marido no baile da escola. Ninguém viu as gêmeas fugirem, exatamente como elas haviam planejado.

Mas a ideia não foi, de jeito nenhum, de Stella. Naquele último verão, foi Desiree quem decidira fugir depois do piquenique. O que, talvez, não fosse assim tão surpreendente. Durante anos, não era ela que dizia aos quatro ventos que mal podia esperar para ir embora de Mallard? Na maioria das vezes ela dizia isso a Stella, que lhe dava atenção com a paciência de alguém acostumada a ouvir delírios há tempos. Para Stella, ir embora de Mallard parecia tão fantasioso quanto pegar um avião para a China. Tecnicamente era possível, mas ela não se imaginava fazendo aquilo. Desiree, no entanto, sempre sonhara com a vida fora daquela cidadezinha rural. Quando as gêmeas assistiram ao filme *A Princesa e o Plebeu* no cinema em Opelousas, ela mal conseguira ouvir os diálogos ali do balcão, onde as outras crianças de cor, barulhentas e entediadas, jogavam pipoca nos brancos sentados na plateia. Mas ainda assim, debruçara-se no parapeito, fascinada, imaginando-se flutuando sobre as nuvens até algum lugar bem longe, como Paris ou Roma. Embora ela nunca tivesse ido nem sequer a Nova Orleans, a apenas duas horas dali.

"A única coisa esperando por vocês lá fora é selvageria", dizia a mãe delas com frequência, o que obviamente só deixava Desiree com mais vontade de ir embora. As gêmeas conheciam uma garota chamada Farrah ibodeaux que, um ano antes, pegara um avião até a cidade, o que parecera tão simples... Será que ir embora era assim tão difícil se Farrah, apenas um ano

mais velha que elas, havia conseguido? Desiree se imaginava fugindo para a cidade e tornando-se atriz. Ela só havia participado de um espetáculo na vida — *Romeu e Julieta*, no nono ano —, mas, ao subir naquele palco, por um segundo sentiu que Mallard não era o pior lugar dos Estados Unidos. Seus colegas de turma a aplaudiram enquanto Stella desaparecia na escuridão do ginásio, e Desiree sentiu-se, enfim, ela mesma, única, não uma gêmea, não a metade incompleta de um par. No ano seguinte, contudo, ela perdeu o papel de Viola em *Noite de reis* para a filha do prefeito, que havia feito uma doação repentina para a escola. Depois de passar uma tarde emburrada na lateral do palco enquanto Mary Lou Fontenot brilhava e acenava para o público, Desiree disse à irmã que mal podia esperar para ir embora de Mallard.

— Você sempre diz isso — observou Stella.

— Porque é sempre verdade.

Mas não era. Ela não odiava Mallard; sentia-se aprisionada por suas limitações. Andara por aquelas mesmas estradas sujas a vida inteira, entalhara suas iniciais nas mesmas carteiras escolares que sua mãe usara e que seus filhos usariam um dia, e onde passariam os dedos e sentiriam sua grafia irregular. E a escola ficava no mesmo prédio onde sempre estivera, todas as turmas juntas, então começar o ensino médio nem parecia uma grande mudança, apenas alguns passos até o outro lado do corredor. Talvez ela tivesse suportado tudo isso, não fosse a obsessão de todos com a pele clara. Syl Guillory e Jack Richard discutindo no barbeiro sobre quem tinha a mulher mais clara, ou a mãe sempre gritando com ela para botar o chapéu, ou ainda algumas crenças ridículas das pessoas, como se beber café ou comer chocolate na gravidez fizesse o bebê nascer escuro. Seu pai era tão claro que, nas manhãs frias, ela segurava o braço dele e enxergava veias azuis. Mas

nada daquilo importou quando os homens brancos vieram atrás dele. Portanto, como ela poderia se importar com pele clara depois daquilo?

Ela já quase não se lembrava mais dele, e isso a assustava um pouco. A vida antes de ele morrer parecia uma história que alguém lhe contara. Uma época em que sua mãe não precisava acordar ao raiar do dia para limpar as casas de pessoas brancas, nem lavar roupa para ganhar um dinheiro extra no fim de semana, as cordas do varal ziguezagueando pela sala de casa. As gêmeas adoravam se esconder atrás de edredons e lençóis até Desiree perceber quanto aquilo era humilhante, a casa delas sempre cheia das roupas sujas dos outros.

— Se fosse verdade, você faria algo a respeito — respondeu Stella.

Ela era sempre muito pragmática. No domingo à noite, Stella passava as roupas da semana inteira enquanto Desiree toda manhã corria para encontrar um vestido limpo e terminar o trabalho de casa amassado no fundo da mochila. Stella gostava da escola. Tirava as maiores notas em aritmética desde o jardim de infância e, quando estava no primeiro ano do ensino médio, a Sra. Belton até deixava que ela desse algumas aulas para as turmas mais novas. Ela dera a Stella um de seus livros antigos de cálculo, dos tempos em que estudava na Faculdade Spelman, e a garota passava dias, semanas, deitada na cama tentando decifrar aquelas formas estranhas e as longas cadeias de números entre parênteses. Certa vez, Desiree folheou o livro, mas as equações lhe pareciam uma linguagem arcaica, então Stella pegou o livro de volta, como se a irmã o maculasse só de olhar para ele.

Stella queria ser professora na Mallard High um dia. Mas toda vez que Desiree imaginava seu futuro em Mallard, a vida seguindo como sempre tinha sido, sentia um nó na garganta. Quando falava em ir embora, Stella nunca queria tocar no assunto.

— Não podemos deixar a mamãe — argumentava ela sempre e, envergonhada, Desiree se calava.

Ela já havia perdido muita coisa, e isso nem precisava ser dito.

NO ÚLTIMO DIA DO PRIMEIRO ANO do ensino médio, a mãe delas chegou do trabalho e anunciou que as gêmeas não voltariam para a escola depois das férias. Já tiveram educação demais, disse ela, sentando-se calmamente no sofá para descansar os pés, e precisava que elas trabalhassem. As gêmeas tinham dezesseis anos na época e ficaram atônitas, embora Stella talvez devesse ter notado as contas que não paravam de chegar, e Desiree pudesse ter se perguntado por que a mãe a enviara duas vezes só naquele mês para pedir mais crédito a Fontenot. Ainda assim, as duas se olharam em silêncio enquanto a mãe desamarrava os sapatos. Stella parecia ter levado um soco no estômago.

— Mas eu posso trabalhar e ir para a escola também. Vou dar um jeito...

— Não vai conseguir, querida — respondeu a mãe. — Precisa estar lá o dia inteiro. Sabe que eu não faria isso se não precisasse.

— Eu sei, mas...

— E Nancy Belton até colocou você para dar aula. O que mais precisa aprender?

A mãe já havia encontrado um trabalho para as duas: limpar uma casa em Opelousas. Elas começariam na manhã seguinte. Desiree odiava ajudar a mãe na faxina. Enfiar as mãos na água suja da pia, se curvar sobre o esfregão e saber que, um dia, seus dedos também ficariam gordos e deformados por lavar roupa de gente branca. Mas pelo menos não haveria mais provas, estudos, decoreba ou palestras entediantes. Ela era adulta agora. A vida

finalmente ia começar. Mas enquanto as gêmeas começavam a preparar o jantar, Stella continuava quieta e abatida ao lavar as cenouras na pia.

— Eu pensei que... — disse. — Acho que imaginei...

Ela queria entrar na faculdade algum dia, e obviamente passaria para Spelman ou Howard ou qualquer outra que quisesse. Aquela ideia sempre aterrorizou Desiree, a possibilidade de Stella se mudar para Atlanta ou Washington sem ela. Uma pequena parte dela estava aliviada, afinal, agora Stella não poderia abandoná-la. Mas, ainda assim, odiava ver a irmã triste.

— Você ainda pode ir para a faculdade — argumentou Desiree. — Mais tarde, quer dizer.

— Como? Preciso terminar a escola antes.

— Ora, você pode fazer isso depois. Ter aulas à noite ou algo assim. Vai terminar rapidinho, sabe que vai.

Stella ficou calada novamente enquanto cortava as cenouras para o cozido. Ela sabia quanto a mãe estava desesperada e nunca contestaria sua decisão. Mas estava tão transtornada que a faca escapuliu de sua mão e ela cortou o dedo.

— Merda! — disse ela, alto, assustando Desiree, que estava a seu lado.

Stella quase nunca falava palavrão, principalmente quando a mãe estava por perto e podia ouvir. Ela largou a faca, um fio de sangue escorreu de seu dedo indicador, e, sem pensar, Desiree levou à boca o dedo ensanguentado da irmã, do mesmo jeito que já tinha feito quando eram crianças e Stella não parava de chorar. Ela sabia que estavam muito velhas para aquilo, mas ainda assim manteve o dedo de Stella na boca, sentindo o gosto metálico de sangue. Stella ficou olhando, em silêncio. Seus olhos estavam marejados, mas ela não chorava.

— Que nojento — disse Stella, sem tirar o dedo.

DURANTE TODO O VERÃO, as gêmeas pegaram o ônibus de manhã para Opelousas, onde seguiam para uma gigantesca casa branca que ficava escondida atrás de portões de ferro adornados com leões brancos de mármore. Aquilo era tão grotescamente absurdo que Desiree riu quando viram a casa pela primeira vez, mas Stella apenas observou, desconfiada, como se a qualquer momento aqueles leões pudessem ganhar vida e atacá-la. Quando a mãe encontrou trabalho para elas, Desiree sabia que a família seria rica e branca. Mas não esperava uma casa como aquela: havia um lustre de diamantes pendurado tão alto que ela precisava subir até o último degrau da escada para tirar o pó; uma enorme escadaria espiralada que a deixava tonta quando passava pano no corrimão; uma cozinha gigantesca para esfregar e cheia de eletrodomésticos tão futuristas que ela nem sabia como usá-los.

Às vezes, ela se perdia de Stella e precisava procurar a irmã. Ficava tentada a chamar seu nome, mas tinha medo de ouvir sua voz ecoar por aqueles salões enormes. Certa vez, encontrou-a limpando a penteadeira no quarto e encarando, com olhar melancólico, o espelho de maquiagem enfeitado com uma infinidade de potinhos de cremes. Era como se ela quisesse se sentar naquele banco elegante e passar um creme perfumado nas mãos feito Audrey Hepburn, ficar se admirando só por querer, como se vivesse num mundo onde as mulheres faziam isso. Mas, então, o reflexo de Desiree apareceu atrás dela, e Stella desviou o olhar, quase envergonhada por ser vista desejando alguma coisa.

Era a família Dupont. Uma esposa com cabelo louro repicado, que passava a tarde inteira em casa fazendo nada, sonolenta e entediada. Um marido que trabalhava no banco St. Landry. Dois meninos que viviam se empurrando em frente à TV em cores — ela nunca tinha visto uma daquelas — e um bebê careca que estava sempre com cólica. No primeiro

dia de trabalho, a Sra. Dupont ficou olhando para elas por um instante e então disse ao marido, de forma displicente: “Que meninas lindas. Tão clarinhas, não é?”

O Sr. Dupont apenas concordou com a cabeça. Ele era um homem estranho e desajeitado, usava uns óculos cujas lentes eram tão grossas que deixavam seus olhos esbugalhados. Sempre que passava por Desiree, ele inclinava a cabeça, com uma expressão de dúvida.

— Você é qual mesmo? — perguntava.

— Stella — respondia ela às vezes, só por diversão.

Ela sempre mentiu muito bem. A única diferença entre mentir e atuar era se o público estava participando ou não da farsa, mas, no fim das contas, tudo não passava de interpretação. Stella nunca queria trocar de lugar. Tinha certeza de que seriam pegas. Mas mentir — ou atuar — só era possível com comprometimento total. Desiree tinha passado anos estudando o comportamento de Stella. A maneira de mexer na barra da saia, o modo de colocar o cabelo atrás da orelha e como olhava para cima, com timidez, antes de dizer olá. Ela podia imitar a irmã, simular sua voz, fingir que seu corpo era o dela. Sentia-se especial por saber que conseguia se passar por Stella, mas Stella nunca seria capaz de fazer o mesmo.

Durante todo o verão, as gêmeas desapareceram de vista. Nada das garotas andando pela Partridge Road ou deslizando pelo sofá nos fundos da lanchonete do Lou ou indo assistir aos treinos de futebol dos garotos. Toda manhã elas entravam na casa dos Dupont e só reapareciam no fim da tarde, exaustas e com os pés inchados, Desiree recostada, sem forças, na janela do ônibus na viagem de volta para casa. O verão estava quase no fim e ela não imaginava como seria o outono, esfregando pisos de banheiro enquanto suas amigas fofocavam no refeitório e planejavam o baile de volta às aulas. O

resto de sua vida seria aquilo? Sentir-se sufocada por uma casa que a engolia assim que ela colocava os pés lá dentro?

Havia uma maneira de fugir. Ela sabia, sempre soubera, mas em agosto começou a pensar obstinadamente em Nova Orleans. Na manhã do Dia do Fundador, já em pânico de ter que voltar à casa dos Dupont, cutucou Stella do outro lado da cama e disse:

— Vamos embora.

Stella resmungou e rolou na cama, os calcanhares atados pelo lençol. Ela sempre teve o sono agitado, com pesadelos sobre os quais nunca falava.

— Para onde? — perguntou Stella.

— Você sabe. Estou cansada de só falar sobre isso. Vamos logo.

Ela sentia como se um portal de fuga tivesse surgido na sua frente e, se demorasse muito, ele sumiria para sempre. Mas não podia ir sem Stella. Ela nunca ficara longe da irmã e, de alguma forma, se perguntava inclusive se sobreviveria a uma separação.

— Vamos lá. Você quer limpar a casa dos Dupont para sempre?

Ela nunca saberia o que, de fato, a convenceu. Talvez Stella também estivesse entediada. Talvez, por ser pragmática, Stella tenha se dado conta de que poderiam ganhar mais dinheiro em Nova Orleans e assim ajudar mais a mãe. Ou talvez ela também achasse que o portal de fuga estava desaparecendo e tenha percebido que tudo o que queria na vida estava fora de Mallard. Quem se importava com o que a fez mudar de ideia? O importante é que Stella finalmente disse:

— Está bem.

As gêmeas passaram a tarde no piquenique do Dia do Fundador, Desiree prestes a explodir com aquele segredo. Mas Stella parecia calma como sempre. Ela era a única pessoa para quem Desiree contava seus segredos. Stella sabia em quais provas Desiree tinha tirado nota baixa, e também que

a irmã falsificara a assinatura da mãe nessas provas em vez de mostrar a ela. Sabia das quinquilharias que Desiree roubara de Fontenot — um batom, alguns botões, abotoaduras de prata — simplesmente porque podia, porque isso a fazia se sentir bem quando a filha do prefeito passava, já que ela lhe havia tirado algo também. Stella ouvia, julgava algumas vezes, mas nunca contava a ninguém, o que era o mais importante. Contar um segredo a Stella era como falar dentro de uma garrafa e fechar bem a tampa. Ela não deixava escapar nada. Mas, naquela época, Desiree não imaginava que Stella também escondia os próprios segredos.

Alguns dias depois que as gêmeas Vignes foram embora de Mallard, o rio transbordou e as estradas ficaram pura lama. Se tivessem esperado só mais um dia, a tempestade as teria impedido. Se não fosse a chuva, seria a lama. Elas se arrastariam até a metade da Partridge Road e desistiriam. Não eram duronas. Não resistiriam nem dez quilômetros andando por uma estrada rural enlameada; teriam voltado para casa, encharcadas, e iriam direto para a cama. Desiree admitiria que tinha sido impulsiva, e Stella diria que estava apenas sendo uma irmã leal. Mas não choveu naquela noite. O céu estava limpo quando as gêmeas saíram de casa sem olhar para trás.

NA MANHÃ EM QUE DESIREE VOLTOU, ela se perdeu um pouco a caminho da casa da mãe. Perder-se um pouco era pior do que se perder por completo; era impossível saber qual parte do seu cérebro estava certa sobre o caminho. A Partridge Road dava no bosque, e depois? Era preciso virar após o rio, mas para que lado? Toda cidade parece diferente quando você retorna, como uma casa que teve os móveis deslocados dez centímetros. Você não a confundiria com outra casa, mas bateria as canelas em todos os cantos. Ela parou na beira da mata, fascinada com todos aqueles pinheiros que pareciam

não ter fim. Mexeu no lenço no pescoço enquanto tentava encontrar algo familiar ali. Mal dava para ver o hematoma sob o tecido azul quase transparente.

— Mamãe, estamos chegando? — perguntou Jude.

Ela olhava para Desiree com aqueles olhos enormes que lembravam duas luas. Parecia tanto com Sam que Desiree desviou o olhar.

— Sim, estamos quase.

— Quanto falta?

— Só mais um pouquinho, querida. É logo depois desse bosque. A mamãe está tentando se achar aqui, só isso.

Na primeira vez em que Sam bateu nela, Desiree começou a considerar uma volta para casa. Na época, estavam casados havia três anos, mas, para ela, ainda parecia uma lua de mel. Ficava arrepiada quando ele lambia a cobertura de bolo do dedo dela ou quando beijava seu pescoço enquanto ela passava batom. Começava a sentir que Washington podia ser sua casa, onde conseguia imaginar o restante da sua vida sem Stella. Mas então, numa noite de primavera havia seis anos, ela se esquecera de costurar um botão na camisa dele e, quando ele a lembrou, Desiree respondeu que estava muito ocupada fazendo o jantar e ele mesmo teria que costurar. Estava cansada do trabalho e era tão tarde que já ouvia *The Ed Sullivan Show* na TV; Diahann Carroll cantava "It had to be you". Ela colocou o frango no forno e, quando se levantou, sentiu a mão quente dele em sua boca. Tinha vinte e quatro anos. Nunca havia levado um tapa na cara até então.

— Precisa se separar dele — sugeriu sua amiga Roberta ao telefone. — Se ficar, ele vai achar que pode fazer isso sem qualquer punição.

— Não é tão simples assim — disse Desiree, com a mão no lábio inchado, olhando para o quarto do bebê.

De repente, imaginou o rosto de Stella: era como o seu, mas sem o machucado.

— Por quê? — perguntou Roberta. — Você o ama? E ele te ama tanto a ponto de quase arrancar sua cabeça?

— Não foi tão ruim assim.

— E você pretende ficar aí até que seja?

Quando Desiree finalmente tomou coragem para deixá-lo, já não falava com Stella desde que a irmã passara a ignorá-la. Não tinha como encontrá-la, nem sabia mais onde ela morava. Ainda assim, enquanto andava pela Union Station com a filha, confusa e agarrada a seu braço, tudo que ela queria era ligar para a irmã. Algumas horas antes, durante outra discussão, Sam a segurara pelo pescoço e apontara a pistola para ela, os olhos dela tão brilhantes quanto da primeira vez que o beijou. Ele ia acabar matando-a algum dia. Ela sabia disso, mesmo depois que ele a soltou e ela voltou, ofegante, para seu lado da cama. Naquela noite, Desiree fingiu dormir e, pela segunda vez na vida, arrumou as malas no escuro. Na estação de trem, correu para comprar as passagens com o dinheiro que roubara da carteira de Sam, agarrada à mão da filha, a respiração tão forte que fazia seu estômago doer.

E agora?, perguntava a Stella, em sua mente. Para onde eu vou? Mas, é claro, Stella não respondeu. E, é claro também, só havia um lugar para onde ir.

— Falta muito ainda? — perguntou Jude.

— Só mais um pouquinho, querida. Estamos quase lá.

Quase em casa, mas o que isso significava agora? Talvez sua mãe a expulsasse antes mesmo que ela subisse os primeiros degraus. Bastaria ver Jude para mandar as duas de volta para a rua. *Claro que aquele homem escuro te batia. O que você esperava? Casamento de vingança não dura*. Ela se inclinou

para pegar a filha no colo, encaixando-a no quadril. Agora andava sem pensar muito, apenas para manter o corpo em movimento. Talvez fosse um erro ter voltado a Mallard. Talvez devessem ter ido a um lugar novo, começado do zero. Mas era tarde demais para arrependimentos. Ela já ouvia o barulho do rio. Foi até lá com a filha, pesada, agarrada em seu pescoço. O rio ia ajudá-la. Parada ali, naquela margem, ela lembraria o caminho.

EM WASHINGTON, Desiree Vignes tinha aprendido a ler impressões digitais.

Ela nunca soubera que dava para aprender algo assim até a primavera de 1956, quando, ao caminhar pela Canal Street, viu um panfleto na janela de uma padaria anunciando que havia vagas de emprego no governo federal. Parou na porta e ficou olhando para o cartaz. Stella fora embora havia seis meses, e o tempo passava devagar, a conta-gotas. Às vezes, ela até se esquecia, por mais estranho que parecesse. Ao ouvir uma piada engraçada no bonde ou passar por um amigo em comum, ela se virava para comentar com Stella "Ei, viu aquilo...", antes de lembrar que a irmã havia ido embora. Que deixara Desiree sozinha pela primeira vez na vida.

E, ainda assim, mesmo depois de seis meses, Desiree tinha esperanças. Stella ia ligar. Ia mandar uma carta. Mas toda noite ela tateava a caixa de correio vazia e esperava ao lado de um telefone que se recusava a tocar. Stella tinha ido embora em busca de uma vida nova que não incluía Desiree, que agora estava arrasada, morando na cidade onde Stella a abandonara. Então ela anotou o número que constava no panfleto amarelo colado na janela da padaria e foi até o escritório de recrutamento assim que saiu do trabalho.

Já descrente de que encontraria alguém com boa reputação em Nova Orleans, a recrutadora foi surpreendida por aquela jovem bem-alinhada que se sentou à sua frente. Olhou para a ficha de inscrição e hesitou na parte marcada "de cor". Então deu uma batidinha com a caneta no campo *cidade de nascimento*.

— Mallard — disse ela. — Nunca ouvi falar desse lugar.

— É uma cidadezinha — respondeu Desiree. — Ao norte daqui.

— O Sr. Hoover gosta de cidadezinhas. Sempre diz que as melhores pessoas vêm de cidadezinhas.

— Bem, Mallard é uma cidadezinha por definição.

EM WASHINGTON, ela tentou enterrar o luto. Alugou um quarto na casa da outra mulher de cor do departamento de impressões digitais, Roberta omas. Parecia mais um porão do que um quarto, na verdade; era escuro e sem janelas, porém limpo e, mais importante, pagável.

— Não é grande coisa — disse Roberta no primeiro dia de trabalho. — Mas se você precisa muito de um lugar...

Ela fez a proposta de um jeito meio hesitante, como se quisesse que Desiree recusasse. Estava exausta, tinha três filhos, e, sinceramente, Desiree parecia mais uma de quem ela precisaria cuidar. Mas ficou com pena da garota, que mal tinha dezoito anos, sozinha numa cidade nova, então o porão serviria: uma cama de solteiro, um armário, o barulho do aquecedor crepitando que a ninava até dormir.

Desiree prometeu a si mesma que aquele seria um recomeço, mas pensava com ainda mais frequência em Stella ali, imaginando o que a irmã teria feito naquela cidade. Ela saíra de Nova Orleans para fugir da memória

de Stella, mas não conseguia dormir sem rolar na cama esperando sentir o corpo da irmã a seu lado.

No escritório, Desiree aprendeu sobre arcos, presilhas e verticilos. A diferença entre uma presilha radial, que se abre em direção ao polegar, e uma presilha ulnar, que se abre em direção ao mindinho. Entre um verticilo ovoidal e um sinuoso. Entre um dedo jovem e um velho, cujas papilas já estão mais desgastadas pelo tempo. Ela identificava uma pessoa em meio a milhões de outras só analisando as papilas: sua espessura, forma, poros, contorno, interrupções ou vincos. Toda manhã chegavam à sua mesa impressões digitais coletadas de carros roubados, cápsulas de balas, janelas quebradas, maçanetas e facas. Ela conferiu as impressões de manifestantes antiguerra e identificou restos mortais de soldados que voltavam para casa em caixas com gelo seco. Estava analisando impressões digitais de uma arma roubada na primeira vez em que Sam Winston passou por ela. Ele usava uma gravata lavanda e um lenço de seda combinando; ela ficou chocada tanto com o brilho da gravata quanto com a ousadia do rapaz, que era negro bem escuro e teve a audácia de usá-la. Mais tarde, quando o viu almoçando com os outros advogados, ela se virou para Roberta e disse:

— Eu não sabia que havia promotores públicos negros.

Roberta riu com deboche.

— É claro que tem. Aqui não é aquela cidadezinha minúscula de onde você vem.

Roberta nunca tinha ouvido falar de Mallard. Ninguém fora de St. Landry Parish já ouvira falar de lá, e, quando Desiree contou a Sam, ele teve dificuldade até de imaginar.

— Você está brincando — disse ele. — Uma cidade inteira de gente clarinha assim como você?

Ele a convidara para almoçar certa tarde, inclinando-se sobre a mesa dela depois de passar por ali perguntando sobre um conjunto de impressões digitais. Mais tarde, contou a ela que não estava precisando tanto assim daquelas digitais, queria apenas um motivo para se apresentar. Naquele momento, os dois estavam sentados no Arboreto Nacional, observando os patos no lago.

— Mais claras que eu até — respondeu ela, pensando na Sra. Fontenot, que costumava se gabar e dizer que os filhos tinham cor de coalhada.

Sam riu.

— Ora, você precisa me levar lá um dia. Tenho que ver essa cidade de gente clarinha com meus próprios olhos.

Mas aquilo era só flerte. Ele nascera em Ohio, e o mais ao sul que tinha ido era a Virgínia. A mãe queria tê-lo mandado para a Faculdade Morehouse, mas, não, ele fazia mais o tipo da Universidade de Ohio, desde a época em que os dormitórios ainda eram segregados. Ele assistia a aulas com professores brancos que se recusavam a responder a suas perguntas. Todo inverno precisava limpar neve amarela de urina do para-brisa do carro. Saía com garotas mais claras que não andavam de mãos dadas com ele em público. O racismo ali do norte ele conhecia. O praticado no sul, não fazia questão.

Até onde sabia, seu povo havia fugido do sul por uma razão, e quem era ele para questionar os antepassados? Aqueles caipiras brancos nem o deixariam voltar para casa, Sam sempre brincava. Ele iria até o sul para visitar e acabaria preso nas plantações de algodão.

— Você não ia gostar de Mallard — disse ela.

— Por que não?

— Porque não. Eles são estranhos. Obcecados por pele clara. Por isso saí de lá.

Não havia sido bem por isso, mas queria que ele acreditasse que ela era bem diferente do lugar de onde viera. Queria que ele acreditasse em qualquer coisa menos na verdade: que ela era só uma jovem entediada que arrastara a irmã para uma cidade onde se perdeu totalmente. Ele ficou quieto por um instante, pensando, e então entregou a ela uma cesta cheia de migalhas de pão. Tinha passado um tempo despedaçando a casca do sanduíche para que ela pudesse alimentar os patos; o tipo de cavalheirismo sutil dele que ela passaria a amar. Ela sorriu e pegou as migalhas da cesta.

Desiree lhe disse que nunca saíra com um homem como ele, mas a verdade é que nunca saíra com homem nenhum. Por isso ficava encantada e surpresa com qualquer coisinha que ele fizesse: quando Sam a levava a restaurantes com toalhas de mesa brancas e talheres de prata ornamentados; quando ele a convidava para o teatro, surpreendendo-a com ingressos para assistir a Ella Fitzgerald. Ela ficou imaginando como era seu apartamento de solteiro quando ele a convidou para ir lá pela primeira vez, e se impressionou com a roupa de cama elegante, o armário arrumado por cor, a cama espaçosa. Quase chorou ao voltar para o porão de Roberta.

Ele nunca mais se ofereceria para visitar a cidade natal dela. E ela nunca pediu que ele fosse. Disse a ele desde o início que odiava Mallard.

— Não acredito em você — contestou ele.

Estavam deitados na cama, ouvindo a chuva.

— E por que não? Já disse a você como me sinto.

— Nós, negros, sempre adoramos a cidade onde nascemos — argumentou. — Mesmo que sejam sempre os piores lugares. Só os brancos têm a liberdade de odiar o próprio lar.

Ele foi criado numa área de condomínios de baixa renda em Cleveland e amava aquela cidade com o ardor de alguém que não tinha muito mais o que amar. Desiree tinha apenas uma cidade da qual sempre quisera escapar e

uma mãe que já havia deixado claro que ela não seria bem-vinda de volta. Ainda não contara a Sam sobre Stella, pois tinha a impressão de que seria mais uma coisa a respeito de Mallard que ele não compreenderia. Mas a chuva continuava fazendo barulho ao bater na escada de incêndio de metal, então ela se virou para ele e disse que tinha uma irmã gêmea, e que ela decidira se tornar outra pessoa.

— Ela vai acabar se cansando de todo esse fingimento — respondeu ele. — Aposto que vai voltar correndo, se sentindo uma idiota. Ninguém conseguiria ficar longe de você por muito tempo.

Ele lhe deu um beijo na testa, e ela o abraçou mais forte, ouvindo o coração dele bater em sua orelha. Isso foi no início. Antes que ele cerrasse o punho ao chamá-la de *vadia amarela arrogante* ou *louca como sua irmã* ou ainda *pensa que é branca*. Foi na época em que ela começava a confiar nele.

MUITOS ANOS DEPOIS, quando sua visão passou a se deteriorar, ela culpou os anos em que forçou a vista para analisar impressões digitais e suas papilas. Certa vez, Roberta lhe contou que logo todo o sistema de impressões digitais seria operado por máquinas. Os japoneses já estavam testando a tecnologia. Mas como uma máquina poderia analisar uma digital melhor do que um olho treinado? Desiree via padrões que a maioria das pessoas não notava. Podia ler a vida inteira de alguém a partir da impressão digital. Ao longo do treinamento, ela praticava lendo as próprias digitais, aqueles desenhos intricados que a tornavam única. Stella tinha uma cicatriz no indicador esquerdo, da vez que o cortou com a faca; uma das muitas maneiras pelas quais as impressões digitais das duas eram diferentes.

Às vezes, o que nos torna nós mesmos são as pequenas coisas.

ADELE VIGNES MORAVA NUMA CASA estreita e comprida escondida às margens do bosque, casa essa que havia sido construída pelo fundador da cidade e onde desde então moraram diversas gerações da família Decuir. Quando ela se casou pela primeira vez, o marido, Leon Vignes, andou pela casa analisando os móveis antigos. Ele era um faz-tudo que queria trabalhar como marceneiro e tocou os pés de mesa fininhos, admirando o trabalho feito ali. Ele nunca imaginara que um dia moraria numa casa tão imbuída de história. Afinal, nunca imaginara se casar com uma garota Decuir. Uma garota de família tradicional. Sabia que a própria família vinha de uma longa linhagem de viticultores franceses que chegaram ao Novo Mundo querendo estabelecer uma vinícola, mas descobriram que a Louisiana era quente e úmida demais para uvas, portanto, acabaram cultivando cana-de-açúcar. Um grande sonho destruído pela realidade, foi isso que ele herdou. Seus pais eram mais pé no chão: donos de um bar ilegal chamado Surly Goat, que ficava nos limites de Mallard. Mais tarde, os moradores mais religiosos da cidade atribuíram àquela atividade pecaminosa toda a tragédia da família: nenhum dos quatro irmãos Vignes passou dos trinta anos. Leon, o mais novo, foi o primeiro a morrer.

A casa havia desbotado com o tempo, mas, de certa forma, parecia exatamente igual às lembranças de Desiree. Ela pisou na clareira segurando a filha com mais força, os ombros mais tensos a cada passo. Aquelas colunas de bronze, o telhado azul-petróleo, a varanda estreita onde a mãe estava sentada numa cadeira de balanço, descascando vagens numa bacia com água. A mãe ainda era magra, o cabelo caía pelas costas, as têmporas agora grisalhas. Desiree parou, a filha pesada agarrada a seu pescoço. Era como se todos aqueles anos a repelissem, uma mão em seu peito.

— Estava imaginando quando iam chegar aqui. Sabe que Lou já me ligou dizendo que viu você — disse a mãe para ela, mas olhando para a criança em seus braços. — Meio grande para ficar no colo.

Desiree finalmente pôs a filha no chão. Suas costas doíam, mas a dor pelo menos era familiar. Um corpo dolorido mantinha você alerta, acordado, melhor do que o estado de torpor que ela sentiu no trem, movendo-se apesar de estar presa no mesmo lugar. Ela empurrou a filha para a frente com delicadeza.

— Vá dar um beijo na maman — incentivou. — Pode ir, está tudo bem.

A menina se agarrou às pernas da mãe, com vergonha de se mexer, mas Desiree a empurrou um pouquinho mais até que a filha subisse os degraus com cuidado e, hesitante, abraçasse a avó. Adele a afastou um pouco para dar uma boa olhada na menina e passou a mão nas tranças bagunçadas.

— Vá tomar um banho — disse. — Está com cheiro da rua.

No banheiro, Desiree se ajoelhou no azulejo rachado para dar banho na filha dentro da banheira com pés em estilo vitoriano. Testou a temperatura da água como se estivesse sonhando. O espelho mais escuro no canto de cima, a pia lascada, o chão de madeira rangendo em determinados lugares, os quais ela aprendera a evitar para não ser flagrada voltando para casa muito tarde. A mãe descascava vagens na varanda como se aquela fosse uma manhã normal. E, ainda assim, elas não se falavam desde que Stella se fora. Desiree ligou para casa, aos prantos, e a mãe disse: "A culpa é sua." O que ela podia responder? Foi mesmo ela quem convencera Stella a fugir de casa. Até que a irmã decidira que preferia ser branca, e a mãe a culpava porque Stella não estava mais ali para levar a culpa.

Na cozinha, ela se sentou numa cadeira e pouco depois se deu conta de que era onde se sentava sempre, a cadeira de Stella vazia a seu lado. A mãe

estava ocupada com alguma coisa no fogão e, por um bom tempo, Desiree ficou apenas encarando suas costas.

— Então foi isso que você andou fazendo — começou a mãe.

— Como assim?

— Você entende o que quero dizer. — A mãe se virou para ela, os olhos cheios de lágrimas. — Você nos odeia tanto assim, é?

Desiree se afastou da mesa.

— Sabia que não devia ter vindo...

— Sente-se.

— Se isso é tudo que tem para me dizer...

— O que esperava? Você vem sabe Deus de onde, carregando uma criança que não se parece em nada com você...

— Nós vamos embora — disse Desiree. — Pode ficar com raiva de mim o quanto quiser, mamãe, mas não vai ser maldosa com minha filha.

— Eu disse para se sentar — falou a mãe novamente, dessa vez mais calma. Entregou à filha um pedaço de broa de milho. — Só estou surpresa. Não tenho direito de ficar surpresa?

Em vários momentos, Desiree pensara em ligar para casa. Quando chegara a Washington, instalara-se no porão de Roberta e a mãe não tinha como encontrá-la. Ou quando Sam a pedira em casamento e eles tiraram fotos de noivado sob uma cerejeira. Chegara a colocar uma das fotos em um envelope e escrever o endereço, mas não teve coragem de mandar. Não porque tivesse vergonha dele — foi assim que Sam entendeu —, mas por que compartilharia notícias boas com alguém que não ficaria feliz por ela? Já até sabia o que a mãe diria. *Você não ama esse homem de pele escura. Só vai se casar com ele para se rebelar, e a pior coisa a fazer com uma criança rebelde é lhe dar atenção. Vai entender um dia quando tiver filho*. Depois do casamento, depois de cortado o bolo, depois de os amigos terem saído pelas ruas,

bêbados e felizes, ela desabou nos fundos do salão de festas em seu vestido branco de babados e chorou. Nunca havia imaginado que um dia se casaria sem a mãe e sem a irmã a seu lado.

Ela até pensara em ligar depois de ter dado à luz uma menina no Freedmen's Hospital. Quando Jude nasceu, a enfermeira, que era de cor, fez uma pausa antes de embrulhá-la no cobertor rosa.

— É sinal de boa sorte — disse ela, enfim, entregando-a para a mãe — quando a menina se parece com o pai.

Deu um breve sorriso, oferecendo uma espécie de incentivo para uma mulher que, ela acreditava, ia precisar. Mas Desiree ficou encarando o rosto da filha, encantada. Outra mulher talvez tivesse se decepcionado porque a filha não se parecia em nada com ela, mas Desiree sentia-se grata. A última coisa que queria era amar outra pessoa que tivesse a sua cara.

— Eu teria me preparado melhor se tivesse me dito que viria — observou a mãe.

— Foi meio de última hora — respondeu Desiree.

Ela mal havia comido no trem, apenas mordiscou uns biscoitos e engoliu café puro até que a cafeína a deixasse trêmula. Precisava traçar um plano. Mallard e depois o quê? Para onde ir em seguida? Não podiam de jeito nenhum ficar ali, mas ela não sabia para onde mais ir. Estava contemplando aquela cozinha antiga e sentia falta de seu apartamento em Washington. De seu trabalho, seus amigos, sua vida. Talvez ela tivesse exagerado... Os protestos haviam deixado todos meio descontrolados. Há uma semana, enquanto Walter Cronkite dava as notícias, Sam chorava e tremia em seus braços no sofá. O atirador talvez fosse maluco, ou um espião militar, ou até mesmo um agente atuando em nome do governo. Talvez eles fossem meio culpados, negros cúmplices trabalhando do lado errado da história. Ele dizia coisas sem sentido e ela o segurou com força até o telejornal acabar. Naquela

noite, eles fizeram amor desesperadamente; talvez fosse uma forma estranha de homenagear o Reverendo, mas Desiree não se sentiu ela mesma naquela noite, dominada pelo luto por um homem que nem conhecia.

Na manhã seguinte, ela passou por fachadas de lojas destruídas, com as palavras "IRMÃO DE ALMA" escritas nas vitrines protegidas por placas de madeira. Eram pedidos apressados de lealdade rabiscados de caneta e colados no vidro. O escritório liberou os funcionários mais cedo naquele dia. Depois de descer do ônibus, ao andar para casa, deu de cara com um garoto negro assustado — tão magro quanto o taco de beisebol que segurava —, que exigiu sua bolsa.

— Anda logo, sua vadia branca! — gritou, batendo com o taco na calçada, como se quisesse alcançar o centro da terra.

Ela se atrapalhou com a alça de couro da bolsa, muito assustada para corrigi-lo e também se reconhecendo naquela fúria e naquele terror. Até que Sam apareceu em sua frente com os braços erguidos.

— Essa é minha mulher, irmão.

O garoto saiu correndo, atordoado. Sam a arrastou para dentro do apartamento, protegendo-a em seu peito.

A cidade entrou em ebulição durante quatro noites. Na última delas, Sam segurou o corpo nu de Desiree e sussurrou: "Vamos fazer mais um." Ela demorou um pouco para entender que ele estava se referindo a um bebê. Ela hesitou. Não queria ter hesitado, mas a ideia de ter mais um filho prendendo-a a ele, mais um filho para se preocupar todas as vezes que ele tivesse um acesso de raiva... Ela não podia de jeito nenhum ter outro bebê com ele. Claro que não disse isso, mas sua hesitação deixou tudo bem claro e, mais tarde, quando ele a agarrou pelo pescoço, ela sabia exatamente o motivo. Ela o havia magoado enquanto ele ainda estava de luto. Era de se esperar que ficasse com raiva. Sim, de vez em quando ele gostava de mostrar

quem mandava. E quem poderia culpá-lo, vivendo num mundo que não o respeitava como homem? Ela não deveria ser tão respondona. Podia se esforçar mais para manter um lar tranquilo. Não era ele o mesmo homem que a defendera do taco de beisebol de um garoto revoltado? O mesmo homem que a amara depois que a irmã a abandonou e a mãe se recusava a atender seus telefonemas?

Talvez não fosse tarde demais. Elas haviam saído de casa há apenas dois dias. Podia ligar para Sam e dizer que cometera um erro. Precisava de um tempinho para esfriar a cabeça, só isso. É claro que não tinha a intenção de ir embora de verdade. A mãe empurrou o prato para ela novamente.

— Qual é o problema em que se meteu? — perguntou a mãe.

Desiree forçou uma risada.

— Não tem problema nenhum, mamãe.

— Não sou burra. Acha que não sei que está fugindo daquele seu homem?

Desiree ficou olhando para a mesa, os olhos começando a marejar. A mãe jogou um pouco de leite na broa de milho e a amassou com um garfo, do jeito que Desiree comia quando era criança.

— Ele é passado agora — disse a mãe. — Coma sua broa.

MAIS TARDE NAQUELE DIA, uns duzentos quilômetros a sudeste de Mallard, Early Jones recebeu uma proposta de emprego que mudaria o curso de sua vida. Ele não sabia disso naquele momento. Qualquer emprego para ele era apenas isso — um emprego —, portanto, ao entrar no Ernesto's procurando por Big Ceel, ele só estava preocupado em saber se teria dinheiro para tomar um drinque. Enfiou a mão no bolso e conferiu as moedas. Nunca tinha nem um dólar. Duas semanas antes, ele fizera um trabalho para Ceel e, de

alguma forma, já conseguira torrar todo o dinheiro no que um homem solteiro em Nova Orleans necessitava: jogos, bebida e mulher. Agora estava desesperado por outro trabalho. Pelo dinheiro, é claro, mas também porque odiava ficar no mesmo lugar por muito tempo, e duas semanas no mesmo lugar, para ele, era tempo demais.

Ele não era do tipo que se fixava, se estabelecia. Só era bom em se perder. Havia dominado essa habilidade desde cedo, já que fora uma criança sem muitas raízes. Passou a infância — se é que se pode chamar assim — trabalhando como meeiro nas fazendas de Janesville e Jena, ao sul de New Roads e Palmetto. Quando tinha oito anos, foi entregue aos tios, sem filhos, já que os pais tinham crianças demais. Não sabia mais onde os pais moravam, nem mesmo se ainda estavam vivos, e dizia nunca pensar neles.

— Eles já foram, passou — dizia ele, quando alguém perguntava. — O que passou está no passado.

Mas a verdade é que, quando começou a rastrear pessoas que se escondiam, tentou encontrar os pais. O fracasso foi imediato e humilhante; ele não sabia o suficiente sobre os próprios pais nem para ter ideia de por onde começar. Provavelmente foi melhor assim. Eles não o quiseram quando era criança, por que raios iam querê-lo agora, já um homem adulto? Ainda assim, o fiasco o incomodou. Desde que começara a rastrear pessoas, seus pais eram os únicos que não havia encontrado.

O segredo para continuar perdido por aí era nunca amar nada. Early sempre ficava abismado com os motivos pelos quais os fugitivos voltavam. Mulheres, na maioria das vezes. Em Jackson, capturara um homem procurado por tentativa de assassinato porque ele havia retornado para a esposa. Dava para encontrar mulheres novas em qualquer lugar, mas, pensando bem, os homens mais violentos também eram os mais sentimentais. Eram pura emoção, em todos os aspectos. O que o

surpreendia mesmo eram os homens que voltavam por causa de pertences materiais. Uma quantidade imensurável de carros, por exemplo, e eram sempre umas latas-velhas que as pessoas tinham há anos e das quais não conseguiam se desfazer. Em Toledo, pegou um sujeito que voltara à casa de sua infância por causa de uma bola de beisebol velha.

— Sei lá, cara — disse ele, algemado no banco de trás do El Camino de Early. — Eu realmente amo essa bola.

O amor nunca segurou Early em lugar algum. Assim que ia embora de uma região, esquecia-se dela de vez. Os nomes se apagavam da memória, os rostos viravam um borrão, os prédios se tornavam um punhado irreconhecível de tijolos. Já havia esquecido os nomes de todos os professores que tivera em todas as escolas onde estudara, das ruas onde havia morado, até mesmo da aparência de seus pais. A falta de memória era seu dom. Uma boa memória poderia enlouquecer alguém.

Há sete anos ele fazia esses trabalhos para Ceel de vez em quando. Não queria que pensassem que estava trabalhando para a lei ou para as instituições. Ele capturava os criminosos por um motivo apenas — o dinheiro — e não dava a mínima para a justiça dos homens brancos. Depois que pegava alguém, não ficava se perguntando se o júri o havia condenado, ou se o sujeito sobrevivera à prisão. Esquecia aquela pessoa de vez. Esquecer era a única maneira de fazer aquele trabalho, ainda que carregasse as cicatrizes das facadas que levou na barriga como um suvenir e fosse reconhecido nos bares às vezes. Gostava de caçar criminosos. Quando Ceel vinha falar com ele sobre uma criança desaparecida ou um pai de família inútil, Early negava com a cabeça.

— Não sei nada sobre essa gente aí — dizia, e voltava a beber o uísque.

Ali no Ernesto's, Ceel dava de ombros. Ele tinha um escritório mais apropriado na Seventh Ward, mas Early odiava encontrá-lo lá, que era bem

em frente à igreja, onde aquela gente beata os encarava enquanto eles desciam os degraus. Esse bar era o tipo de lugar do qual Early gostava, meio escuro e seguro. Ceel era um homem corpulento de cor parda e cabelo preto sedoso. Andava sempre com um isqueiro prateado que ficava girando entre os dedos enquanto falava. Anos atrás, na primeira vez que abordara Early num bar como aquele, ele já brincava com o isqueiro. Early o escutara sem muito entusiasmo, olhando para o reflexo da luz que batia no isqueiro e serpenteava pelo bar.

— Então, o que acha de ganhar dinheiro? — perguntou Ceel.

Ele não se parecia com um gângster ou um cafetão, mas tinha o ar meio canalha de alguém que trabalhava nos limites da legalidade. Era agente de fianças e estava procurando por um novo caçador de recompensas quando reparou em Early.

— Você tem um jeito meio calado — disse. — Isso é bom. Preciso de um homem que observe e escute.

Na época, Early tinha vinte e quatro anos, era recém-saído da prisão e estava sozinho em Nova Orleans, porque achou que aquele era um lugar tão bom para recomeçar quanto qualquer outro. Aceitou o emprego porque precisava trabalhar. Nunca imaginara que seria bom naquilo, tão bom que Ceel continuou lhe oferecendo trabalhos que não tinham a ver com fianças.

— O que você sabe sobre essa gente é o que eu te digo — disse Ceel. — E ainda não contei nada.

— É que não gosto de me envolver nesses casos. Não tem outra coisa para mim?

Ceel riu.

— Você é o único cara que conheço que diz isso. Todo mundo com quem falo fica feliz em não ter que rastrear um criminoso filho da puta para variar.

É que Early conseguia entender como um homem procurado pensava. A exaustão, o desespero, o egoísmo absoluto para tentar sobreviver. Outros tipos de desaparecimento o desconcertavam. Ele não entendia gente casada e não tinha qualquer intenção de se meter no meio de um casamento. Mas, pensando bem, trabalho era trabalho. Por que não aceitar algo mais tranquilo? Tinha passado as últimas duas semanas perseguindo um cara quase até o México; seu carro enguiçou no meio do deserto e ele ficou imaginando se morreria ali, caçando um homem, sendo que nem se importava se o sujeito seria punido ou não. Se o pagamento era o mesmo, por que não considerar um trabalho mais fácil, pelo menos uma vez?

— Não vou capturar a mulher — afirmou.

— Não precisa de nada disso. É só ligar quando encontrá-la. O marido está procurando. Ela fugiu com a filha dele.

— Ela fugiu por quê?

Ceel deu de ombros.

— Não é da minha conta. O homem quer que a gente encontre. Ela é de uma cidadezinha no norte chamada Mallard. Já ouviu falar?

— Passei por lá quando era criança — respondeu Early. — Lugar estranho. Gente metida.

Ele se lembrava bem pouco da cidade, só que todo mundo tinha a pele clara e era arrogante, e que uma vez, durante a missa, um cara alto e pálido lhe deu um tapa só porque Early mergulhou o dedo na água benta antes da esposa dele. Tinha dezesseis anos e ficou chocado com aquele golpe repentino em seu pescoço. O tio o segurou pelo ombro e, encarando o chão rachado, pediu desculpas. Ele passara o verão naquele lugar trabalhando numa fazenda nos limites da cidade e entregando mantimentos para ganhar um dinheiro extra. Não fez nenhum amigo, mas teve uma quedinha por uma menina que conheceu ao entregar mantimentos na varanda dela. Nem

sabia como aquela garota tinha ficado em sua cabeça. Ele era muito novo quando se conheceram; na verdade, ele mal a conhecia. No outono, se mudou para outra fazenda em outra cidade. Ainda assim, se lembrava dela, descalça na sala, limpando as janelas. Quando Ceel lhe entregou a foto, sentiu o estômago revirar. Era quase como se tivesse sido intencional. Pela primeira vez em dez anos, estava vendo o rosto de Desiree Vignes.

DOIS

As gêmeas Vignes foram embora sem se despedir; portanto, como acontece em qualquer desaparecimento repentino, a fuga delas ficou carregada de significados. Antes que reaparecessem em Nova Orleans como garotas entediadas atrás de diversão, fazia todo sentido pensar que tivessem sumido de forma trágica. As gêmeas sempre foram consideradas abençoadas e amaldiçoadas ao mesmo tempo; haviam herdado da mãe o legado da cidade, e, do pai, uma linhagem dizimada pela perda. Quatro irmãos Vignes, todos mortos antes dos trinta anos. O mais velho sucumbiu a uma insolação enquanto trabalhava algemado a outros prisioneiros; o segundo morreu intoxicado numa trincheira na Bélgica; o terceiro foi esfaqueado numa briga de bar; e o mais novo, Leon Vignes, foi atacado duas vezes, a primeira delas em casa, enquanto as filhas gêmeas assistiam a tudo pela fresta da porta do armário, as mãos tapando a boca uma da outra até ficarem ensopadas de saliva.

Naquela noite, ele esculpia um pé de mesa quando cinco homens brancos arrombaram a porta da casa aos chutes e o arrastaram para fora. Ele bateu o rosto com força no chão, a boca cheia de sujeira e sangue. O líder da gangue — um homem branco e alto, de cabelo ruivo brilhante como uma maçã madura — segurava um papel amassado no qual, segundo ele, Leon escrevera um bilhete com obscenidades para uma mulher branca. Leon não sabia ler nem escrever — seus clientes tinham consciência de que ele assinava tudo com um X —, mas os homens brancos pisotearam suas mãos, quebraram seus dedos e suas juntas, e então lhe deram quatro tiros. Ele

sobreviveu, mas três dias depois os homens brancos invadiram o hospital e reviraram todos os quartos da ala para pessoas de cor até encontrá-lo. Dessa vez, deram dois tiros na sua cabeça, banhando a fronha do travesseiro de vermelho-vivo.

Desiree presenciou o primeiro ataque, mas passou a vida inteira imaginando o segundo; seu pai dormindo, a cabeça pendente, do mesmo jeito que ele cochilava na cadeira depois do jantar. O barulho das botas que se aproximavam o acordando. Deve ter gritado, ou talvez nem tenha tido tempo, as mãos inchadas e enfaixadas, inúteis, ao lado do corpo. De dentro do armário, ela testemunhara os homens brancos arrastarem o pai para fora da casa, as pernas compridas dele batendo no assoalho. De repente, se deu conta de que a irmã poderia gritar, então tapou a boca de Stella com a mão. Segundos depois, sentiu a mão de Stella na própria boca. Algo mudou entre elas naquele momento. Até então, Stella era tão previsível quanto um reflexo. Mas ali, dentro do armário, pela primeira vez na vida, Desiree não sabia o que a irmã poderia fazer.

No funeral, as duas usaram vestidos pretos combinando e anáguas que roçavam nas pernas. Alguns dias antes, a costureira, Bernice LeGros, tinha ido à casa delas para prestar condolências e encontrou Adele Vignes tentando remendar uma calça de Leon para o enterro. Suas mãos tremiam, então Bernice pegou a agulha e costurou a calça. Ela não imaginava como Adele ia enfrentar aquilo sozinha. A família Decuir estava acostumada a vidas mais tranquilas, longas e simples. As gêmeas nem tinham vestidos de funeral. Na manhã seguinte, Bernice voltou com um corte de tecido preto e ajoelhou-se na sala da casa com uma fita métrica. Ela ainda não sabia diferenciar as gêmeas e tinha vergonha de perguntar, então fazia pedidos simples como: “Você, me passe a tesoura” ou “Fique em pé retinha, querida”. Disse para a gêmea inquieta: “Pare de se mexer, menina, ou vou

acabar furando você", e a outra gêmea segurou a mão da irmã até que parasse. Desconcertante, pensou Bernice, olhando de uma para outra. Como costurar um vestido para uma pessoa dividida em dois corpos.

Depois do enterro, Bernice se juntou ao restante das pessoas na sala da casa de Adele, admirando o próprio trabalho ao ver as gêmeas correndo para lá e para cá. A gêmea inquieta, que mais tarde ela descobriria ser Desiree, puxava a irmã pela mão enquanto as duas passavam pelos adultos cochichando. Não era possível que Leon tivesse escrito o tal bilhete; os homens brancos deviam estar com raiva de alguma outra coisa. Quem entendia a raiva que sentiam? Willie Lee ouviu dizer que os brancos estavam com raiva de Leon por ter roubado sua clientela, já que cobrava mais barato. Mas como tinham coragem de atirar num homem pelo simples motivo de aceitar menos dinheiro do que eles?

— Essa gente branca te mata se você quiser coisa demais e te mata se quiser de menos também — observou Willie Lee, balançando a cabeça e enchendo o cachimbo com tabaco. — Você tem que seguir as regras deles, mas mudam as regras quando bem entendem. É diabólico, se quer saber.

No quarto, as gêmeas estavam sentadas na cama, as pernas balançando na beirada do colchão. Beliscavam um pedaço de bolo.

— Mas o que foi que o papai fez? — insistia Stella em perguntar.

Desiree suspirou, sentindo pela primeira vez o fardo de ser a irmã que tinha as respostas. Era a mais velha, afinal, mesmo que só por sete minutos.

— É como Willie Lee disse. Ele fazia seu trabalho bem demais.

— Mas isso não faz sentido.

— Não precisa fazer sentido. É assim com gente branca.

Conforme os anos passaram, as memórias do pai vinham apenas em flashes, como no dia em que tocou uma camisa jeans e se sentiu criança de novo, abraçada ao tecido que cobria o peito do pai. Em teoria, era para

estarem seguros em Mallard — aquela cidade estranha e isolada —, escondidos entre seus semelhantes. Mas até mesmo ali, onde ninguém se casava com pretos, eles ainda eram pessoas de cor, o que significava que homens brancos podiam matá-lo caso você se recusasse a morrer. As gêmeas Vignes eram um lembrete daquilo: garotinhas pequenas com vestidos de funeral que cresceriam sem um pai porque alguns homens brancos haviam decidido assim.

Então elas cresceram e viraram garotas maiores, impressionantes tanto nas semelhanças quanto nas diferenças. Logo se tornou risível pensar que em algum momento ninguém soubesse quem era quem. Desiree, sempre inquieta, como se seus pés tivessem sido grudados ao chão e ela não parasse de puxá-los; e Stella, tão calma que nem o cavalo bravo de Sal Delafosse tinha coragem de dar coices perto dela. Desiree, estrelando a peça da escola uma vez, quase duas se os Fontenot não tivessem subornado o diretor; Stella, uma geniazinha que iria para a faculdade caso a mãe pudesse pagar. Desiree e Stella, típicas garotas de Mallard. À medida que cresciam, não pareciam mais ser um corpo dividido em dois, mas dois corpos unidos em um, cada um puxando para o próprio lado.

NA MANHÃ SEGUINTE AO RETORNO de uma de suas filhas perdidas, Adele Vignes acordou cedo para fazer café. Mal dormira na noite anterior. Depois de quatorze anos morando sozinha, qualquer som além do silêncio parecia estranho. Acordara assustada a cada rangido do assoalho, a cada farfalhar dos lençóis, a cada respiração. Agora, arrastava-se pela cozinha, fechando o cinto do roupão. Um vento entrou pela porta da frente. Desiree estava apoiada no parapeito da varanda, com um rastro de fumaça sobre a cabeça. Ela sempre parava daquele jeito, uma perna atrás da outra feito uma garça.

Ou era Stella quem fazia isso? As garotas haviam se misturado em suas memórias, os detalhes se embaralhando até que tudo virou uma perda única. Um único par. Ela devia ter um par. E depois de uma delas ter voltado, Adele sentia a perda da outra, tudo de novo.

Ela pôs a panela com água no fogo e, quando se virou, viu aquela criança escura no batente da porta.

— Meu Deus! Quase tive um ataque do coração.

— Desculpe — sussurrou a menina. Ela era quieta. Por que era tão quieta? — Pode me dar água?

— Poderia me dar — corrigiu Adele, mas encheu o copo assim mesmo.

Encostou-se no balcão e ficou olhando a menina beber água, procurando em seu rosto alguma coisa que a lembrasse de suas filhas. Mas só enxergava o maldito pai da criança. Não tinha dito a Desiree que um homem escuro não seria bom para ela? Não tinha avisado durante a vida inteira? Um homem escuro iria menosprezá-la pela beleza. Amaria no começo, mas, como tudo que se deseja e não se pode ter, ele ficaria ressentido. Agora, a punia por isso.

A menina pôs o copo vazio no balcão. Parecia desnorteada, como se tivesse acordado num país estrangeiro. Sua neta. Nossa, Adele tinha uma neta. A palavra parecia engraçada até mesmo na sua mente.

— Por que não vai brincar? — sugeriu. — Vou fazer o café da manhã para a gente.

— Não trouxe nada comigo — disse a garota, provavelmente pensando em todos os brinquedos que deixara em casa.

Brinquedos da cidade grande, como trenzinhos com motores de verdade e bonecas de plástico com cabelo humano. Ainda assim, Adele foi até o quarto das gêmeas e ficou paralisada por um segundo ao ver a cama desarrumada — Desiree tinha dormido em seu antigo lado — antes de abrir

o armário empoeirado. No fundo de uma caixa de papelão, encontrou uma boneca que Stella tinha feito para Desiree usando uma espiga de milho. Ela hesitou, afinal, aquela boneca devia ser monstruosa comparada às da menina, mas levou a boneca de Stella para a sala.

Um par. Adele costumava ter um par. Garotas gêmeas saudáveis, sua primeira gravidez. Ela dera à luz em seu quarto, uma neve tão repentina começara que não sabia se a parteira chegaria a tempo. Quando chegou, Madame eroux disse que Adele era muito sortuda. Não houvera gêmeos em nenhuma das duas famílias por três gerações. Já que fora abençoada com gêmeas, continuou a parteira, ela devia ser devota dos Marassa, os gêmeos sagrados que uniam céu e terra. Eles eram deuses poderosos, mas também ciumentos. Era preciso adorar os dois igualmente, deixar duas velas no altar, duas bebidas, dois bonecos. Adele, catequizada na igreja St. Catherine, sabia que devia ter ficado escandalizada ao ouvir Madame eroux falar sobre aquela religião pagã no meio do nascimento de suas filhas, mas as histórias a distraíram da dor. Então Desiree apareceu, sete minutos depois veio Stella, e ela segurou uma menina em cada braço, enrugadas, rosadas e sem precisar de nada além da mãe.

Quando as gêmeas nasceram, Adele não construiu altar nenhum. Mas depois, quando desapareceram, ficou se perguntando se fora arrogante. Talvez devesse ter construído o altar, por mais tolo que aquilo parecesse. Talvez assim as filhas tivessem ficado. Ou talvez fosse tudo culpa dela. Talvez não tivesse amado as gêmeas igualmente e aquilo as afastou. Ela sempre fora mais dura com Desiree, que se parecia mais com o pai: certa de que enquanto desejasse coisas boas, nada de mal lhe aconteceria. Era preciso controlar um filho muito obstinado. Se não amasse Desiree, teria abandonado a filha à própria teimosia. Mas o que acontecia era que Desiree se sentia odiada e Stella se sentia ignorada. Aquele era o problema: não dá

para amar duas pessoas exatamente da mesma maneira. Sua bênção havia sido amaldiçoada desde o começo: suas meninas eram tão impossíveis de agradar quanto os deuses ciumentos.

Leon era fácil de amar. Devia ter imaginado que ele não ficaria com ela por muito tempo. Todas as coisas boas vieram facilmente no início da vida; depois, na segunda parte, ela foi perdendo tudo. Mas não ia perder Desiree de novo.

Foi até a varanda com duas xícaras de café. Desiree rapidamente apagou o cigarro no corrimão. Adele quase riu da filha já tão crescida agindo como uma criança que roubou doces.

— Pensei em fazer café da manhã — disse Adele.

Entregou a caneca a Desiree e deu mais uma olhada no machucado dela, que mal conseguia esconder com aquele lenço no pescoço.

— Não estou com muita fome — respondeu Desiree.

— Vai desmaiar se não comer alguma coisa.

Desiree deu de ombros e bebeu um gole do café. Adele já sentia sua vontade de ir embora, como se segurasse um pássaro que tentava bater asas.

— Pode levar sua filha na escola mais tarde — sugeriu Adele. — Fazer a matrícula dela.

Desiree fez uma cara de deboche.

— E por que eu faria isso?

— Bem, ela deveria continuar estudando e...

— Mamãe, nós não vamos ficar aqui.

— E para onde você acha que vai? E como espera chegar lá? Aposto que não tem nem dez dólares no bolso...

— Não sei! Para qualquer lugar.

Adele contraiu os lábios.

— Prefere estar em qualquer lugar a estar aqui comigo.

— Não é isso, mamãe — disse Desiree, suspirando. — Só não sei onde deveríamos estar...

— Deveriam estar com sua família, querida — respondeu Adele. — Fique. Estão seguras aqui.

Desiree não disse nada e ficou observando o bosque. No horizonte, o dia estava nascendo, o céu numa mistura de rosa e lavanda, e Adele abraçou a filha pela cintura.

— O que acha que Stella está fazendo agora? — perguntou Desiree.

— Não acho nada.

— Como assim?

— Não penso em Stella.

EM MALLARD, Desiree via Stella em todos os lugares.

Descansando de vestido lilás ao lado da bomba de água, enfiando o dedo dentro da meia para coçar o tornozelo. Embrenhando-se na mata para brincar de esconde-esconde atrás das árvores. Saindo do açougue e segurando com muito cuidado os pacotes de fígado de galinha embrulhados em papel branco, como se fossem algo muito valioso. Stella, com o cabelo cacheado preso num rabo de cavalo enfeitado com um laço, os vestidos sempre engomados, os sapatos brilhantes. Ainda criança, porque Desiree só a conheceu assim. Mas essa Stella aparecia para ela em flashes. Stella recostada numa cerca ou empurrando um carrinho no corredor da loja Fontenot ou parada na escadaria de pedras da igreja St. Catherine, assoprando um dente de leão. Quando Desiree levou a filha para seu primeiro dia de aula na escola, Stella apareceu atrás delas, reclamando da poeira que estavam levantando e que sujava suas meias. Desiree tentou ignorá-la e apertou a mão de Jude com força.

— Precisa falar com as pessoas hoje.

— Eu falo com quem eu gosto — respondeu Jude.

— Mas você ainda não sabe de quem vai gostar. Então precisa ser simpática com todo mundo para descobrir.

Ela ajeitou as pregas do colarinho da camisa da filha. Passara a noite anterior ajoelhada no quintal, esfregando as roupas de Jude na tina. Não trouxera roupas suficientes para nenhuma das duas e, ao enfiar as mãos naquela água ainda transparente, imaginou que a filha revezaria os mesmos quatro vestidos até que não coubessem mais. Por que não havia se planejado melhor? Stella teria feito isso. Ela teria planejado a fuga meses antes de efetivamente ir embora, escondendo as roupas pouco a pouco, uma meia de cada vez. Separaria dinheiro, compraria as passagens de trem, pensaria num lugar para ir. Desiree sabia disso porque era o que Stella tinha feito em Nova Orleans. Saiu de uma vida para outra tão facilmente quanto se estivesse indo para outro cômodo.

Próximo ao pátio da escola, as crianças mais claras estavam encostadas na cerca, olhando com espanto, e Desiree apertou novamente a mão da filha com força. Tinha arrumado Jude com sua roupa mais bonita: um vestido branco com uma salopete rosa por cima, meias com bordado de renda e um sapato boneca. "Não tem nada marrom?", perguntara a mãe do batente da porta, mas Desiree a ignorou, amarrando o laço rosa na trança de Jude. Cores vivas ficavam vulgares em quem tem pele escura, era o que diziam, mas ela se recusava a esconder a filha por trás da monotonia de tons verde-oliva e cinza. Enquanto desfilavam na frente das outras crianças, ela se sentiu uma idiota. Talvez rosa fosse mesmo chamativo demais. Talvez, ao vestir a filha como uma boneca de loja de departamentos, ela já tivesse estragado qualquer chance que a menina teria de se adaptar.

— Por que todo mundo está olhando para mim? — perguntou Jude.

— É só porque você é nova — respondeu Desiree. — Estão curiosos sobre você.

Sorriu, tentando incentivá-la, mas a filha olhou na direção do pátio com medo.

— Quanto tempo vamos ficar aqui?

Desiree se ajoelhou na frente da criança.

— Sei que é diferente — disse. — Mas é só por um tempinho. Só até a mamãe resolver algumas coisas, está bem?

— Quanto tempo é um tempinho?

— Não sei, meu amor — respondeu Desiree. — Não sei.

O Surly Goat ficava em cima de umas palafitas, com musgo caindo pelo telhado avermelhado. Desiree andou com cuidado pelo caminho lamacento até encontrar o primeiro degrau destruído. Uma cidadezinha às margens de uma refinaria de petróleo e que não tinha cinema, discoteca ou estádio só podia resultar numa coisa: uma enorme quantidade de homens brutos e entediados. Marie Vignes era a única pessoa em Mallard que não via problema nisso. Pelo contrário, ela transformou a fazenda que herdou dos pais num bar e colocou os quatro filhos para trabalhar limpando copos, carregando barris e, de vez em quando, separando brigas. Pretendia deixar o bar para um dos filhos algum dia, mas, quando morreu, já não havia mais nenhum. As gêmeas a viram poucas vezes depois do funeral do pai. Sua mãe não queria ter nenhuma relação com aquele bar ilegal ou com a mulher grosseira que o gerenciava. Elas haviam convivido pacificamente enquanto Leon estava ali para intermediar, mas, após sua morte, não havia espaço para as duas e seus lutos.

Assim, as gêmeas apenas ouviram histórias de Marie Vignes: que ela servia uísque aos homens mais grosseirões de Mallard, que mantinha uma arma debaixo do balcão, a qual batizou de Nat King Cole, e, quando os caipiras começavam a se empurrar por causa de um jogo de pôquer ou a brigar por mulheres, ela puxava a velha Nat e apontava para aqueles homens bravos; apesar de dificilmente intimidados por uma mulher de vestido, eles logo ficavam quietinhos como coroinhas. Mas quando Desiree entrou no Surly Goat pela primeira vez, ficou um pouco decepcionada. Sempre imaginou o bar como um lugar mágico que a faria se lembrar mais do pai. No entanto, era só mais uma espelunca.

Ela estava num bar no meio da tarde porque não conseguiu pensar em nenhum outro lugar para ir. Passara a manhã aos solavancos no banco da frente do caminhão de Willie Lee a caminho de Opelousas. Queria se candidatar a um emprego, disse, ao vê-lo do lado de fora da loja enchendo o caminhão de entregas. Será que ele lhe daria uma carona até a cidade? À medida que o caminhão se afastava de Mallard, ela ainda pensava na filha e em seu olhar enquanto desaparecia ao entrar no prédio da escola. Aqueles ombros finos, as mãos tensas nas laterais do corpo.

— Onde quer que deixe você? — perguntara Willie Lee.

— Na delegacia.

— Delegacia? — perguntou e se virou para ela. — O que vai fazer lá?

— Já falei. Procurar emprego.

Ele resmungou.

— Tem trabalho de limpeza mais perto de Mallard.

— Não é de limpeza.

— Então o que quer fazer na delegacia?

— Quero me candidatar para ser analista de impressões digitais — disse ela.

Willie Lee riu.

— Vai simplesmente entrar lá e dizer isso?

— Vou dizer que quero uma ficha para me candidatar. Não sei do que está rindo, Willie Lee. Analiso impressões digitais há mais de dez anos e, se consigo fazer esse trabalho para o FBI, não vejo por que não poderia fazer o mesmo aqui.

— Eu consigo pensar em alguns motivos — argumentou Willie Lee.

O mundo não havia mudado nada desde que ela fora embora? E ela não tinha entrado na delegacia de St. Landry Parish com toda a confiança do mundo? Entrara naquele prédio cinza encardido, envolto por uma cerca de arame farpado, e disse ao xerife assistente, um homem corpulento e louro, que queria se candidatar a um emprego. "Você disse FBI?", perguntou ele, erguendo uma das sobrancelhas, e, por um instante, ela teve esperanças. Sentou-se num canto da sala de espera e dedicou-se furiosamente ao teste para datiloscopista, grata por enfim ter alguma atividade intelectual diferente da que vinha fazendo nos últimos dias — a logística de pensar em quanto tempo o dinheiro ia durar, por exemplo —, mas um trabalho intelectual analítico de verdade. Ela terminara bem rápido, disse o xerife assistente, rindo, um pouco impressionado. Talvez tenha sido um recorde. Ele pegou o guia com as respostas numa pasta de papel pardo para conferir. Mas antes deu uma olhada na ficha de inscrição e, ao ver o endereço dela em Mallard, seu olhar ficou vidrado. Ele guardou a guia de respostas na pasta e voltou a se sentar na cadeira.

— Deixe para lá, garota — sugeriu ele. — Isso é perda de tempo.

Agora ela estava entrando no Surly Goat, passando pelo cartaz de boas-vindas — Mulheres geladas! Cervejas quentes! — e se espremendo por uma fila de homens usando macacões gordurosos para tentar encontrar um sofá.

— Olha, quem é vivo sempre aparece — disse Lorna Hebert, a velha garçonete, servindo uma dose de uísque que Desiree nem tinha pedido.

— Não parece surpresa em me ver — respondeu Desiree.

Ela estava na cidade há dois dias, claro que todos já sabiam.

— Tinha que voltar para casa algum dia — replicou Lorna. — Agora, me deixe dar uma boa olhada em você.

Ali, na escuridão do bar, ela ainda usava o lenço azul no pescoço. Se Lorna percebeu algo, não comentou. Voltou para trás do bar e Desiree virou a dose, sentindo o conforto da queimação na garganta. Sentiu-se patética bebendo sozinha no meio do dia, mas o que podia fazer? Precisava de um trabalho. De dinheiro. De um plano. Mas e aquelas crianças encarando sua filha? E o xerife assistente lhe dispensando da delegacia? E Sam apertando seu pescoço? Ela acenou novamente para Lorna, querendo esquecer tudo.

Uma dose, depois mais uma, e ela já estava altinha quando o viu. Estava sentado no outro extremo do bar e vestia uma jaqueta de couro marrom surrada, a bota suja apoiada na banqueta. O homem ao lado disse algo que o fez sorrir enquanto bebia seu uísque. Sentiu-se cutucada por aquelas maçãs do rosto saltadas. Depois de tantos anos, ela reconheceria Early Jones em qualquer lugar.

Em seu último verão em Mallard, Desiree Vignes conheceu o rapaz errado.

A vida inteira, pelo menos até então, ela só conhecera os certos: garotos de Mallard, ambiciosos e de pele clara, garotos que puxavam o rabo de cavalo dela, garotos que sentavam a seu lado no catecismo e rezavam o credo, garotos que lhe imploravam por um beijo do lado de fora das festas da escola. Ela deveria se casar com um desses garotos, então, quando Johnny

Heroux deixava bilhetes em formato de coração em seu livro de história ou quando Gil Dalcourt a convidou para o baile, ela chegava a sentir a mãe lhe empurrando na direção deles. Escolha um, escolha um. Aquilo só lhe dava vontade de se esconder num buraco. Nada tornava um garoto menos atraente do que a obrigatoriedade de gostar dele.

Os garotos de Mallard já eram tão conhecidos e seguros que era como se fossem primos, mas não havia outros por ali, a não ser quando o sobrinho de alguém vinha visitar ou quando meeiros se mudavam para os limites da cidade. Ela nunca falara com um desses meeiros jovens; só os via quando andavam pela cidade, altos, fortes, de cor marrom-escura. Pareciam homens feitos, então sobre o que ela poderia falar com eles? Além disso, não se devia falar com garotos de pele escura. Certa vez, um deles a cumprimentou, inclinando um pouco o chapéu, e a mãe resmungou, segurando seu braço com força.

— Nem olhe para ele — ordenou ela. — Garotos desse tipo não querem nada de bom.

Em Mallard, garotos de pele escura só queriam caçar as meninas, era o que sua mãe sempre dizia. Eles queriam mesmo eram as garotas brancas, mas, como não podiam, contentavam-se com as de pele clara. Mas Desiree nunca tinha conhecido um garoto escuro até um fim de tarde de junho, quando lavava as janelas da sala e viu, pelo vidro embaçado, um garoto parado na varanda. Ele era alto, vestia um macacão sem camisa, a pele indo do caramelo ao marrom-escuro. Segurava uma sacola de papel e mordeu uma fruta meio roxa, limpando a boca com as costas da mão em seguida.

— Vai me deixar entrar? — perguntou ele.

Olhava para ela de forma tão direta que a fez sentir vergonha.

— Não. Quem é você?

— Quem você acha? — respondeu ele, virando a sacola para que ela visse o logo dos Fontenot. — Abra a porta.

— Não sei quem você é — rebateu ela. — Pode ser um assassino com um machado.

— Parece mesmo que estou segurando um machado?

— Pode ser que eu não consiga ver daqui.

Ele podia ter deixado a sacola na varanda e ido embora. Mas, como não fez isso, ela se deu conta de que estavam flertando.

Ela largou o pano no peitoril da janela e ficou olhando para ele.

— O que está comendo? — perguntou ela.

— Venha ver.

Ela finalmente abriu a porta e saiu, descalça, para a varanda. Early foi na direção dela. Tinha cheiro de sândalo e suor e, ao se aproximar, ela pensou, sem fôlego, por um segundo, que talvez ele a beijasse. Mas não beijou. Levou o figo até a boca de Desiree. Ela mordeu onde ele já mordera.

MAIS TARDE, APRENDEU O NOME DELE, que mal era um nome, mas a fez sorrir ao enrolar a língua para pronunciá-lo. Early, Early, como se ela dissesse que era cedo demais em inglês. Ao longo do mês inteiro, ele deixou frutas lá como se fossem flores. No fim da tarde, quando as gêmeas chegavam em casa depois de passar o dia nos Dupont, ela encontrava uma ameixa no corrimão da varanda, ou um pêssego, ou um guardanapo cheio de amoras. Nectarinas, peras e ruibarbos, mais frutas do que ela conseguia comer, frutas que ela escondia no avental para saborear mais tarde ou para fazer uma torta. Às vezes, ele passava por lá no fim da tarde a caminho de suas entregas e matava tempo nos degraus da varanda. Contou a ela que trabalhava meio período entregando compras; nos outros dias, ajudava o tio

e a tia numa fazenda perto dos limites da cidade. Mas, quando acabasse a colheita, ele planejava ir embora para morar numa cidade de verdade, como Nova Orleans.

— Não acha que seus tios vão sentir saudade? — perguntou Desiree. — Quando você for?

Ele bufou.

— Do dinheiro — respondeu. — Só vão sentir saudade disso. Só ligam para isso.

— Bom, você deveria ligar para dinheiro — sugeriu Desiree. — Todos os adultos são assim.

Como sua mãe seria se não passasse o tempo todo preocupada com dinheiro? Talvez fosse como a Sra. Dupont, flanando pela casa em desvario. Mas Early negou com a cabeça.

— Não é a mesma coisa — observou. — Sua mãe tem uma casa. Vocês têm essa maldita cidade inteira. A gente não tem nada. Por isso distribuo essas frutas. Não são minhas.

Ela pegou um mirtilo do guardanapo que ele segurava. Já tinha comido tantos que seus dedos estavam manchados de roxo.

— Então, se essas frutas fossem todas suas, não ia me dar nenhuma? — perguntou.

— Se fossem minhas, daria tudo a você.

Então ele beijou o pulso e a palma da mão dela, e pôs o dedo de Desiree na boca para sentir o gosto de fruta em sua pele.

ELE ERA UM GAROTO ESCURO que atravessava o campo atrás da casa e deixava frutas para ela. Desiree nunca sabia quando Early viria, ou mesmo se viria, então começou a esperá-lo, sentada no parapeito da varanda, na

hora do pôr do sol. Stella a avisou para tomar cuidado. Stella sempre tomava cuidado.

— Sei que não quer ouvir isso — começou dizendo. — Mas você mal o conhece, e ele me parece meio abusado.

Mas Desiree nem ligava. Era o primeiro garoto interessante que tinha conhecido, o único que imaginava uma vida fora de Mallard. E talvez ela até gostasse que Stella não confiasse nele. Nunca quis que eles se conhecessem. Ele daria um sorriso irônico e olharia de uma para outra, tentando encontrar as diferenças. Ela odiava aquela avaliação silenciosa, a comparação entre ela e a versão que deveria ter sido. Uma versão melhor. E se ele visse algo de que gostasse mais em Stella? Não teria nada a ver com aparência, e isso seria ainda pior.

Ela nunca poderia sair com ele. Ele também sabia disso, embora nunca tocassem no assunto. Ele só ia até a varanda no horário em que a mãe dela ainda estava no trabalho e ia embora assim que anoitecia. Apesar disso, um dia a mãe chegou e a flagrou conversando com Early. Ele deu um pulo do parapeito da varanda, e as amoras em seu colo se espalharam pelo chão feito pequenas balas de chumbo.

— Melhor ir embora — recomendou a mãe. — Não tem nenhuma garota disponível aqui.

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição, como se soubesse ter feito algo errado.

— Desculpe, senhora — respondeu e foi em direção ao bosque, sem olhar para Desiree.

Desolada, ela o viu desaparecer entre as árvores.

— Por que tinha que fazer isso, mamãe?

Mas a mãe já a empurrava para dentro de casa.

— Um dia vai me agradecer — disse a mãe. — Acha que sabe de tudo? Menina, você não tem ideia de como esse mundo funciona.

E talvez sua mãe estivesse certa sobre as incontáveis crueldades do mundo. Ela mesma já havia passado por algumas e sabia que Desiree ia passar também, mas não era preciso que um garoto de pele escura apressasse as coisas. Ou talvez a mãe fosse apenas igual a todas as pessoas, que achavam a pele escura feia, e se esforçasse para manter distância. De qualquer maneira, Early Jones nunca mais a visitou. Desiree pensava nele enquanto limpava a casa dos Dupont. Ficava rondando a loja dos Fontenot nas tardes de sábado, mesmo sem precisar comprar nada, na esperança de vê-lo carregando as compras pela estrada. Quando finalmente resolveu perguntar, o Sr. Fontenot disse a ela que a família do garoto havia se mudado para outra fazenda.

E o que ela teria dito a Early se soubesse onde encontrá-lo? Que sentia muito pelo que a mãe tinha dito? Ou pelo que ela mesma não dissera para defendê-lo? Que ela não era igual a todo mundo, embora não tivesse mais muita certeza se isso ainda era verdade? Não dá para diferenciar a vergonha de ser flagrado fazendo alguma coisa da vergonha de efetivamente fazer alguma coisa. Se ela achasse mesmo que não havia nada de errado em conversar com Early, por que nunca o convidara para tomar alguma coisa na lanchonete do Lou? Ou para dar uma volta ou se sentar à margem do rio? Na visão de Early, era provável que ela não fosse muito diferente da mãe. Por isso ele tinha ido embora da cidade sem se despedir.

AGORA, EARLY JONES ESTAVA DE VOLTA a Mallard — não mais um garoto de roupa surrada carregando frutas, mas um homem adulto. Antes mesmo que se desse conta, ela já estava se levantando, cambaleante, para ir em sua

direção. Ele olhou por cima do ombro, a pele marrom brilhando sob a luz fraca. Não parecia surpreso em vê-la e, por um instante, abriu até um breve sorriso. Por um segundo, ela se sentiu como uma adolescente de novo, sem saber o que dizer.

— Achei que era você — disse ela, finalmente.

— Claro que sou eu. Quem mais seria?

De certa forma, ele ainda era igual a como ela lembrava, alto e com músculos definidos, feito um gato selvagem. Mas, mesmo ali, com a luz difusa, ela via em seus olhos que ele tinha enfrentado anos difíceis, e sua exaustão a perturbou. Ele coçou o queixo, acenou para Lorna e apontou com displicência para o copo de Desiree.

— Que diabos você veio fazer aqui? — perguntou ela.

Mallard era o último lugar onde imaginava encontrá-lo.

— Estou só de passagem aqui. Tenho um trabalhinho para fazer.

— Que tipo de trabalho?

— Sabe como é. Uns bicos.

Ele sorriu de novo, mas havia algo incômodo ali. Olhou para a mão esquerda dela.

— Então, qual deles é seu marido? — indagou ele, apontando para o bar cheio de homens.

Ela esqueceu que ainda usava aliança e fechou a mão.

— Ele não está aqui agora.

— E para ele tudo bem você estar num lugar desses sozinha?

— Eu sei me cuidar.

— Aposto que sim.

— Vim visitar minha mãe, só isso. Ele não pôde vir.

— Bom, ele é corajoso. Perder você de vista assim.

Ela sabia que ele só estava flertando, pelos velhos tempos, mas ainda assim sentiu o rosto corar. Mexeu distraidamente no lenço azul.

— E você? — perguntou ela. — Não vejo aliança na sua mão.

— Nem vai ver — respondeu ele. — Não levo jeito para essas coisas.

— E sua garota não se importa?

— Quem disse que tenho uma garota?

— Talvez mais de uma. Sei lá o que andou aprontando.

Ele riu e virou o último gole da bebida. Fazia anos que ela não flertava com um homem estranho, embora Sam a acusasse disso o tempo inteiro. Ela vivia trocando olhares com o ascensorista, sorrindo demais para o porteiro, rindo muito das piadas do taxista. Em público, ele se dizia lisonjeado quando outros homens prestavam atenção nela. Na vida particular, ele a punia por essa atenção. E o que Sam diria agora ao vê-la num lugar como aquele e tão perto de Early que poderia esticar os braços e encostar nos botões da camisa dele?

— E quando vai voltar para casa, então? — questionou.

— Não sei.

— Não comprou passagem de volta?

— Você faz perguntas demais — respondeu ela. — E até agora não me disse com o que trabalha.

— Eu caço.

— Caça o quê?

Ele fez uma longa pausa enquanto olhava para ela, e Desiree sentiu a mão dele na sua nuca. Era um toque afetuoso, como se faz com uma criança chorando. Foi tão surpreendente, tão diferente daquele flerte mais bruto, que ela nem soube o que dizer. Então ele retirou o lenço do pescoço dela. Já estava começando a sumir, mas, mesmo com a luz fraca do bar, ele viu a marca do machucado ali.

Quando era criança e todo mundo a elogiava pela bela pele clara, ninguém a avisou. Ninguém avisou que sua pele exibiria tão facilmente a marca de um homem raivoso.

Early franziu a testa e ela se sentiu tão exposta quanto se ele tivesse levantado sua saia. Ela o empurrou e ele cambaleou para trás, surpreso. Ela então enrolou desesperadamente o lenço no pescoço e saiu correndo pela porta.

MALLARD MUDARA DE FORMA.

Early já havia aprendido que lugar nenhum era consistente. Uma cidade era como uma substância gelatinosa, moldando-se repetidamente às suas memórias. Na manhã seguinte a ser empurrado no bar por Desiree Vignes, Early ficou deitado na cama da pensão analisando a foto que Ceel lhe dera. Ficara no Surly Goat por mais tempo do que havia planejado, mas, pensando bem, não planejara esbarrar em Desiree. Tinha ido lá só para matar o tempo, talvez fazer algumas perguntas. Passara dois dias em Nova Orleans investigando, mesmo sabendo que Desiree não estaria lá.

— Ela voltou para lá, eu sei — opinou o marido pelo telefone. — É onde todos os amigos dela estão. Para onde mais iria? A irmã sumiu. Ela e a mãe não se falam.

Early agarrou o telefone, deslizando o pé descalço pela madeira.

— Para onde a irmã dela foi?

— Porra, não faço ideia. Olha, já transferi o primeiro pagamento. Vai encontrá-la ou não?

Era por isso que Early preferia procurar criminosos: nunca havia nada pessoal entre o criminoso e seu fiador, apenas um desentendimento sobre dinheiro. Mas um homem procurando pela esposa era diferente.

Desesperado. Quase sentia Sam Winston lhe seguindo. Talvez Desiree voltasse para o marido por conta própria. Se Early tivesse ganhado uma moeda por cada mulher que fugiu dele e voltou... Mas Sam parecia convencido de que ela fora embora de vez.

— Ela simplesmente fugiu — disse ele. — Fez uma mala e ainda levou minha filha, cara. Simplesmente fugiu no meio da noite. O que eu deveria fazer?

— Por que acha que ela fugiu desse jeito? — perguntou Early.

— Não sei — respondeu Sam. — Tivemos uma briga, mas sabe como é a vida de casado.

Early não sabia, mas não disse nada. Não queria que Sam soubesse nada sobre ele. Então também não disse a Sam quando decidiu ir para Mallard. Um passarinho machucado sempre volta para o ninho, não seria diferente com uma mulher machucada. Ele tinha certeza de que ela voltaria para casa, mesmo sem saber nada sobre sua vida. Enquanto dirigia pela rodovia interestadual, ele continuou folheando as fotos que Ceel lhe dera. Disse a si mesmo que era para analisá-las em busca de pistas, mas, no fundo, sabia que estava apenas a admirando. Aquela garota bonita que flertava com ele na varanda agora era uma linda mulher, sorridente, ajoelhada na frente de uma árvore de Natal, rodeada por luzes piscantes. Ela parecia feliz. Não parecia o tipo que fugiria. Então qual era o motivo? Bem, não adiantava nada ficar imaginando. Não era da conta dele, aliás. Ele a encontraria e tiraria fotos para provar. Fotos no correio, dinheiro no banco e sua tarefa com Desiree Vignes estaria concluída.

Jamais havia imaginado que a encontraria tão rápido e num bar cheio de trabalhadores da refinaria. E certamente não havia imaginado aquele machucado no pescoço dela. Quando puxou o lenço, ele não quis ofendê-la; ficou apenas surpreso, foi isso. Mas ela recuou num sobressalto, como se ele

fosse o agressor que a segurara pelo pescoço, e então o empurrou tão forte que ele esbarrou no homem logo atrás, derramando sua bebida. Devia ter ido atrás dela, mas ficou chocado e um pouco envergonhado, para dizer a verdade, enquanto todos os homens em volta gritavam e riam.

— Por que ela fez aquilo? — perguntou a velha garçonete.

— Não sei — respondeu Early e pegou um guardanapo para limpar a jaqueta. — Não a via há anos.

— Vocês saíam juntos antes? — perguntou um cara magrinho com um chapéu Stetson.

— Antes! — disse um cara mais velho, rindo e dando um tapinha nas costas de Early. — Só se foi antes mesmo, agora é que não seria.

— Ela não era tão brava assim — respondeu Early.

— Ora, se eu fosse você, deixava a moça para lá — sugeriu o cara de chapéu. — A família inteira é cheia de problemas.

— Que tipo de problemas?

— A irmã fugiu e agora se acha branca.

— Ah, verdade — acrescentou o mais velho. — Está por aí vivendo muito bem como se fosse uma madame branca.

— Enquanto Desiree arranjou aquela filha lá.

— Qual é o problema da filha? — perguntou Early.

— Problema nenhum — disse, com calma, o homem de chapéu. — Só que mais preta impossível. Desiree se casou com o cara mais preto que encontrou e acha que ninguém aqui sabe que ele bate nela.

— Ela voltou para a cidade com aquele roxo enorme — observou o velho, rindo. — Vai ver ele está treinando a mulher para ser lutadora de boxe, por isso ela te atacou!

Early não achava certo bater em mulheres. Um homem tinha a obrigação de entrar em lutas justas, então, enquanto não encontrasse uma mulher que

brigasse de igual para igual, ele resolveria suas questões com elas de outra maneira. Ao mesmo tempo, trabalho era trabalho. Ele não era o pastor dela, nem sequer seu amigo. Nunca a conheceu a fundo. Era só uma garota que flertava com ele na varanda. O que aconteceu entre ela e o marido não era da conta dele.

De manhã, ele deu uma moeda a um garoto para que indicasse o caminho da casa de Adele Vignes. Passou por cima de raízes grossas de árvores e lembrou vagamente o trajeto, a bolsa com a câmera balançando na lateral do corpo. Logo se sentiu com dezessete anos de novo, andando pelo bosque de coração partido. O olhar de repulsa de Adele ao mandá-lo embora. Desiree em silêncio ao lado dela, sem conseguir olhar para ele, que foi para casa aos tropeços, sentindo-se humilhado, mas, ao contar para o tio, ouviu risadas.

— Esperava o quê, garoto? — perguntou. — Não sabe o que você é para essa gente? Você é o negro dos negros.

Nunca mais falou com Desiree depois daquilo. O que poderia dizer? Todo lugar, fosse consistente ou não, tinha suas regras. Early se sentiu ridículo por imaginar que Desiree ignoraria as regras por causa dele.

Agora ele estava esperando, escondido atrás das árvores, o foco da lente da câmera na casa de paredes brancas. Uns dez minutos talvez, embora tivesse perdido a noção do tempo, ouvindo as andorinhas dando rasantes. Enfim, Desiree saiu para a varanda e acendeu um cigarro. No dia anterior, ela o havia surpreendido naquele bar escuro. Ele mal registrara sua presença. À luz do dia, ela o lembrou da garota que conhecera. Esbelta, o cabelo escuro e bagunçado caindo pelas costas. Andava descalça e transbordava uma energia nervosa que parecia tomar seu corpo todo, chegando até a ponta do cigarro. Ele finalmente levantou a câmera e disparou. Desiree andando até a ponta da varanda: clique. E então colocando os sapatos de

salto: outro clique. Depois que começou a disparar, não conseguiu parar de olhá-la pelo pequeno retângulo da câmera, o vestido azul mudando de forma enquanto ela andava, atraindo o olhar para seus tornozelos finos. Então a porta se abriu e uma garota negra, muito escura, foi até a varanda. Desiree se virou, sorriu e se inclinou para pegar a menina no colo. Early abaixou a câmera e ficou observando Desiree levar a filha para dentro de casa.

— Qual é a novidade? — perguntou Sam quando ele ligou mais tarde. — Encontrou?

Early se apoiou no armário e se lembrou de Desiree na varanda carregando a filha. Quando ele puxou o lenço do pescoço dela, Desiree levou a mão ao machucado, os dedos tateando a pele como se ajustasse um colar. Ele também queria tocar o hematoma.

— Preciso de mais tempo — respondeu.

TRÊS

Sair de Mallard foi ideia de Desiree, mas ficar em Nova Orleans foi ideia de Stella e, durante anos, Desiree se perguntou o porquê. Quando chegaram à cidade, as gêmeas encontraram emprego na sala de calandras da Lavanderia Dixie, onde dobravam lençóis e fronhas por dois dólares ao dia. No início, o cheiro de roupa lavada fazia Desiree se lembrar tanto de casa que ela quase chorava. O resto da cidade era imundo: as ruas de pedras cheias de poças de urina, as latas de lixo transbordando nas calçadas, até a água potável tinha gosto metálico. Era o rio Mississippi, dizia Mae, supervisora delas. Vai saber o que jogavam naquele rio? Ela havia nascido e sido criada em Kenner, não muito longe da cidade, então se entretinha acompanhando a desorientação das recém-chegadas. Na manhã em que as duas apareceram na Lavanderia Dixie — ofegantes e atrasadas depois que o motorista do bonde, sem paciência, as deixou no meio-fio contando os trocados —, Mae ficou com pena daquelas garotas caipiras. Ela as contratou na hora, ainda que fossem menores de idade.

— É problema de vocês, não meu — disse ela.

Quando os fiscais chegavam, sempre de surpresa, ela tocava o sino do almoço quatro vezes e as outras funcionárias morriam de rir das gêmeas se escondendo no banheiro até que a inspeção acabasse. Mais tarde, ao se lembrar da Lavanderia Dixie, Desiree só se imaginava empoleirada na tampa do vaso, espremida nas costas de Stella. Ela odiava trabalhar daquele jeito, sempre preocupada que algo fosse acontecer, mas o que podia fazer?

— Não importa quantas vezes eu tiver que subir na tampa do vaso. Não vou voltar para Mallard — dizia.

Ela dava declarações assim com toda a determinação possível. Mas, na verdade, não tinha tanta certeza. Ainda se sentia culpada por ter abandonado a mãe. Stella disse a Desiree que a mãe não ficaria com raiva delas para sempre. Quando encontrassem um emprego melhor, começariam a enviar dinheiro e a mãe veria que ir embora foi a melhor coisa que fizeram por ela. Por um momento, aquela ideia aplacou sua culpa e Desiree ficou aliviada. Nem achou estranho que Stella, que fora arrastada por ela para Nova Orleans, parecia decidida a ficar. Será que Stella já tinha começado a mudar ali? Não, isso veio depois. Naquela época, no começo, ao menos, ela ainda era a mesma Stella de sempre. Meticulosa com o trabalho, empilhando as fronhas limpíssimas com todo o cuidado, enquanto Desiree sempre se distraía com as outras meninas, que fofocavam e combinavam de sair à noite. Aquela Stella que monitorava cada centavo que elas ganhavam, que dormia a seu lado e continuava tendo pesadelos de vez em quando, até que Desiree a acordava com uma cutucada gentil.

Conforme as semanas se transformavam em meses, a excursão delas até a cidade começou a parecer algo permanente. Era uma ideia animadora e, ao mesmo tempo, assustadora. Elas foram capazes de fazer aquela loucura. E, tendo conseguido, o que vinha depois? O que mais poderiam fazer?

— O primeiro ano é o mais difícil — disse Farrah ibodeaux. — Se passarem pelo primeiro ano, é porque conseguiram.

No primeiro mês, as gêmeas dormiram sobre uma pilha de cobertores no chão da casa de Farrah. Procuraram o número dela na lista telefônica ao chegarem à cidade, com os olhos turvos, maltrapilhas e famintas. Ao ver as duas, Farrah riu, encostada ao batente da porta. Ria delas com frequência, como na vez em que ficaram chocadas com as dançarinas burlescas nas

janelas das boates, quando fugiram correndo dos mendigos bêbados que cambaleavam na calçada ou sempre que pareciam duas garotas caipiras que nunca estiveram em lugar algum. “Essas são as minhas gêmeas”, dizia ela ao apresentá-las aos amigos, e Desiree morria de vergonha. Seu constrangimento se multiplicava com o da irmã. Farrah era garçonete num pequeno clube de jazz chamado Grace Note. Nas noites em que era responsável por fechar a casa, ela colocava furtivamente as duas para dentro pelo beco e surrupiava algo da cozinha para que elas comessem. Seu namorado dominicano tocava saxofone e usava uma camisa prateada brilhante toda desabotoada até o umbigo. No intervalo entre as músicas, ele se inclinava no palco para perguntar o que as gêmeas queriam ouvir. Elas então passavam a noite na pista de dança, tontas de tanto rodar nas mãos dos rapazes. Começaram a fazer amizade com os frequentadores assíduos: um garoto de sapatos brilhantes que dançava com Desiree até seus pés doerem; um soldado que implorava incessantemente a Stella para que o deixasse lhe pagar uma bebida; um mensageiro do Hotel Monteleone que sempre deixava Desiree tocar seu apito para chamar os táxis.

— Aposto que não estão pensando em Mallard agora — disse Farrah num dia em que as gêmeas riam, felizes e cansadas, no banco de trás do carro.

Desiree riu.

— Nunca! — disse.

Ela era boa em fingir ser corajosa. Nunca admitiria para Farrah que sentia falta de casa e vivia preocupada com dinheiro. Logo Farrah se cansaria de ter as gêmeas ali, espalhadas no chão de sua casa, ocupando seu banheiro, comendo sua comida, sempre por perto como um convidado indesejado em dobro. E depois? Para onde elas iriam? Talvez não passassem de caipiras idiotas já afundadas até o pescoço em problemas. Talvez Desiree

tivesse sido estúpida ao acreditar que poderiam ir mais longe do que aquilo. Talvez devessem voltar para casa.

— Mas você passou a vida inteira querendo ir embora — observou Stella. — Já quer voltar? Para quê? Para todo mundo rir da sua cara?

Só tempos depois Desiree percebeu que, todas as vezes em que hesitava, Stella soubera exatamente o que dizer para dissuadi-la da ideia de voltar para casa. Mas se a própria Stella queria ficar, por que não dizia isso? Por que Desiree nunca perguntara? Ela tinha dezesseis anos e era muito egocêntrica, mas morria de medo que sua impulsividade fosse responsável por jogá-la junto com a irmã no olho da rua.

— Eu não devia ter trazido você — disse. — Devia ter vindo embora sozinha.

Stella ficou tão chocada quanto se Desiree tivesse lhe dado um tapa.

— Você não faria isso — respondeu, como se aquela de repente fosse uma possibilidade.

— Não — rebateu Desiree. — Mas devia. Não devia ter arrastado você para isso.

Naquela época, era assim que Desiree se via: como uma força dinâmica e única na vida de Stella, uma rajada de vento forte capaz de arrancá-la de suas raízes. Essa era a história que Desiree precisava contar a si mesma, e Stella lhe permitiu isso. As duas se sentiam seguras nessa posição.

PASSADA A PRIMEIRA SEMANA de Desiree Vignes de volta a Mallard, todo mundo já tinha ouvido falar do empurrão, que a essa altura já virara um tapa, um soco ou até mesmo uma briga completa. A garota Vignes havia sido arrastada para fora do bar, chutando e gritando. Aqueles que não eram santos demais para admitir que estavam no Surly Goat naquela tarde

disseram ter visto ela sair, por vontade própria, depois de atacar um homem de pele escura. Quem era ele e o que havia dito para irritá-la? Alguns achavam que talvez fosse o marido que veio para buscá-la. Outros argumentavam ser um estranho que se engraçou para cima dela, e ela apenas se defendeu. Desiree sempre foi a mais orgulhosa das duas; é claro que atacaria ao ser agredida, bem diferente de Stella, que preferia morrer a fazer um escândalo. Na barbearia, Percy Wilkins afiava sua navalha com calma na tira de couro enquanto ouvia os homens debaterem sobre qual das gêmeas era a mais bonita. Pensando em retrospecto, Stella era mais exótica, e parecia ainda mais linda agora que desaparecera. Mas Desiree ganhou pontos desde que voltara para casa. Ainda era muito instigante, qualquer um podia ver isso. Pelo menos três homens brincaram dizendo que ela podia empurrá-los quanto quisesse.

— Nunca foram muito boas da cabeça — disse o barbeiro. — Depois do pai.

Menininhas não deveriam testemunhar o que as gêmeas Vignes viram. No funeral, ele ficou olhando para as gêmeas em busca de algum sinal de que algo nelas fora alterado. Mas pareciam apenas crianças, as mesmas que ele via saltitando pela cidade ao lado de Leon, cada uma segurando um de seus braços. Não tinha a menor chance de aquelas meninas terem crescido normais. Na opinião dele, as duas eram meio doidinhas, e Desiree talvez fosse a mais maluca de todas. Fingir ser branca para seguir com a vida é questão de bom senso. Mas se casar com um homem de pele escura? Ter uma filha preta daquele jeito? Desiree Vignes tinha atraído o tipo de problema que nunca a deixaria em paz.

NA LOU'S EGG HOUSE, Desiree Vignes aprendeu a equilibrar pratos de ovos mexidos, bacon e torradas. Mingaus com manteiga, panquecas grossas encharcadas de calda. Ela aprendeu a se esgueirar entre as mesinhas, virar-se sem derramar nenhuma xícara de café, decorar os pedidos. Ela aprendeu rápido, porque, quando se candidatou para o trabalho, disse a Lou que fora garçonete por três anos.

— Três anos, é? — perguntou ele no primeiro dia dela, quando teve dificuldades para anotar um pedido.

— Faz tempo, mas sim — respondeu ela, sorrindo. — Foi em Nova Orleans.

Em outras situações, dizia ter sido garçonete em Washington. Ela se perdia nas próprias mentiras e, embora Lou percebesse, nunca a confrontava. Ele não gostava de acusar damas de serem mentirosas e, além disso, sabia que Desiree precisava do trabalho, mesmo que fosse orgulhosa demais para admitir. Imagine só, a tatatataraneta do fundador da cidade servindo mesas, e não para gente branca, mas aqui mesmo, em Mallard. Quem imaginava ver isso um dia? Os Decuir viveram livremente por gerações, até que Adele se casou com um rapaz da família Vignes; agora, sua filha servia café para trabalhadores da refinaria e torta de nozes para os fazendeiros. Uma vez que mistura sangue comum ao seu, você passa a ser comum para sempre.

— Ela não é muito boa garçonete — disse Lou ao cozinheiro. — Mas também não é tão ruim assim.

Se pensasse bem, Lou admitiria que, na verdade, contratar Desiree havia melhorado os negócios. Os velhos colegas de escola, morrendo de curiosidade, sentavam-se no balcão para beber um café que normalmente não consumiam. Mesmo aqueles jovens demais para se lembrar dela, adolescentes agora, lotavam os sofás do fundo da lanchonete e sussurravam

pelas costas dela em êxtase, como se estivessem vendo uma celebridade. Ela percebia, é claro. Ainda assim, respirava fundo todas as manhãs, amarrava o avental e colocava um sorriso no rosto. Pensava na filha e engolia a humilhação. Segurou a língua já na primeira semana, quando saiu da cozinha e viu Early Jones sentado no balcão. Hesitou por um instante, as mãos prontas para tirar o avental. Mas chamaria ainda mais atenção se não o servisse. Melhor baixar a cabeça e acabar logo com isso.

Ele vestia a mesma jaqueta de couro e coçava a barba quando ela lhe deu uma xícara. Na banqueta a seu lado, havia uma mala surrada. Ela se aproximou com a jarra para servir o café, mas ele colocou a mão por cima da xícara.

— O cara que fez isso com você — disse Early. — Ele sabe onde sua mãe mora?

O machucado já tinha desbotado e virado uma mancha amarela, mas, ainda assim, ela o tocou com cuidado.

— Não — respondeu.

— Ela nunca te mandou uma carta ou algo assim?

— A gente não tinha contato.

— Ótimo. — Ele moveu a mão para segurar a alça da xícara vazia. — E sua irmã?

— O que tem ela?

— Quando foi a última vez que teve notícias dela?

Desiree riu com deboche.

— Há treze anos.

— Ué, o que houve com ela?

— Arranjou um emprego.

Parecia tudo muito simples quando ela dizia em voz alta e, claro, foi assim que começou. Stella precisava de um novo emprego, então respondeu

a um anúncio no jornal que procurava uma secretária para um escritório no prédio da Maison Blanche. Um escritório daqueles nunca contrataria uma moça de cor, mas elas precisavam do dinheiro para morar na cidade e tudo o mais. E por que as gêmeas deviam passar fome só porque Stella, que era perfeitamente capaz de datilografar, seria rejeitada assim que soubessem que ela era de cor? Não era exatamente uma mentira, dissera a Stella. Por que seria culpa dela se eles acharam que era branca ao contratá-la? Por que corrigi-los agora?

Um bom emprego para Stella e depois um bom emprego para ela, esse era o plano. Então Stella teria que fingir um pouquinho, mas um fingimento leve parecia valer a pena para que não tivessem que morar na rua. Então, certa noite, um ano depois, Desiree chegou em casa do trabalho na Lavanderia Dixie e encontrou o apartamento vazio. Todas as roupas de Stella, todas as coisas dela, haviam sumido. Como se a irmã nunca tivesse estado lá.

Havia um bilhete com a letra cuidadosa de Stella: *Desculpe, querida, mas preciso seguir meu próprio caminho*. Durante semanas, Desiree carregou aquele bilhete com ela, até que, certa noite, num acesso de fúria, o picou em pedaços e o jogou pela janela. Ela se arrependia disso agora — gostaria de ter pelo menos um pedacinho de papel com a letra da irmã.

Early ficou calado por um instante, até que enfim empurrou a xícara vazia na direção dela.

— E se eu te ajudar a encontrá-la? — perguntou.

Ela franziu o cenho e serviu o café devagar.

— Como assim?

— Tenho um trabalho novo no Texas, e depois volto para cá. Podemos ir de carro até Nova Orleans, perguntar por lá.

— Por que quer me ajudar?

— Porque eu sou bom nisso.

— Bom no quê?

Ele colocou um envelope pardo amassado em cima do balcão. Estava endereçado a um homem chamado Ceel Lewis, mas ela reconheceu a letra de Sam.

— Em caçar pessoas.

EM UMA CIDADEZINHA PRÓXIMA a Abilene, no Texas, Early sonhava com Desiree Vignes.

Esparramado no banco de trás de seu El Camino, ele segurava com carinho uma foto dela enquanto o sol se punha. Tinha devolvido a ela todas as fotos que tirara para Ceel, menos essa, que já tinha colocado no bolso da jaqueta, as pontinhas do papel espetando o peito. Não sabia exatamente o porquê de ter ficado com aquela foto. Talvez quisesse ter algo para se lembrar dela caso Desiree resolvesse nunca mais falar com ele. Ela ficou perturbada ao descobrir o verdadeiro motivo que o levou a procurá-la, e ele não podia culpá-la. Não ficou por lá para descobrir se ela o perdoaria; foi embora para o Texas, onde iria atrás de um mecânico acusado de agressão e tentativa de assassinato — da mulher dele, do amante dela, usando um torquímetro. A garagem respingada de sangue saiu na primeira página do *Times-Picayune*. Ao dirigir para o oeste, Early imaginou o mecânico empunhando o torquímetro como se fosse Sansão arremessando sua queixada de burro, cego por sua honra e pela traição. Em outros tempos, ele teria ficado animado ao caçar um homem acusado de um crime tão chocante. Mas estava distraído; quando fechava os olhos, só imaginava Desiree.

Na parada de caminhão, ele comprou uma Coca e, do orelhão, ligou para Sam Winston. Disse a ele que sua esposa não estava em Nova Orleans.

— Ela deve ter ido para o leste. Nova York, Nova Jersey, algo assim.

— Por que raios ela iria para lá, cara? — retrucou Sam. — Não, estou te falando, ela voltou para Nova Orleans. Você não procurou direito.

— Pergunte a Ceel se não procuro direito. Se ela estivesse aqui, já a teria encontrado.

— E se eu mandar mais dinheiro?

— Vou dizer a mesma coisa. Ela não está aqui. Tente outro lugar.

Ele desligou o telefone e se apoiou no orelhão. Sua mente começou a funcionar ao contrário; ele sabia como encontrar um homem que se escondia, mas como esconder uma mulher para que nunca fosse encontrada? Plantar informações falsas e confundir as pistas para que qualquer outro homem que Sam contratasse não soubesse nem por onde começar. Com as mãos tremendo, procurou um cigarro nos bolsos. Nunca tinha desistido de um trabalho. Expôs o filme da câmera ao sol para destruir as fotos de Desiree na varanda de casa. Viu o dinheiro desaparecer. Quando disse a Ceel que estava sem dinheiro e precisava de outro trabalho, e rápido, Ceel deu de ombros e lhe entregou a foto do mecânico.

— Não acredito que foi derrotado por aquela mocinha — disse ele, rindo, ao ir embora do bar.

Foi mesmo, Early estava começando a admitir. Ele não sabia o que tinha nela, mas grudara nele como se fosse um carrapato. Ele não conseguia tirar da pele. E nem queria. Ainda no orelhão, pegou uma nota fiscal amassada no bolso e ligou para a Lou's Egg House. Quando ouviu a voz dela, ficou tão nervoso que por um segundo pensou em desligar. Em vez disso, pigarreou e perguntou como ela estava.

— Ah, tudo bem. Sabe como é. Onde está agora?

— Eula, no Texas. Já esteve em Eula?

— Não. Como é?

— Seco. Empoeirado. Solitário. Sinto como se eu fosse o único homem vivo aqui. Como se tivesse caído da borda da Terra. Sabe como é essa sensação?

Ele a imaginou do outro lado da linha, segurando o telefone ao se encostar à porta da cozinha. A lanchonete devia estar vazia, quase na hora de fechar. Talvez ela estivesse totalmente sozinha, esperando o tempo passar. Pensando na irmã ou, quem sabe, nele.

— Sei exatamente como é — disse ela.

SE PERGUNTASSE NAQUELA ÉPOCA, ninguém acreditava que Desiree Vignes ficaria em Mallard. A aposta na cidade era de que ela não duraria um mês. Ia se cansar dos cochichos maldosos sobre a filha, cochichos que ela deve ter notado, ainda que não tenha ouvido, toda vez que as duas andavam pela cidade. Ao ver Desiree segurando a mão daquela menina de pele escura, muita gente torcia para que elas não ficassem nem um mês. Não estavam acostumados a ter uma criança escura por ali, e se surpreenderam com quanto aquilo era incômodo. Sempre que a menina passava, sem chapéu nem nada, ficavam tão irritados quanto da vez em que omas Richard voltou da guerra sem metade da perna e ficou andando pela cidade com a barra da calça suspensa, para que todos vissem sua perda. Se não desse para fazer nada a respeito da feiura, devia-se pelo menos tentar escondê-la.

Ainda assim, um mês se passou, surpreendendo todo mundo. Se Desiree não fosse embora por causa da filha, certamente o tédio ia acabar lhe expulsando. Depois de tantas aventuras na cidade grande, como poderia voltar ao cotidiano do interior? A eterna programação de venda de bolos na

igreja, bazares, shows de talentos, festas de aniversário, casamentos e funerais. Ela já não gostava de participar de nada disso antes de fugir. Era a outra, Stella, que fazia bolos de nozes para vender na St. Catherine, que cantava com obediência no coral da escola, e que ficava duas horas na comemoração dos setenta anos de Trinity ierry. Não era o caso de Desiree, que só ia às festas arrastada por Stella e parecia tão entediada que fazia o anfitrião se arrepender de tê-la convidado antes mesmo que ela fugisse enquanto cortavam o bolo.

Mas, por algum motivo, aquela Desiree estava de volta, ajoelhada entre a mãe e a filha durante a missa de domingo. Ela ficou tão surpresa quanto qualquer um ao perceber, certa manhã, que estava ali havia um mês. Àquela altura, já tinha caído na rotina de levar Jude para a escola, limpar a casa, servir a clientela tranquila na lanchonete do Lou enquanto a filha lia no balcão. Toda noite ela esperava a ligação de Early Jones. Nunca sabia de onde ele ligaria, nem mesmo se ligaria, mas quando o telefone de Lou tocava perto da hora de fechar, ela sempre atendia. O toque estridente a despertava das tarefas que fazia sem pensar, como encher os açucareiros ou limpar as mesas.

"Só para saber como você está", era o que ele sempre dizia. Como fora seu dia? E como estava sua mãe? Sua filha? Tudo bem, tudo bem, tudo bem. Às vezes, ele perguntava sobre o trabalho, e ela contava que precisou devolver três pratos de ovos porque o cozinheiro, extremamente distraído, tinha feito eles mexidos em vez de fritos com gema mole. Ou então ela perguntava sobre a viagem e ele dizia que ficara preso numa tempestade de areia em Oklahoma, sem conseguir ver um palmo à sua frente, e teve que dirigir bem devagar, torcendo para não bater. As histórias dele a animavam, até mesmo as mais bobas. Sua vida parecia tão diferente da dela... Com o tempo, ele começou a falar sobre o passado, como sobre ter sido criado pelos

tios depois que os pais o deixaram lá certa noite. Desiree já tinha ouvido falar de crianças que foram dadas pelos pais assim. Depois que o pai dela morreu, a irmã da mãe se oferecera para cuidar de uma das gêmeas.

— É muita coisa — dissera tia Sophie, segurando a mão de sua mãe. — Nos deixe ajudar a carregar esse fardo.

As gêmeas ficaram coladas na porta do quarto, ouvindo, cada uma imaginando se seria ela a ir embora. Será que a tia Sophie ia escolher, como se fossem filhotes num cestinho? Ou a mãe decidiria qual filha ela poderia viver sem? Por fim, a mãe disse para tia Sophie que não podia separar as duas, mas, depois, Desiree soube que a tia pedira por ela. Tia Sophie morava em Houston, e Desiree costumava imaginar como teria sido sua vida lá, uma garota da cidade grande perambulando com seus vestidos engomados e sapatos brilhantes de couro, nada daqueles tecidos desbotados das roupas que a mãe resgatava nas doações da igreja.

Early contou que, quando foi embora de Mallard, estava cansado de trabalhar nas fazendas dos outros, então foi tentar a sorte em Baton Rouge. Bem, não foi exatamente sorte o que ele encontrou. Passou um ano por lá roubando peças de carro para conseguir comer, até que foi preso e enviado para a Prisão Estadual Angola. Na época, ele tinha vinte anos, já era um homem aos olhos da lei e, para falar a verdade, já se sentia um homem desde a noite em que os pais o abandonaram sem se despedir. O mundo funcionava de modo diferente do que ele imaginara. As pessoas que você amava podiam simplesmente te deixar, e não havia nada que se pudesse fazer a respeito. Quando entendeu isso, a inevitabilidade da partida, foi como se tivesse envelhecido um pouquinho aos próprios olhos.

Ele passou quatro anos na prisão, um período que já deixara para trás e sobre o qual não falava muito.

— Isso muda alguma coisa? — perguntou a ela.

Ela o imaginou numa cabine telefônica em algum lugar, chutando o vidro com a bota.

— Mudaria o quê? — rebateu ela.

Ele ficou em silêncio por um minuto e então disse:

— É. Não sei.

Mas ela sabia o que ele queria dizer: ela teria uma opinião diferente sobre ele agora? Nem tinha certeza do que pensava sobre ele. Já teve uma quedinha por ele muito tempo atrás, mas não conhecia o homem que se tornou. Não fazia a menor ideia do que ele queria com ela. Algumas semanas, oferecera-se para encontrar Stella e, quando Desiree disse que não podia pagar imediatamente, ele disse: "Tudo bem."

— O que quer dizer com "tudo bem"? — perguntou ela.

— Quero dizer que não preciso que me pague imediatamente. Podemos dar um jeito.

Ela nunca conhecera um homem trabalhador tão tranquilo com o próprio dinheiro, mas, pensando bem, nunca conhecera alguém com um emprego como o de Early. Ele caçava fugitivos da justiça que haviam desaparecido sem deixar rastros na tentativa de começar do zero em outro lugar. Mas sempre havia uma pista, se procurasse com cuidado, afinal ninguém desaparecia por completo. Ela pensou mais uma vez sobre o envelope com fotos que ele lhe entregara. Na lanchonete, ela abraçara o pacote com o coração disparado.

— Não se preocupe — disse ele. — Vou mandar aquele filho da puta para bem longe daqui. — Ela deve ter lançado um olhar de dúvida, porque ele acrescentou: — Acredite em mim. Não vou entregar você.

Mas por que ele não entregaria? Mal a conhecia, e Sam oferecera uma boa quantia em dinheiro. Que motivo tinha para ser leal a ela? Por semanas ela ficou pensando se deveria se mudar novamente com Jude. Se Sam a

estava procurando, não acabaria encontrando? Será que ele mesmo não iria até Mallard? Mas talvez agora Mallard fosse o lugar mais seguro para estar. O homem que Sam contratou lhe dissera que ela não estava na Louisiana, então por que ele duvidaria? Talvez pudesse confiar em Early. Se ele quisesse machucá-la, Sam já a teria encontrado. Mas confiar nele não significava que ele não queria alguma coisa.

— Ele só está dizendo o que você quer ouvir — sugeriu a mãe certa noite, entregando-lhe um prato lavado. — Esse cara sabe tanto quanto você onde Stella está.

Desiree suspirou e pegou o pano de prato.

— Mas ele sabe como procurar — argumentou. — Por que não tentamos?

— Ela não quer ser encontrada. Precisa deixar para lá. Deixe Stella viver a vida dela.

— Aquilo não é a vida dela! — disse Desiree. — Nada disso teria acontecido se eu não a tivesse convencido a aceitar aquele emprego. Ou mesmo a arrastado para Nova Orleans. Aquela cidade não fez bem para Stella. Você estava certa, no fim das contas.

A mãe contraiu os lábios.

— Não foi a primeira vez dela — revelou.

— Como assim?

— Não foi a primeira vez que ela se passou por branca — explicou a mãe. — Em Nova Orleans, só teve a chance de botar em prática de verdade.

ESSA ERA A HISTÓRIA que a mãe estivera escondendo:

Uma semana depois que Stella desapareceu na cidade, Willie Lee foi, envergonhado, até a casa estreita e comprida. Tinha algo para contar a

Adele, algo que deveria ter contado semanas antes do Dia do Fundador. Ele levara Stella até Opelousas numa tarde. Nos fins de semana, ela o ajudava no açougue, já que era boa nas contas. Conseguia medir de olho meio quilo de carne moída, com mais precisão do que ele. E quando ele pesava a quantidade separada por ela, sempre estava certa. Era uma moça cuidadosa e inteligente, mas, naquele verão, ele notara algo diferente. Ela parecia mais triste, mais introspectiva. Imaginou que fosse porque tinha saído da escola, embora ele não entendesse muito bem aquilo, já que fora expulso no nono ano. Uma garota que conseguia pesar meio quilo só de olho ia se dar bem na vida, tendo feito faculdade ou não. Mas nem todo mundo era tão pragmático quanto ele, então, quando via Stella parada atrás do caixa com cara de poucos amigos, ele acreditava que ainda era a decepção por não ir para a Spelman, como ela havia imaginado.

Então, certa tarde, ele a chamou para ir a Opelousas. Precisava fazer entregas e pensou, bem, talvez ela queira sair da cidade um pouquinho. Deu a ela uma moeda para comprar uma Coca-Cola e, quando terminou de descarregar, a viu parada ao lado do caminhão, corada e ofegante. Tinha entrado numa loja chamada Darlene's Charms, onde a vendedora achou que ela fosse branca.

— Não é engraçado? — perguntou ela. — Essa gente branca é muito fácil de enganar! Exatamente como todo mundo fala.

— Isso não é um jogo — disse ele. — Se passar por branca. É perigoso.

— Mas os brancos não sabem a diferença — respondeu ela. — Você, por exemplo, é tão ruivo quanto o padre Cavanaugh. Por que ele pode ser branco e você não?

— Porque ele é branco. E eu não quero ser.

— Bem, eu também não — respondeu ela. — Só queria olhar a loja. Não vai contar para a minha mãe, vai?

Em Mallard, crescia-se ouvindo histórias sobre pessoas que fingiram ser brancas. Warren Fontenot, que andava de trem no setor reservado aos brancos e, ao ser questionado por um cabineiro, falou francês suficiente para convencê-lo de que era um europeu mais moreno; Marlena Goudeau, que se tornou branca para conseguir seu diploma de professora; Luther

ibodeaux, cujos chefes lhe deram um aumento por considerá-lo branco. Passar-se por branco de vez em quando, assim, era divertido. Até mesmo heroico. Quem não queria levar vantagem sobre os brancos, só para variar? Mas a transição definitiva para uma vida como branco era um mistério. Não se conhecia ninguém que tivesse passado despercebido por isso, assim como não se sabia de ninguém que tivesse sido bem-sucedido ao forjar a própria morte; era o tipo de coisa que só dava certo se ninguém jamais descobrisse a farsa. Desiree só conhecia os fracassos: aqueles que acabaram ficando com saudades de casa, foram pegos ou se cansaram de fingir. Mas, pelo que Desiree sabia, a essa altura Stella já passara metade da vida como branca e, talvez, depois de tanto tempo, a atuação deixasse de ser uma mentira. Talvez, com o tempo, fingir ser branca a tenha deixado branca mesmo.

— TERMINANDO AQUI — contou Early, duas noites depois, ao ligar das proximidades de Shreveport. — Estou voltando aí para os seus lados, caso ainda queira procurar sua irmã.

Ela nunca imaginara que Stella escondia algum grande segredo dela. Não aquela Stella, que dormia a seu lado, cujos pensamentos circulavam como uma corrente entre as duas, cuja voz ela ouvia dentro da própria cabeça. Como ela pôde ter passado aquele verão inteiro sem saber que Stella já havia decidido se tornar outra pessoa? Não sabia mais quem Stella era e talvez nunca tenha sabido de fato.

Ela enrolou o fio do telefone no dedo. Na lanchonete vazia, Jude estava sentada no balcão, lendo um livro. Vivia lendo, sempre sozinha.

— Sim, acho que sim — respondeu ela.

NA MANHÃ EM QUE EARLY JONES CHEGOU, chovia forte, o céu carregado. Sentada à beira do sofá, Desiree ouvia a tempestade de primavera enquanto trançava o cabelo de Jude e se lembrava das primeiras semanas em Nova Orleans, em que ela e Stella desviavam das goteiras quando a chuva as pegava desprevenidas. Ela acabou se acostumando com as chuvas imprevisíveis, mas, naquela época, dava gritinhos a cada tempestade repentina, ela e Stella rindo enquanto procuravam um prédio para se abrigar, a água respingando nos tornozelos. No tapete na frente dela, Jude se contorceu e apontou para a varanda.

— Mamãe, um homem — disse ela.

E lá estava Early parado nos degraus da frente, o colarinho da jaqueta virado para fora, a barba cheia de gotas de chuva. Desiree trocou os pés, se sentindo estranhamente nervosa, e só percebeu ao abrir a porta que eles estavam exatamente na mesma posição de quando se conheceram, muito tempo atrás. — Pode entrar — disse ela.

— Tem certeza? Não quero causar problema.

Ele parecia tão nervoso quanto ela, o que a encorajou. Ela fez um sinal para que entrasse, e ele bateu as botas na varanda para tirar a lama. Então, a seguiu e parou no batente da porta, uma das mãos enfiada no bolso da jaqueta.

— Esta é Jude — apresentou. — Jude, venha dizer oi para o Sr. Early. Vou sair de carro com ele, lembra?

— É só Early — observou ele. — Não sou senhor de ninguém.

Ele sorriu e estendeu a mão. Jude lhe deu a mão por um segundo e depois foi em disparada até o quarto buscar sua bolsa de livros. Mais tarde, na estrada interestadual, Early perguntou se Jude era sempre assim, calada.

Desiree olhou pela janela, contemplando o reflexo do sol no lago Pontchartrain.

— Sempre — respondeu. — Ela não se parece em nada comigo.

— Parece com o pai, então?

Ela não gostava de falar sobre Sam com Early, não queria nem imaginar aqueles dois homens coexistindo em sua vida. Além disso, Jude também não se parecia com Sam. Ela era, de certa forma, como Stella. Reservada, como se ao contar algo sobre si mesma perdesse uma coisa que nunca mais poderia recuperar.

— Não. Não se parece com ninguém além de com ela mesma.

— Isso é bom. É bom para uma garota ser ela mesma.

— Não em Mallard. E não uma garota como Jude.

Early tocou a mão dela, o que a surpreendeu. Depois, caindo em si, ele recuou.

— Não vai ser fácil — disse ele. — Não foi fácil para mim. Sabia que um homem me deu um tapa uma vez na igreja? Um tapa na nuca. Só porque eu coloquei o dedo na água benta antes da mulher dele. Como se eu tivesse estragado a água ou algo assim. Achei que meu tio fosse me defender. Não sei bem por quê, mas achei. Só que ele pediu desculpas ao homem, como se eu tivesse feito algo errado.

Ele deu uma risada rancorosa. Do outro lado da estrada, um trem de carga seguia fazendo barulho, a chuva enlameando os trilhos. Ela se virou para ele, os olhos marejados.

— Eu devia ter dito alguma coisa — disse ela. — Quando minha mãe expulsou você daquele jeito.

Ele deu de ombros.

— Foi há muito tempo.

— Então por que está me ajudando? Por qual motivo?

— Ah, não sei — respondeu ele. — Acho que fiquei triste ao saber dessa história com sua irmã. — Ele se virou para longe, desviando do olhar dela. — E acho que gosto de falar com você. Nunca na vida conversei tanto com uma mulher.

Ela riu.

— Você não diz mais que duas palavras a cada vez.

— É o suficiente.

Ela riu de novo e tocou na nuca dele. Mais tarde, ele diria a ela que ali foi a primeira vez em que soube. Aquela mão gentil na sua nuca enquanto ele conduzia o carro pela ponte.

ELES ESTAVAM PERSEGUINDO O PASSADO, procurando por Stella nas ruas, nas escadarias e nos becos.

Subiram os degraus até o apartamento antigo das gêmeas no terceiro andar, onde atualmente morava um casal mais velho de cor. Desiree perguntou, do jeito mais educado que conseguiu, se eles haviam recebido alguma correspondência endereçada a Desiree ou Stella Vignes, mas eles moravam ali havia apenas dois anos. A vida das gêmeas havia habitado aqueles cômodos bem antes de eles chegarem. Irmãs cozinhando juntas e ouvindo o rádio, que fora sua primeira compra de luxo. Irmãs ficando acordadas até o amanhecer e sentindo que finalmente eram as mulheres adultas que acreditavam ser. Irmãs assinando o contrato de aluguel do seu primeiro apartamento, embora, já naquela época, talvez Stella soubesse que aquilo seria temporário. Talvez já tivesse começado a planejar sua fuga.

Durante a tarde toda eles procuraram por Stella nos lugares de antigamente. Perguntaram por ela na Lavanderia Dixie e no Grace Note. Desiree procurou os números dos antigos amigos na lista telefônica, mas ninguém tinha ouvido falar de Stella. Farrah ibodeaux, que agora era casada com um vereador, gargalhou quando Desiree ligou.

— Não acredito que a pequena Stella fugiu — disse ela. — Se fosse você, eu até imaginaria...

— Obrigada, de qualquer forma — respondeu Desiree, preparando-se para desligar.

— Espere um minuto — pediu Farrah. — Não sei por que está com pressa. Ia dizer que eu vi sua irmã.

O coração dela acelerou.

— Quando?

— Ah, muito tempo atrás. Antes de você ir embora. Ela estava andando pela Royal Street, bem tranquila. De braços dados com um homem branco. Olhou para mim e depois desviou o olhar. Juro que ela me viu.

— Tem certeza de que era ela?

— Absoluta, assim como tenho certeza de que não era você — observou Farrah. — Os olhos não mentem, querida. E o homem branco com ela era bonito. Vai ver era por isso que ela sorria tanto.

Stella a deixara para ir atrás de um homem qualquer. Stella estava secretamente apaixonada. Stella, que nunca tivera uma quedinha por nenhum garoto, que revirava os olhos ao ver Desiree sofrer por causa de Early, que nunca tivera um namorado. A gêmea frígida, era como os meninos a chamavam. Mas Early dissera a ela que a explicação mais simples normalmente era a verdadeira.

— Ficaria surpresa ao saber o que as pessoas fazem movidas pela emoção — sugeriu ele.

— Mas eu a conheço — respondeu, e depois parou.

Não podia mais presumir nada a respeito de Stella. Não tinha aprendido isso ainda?

Já estava exausta quando Early sugeriu que tentassem o prédio da Maison Blanche. Ela se aventurara ali dentro apenas uma vez, poucos dias depois do desaparecimento de Stella. Dizia a si mesma, dentro do bonde que seguia pela Canal Street, que Stella não poderia desaparecer para sempre. Aquilo era só Stella num de seus momentos de crise. Stella brincando de esconde-esconde, camuflando-se atrás dos lençóis que secavam. Disse a si mesma várias coisas em que não acreditava para ficar mais tranquila. Stella ia voltar. Ia reaparecer na porta do apartamento e se explicar. Não ia simplesmente fugir do melhor emprego que já teve. Não ia deixar a irmã para trás.

Desiree ficou vagando pela loja de departamentos, andando devagar pela seção de perfumes. Sabia que Stella trabalhava num escritório num dos andares mais altos, mas não sabia qual. No lobby dos elevadores, ficou olhando por tanto tempo o cartaz dos andares que um segurança grosseiro veio perguntar o que queria ali. Ela hesitou, com medo de expor Stella, e ele enfim a colocou para fora.

— Você forçou a barra — opinou Early. — Precisa ir com calma. Quando transparece desespero, as pessoas sentem. Tem que se conter.

Estavam sentados num café em frente à Maison Blanche. Ela mal tocara no café expresso. Ainda pensava no homem branco que Farrah tinha visto ao lado de Stella. E no quão feliz ela parecia. A irmã não queria ser encontrada. O que Desiree estava fazendo, tentando arrastá-la de volta para uma vida que não queria mais?

— Você precisa entrar lá como se fosse alguém para quem eles dão informações — ensinou Early. — Alguém que consegue o que quer.

— Como se fosse branca, você quer dizer.

Ele concordou com a cabeça.

— É mais fácil assim. Não posso ir junto. Isso denunciaria você. Mas entre e diga que está procurando alguém, uma velha amiga. Não diga que é sua irmã, isso vai desencadear muitas perguntas. Diga que você perdeu o contato ou algo assim. É só manter a conversa leve e tranquila. Como se fosse uma mulher branca sem qualquer preocupação.

Então ela se imaginou como Stella, não a Stella que conheceu um dia, mas a Stella de agora. Passou pelo enorme MB de metal no puxador da porta e entrou na loja de departamentos. Percorreu a seção de perfumes com a confiança de uma mulher capaz de comprar qualquer frasco daqueles. Parou para cheirar alguns, como se considerasse a compra. Admirou as joias em exibição, deu uma olhada nas bolsas sofisticadas e dispensou com desprezo as vendedoras que a abordavam. No lobby, o ascensorista de cor olhou para o chão quando ela entrou no elevador. Ela o ignorou, como Stella talvez fizesse. Sentiu-se constrangida ao perceber como era fácil. Para ser branca bastava se comportar como uma.

Quando chegou ao primeiro andar de escritórios, um segurança branco correu para ajudá-la. Ela se lembrou das palavras de Early. Leve, tranquila, sem preocupações. Disse a ele que estava procurando uma velha amiga que trabalhava com marketing.

Claro que ele não encontrou nenhuma Stella Vignes nos arquivos do prédio, mas lhe disse onde ficava o departamento. Desiree pegou o elevador até o sexto andar e, ao entrar no escritório, preparou-se para que alguém a confundisse com Stella. Mas a secretária ruiva apenas deu um sorriso simpático.

— Estou procurando uma velha amiga — explicou Desiree. — Costumava trabalhar como secretária aqui.

— E qual é o nome dela?

— Stella Vignes.

Olhou em torno do escritório silencioso, como se fosse conjurá-la ao dizer seu nome.

— Stella Vignes — repetiu a secretária, virando-se para o armário de arquivos atrás dela.

Resmungava algo para si mesma enquanto procurava, e o único barulho além desse era o bater das máquinas de escrever. Desiree tentou imaginar Stella num lugar como aquele. Juntando-se às outras garotas brancas educadas sentadas em suas mesas.

A secretária voltou com uma pasta de arquivo nas mãos.

— Sinto muito, mas não há endereço atual — observou ela. — Nossos últimos cartões de Natal voltaram.

Ela pediu mil desculpas ao dizer que só podia dar a Desiree o endereço mais recente que tinha no arquivo, um cartão preenchido com a letra cuidadosa de Stella com um endereço de Boston, Massachusetts.

— NÃO É NENHUMA DESCOBERTA DA PÓLVORA — observou Early naquela noite. — Mas é um bom começo.

Estavam sentados na penumbra de uma das cabines do Surly Goat e Early bebericava seu uísque. De manhã ele partiria novamente, pois tinha um novo trabalho que o levaria até Durham. Mas depois iria até aquele endereço em Boston para ver o que descobria por lá. Ela nem imaginava como Stella tinha ido parar naquela cidade, mas isso não importava. Aquele pedaço de papel continha mais informações sobre Stella do que Desiree jamais possuíra.

Mais uma vez ela se sentiu comovida por toda aquela ajuda de Early, sem saber muito bem como agradecer a ele. Ao terminarem suas bebidas, ela foi com ele até a pensão. Ele tomou a mão dela em seu braço enquanto subiam os degraus enlameados e ela não recuou, nem mesmo quando já estavam no quarto. Desiree não estava bêbada, mas o quarto de repente pareceu quente. Ela não tirava a roupa na frente de um estranho há anos.

Devagar, então. Ele estava apoiado no armário velho, esperando, e ela se encostou nele, levando a mão até sua barriga. Ele a interrompeu quando a mão chegou ao cinto.

— Isso é só o começo — disse ele. — Não estou nem perto de encontrá-la.

Segurou a mão dela, e era como se ele considerasse aquilo uma condição para irem em frente.

— Tudo bem — respondeu ela.

— Pode ser que não a encontre. Talvez ela esteja perdida para sempre. Sabe disso, não é?

Ela parou.

— Eu sei.

— Vou procurar pelo tempo que você quiser que eu procure. É só me dizer para parar e eu paro.

Ela soltou a mão e a enfiou embaixo da camiseta dele. Seus dedos passaram por uma cicatriz que cortava sua barriga. Ele estremeceu.

— Não pare — disse ela.

PARTE 2

MAPAS

(1978)

QUATRO

No outono de 1978, uma jovem de pele escura aportou em Los Angeles vinda de uma cidadezinha que nem existia nos mapas.

Ela saiu desse lugar remoto e percorreu todo o trajeto num ônibus velho, suas duas malas chacoalhando no compartimento de bagagem. Uma garota vinda de lugar nenhum, sem nada e, se perguntasse a qualquer um dos outros passageiros, não teriam notado nada de diferente nela, à exceção de ser tão, como dizer... preta. Tirando isso, era quieta. Folheava um livro surrado, um romance policial que ganhara de presente do namorado da mãe em seu aniversário de dezessete anos e que lia pela segunda vez, para encontrar todas as pistas que perdera. Nas paradas, enfiava o livro debaixo do braço e andava devagar em círculos, para esticar as pernas. Inquieta. Para o motorista italiano que dirigia o ônibus, ela parecia um guepardo caminhando dentro da jaula. Ele não ficaria surpreso se ela fosse uma atleta de corrida; o corpo esguio e meio masculino, as pernas compridas. Ele fumava enquanto a observava dar mais uma volta ao redor do ônibus. Era uma pena ter aquelas pernas e aquele rosto. Aquela pele. Meu Deus, ele nunca vira uma mulher tão preta.

Ela não percebeu que o motorista a observava. Já nem notava mais quando olhavam para ela ou, se notava, sabia exatamente por que a encaravam. Era impossível passar despercebida. Porque tinha a pele escura, sim, mas também porque era muito alta e magra feito o pai, que não via e de quem não tinha notícias há dez anos. Ela deu mais uma volta, tentando encontrar a parte onde havia parado naquele livro cheio de páginas dobradas

e com a lombada rasgada. Adorava histórias de detetive desde criança; costumava ficar sentada na varanda enquanto o namorado da mãe limpava a arma e contava sobre os homens que ele perseguia.

Mais tarde, ela se deu conta de que talvez fosse uma atividade estranha para aproximar um homem adulto e uma garotinha, mas ela já havia aprendido que Early Jones era um cara estranho. Não era seu pai, mas era o mais próximo disso que teria. Gostava de observá-lo desmontando a arma devagar enquanto o enchia de perguntas. É possível rastrear basicamente qualquer pessoa se você for um bom mentiroso, ele dizia a ela. Parte da busca consistia em fingir ser outra pessoa: um velho amigo procurando o endereço de alguém, um sobrinho perdido tentando encontrar o telefone novo do tio, um pai querendo saber do paradeiro do filho. Sempre havia alguém passível de ser manipulado. Sempre havia uma janela se não desse para encontrar a porta.

— Não é assim tão emocionante — dizia ele, com um palito de dente na boca. — A maior parte do trabalho é enganar velhinhas por telefone.

Ele dava a impressão de que encontrar pessoas desaparecidas era tão fácil que ela perguntou se ele podia procurar seu pai. Ele nem olhou para ela enquanto enfiava a escova no cano da arma.

— Você não quer que eu vá atrás dele — respondeu.

— Por quê?

— Porque não é um cara legal.

Early estava certo, claro, mas ela odiava que ele tivesse tanta certeza. Como poderia saber? Nunca tinha nem visto o pai.

Ela sempre imaginara o pai chegando naquele Buick brilhante para resgatá-la. Ela sairia da escola um dia e ele estaria lá esperando. Seu pai, lindo e alto, sorrindo para ela de braços abertos. As outras crianças ficariam boquiabertas. Ele então a levaria de volta para Washington, e ela iria para a

escola, faria amigos, sairia com garotos, treinaria corrida, e depois iria para a faculdade num lugar tão diferente de Mallard que nem acreditaria mais na existência daquela cidade. Teria sido apenas fruto da sua imaginação.

Mas dez anos se passaram sem telefonemas ou cartas. No fim das contas, ela mesma se resgatou. Ganhou uma medalha de ouro na prova de quatrocentos metros rasos no campeonato estadual e, milagre dos milagres, olheiros de uma faculdade a viram. Ela tinha corrido o máximo que podia e agora ia dar o fora dali. No terminal de ônibus, esperou na base da escada de metal enquanto Early guardava suas malas. A avó pôs um rosário em seu pescoço e a mãe a abraçou.

— Ainda não sei por que você quer ir tão longe, para a Califórnia — disse ela. — Há faculdades ótimas aqui perto.

Ela riu de leve, como se estivesse brincando, como se já não tivesse tentado convencer Jude a ficar. Ambas sabiam que a menina não podia. Já havia aceitado a bolsa de estudos de atletismo na UCLA — até parece que ela pensaria em recusar — e agora estava parada na frente do ônibus, esperando para entrar.

— Vou ligar — disse ela. — E escrever.

— É melhor mesmo.

— Vou ficar bem, mamãe. Vou voltar para ver você.

Mas as duas sabiam que ela nunca mais voltaria a Mallard. No ônibus, ficou brincando com as contas do rosário e imaginou a mãe saindo de Mallard num ônibus como aquele. Mas ela não estivera sozinha, tinha Stella ao seu lado olhando para a escuridão do lado de fora. Jude pôs o livro puído no colo e encostou-se no vidro da janela. Nunca tinha visto um deserto... Parecia que não ia acabar nunca. Mais um quilômetro viajado, carregando-a para longe de sua vida.

ELES A CHAMAVAM DE BONECA DE PICHE.

Meia-noite. Escurinha. Torta de Chocolate. Diziam: "Sorria, para conseguirmos te ver." Diziam: "Você é tão escura que se mistura ao quadro-negro." Diziam: "Aposto que você poderia ir pelada a um funeral." "Aposto que os bichinhos da luz vão atrás de você durante o dia." "Aposto que quando você nada fica parecendo petróleo." Fizeram muitas e muitas piadas e, certa vez, quando tinha quarenta e poucos anos, ela as recitou como uma ladainha durante um jantar em São Francisco. "Aposto que as baratas chamam você de prima." "Aposto que não consegue encontrar sua própria sombra." Ficou impressionada por lembrar tão bem. Naquele jantar, ela se forçou a rir, embora não achasse nem um pouco engraçado na época. As piadas eram verdadeiras. Ela *era* preta. Quase azul. Não, na verdade era tão preta que parecia roxa. Preta como café, asfalto, como o espaço. Preta como o início e o fim do mundo.

No começo, a avó tentava mantê-la longe do sol. Ela lhe deu um chapéu de jardinagem enorme e prendia as fitas em volta do queixo, mesmo que aquilo a sufocasse. Não conseguia correr com aquele chapéu, embora amasse correr. Era inevitável que o fizesse, embora Adele a implorasse para pelo menos esperar o sol baixar. Ela passava os verões lendo em casa e, quando sentia que estava enlouquecendo trancafiada ali, ia para o quintal procurar uma sombra, usando aquele chapéu sufocante e mangas compridas que grudavam nos braços suados. Sua pele não ia escurecer mais, embora aquilo parecesse acontecer quanto mais tempo ela passava em Mallard. Uma mancha preta nas fotos da escola, um pontinho escuro nos bancos da igreja na missa de domingo, uma sombra parada à margem do rio enquanto as outras crianças nadavam. Tão preta que não se via nada além dela. Uma mosca num copo de leite, contaminando tudo.

Na sala de aula, ela se sentava na frente de Lonnie Goudeau, o lançador do time da escola, que jogava bolinhas de papel em suas costas durante a aula toda. Tinha olhos acinzentados e cabelo ruivo que caía sobre seu pescoço, as bochechas sardentas. Um garoto bonito. Ela então estremecia ao imaginá-lo olhando para ela, arregaçando as mangas, os braços de pele tão clara que dava para ver os pelos castanhos, a flexão dos músculos, o papel espremido entre os dedos. E sentia o tapinha de leve no pescoço, os meninos atrás dela rindo. Mas nunca se virava. Certa vez, o Sr. Yancy flagrou Lonnie e o colocou de castigo. Na saída da escola, Jude o encontrou limpando o quadro-negro, e ele abriu um sorriso debochado enquanto tirava o pó com o apagador. Ela ficou pensando naquela cena durante todo o caminho para casa. Os lábios dele e aquele misto de careta e sorriso.

Lonnie Goudeau foi a primeira pessoa a chamá-la de Boneca de Piche. Um mês depois que ela chegara a Mallard, ele encontrou um exemplar do *Compadre Coelho* na lixeira da sala e apontou para a figura negra e brilhante na capa do livro, achando graça. "Olhem, é a Jude", disse, e ela ficou tão desconcertada por ele saber seu nome que foi só quando a turma inteira gargalhou que percebeu que ele estava tirando sarro dela. Ele levou uma bronca por atrapalhar o silêncio do momento de leitura e teve aquele livro rapidamente retirado de suas mãos pelo professor, envergonhado. Mas, naquela noite, após o jantar, Jude perguntou à mãe o que era uma boneca de piche. A mãe parou, deixando os pratos sujos na pia.

— É só uma história antiga — respondeu. — Por quê?

— Um garoto me chamou disso hoje.

A mãe secou as mãos devagar na toalha e depois se ajoelhou na frente da filha.

— Ele só quer irritar você — disse. — É melhor ignorar. Ele vai se cansar e desistir disso.

Mas ele não desistiu. Lonnie passava lama nas meias dela e jogava seus livros no lixo. Chutava os pés da cadeira dela durante as provas, arrancava os laços de seu cabelo, cantava "Tutti frutti, preta Judy" sempre que ela chegava perto. No último dia de aula do quinto ano, ele a fez tropeçar na escada da escola e ela ralou o joelho. Na mesa da cozinha, a avó pôs sua perna no colo e limpou gentilmente o sangue com um algodão.

— Vai ver ele gosta de você — disse a avó. — Meninos se comportam de um jeito cruel com as meninas de quem eles gostam.

Tentou imaginar Lonnie de mãos dadas com ela, carregando seus livros para casa e até a beijando, os cílios compridos dele tocando sua bochecha. Sentada a seu lado no cinema ou no topo da montanha-russa num parque de diversões, o braço de Lonnie a envolvendo. Mas só conseguia visualizar Lonnie a empurrando numa poça de lama, grudando chiclete em seu cabelo ou a chamando de vadia idiota, Lonnie socando seu rosto até que o lábio abrisse ou o olho fechasse com o inchaço. Depois, seu pai sempre ia embora, irritado, enquanto a mãe chorava no chão, o rosto enterrado na almofada do sofá. Em uma das vezes, ele não foi embora imediatamente. Em vez disso, pegou o rosto da mãe e o encostou em sua barriga, fazendo carinho em seu cabelo. A mãe soluçava, mas não se afastava, como se aquele toque fosse reconfortante.

Era melhor visualizar Lonnie batendo nela. Aquela outra coisa — a parte mais leve — a aterrorizava ainda mais.

ANTES DOS INSULTOS E DAS PIADAS, antes das provocações, das meias enlameadas, das cadeiras chutadas, do banco vazio no almoço, antes de tudo isso houve as perguntas. Qual era o nome dela? De onde viera e por que estava ali? Em seu primeiro dia de aula, Louisa Rubidoux se curvou sobre a

mesa que as duas compartilhavam e perguntou quem era a mulher que a trouxera pela manhã.

— Minha mãe — respondeu Jude.

Aquilo não era óbvio? Ela a levou para a escola, segurando-a pela mão. Quem mais seria?

— Mas não é sua mãe de verdade, é? — perguntou Louisa. — Vocês não têm nada a ver. Jude fez uma pausa e então respondeu:

— Eu pareço com meu pai.

— E cadê ele?

Ela deu de ombros, embora soubesse a resposta. Estava em Washington, onde elas o deixaram. Já sentia falta dele, embora visse o machucado no pescoço da mãe, embora se lembrasse de todos os machucados que já vira no corpo dela ao longo dos anos, manchas escuras estranhas àquela topografia. Certa vez, na piscina, ficou observando a mãe se trocar no vestiário até que ela parou no meio do caminho ao notar um machucado já desbotado na coxa. Vestiu-se novamente devagar e disse a Jude que decidira ficar apenas sentada à beira da piscina de olho na filha. Quando chegaram em casa, o pai recebeu a mãe com um beijo, e Jude se deu conta de que poderia fingir que aqueles machucados tinham outra explicação, se quisesse. Sua relação com cada um dos pais era independente, como mágica. Então, quando pensava no pai, ele estava esparramado a seu lado no tapete, lendo revistas em quadrinhos. E não arrastando a mãe pelo cabelo para o quarto... Não, aquele era outro homem. E depois de o vidro quebrado ser varrido, de o sangue no azulejo ser limpo e de a mãe se refugiar no banheiro com um saco de gelo no rosto, seu pai verdadeiro voltava, sorrindo, apertando a bochecha dela.

— Por que eu não me pareço com você? — perguntou ela à mãe naquela noite.

Estava sentada no tapete na frente do sofá enquanto a mãe trançava seu cabelo, então não podia ver seu rosto, mas sentia suas mãos.

— Não sei — respondeu a mãe depois de um tempo.

— Você se parece com a maman.

— É assim que funciona às vezes, querida.

— Quando vamos para casa?

— O que eu falei para você? Precisamos ficar aqui por um tempo. Agora pare de se mexer e me deixe terminar isso.

Ela estava começando a perceber algo que em breve saberia com certeza: não havia nenhum plano de voltar para casa, nem mesmo de ir para outro lugar, e a mãe mentia todas as vezes em que fingia haver. No dia seguinte, estava sentada sozinha na hora do almoço quando foi encurralada por Louisa e outras três garotas de pele bege.

— Não acreditamos em você — disse Louisa. — Sobre aquela ser sua mãe. Ela é muito bonita para ser sua mãe.

— Ela não é minha mãe. Minha mãe de verdade está em outro lugar.

— Onde?

— Não sei. Em algum lugar. Não a encontrei ainda.

De certa forma, pensava em Stella, uma mulher que também não se parecia em nada com ela, mas seria uma versão melhorada de sua mãe. Stella não deixaria o papai tão irritado a ponto de bater nela. Não acordaria Jude no meio da noite e a forçaria a entrar num trem rumo a uma cidadezinha onde as outras crianças a insultavam. Ela manteria sua palavra. Stella não viveria prometendo que elas iam embora de Mallard para, no fim, ficar por lá mesmo.

— Tem que prestar atenção na sua mãe — avisou o pai certa vez. — Ela ainda gosta daquela gente.

— Que gente? — perguntou Jude.

Estava deitada ao lado dele no tapete enquanto brincavam de um jogo de tabuleiro, as mãos grandes do pai ofuscando seus olhos.

— Aquela gente lá de onde ela veio — respondeu ele. — Sua mãe ainda tem algo daquilo. Ainda se acha melhor do que nós.

Ela não entendeu exatamente o que ele quis dizer, mas gostava de fazer parte do "nós". As pessoas achavam que ser diferente tornava você especial. Mas, não, só deixava você solitário. Especial era pertencer a algo maior, com outras pessoas.

QUANDO CHEGOU AO ENSINO MÉDIO, os xingamentos já não a chocavam, mas a solidão, sim. Era impossível se habituar completamente à solidão; todas as vezes que achava ter conseguido, afundava-se ainda mais nela. Sentava-se sozinha no almoço folheando livros baratos. Nunca recebia visitas nos fins de semana, nem convites para almoçar na lanchonete do Lou, ou telefonemas para saber como andava a vida. Quando saía da escola, ia correr, sozinha. Era a garota mais rápida do time de corrida e, se estivesse em outro time, em outra cidade, talvez fosse até a capitã. Mas naquele time, naquela cidade, ela se alongava sozinha antes do treino e ninguém se sentava a seu lado no ônibus do time. Quando ganhou a medalha de ouro no campeonato estadual, ninguém a cumprimentou a não ser o treinador Weaver.

Ainda assim, ela corria. Corria porque amava correr, porque queria ser boa em alguma coisa, porque o pai também correra na Universidade de Ohio e, ao amarrar o cadarço, ela sempre pensava nele. Às vezes, quando passava por trás do banco dos reservas de beisebol, sentia que Lonnie Goudeau a encarava. Ela corria com uma fisgada na passada, que era desajeitada e irregular, um hábito ruim que o treinador tentou, mas não

conseguiu consertar. Lonnie provavelmente achava que ela corria de um jeito engraçado ou talvez só gostasse de rir dela, o top e o short brancos contrastando com toda aquela pele preta. Sentia-se ainda mais escura quando corria, mas, ao mesmo tempo, era também quando se sentia menos preta, menos tudo.

Ela usava um par de tênis dourados que havia implorado para Early comprar num Natal. A mãe só suspirava.

— Não quer um vestido bonito? Brincos novos? — Todo ano, a mãe empurrava a caixa de presente, como se mal pudesse tocá-la. — Tênis de corrida de novo — dizia, mal-humorada, enquanto Jude rasgava o papel. — Nunca vou entender como uma garota pode querer tantos pares de tênis de corrida.

Quando tinha onze anos, Early comprara seu primeiro par de tênis de corrida, brancos, da New Balance, que ele encontrara em Chicago. No ano seguinte, ele estava trabalhando no Kansas e não veio para o Natal. Então, no outro ano, ele estava de volta como se nunca tivesse ido embora e trouxe um par novo; a essa altura, ela já estava acostumada com aquelas idas e vindas, que pareciam tão regulares quanto as estações do ano.

"Esse cara já está rondando de novo", dizia sempre a avó. Nunca chamava Early pelo nome, era sempre "esse cara" ou apenas "ele". Não aprovava que a filha tivesse um caso com outro homem, ainda que Early nunca ficasse ali por tempo suficiente para que aquilo fosse considerado um caso, e não se sabe se isso era melhor ou pior. Ainda assim, a cada temporada de Early, que era como Jude imaginava aquilo, a mãe começava a mudar. Primeiro a casa era transformada, com a mãe consertando as cadeiras, arrancando as cortinas, tirando o pó dos tapetes e lavando as janelas. Depois, eram as roupas: a mãe saía correndo para comprar um novo par de meia-calça, resolvia terminar o vestido que começara a costurar há

meses, lustrava os sapatos até brilharem. A última parte era a mais vergonhosa: a mãe se enfeitando na frente do espelho como se fosse uma adolescente vaidosa, jogando o cabelo para trás de um ombro e depois do outro, experimentando um xampu novo com cheiro de morango. Early amava o cabelo dela, portanto, a mãe dedicava atenção especial a ele. Certa vez, Jude o viu chegando devagar por trás da mãe e enfiando o rosto em seu cabelo. Ela não sabia quem preferia ser naquele momento — Early ou a mãe, a bela ou o observador — e ficou tão enojada por aquele desejo que se virou e foi embora.

A mãe nunca admitia que uma temporada de Early estava para começar, mas a maman sabia. Isso também fazia parte da temporada: Jude e a avó, que não costumavam ser aliadas, criavam uma parceria mais evidente.

— Tantos homens... — começava a avó. — Todos esses homens na cidade e ela continua correndo atrás desse.

No quarto da avó, Jude deu a volta na cama para pegar o frasco de colírio que o Dr. Brenner receitou quando a avó reclamou dos olhos secos. Toda noite, antes de dormir, a avó apoiava a cabeça no colo de Jude, o cabelo grisalho espalhado como se fosse um leque, enquanto a menina pingava com cuidado uma gota em cada olho.

— Você nem imagina — lembrou a avó — todos os garotos que eram apaixonados por elas.

Ela ainda fazia isso às vezes, referia-se à mãe de Jude como *elas*. Jude nunca a corrigia. Com calma, pingava o colírio e a avó piscava para ela.

NO TERMINAL, depois de acenar para o ônibus no qual a filha embarcara, Desiree Vignes esperou que o veículo desaparecesse de vista para enxugar as lágrimas dos olhos. Não queria que a última visão da filha, caso estivesse

olhando pela janela, fosse a da mãe, boba, chorando como se nunca mais fosse vê-la. Early lhe entregou um lenço e ela riu, secando os olhos.

— Estou bem, estou bem — disse ela, embora não estivesse e ninguém tenha perguntado.

Depois que ele a deixou na lanchonete do Lou para trabalhar, Desiree percebeu, ao colocar o avental, que começava mais um dia exatamente do mesmo jeito que vinha fazendo nos últimos dez anos, só que dessa vez ela não sabia quando veria a filha de novo.

Dez anos. Ela estava em casa havia dez anos. Às vezes, caminhava pela casa, olhando, balançando a cabeça, como se ainda não tivesse entendido como foi que acabou voltando para lá. Era como se estivesse na trama de *O Mágico de Oz*, mas não foi uma casa que caiu sobre sua cabeça: ela mesma havia caído ali e acordado, anos depois, atordoada por ainda estar no mesmo lugar. Na época em que decidiu ficar, disse a si mesma que havia razões práticas. Não ganhava dinheiro suficiente na lanchonete de Lou para morar em outro lugar. Não podia abandonar a mãe novamente. Ainda tinha esperanças de que Stella voltasse por conta própria. E, ainda que a irmã não voltasse, Desiree se sentia mais próxima dela ali, perambulando em meio às coisas antigas dela. A cadeira onde Stella se sentava à mesa, uma boneca feita de casca de milho que ela chamava de Jane. Em todos os lugares da casa havia uma maçaneta ou um lençol ou uma almofada que Stella já havia tocado e que carregava os restos invisíveis de suas digitais.

Tinha construído uma vida ali, não tinha? Com a mãe, a filha e Early Jones, que ia embora, mas também continuava voltando. Quando ele vinha visitá-la, Desiree se sentia como uma menina de novo, como se tirassem o peso dos anos de suas costas. Suas aparições sempre pareciam meio que um milagre. Certa vez, ela levava uma bandeja com bife à milanesa e ovos para uma mesa quando viu Early sentado no fim do balcão, mastigando um

palito de dente. Em outro dia, fechou a lanchonete e, ao se virar, lá estava Early encostado à cabine telefônica do outro lado da rua. Estava exausta, mas ainda assim riu ao vê-lo, uma presença tão inesperada quanto a primavera que chega de repente. Num dia está tudo gelado, no outro, as flores desabrocham.

— Estava pensando em você — dizia ele, como se não tivesse dirigido direto, sem fazer nenhuma parada desde Charleston, acelerando na madrugada, a visão turva, para chegar lá mais rápido. — Imaginando o que você estava fazendo.

Ela nunca estava fazendo nada, claro, os dias passando sempre da mesma maneira, algo que mais tarde acharia reconfortante. Sem surpresas, sem raivas repentinas, sem um homem que a abraçava num instante e a batia no seguinte. Agora a vida era estável. Ela sabia como seria cada dia, a não ser quando Early aparecia. Ele era o único fator em sua vida para o qual não estava sempre preparada. Nunca ficava mais do que um ou dois dias antes de partir novamente. Certa vez, ele a convenceu a dizer a Lou que estava doente para que fossem pescar. Não pegaram peixe algum, mas, no meio da tarde, ele a beijou e deslizou os dedos por debaixo de seu vestido, tocando-a enquanto navegavam as águas calmas do lago. Foi o momento mais emocionante da vida de Desiree em meses.

Quando Early chegava à cidade, sua mãe ficava carrancuda e calada, olhando furiosa para a porta quando Desiree saía para encontrá-lo na pensão.

— Não sei por que tem um caso com esse cara — indagou ela. — Ele nunca fica por aqui, não tem um trabalho decente.

— Ele trabalha — respondeu Desiree.

— Não é decente! — rebateu a mãe. — Provavelmente tem um monte de mulher por aí correndo atrás dele...

— Bem, isso é com ele, não é da minha conta.

Ela não perguntava a Early com quem ele passava as noites quando não estava em Mallard. Ele também não perguntava a ela. Toda vez que ele partia, ela sentia saudades, mas se perguntava se não eram justamente aquelas partidas que faziam as coisas darem certo entre eles. Ele não queria uma relação estável, e talvez ela também não. Quando pensava em casamento, sentia-se presa com Sam num apartamento claustrofóbico, sempre preparada, mesmo nos momentos calmos, para um inevitável ataque de fúria. Mas Early era tranquilo. Não tinha um lado oculto. Eles não discutiam e, se alguma vez ela ficava irritada com ele, o lado bom era que logo ele partiria novamente. Ele não podia prendê-la porque não queria se sentir preso. Ela precisava convencê-lo a ficar em sua casa quando visitava.

— Ah, não sei, Desiree... — titubeava ele, passando lentamente a mão no queixo.

— Não estou pedindo uma aliança — respondia ela. — Não estou pedindo nada, na verdade. É que não faz sentido eu ir para a pensão o tempo todo. E, com Jude, acho que seria melhor se... — parou de falar.

Não queria que Early pensasse que via nele uma figura paterna para a filha. Ele não devia nada às duas. Dívida não era parte do acordo entre os dois.

— E sua mãe? — perguntou ele.

— Não se preocupe com ela. Vou dar um jeito. Só acho que... Bem, não faz sentido, é isso. Somos adultos. Estou cansada de ficar me escondendo.

— Tudo bem, então — concordou ele.

Na visita seguinte, ele a encontrou na casa da mãe. Parou na varanda e tirou as botas sujas com cuidado antes de entrar na casa, como se fosse uma loja chique e ele estivesse com medo de quebrar alguma coisa. Por mais ridículo que fosse, tinha comprado até flores para a mesa, e ela encheu o

vaso com água, com a sensação de que estavam brincando de casinha: Early se comportava como um marido exemplar de novela, anunciando da porta que havia chegado. Ele também trouxera presentes da viagem: uma bolsa nova para ela, um perfume pelo qual a mãe se recusou a agradecer, e um livro para Jude. Desiree havia explicado para a filha que Early ficaria com elas.

— O tempo inteiro? — perguntou Jude.

— Não, não o tempo inteiro — respondeu. — Só algumas vezes. Quando ele estiver na cidade.

A filha pensou por um instante e então acrescentou:

— Bem, talvez ele não devesse vir para cá. Talvez nós pudéssemos encontrá-lo.

— Não podemos, querida. Não temos nem uma casa de verdade. Por isso precisamos ficar aqui. Mas ele vai nos visitar e trazer presentes para você. Não acha isso legal?

Ela sabia que não, é claro. A filha só queria ir embora. Quis ir embora de Mallard desde que chegaram, e Desiree, envergonhada, continuava prometendo que elas iriam. Não podia prometer a Jude que as outras crianças seriam gentis, que almoçariam com ela ou a convidariam para brincar, então, quando mais uma festinha de aniversário aparecia e ela não era convidada, Desiree dizia à filha que nada daquilo importaria quando elas fossem embora da cidade. Ir embora era a única coisa que ela podia oferecer. Mas, ao ver Early e Jude lendo juntos no carpete, pensou que talvez ficar não fosse a pior opção para a filha. Ali a menina tinha uma família, pelo menos. Era amada. À noite, Desiree abraçava a filha e lhe contava histórias de sua infância. No início, ela dizia "Eu tenho uma irmã chamada Stella", depois era "Você tem uma tia", por fim virou "Era uma vez uma menina chamada Stella que morava aqui".

DURANTE ANOS, Early procurou Stella Vignes até ela não ser mais Stella Vignes. Ela fora Stella Vignes em Nova Orleans e Boston, e então as pistas sumiram... Ela havia se casado, ele imaginou, mas não encontrou nenhum registro de casamento em nome de Stella Vignes nos lugares em que ela morou. Então provavelmente se casara em algum outro lugar. Ainda era Stella, concluiu ele. Era muito difícil se acostumar a um novo nome. Só um golpista profissional conseguiria assumir uma nova identidade por completo, e Stella não era nada disso. Por que se preocupar em ser cuidadosa se você não espera que alguém a procure? Ela foi tão descuidada que Early encontrou seu apartamento em Boston.

— Ah, ela era muito simpática — contou a proprietária do apartamento quando ele ligou. — Calada. Trabalhava em algum lugar no centro. Uma loja de departamentos, talvez. Depois melhorou de vida e foi embora. Mas era muito simpática. Nunca causou problemas.

Early imaginou Stella atrás do balcão de uma loja de perfumes, borrifando embalagens rosadas nas mulheres que passavam, ou embrulhando bonecas para presente no Natal. Sonhara uma ou duas vezes que a perseguia no meio da loja Sears e Roebuck, Stella se escondendo atrás de araras de vestidos e prateleiras de sapatos.

— Ela tem namorado? — perguntou ele.

A mulher ficou em silêncio depois disso, e então falou que precisava desligar. Um homem de cor perguntando por uma mulher branca... Ela já falara demais. Mas não era o suficiente para Early, que nem tinha conseguido um endereço. Stella só havia deixado migalhas para trás, o que era quase pior do que nada. Quase, porque ele não queria realmente encontrá-la.

Houve um momento, no começo — pelo menos foi o que ele disse a si mesmo —, em que queria. Agora, olhando em retrospecto, não tinha tanta certeza. Talvez sempre tenha sido o desejo de Desiree, e ele apenas seguiu o fluxo. Queria agradá-la, por isso se ofereceu para procurar Stella para início de conversa. Queria encontrar Stella porque Desiree gostaria de saber seu paradeiro; aqueles dois desejos se convergiram em um só, e foi o que o manteve naquele rastro por anos. Mas Stella não queria ser encontrada, e aquele desejo parecia ainda mais forte. Desiree pressionava, Stella pressionava ainda mais. E Early, de alguma forma, ficava no meio daquilo tudo.

Agora, parecia que o tempo tinha voado enquanto ele não prestava atenção. Certa manhã, ele se levantou da cama de Desiree Vignes e encontrou um pelo branco na barba. Passou dez minutos na frente do espelho do banheiro vasculhando em busca de outros, assustado pela primeira vez com o próprio rosto. Começava a se parecer cada vez mais com o pai, ele suspeitava, e aquilo era tão perturbador quanto se ver transformado num estranho. Então, sentiu braços ao redor da sua cintura, Desiree abraçada às suas costas.

— Já acabou de se olhar? — perguntou.

— Encontrei um pelo branco — respondeu ele. — Olha, bem aqui.

Ela riu de repente. Depois de todos esses anos, ele ainda ficava encantado com aquela risada, espantado por ouvi-la tão espontaneamente.

— Bem, espero que você não achasse que ia ser jovem e bonito para sempre — disse ela, empurrando-o para o lado para escovar os dentes.

Ele se encostou no batente da porta e ficou olhando para ela. Na maior parte dos dias, ela abria a lanchonete de Lou às quatro da manhã, então, quando ele acordava, ela já tinha saído. Mas, pensando bem, na maior parte dos dias ele acordava em algum outro lugar que não era a própria cama.

Deitava-se no banco de trás do carro ou no colchão manchado de algum motel barato e imaginava o quarto de Desiree. As paredes de madeira escura, a cômoda cheia de fotos alinhadas, a colcha de algodão azul. Era o quarto da sua infância, a cama que ela já dividira com Stella. Early aprendera a dormir do lado de Stella e, às vezes, quando eles faziam amor, ele ficava com vergonha, como se Stella estivesse escondida atrás da cômoda, espionando.

Desiree jogou água no rosto. Ele queria arrastá-la de volta para a cama. O tempo com ela nunca era suficiente. Ele não podia amá-la do jeito que queria. Por inteiro. Um amor por inteiro a assustaria. Toda vez que voltava a Mallard, ele pensava em trazer uma aliança. A mãe finalmente o respeitaria; talvez até começasse a considerá-lo um filho. Mas Desiree nunca mais queria se casar.

— Já passei por tudo isso — disse ela, com a mesma exaustão de um soldado que fala da guerra.

Fora mesmo uma guerra, em certo sentido, uma que ela nunca poderia ganhar e na qual só podia torcer para sobreviver. Ela contara a Early sobre todas as maneiras pelas quais Sam a machucara: batendo seu rosto na porta; arrastando-a pelo cabelo no chão do banheiro; estapeando sua boca, manchando a mão de batom e sangue. Tocou a boca de Early com delicadeza e ele beijou as pontas de seus dedos, tentando atribuir a voz calma que ele ouvira ao telefone dez anos atrás ao homem que ela descrevia. Ela não sabia onde Sam morava, mas Early, claro, já o havia rastreado. Morava em Norfolk com a nova esposa e três filhos. Exatamente o que o mundo não precisava, mais três meninos sendo criados para se transformarem em homens vingativos. Mas ele nunca contara isso a Desiree. O que de bom poderia sair disso?

— Jude ligou ontem à noite — contou Desiree.

— Ah, é? — respondeu ele. — Como ela está?

— Sabe como ela é. Nunca me conta muita coisa. Mas acho que está bem. Ela gosta de lá. Mandou um oi para você.

Ele resmungou. Não acreditava, mesmo a milhares de quilômetros de distância, que a menina estava pensando nele. Ele apenas a lembrava do pai que não estava presente.

Desiree deu um tapinha na barriga dele.

— Pode dar uma olhada na pia vazando, querido?

Pelo menos ela pedia com simpatia. Não era como Adele, que mal olhava para ele do outro lado da mesa. Apenas dizia "a cadeira está bamba" ao passar por ele a caminho do trabalho. Ela o tratava como um faz-tudo excelente. E talvez ele até fosse. Era o homem da casa onde mal morava. Era o pai da filha que nem gostava dele.

Na cozinha, agachou-se embaixo da pia, as costas doendo. Tudo estava vindo à tona agora, as noites dormindo no carro, as muitas horas escondido em espaços apertados. Ele já não era jovem, não era mais o rapaz que sentia aquela descarga de energia toda vez que começava um trabalho novo. Agora, ele só sentia cansaço, às vezes até tédio. Já rastreara todo tipo de homem que existia. E ainda não encontrara as pessoas que procurava há mais tempo.

Ele passava as melhores noites na cama de Desiree Vignes, massageando seus pés. Observava a mulher escovar o cabelo, ouvia seu cantarolar. Ele tirava a calça e ela se deitava na cama de camisola, e ainda assim parecia que havia muitas camadas de roupa — uma mentira que contavam a si mesmos, na verdade —, porque, no momento em que ela apagava as luzes, a cueca boxer dele caía até os tornozelos e a camisola dela subia até a cintura. Eles tentavam não fazer barulho, mas, depois de um tempo, ele não ligava mais se alguém ouvisse, afinal, eles tinham poucas noites. Quando estava na estrada, ele tentava lembrar como dormir sozinho.

— Vai ficando mais difícil, sabe — disse a Desiree certa noite. — Quanto mais o tempo passa. Às vezes as pessoas cometem erros, mas...

— Eu sei — respondeu ela.

Sua pele reluzia como prata à luz da lua. Ele se virou para ela e tocou seus lábios. Às vezes, ele se esquecia de como ela era magra, quanto mais tempo passava longe.

— Talvez ela volte por conta própria. Sinta saudades de casa. Talvez, quando ficar mais velha, ela se dê conta de que nada daquilo vale a pena — sugeriu ele.

Ele tocou o cabelo ondulado de Desiree. Desejava-a tão arduamente que era difícil de aguentar. Mas ela rolou para longe dele na cama.

— É tarde demais — respondeu Desiree. — Mesmo que ela volte. Ela já se foi.

Em Los Angeles, ninguém nunca tinha ouvido falar em Mallard.

Durante todo o primeiro ano da faculdade, Jude se divertia ao dizer às pessoas que sua cidade natal era impossível de ser encontrada num mapa, embora pouca gente acreditasse nela a princípio, especialmente Reese Carter, que insistia que toda cidade precisava estar em algum mapa. Ele era mais cético do que os californianos, que acreditavam com facilidade que uma cidadezinha na Louisiana pudesse ser tão irrelevante a ponto de não chamar a atenção dos cartógrafos. Mas Reese também era do sul. Crescera em El Dorado, no Arkansas, um lugar que soava ainda mais fantástico que a cidade natal de Jude, mas que existia nos mapas. Então, numa noite de abril, ela o levou até a biblioteca e folheou um atlas gigantesco. Eles tinham acabado de pegar chuva, o cabelo molhado de Reese caindo na testa, com seus cachos largos. Ela teve vontade de colocar seu cabelo para trás, mas, em

vez disso, apontou para o mapa da Louisiana, bem embaixo do encontro entre os rios Atchafalaya e Red.

— Está vendo — concluiu ela. — Nada de Mallard.

— Caramba, você tem razão.

Ele se inclinou por cima do ombro dela para olhar. Os dois haviam se conhecido numa festa do pessoal de atletismo no último Halloween, para a qual Jude fora arrastada por Erika, sua colega de quarto. Erika era uma velocista corpulenta do Brooklyn que reclamava de Los Angeles o tempo inteiro: o ar poluído, o trânsito, a falta de trens. Suas queixas só faziam Jude perceber como se sentia grata. Mas aquela gratidão só acentuava o tamanho de sua carência, então ela tentava disfarçar. No dia da mudança, Erika olhou para as duas malas de Jude e perguntou: "Cadê o resto das suas coisas?" A própria mesa dela estava entulhada de discos, fotos de amigos pregadas na parede, o armário lotado de camisas brilhantes. Enquanto desempacotava todos os seus pertences devagar, Jude disse que o restante de suas coisas ainda estava no depósito. Ela soube que gostava de Erika quando a garota nunca mais tocou no assunto.

No Halloween, Erika se arrumou com um vestido roxo cintilante e uma tiara, enquanto Jude colocava seu modesto arco de orelhas de gatinho. No banheiro, ela se sentou na tampa do vaso enquanto Erika passava sombra azul-neon em suas pálpebras.

— Sabe, você pode ficar bem bonita se fizer um esforcinho — sugeriu Erika.

Mas aquele azul brilhante só a deixava ainda mais escura, então Jude passou o caminho inteiro até a festa tentando limpar o olho. Mais tarde, Reese lhe diria que a sombra azul foi a primeira coisa que havia reparado nela. Ao chegarem ao apartamento lotado, ela foi cambaleando atrás de Erika, espremendo-se entre bruxas, fantasmas e múmias. Quando Erika

conseguiu resgatar algumas cervejas da banheira cheia de gelo, Jude se encostou ao batente de uma porta qualquer, assoberbada com tudo aquilo. Nunca tinha sido convidada para uma festa de estranhos, e estava tão nervosa que nem percebeu, a princípio, que havia um caubói sentado no sofá. Era lindo, tinha uma pele marrom-dourada e a barba por fazer. Vestia um colete de couro cru sobre uma camisa azul simples e uma calça jeans desbotada, além de uma bandana vermelha amarrada no pescoço. Ela notou que ele estava olhando e, sem saber o que fazer, apresentou-se.

— Oi, eu sou a Jude.

Puxou as franjas da saia, já envergonhada. Mas o caubói sorriu.

— Oi, Jude. Eu sou o Reese. Toma aqui uma cerveja.

Ela gostou do jeito que ele falou, parecia mais uma ordem do que uma proposta. Mas negou com a cabeça.

— Não bebo cerveja. Quer dizer, não gosto do gosto. E me faz sentir lenta. Sou corredora.

Ela já estava divagando, mas ele inclinou a cabeça de leve.

— De onde você é? — perguntou ele.

— Da Louisiana.

— Onde exatamente?

— Uma cidade pequena. Você nunca ouviu falar.

— Como sabe que nunca ouvi falar?

— Acredite, eu sei.

Ele riu e depois acenou com a cerveja para ela.

— Tem certeza de que não quer um gole?

Talvez fosse o sotaque dele, sulista como o dela. Talvez fosse sua beleza. Talvez fosse porque, numa sala cheia de gente, ele tivesse escolhido falar com ela. Jude deu um passo em direção a ele, depois outro e mais outro, até que já estava entre as pernas dele. Foi então que um grupo de garotos

barulhentos entrou no cômodo, aos trancos, carregando um barril de cerveja. Reese a puxou, para mantê-la em segurança. Ficou com as mãos na parte de trás dos joelhos dela e, durante semanas depois disso, quando pensava nessa festa, ela só se lembrava dos dedos dele tocando a base de sua saia.

Agora, na biblioteca úmida, ela folheava o atlas da Louisiana, depois o dos Estados Unidos e depois o do mundo.

— Quando eu era pequena, tipo quatro ou cinco anos, achava que isso era só um mapa do nosso lado do mundo. Como se houvesse outro lado do mundo num mapa diferente. Meu pai me disse que isso era idiotice.

Ele a levara até uma biblioteca pública e, ao girar o globo terrestre, ela soube que ele estava certo. Mas, observando Reese esquadrinhar o mapa, parte dela ainda tinha esperança de que o pai estivesse errado e, de alguma forma, ainda houvesse mais de um mundo esperando para ser encontrado.

CINCO

No caminho de El Dorado até Los Angeles, erese Anne Carter se tornou Reese.

Ele cortou o cabelo em Plano, arrancando os tufos no banheiro de uma parada de caminhões com uma faca de caça roubada. Nas proximidades de Abilene, comprou uma camisa xadrez azul e um cinto de couro com uma fivela prateada enfeitada com um cavalo; ele seguiu usando a camisa, já a fivela, penhorou em El Paso quando ficou sem dinheiro, mas continuou sentindo aquele peso em sua cintura de forma melancólica. Em Socorro, começou a usar uma atadura branca enrolada no peito e, quando chegou a Las Cruces, já reaprendera a andar, com as pernas abertas, os ombros estufados. Disse a si mesmo que era mais seguro pedir carona daquele jeito, mas a verdade é que sempre fora Reese. Em Tucson, era erese quem começava a parecer uma fantasia. Quão real era uma pessoa se dava para se livrar dela em mil e seiscentos quilômetros?

Em Los Angeles, arranjou um trabalho na limpeza de uma academia perto da UCLA, onde conheceu fisiculturistas que lhe indicaram onde encontrar os produtos certos. Em Muscle Beach, ele se escondia no meio da multidão enquanto homens com músculos saltando das regatas se exibiam sob o sol da tarde. Pergunte pelo ad, alguém disse, e lá estava ele, um homem gigante e sem pelos, com exceção da barba desgrenhada. Quando Reese finalmente tomou coragem, ad o enxotou com uma patada.

— Garoto, volte aqui com cinquenta dólares — disse ele. — Aí, sim, vamos ter o que conversar.

Ele economizou durante o mês inteiro até conseguir o dinheiro e foi encontrar ad num bar no calçadão. ad o levou até o banheiro masculino e lhe mostrou uma ampola.

— Já usou isso? — perguntou ele.

Reese negou com a cabeça, com os olhos arregalados em direção à agulha. ad riu.

— Caramba, garoto, quantos anos você tem?

— Idade suficiente — respondeu Reese.

— Esse negócio aqui não é brincadeira — afirmou ad. — Deixa você diferente. Deixa seus nadadores aí de baixo mais lentos. Mas acho que ainda não está preocupado com essas coisas.

— Não, senhor — disse Reese, e ad mostrou a ele o que fazer.

Desde então, comprara diversos esteroides com diversos ads, e todas as transações sempre pareciam tão imundas quanto daquela primeira vez, no banheiro sujo do bar. Conheceu vários puxadores de ferro sem cérebro, sentiu inúmeras ampolas na palma da mão ao cumprimentar alguém, encontrou sacolas de papel genéricas no armário da academia. Agora, sete anos depois, erese Anne Carter era apenas um nome na certidão de nascimento nos registros do cartório. Ninguém diria que ele já havia sido ela e, às vezes, nem ele mesmo acreditava.

Ele disse isso tudo sem rodeios, sob a luz vermelha do quarto escuro, sem olhar para Jude enquanto mergulhava o papel fotográfico no líquido revelador. Algumas semanas depois da festa de Halloween, eles começaram a se encontrar ali. Ela não imaginava que o veria de novo, e provavelmente não veria mesmo se Erika não tivesse comentado, no caminho para casa, que já vira aquele caubói bonitinho trabalhando numa academia ali perto. Jude começou a correr lá, embora odiasse correr em locais fechados, sem o céu, o vento, só correr sem sair do lugar, encarando o próprio reflexo. Odiou

cada detalhe daquilo, exceto quando Reese parou ao lado dela para limpar a bicicleta ergométrica. Ele se inclinou sobre a barra de segurança e perguntou:

— Cadê suas orelhas?

Ela olhou para o espelho, confusa, até perceber que ele se referia à sua fantasia boba. Riu, surpresa por ele ainda se lembrar dela da festa. Mas é claro que lembrava. Quem naquele campus, ou em Los Angeles inteira, tinha a pele tão escura quanto ela?

— Devo ter me esquecido delas.

— Que pena. Eu gostava delas.

Ele usava uma camiseta cinza-ardósia, com um haltere prateado bordado no peito. Às vezes, durante o horário de trabalho, ficava entediado e se pendurava nas barras para fazer um pouco de exercício. Tinha se candidatado àquele emprego porque poderia usar a academia de graça, e o gerente não se importava que ele fosse de fora da cidade e não tivesse documentos. Mas seu sonho mesmo era ser fotógrafo profissional. Ele se ofereceu para mostrar seu trabalho a ela, então começaram a se encontrar aos sábados no quarto escuro do campus. Agora, enquanto ele olhava para a foto, ela olhava para ele e tentava imaginar erese. Mas não conseguia. Só via Reese, o rosto meio desalinhado, as mangas da camisa dobradas até os cotovelos, aquele cacho do cabelo sempre caindo na testa. Tão lindo que, quando se virou, ela não conseguiu olhar em seus olhos.

— O que acha de tudo isso? — indagou ele.

— Não sei. Nunca ouvi nada assim.

Mas aquilo não era bem verdade. Ela sempre soubera que era possível ser duas pessoas diferentes numa mesma vida, ou talvez só fosse possível para alguns. Talvez os outros estivessem condenados a ser quem eram. Ela tentara clarear sua pele uma vez, no primeiro verão em Mallard. Ainda era

jovem o suficiente para acreditar que algo assim era possível, mas já tinha idade para entender que exigiria certo nível de alquimia que ela não entendia bem. Mágica. Não era tola a ponto de nutrir esperanças de ter a pele clara algum dia, mas um marrom-escuro, pelo menos. Algo melhor do que aquele pretume sem fim.

Era impossível forçar esse tipo de mágica, mas ela tentava ao máximo evocá-la. Tinha visto um anúncio do Nadinola na revista *Jet*, a foto de uma mulher com pele cor de caramelo, muito escura para os padrões de Mallard, mas clara para os dela, sorrindo, os lábios vermelhos, com um homem de pele marrom sussurrando em seu ouvido. *A vida é mais divertida quando sua pele é clara, reluzente, com Nadinola!* Ela rasgou o anúncio da revista, dobrou o papel e o carregou por semanas. Abriu o papel tantas vezes que vincos brancos apareceram nos lábios da mulher. Um pote de creme. Era só disso que ela precisava. Espalharia pelo corpo e no outono voltaria às aulas renovada, com a pele mais clara.

Mas não tinha os dois dólares para comprar o creme e não poderia pedir à mãe, que certamente a repreenderia. Não deixe esses garotos te irritarem, ela diria, mas aquilo ia além dos seus colegas de sala. Jude queria mudar e não via por que isso precisava ser tão difícil ou por que precisava se explicar para todo mundo. Por mais estranho que parecesse, ela achou que a avó compreenderia, então lhe mostrou o anúncio. A avó olhou aquilo por um instante e devolveu a ela.

— Tem jeitos melhores de fazer — comentou.

A avó passou a semana criando poções. Preparou banhos com limão e leite e disse para Jude mergulhar. Aplicou máscaras de mel em seu rosto e depois as removeu com cuidado. Espremeu laranjas, adicionou temperos e pôs aquela mistura no rosto de Jude antes de dormir. Nada funcionou. Ela não ficou mais clara. E, no fim da semana, a mãe perguntou por que sua

pele estava tão oleosa, então Jude se levantou da mesa de jantar, lavou todo aquele creme do rosto e fim de papo.

— Sempre quis ser diferente — contou ela a Reese. — Quer dizer, eu cresci nessa cidade onde todo mundo tem a pele clara e pensei... Bem, nada funcionou.

— Que bom — respondeu ele. — Você tem uma pele linda.

Ele a encarou, mas ela desviou o olhar, contemplando o papel fotográfico que aos poucos revelava um prédio abandonado. Odiava que dissessem que ela era linda. Era o tipo de coisa que as pessoas só diziam porque se sentiam obrigadas. Ela pensou em Lonnie Goudeau a beijando embaixo das árvores cheias de musgo, ou dentro dos estábulos, ou atrás do celeiro dos Delafosse à noite. Na escuridão, ninguém era tão preto assim. Na escuridão, todo mundo tinha a mesma cor.

QUANDO A PRIMAVERA CHEGOU, ela já passava todos os fins de semana com Reese; eram tão inseparáveis que, ao ver um deles, as pessoas já perguntavam pelo outro. Às vezes, ela o encontrava no centro da cidade e perambulava a seu lado enquanto ele fotografava, carregando a bolsa da câmera dele transpassada no ombro. Ele lhe ensinou os nomes das diversas lentes, mostrou como segurar o refletor para equilibrar a luz. Tinha ganhado sua primeira câmera de um homem da igreja — um fotógrafo local — que lhe emprestara a sua uma vez para tirar fotos num piquenique. O homem ficara tão impressionado com o talento bruto de Reese que lhe deu uma câmera antiga para praticar. Reese passou o ensino médio inteiro com a câmera na frente do rosto, fotografando jogos de futebol, peças da escola e o ensaio da banda marcial para o anuário. Clicou gambás mortos no meio da estrada, raios de sol cortando as nuvens, peões de rodeio desdentados

tentando domar cavalos furiosos. Amava fotografar qualquer coisa que não fosse ele mesmo. A câmera nunca o via da forma que ele se via.

Agora, passava os fins de semana fotografando prédios abandonados escondidos atrás de tábuas de madeira, pontos de ônibus pichados, carros abandonados com a pintura descascada. Apenas coisas mortas e decadentes. A beleza o entediava. Às vezes tirava algumas fotos dela, sempre escondido, Jude aparecendo casualmente no fundo ou olhando para o nada. Ela não percebia até a hora da revelação. Sentia-se vulnerável ao se enxergar pelas lentes dele. Reese lhe deu uma foto em que ela aparecia parada no calçadão e, sem saber o que fazer com aquilo, mandou a foto para casa. Pelo telefone, a avó parecia maravilhada.

— Finalmente — disse. — Uma foto sua que está boa.

Em todas as fotos da escola, ela aparecia muito escura ou superexposta, invisível a não ser pela brancura dos olhos e dos dentes. A câmera, disse Reese a ela uma vez, funcionava como o olho humano. Ou seja, não foi criada para notá-la.

— Lá vai você de novo — dizia Erika, sonolenta, quando Jude saía de casa aos sábados de manhã. — Vai lá encontrar seu homem maravilhoso.

— Ele não é meu homem — repetia Jude todas as vezes.

O que tecnicamente era verdade. Ele nunca tinha a convidado para um encontro, levado-a num restaurante, puxado a cadeira. Ele não a beijava e nem lhe dava as mãos. Mas ele não tinha protegido Jude com seu casaco quando foram surpreendidos por uma tempestade, ficando completamente encharcado? Ele não foi a todas as suas competições de atletismo, torceu por ela nas provas e, depois, abraçou-a na porta do vestiário feminino? Ela não conversava com ele sobre a mãe, o pai, Early e até sobre Stella? No píer da Manhattan Beach, ela se encostou no parapeito turquesa enquanto Reese

apontava a câmera para três pescadores. Ele mordiscava o lábio, como sempre fazia quando estava concentrado.

— Como acha que ela é? — perguntou ele.

Jude passou os dedos pela alça da bolsa da câmera.

— Ah, não sei — respondeu. — Antes eu ficava imaginando. Agora acho que não quero saber. Quer dizer, que tipo de pessoa abandona completamente a família?

Ela se deu conta, um pouco tarde, de que era exatamente o que Reese fizera, é claro. Tinha se livrado da família junto de todo o seu passado e nunca falava deles. Ela sabia que não deveria perguntar, embora ele sempre quisesse saber mais sobre a vida dela. Certa vez, ele perguntou sobre seu primeiro beijo, e ela contou que um garoto chamado Lonnie a havia agarrado do lado de fora do celeiro. Tinha dezesseis anos naquela época e saíra escondida para correr tarde da noite; ele estava meio bêbado graças a uma garrafa de vinho de cereja roubada que bebera com os amigos a noite inteira à beira do rio. Ela sempre se perguntou se aquela garrafa vazia tinha sido a única razão para ele beijá-la, já que, afinal, tinha cambaleado até ela e pulado a cerca sem qualquer equilíbrio enquanto ela terminava de dar a volta no celeiro dos Delafosse. Ela parou bruscamente, com uma pontada no joelho.

— O q-que você está fazendo aqui? — perguntou ele.

Ela, de um jeito meio idiota, olhou por cima do ombro e ele riu.

— Você mesma. Não tem ninguém aqui além de nós.

Ele nunca falara com ela fora da escola. Ela já tinha visto ele, é claro, se divertindo com os amigos num dos sofás da lanchonete do Lou ou conversando ao lado do caminhão do pai. Ele sempre a ignorava, como se soubesse que as provocações não deviam ser feitas fora dos muros da escola, ou talvez porque tivesse percebido que ignorá-la era ainda mais cruel e que

ela preferia a implicância à falta de atenção. Tinha se irritado porque ele decidira falar com ela só agora, quando estava suja e ofegante, a pele toda suada.

Ele contou que estava indo para casa, cortando caminho pela fazenda dos Delafosse. Cuidava dos cavalos da Srta. Delafosse depois da aula. Será que ela queria vê-los? Eram velhos, mas ainda bonitos. Os cavalos ficavam presos no estábulo durante a noite, mas ele podia usar sua chave para entrar lá. Ela não sabia por que fora atrás dele. Talvez porque aquela noite como um todo estivesse se desenrolando de forma tão estranha — Lonnie a abordando, Lonnie falando com ela de um jeito decente — que precisava ver como ia acabar. Nos estábulos, ela foi atrás de Lonnie sem enxergar nada, tomada pelo cheiro de esterco. Então ele parou e, com a luz da lua, ela enxergou dois cavalos, um marrom e um cinza, maiores do que ela imaginara, seus corpos altivos, elegantes e musculosos. Lonnie tocou o pescoço do cavalo cinza e lentamente ela o tocou também, fazendo carinho em seu pelo macio.

— Bonito, né? — comentou Lonnie.

— Sim — disse ela. — Bonito.

— Você precisa ver quando ele corre. Hmm, me lembra você. Você não corre igual a ninguém que eu já tenha visto. Tem uma fisgada na sua passada como se fosse um pônei.

Ela riu.

— Como sabe disso?

— Eu reparo. Eu reparo em tudo.

Então o cavalo marrom bateu os cascos, assustando o cavalo cinza, e Lonnie a arrastou para fora do estábulo antes que as luzes da Srta. Delafosse acendessem. Eles se esconderam atrás do celeiro, rindo por quase terem sido

pegos, e então Lonnie se inclinou e a beijou. A noite à volta deles era profunda e úmida como algodão molhado. Ela sentiu os lábios doces dele.

— ASSIM DO NADA? — PERGUNTOU REESE.

— Assim do nada.

— Caramba.

Estavam no terraço do apartamento de Barry, um amigo dele. Mais cedo, Barry se apresentara como Bianca numa boate chamada Mirage, em West Hollywood. Durante sete minutos eletrizantes, Bianca desfilou pelo palco com um boá roxo enrolado nos ombros largos e cantou "Dim All the Lights" a plenos pulmões. Usava um batom vermelhíssimo e uma peruca loura enorme, como Dolly Parton.

— Não basta ser mulher — brincara Reese durante o show. — Ele tem que ser uma mulher branca, ainda por cima.

No apartamento de Barry havia uma fileira de manequins de cabeça cobertos com cabelos de todas as cores, das mais realistas às mais excêntricas: um castanho chanel, um preto curto com franja, um corte liso estilo Cher, mas pintado de rosa e com a franja caída na testa. A princípio, tinha achado que Barry fosse como Reese, mas, ao chegar ao apartamento, ele estava vestindo camisa polo e calça, e coçava a barba na altura da bochecha. Durante a semana, dava aulas de química no ensino médio de uma escola em Santa Monica; só se transformava em Bianca dois sábados por mês, numa boatezinha escura perto da Sunset. Fora isso, era um homem alto e careca que não se parecia em nada com uma mulher, o que fazia parte da diversão, ela compreendeu, ao ver o público extasiado. A graça era todo mundo saber que não era real.

No andar de baixo, o apartamento estava quente e barulhento, e um disco novo de elma Houston ecoava pelas janelas. As garotas tinham chegado. As garotas era como Barry se referia aos outros homens que se apresentavam a seu lado nas noites drag. Quando veio a primavera, Jude tinha ido a tantas festas na casa de Barry que já reconhecia o rosto de todos eles sem maquiagem: Luis, que cantava Celia Cruz vestido com um casaco de pele rosa, era contador; Jamie, que usava uma peruca como a das Supremes e botas go-go, trabalhava na empresa de eletricidade; Harley, que se transformava em Bette Midler, era figurinista de uma pequena companhia de teatro e ajudava os outros a encontrar perucas. As garotas acolheram Jude a ponto de quase se sentir como uma delas. Nunca tinha pertencido a um grupo de amigos. E eles só a aceitaram por causa de Reese.

— E você? — perguntou Jude. — Com quem foi seu primeiro beijo?

Ele se encostou no parapeito e acendeu um baseado.

— Não é tão interessante.

— E daí? Não precisa ser.

— Era uma garota da igreja — respondeu ele. — Amiga da minha irmã. Isso foi antes.

Antes de ele ser Reese, era o que queria dizer. Nunca falava sobre o Antes. Ela nem sabia que ele tinha uma irmã.

— Como ela era? — indagou Jude.

A irmã, a garota que ele beijou, erese. Não importava, ela só queria entender sua antiga vida. Queria que confiasse nela para contar.

— Não me lembro. Mas o que aconteceu com o garoto dos cavalos?

Ele sorriu, meio debochado, e ofereceu o baseado para ela. Quase parecia com ciúmes, ou talvez fosse ela quem queria que ele estivesse.

— Nada. Nós nos beijamos algumas vezes, mas não nos falamos mais depois disso.

Ela estava com vergonha de contar a verdade: que passara várias semanas encontrando Lonnie nos estábulos à noite. Num canto escuro, ele estendia um cobertor, ligava a lanterna e dizia que era o esconderijo secreto deles. Era muito perigoso se encontrar no meio do dia. E se alguém os visse? À noite, ninguém os flagraria. Poderiam ficar sozinhos de verdade. Não era o que ela queria?

Ele não era seu namorado. Um namorado seguraria sua mão, perguntaria como foi o dia. Mas, nos estábulos, ele só a tocava, passava a mão em seus seios e deslizava os dedos para dentro de seu short. Nos estábulos, ela fazia sexo oral e engolia, sentindo cheiro de esterco. Mas, pela cidade, ele fingia não a ver. Ainda assim, ela continuaria o encontrando todas as noites se não tivesse sido flagrada por Early. Ele a ouviu se esgueirando para fora certa noite, seguiu-a pelo mato e bateu na porta do estábulo até que Lonnie, desesperado ao tentar vestir a calça, expulsou Jude lá de dentro. Já estava chorando antes mesmo de sair pela porta. Early a abraçou sem conseguir olhar para ela.

— Qual é o seu problema? — perguntou ele. — Se quer um namorado, diga a ele para aparecer lá em casa. Não pode ficar encontrando garotos no meio da noite.

— Ele não fala comigo em nenhum outro lugar.

Ela passou a chorar ainda mais, os ombros tremendo, e Early a trouxe para junto de seu peito. Não a abraçava daquele jeito há anos; ela nunca queria. Ele não era seu pai e nunca seria, um homem cuja violência não a havia atingido, cuja raiva disparava para todos os lados, menos o dela. Seu pai a fazia se sentir especial, e ela nunca mais se sentira assim até o dia em que Lonnie a beijou atrás do celeiro.

Ele não era seu namorado. Ela nunca fora boba o suficiente para acreditar que ele pudesse se tornar isso. Mas não imaginava que nenhum

garoto pudesse amá-la, portanto bastava que Lonnie ao menos a notasse.

Um vento bateu e ela estremeceu, abraçando o próprio corpo. Reese tocou seu cotovelo.

— Está com frio, linda? — perguntou ele.

Ela concordou com a cabeça, na esperança de que ele a abraçasse. Mas ele lhe ofereceu o casaco.

— NÃO ENTENDO — OBSERVOU BARRY. — É como um casamento sem sexo.

Ele estava parado em frente ao espelho de maquiagem, nos bastidores do Mirage, passando blush nas bochechas. Faltava uma hora para o show e em breve aquele camarim estaria lotado de drag queens se esbarrando na frente dos espelhos, trocando sombras de olho, o ar enevoado por spray de cabelo. Mas agora o Mirage estava escuro e silencioso, e ela se sentou no chão encarando Barry, com um livro de química apoiado nos joelhos. Eles tinham um acordo. Ele a ajudava com o dever de casa de química e os dois iam ao shopping Fox Hills, onde ela fingia comprar a maquiagem que, na verdade, era para ele. Ele a guiava pelos corredores, os dois de braços dados; quem olhava podia pensar que eram namorados, um homem alto de calça cinza e uma moça atrás de pó de arroz. Quando ele pagava por tudo no caixa, os vendedores achavam que estava sendo cavalheiro. Ninguém imaginava que o armário do banheiro dele era lotado de potinhos de hidratante, paletas de sombra, batons de embalagens douradas. Ou que a garota a seu lado não tinha o menor interesse em tudo aquilo, apesar de Barry apelar para ensiná-la a passar maquiagem. Ela duvidava de que pudesse encontrar algum tom que combinasse com sua pele e, além disso, sabia muito bem como as pessoas se referiam a garotas de pele escura que usavam batom vermelho. Rabo de babuíno.

Não, ela não tinha nenhum interesse em vasculhar aqueles produtos de Barry, que lhe pareciam tão misteriosos quanto os tubos de ensaio do laboratório de química. Só algumas semanas haviam passado e ela já estava ficando para trás. Barry só tinha concordado em ensiná-la porque Reese pediu, e ele nunca negava nada a Reese. Quando se conheceram, sete anos antes, numa boate, ele achou Reese lindo e, depois de vários drinques, finalmente tomou coragem para falar com ele.

— O que você disse? — perguntou ela.

— O que acha? Eu o convidei para minha casa! E sabe o que ele respondeu? "Não, valeu" — disse Barry, rindo. — Acredita nisso? Disse "não, valeu" como se eu estivesse oferecendo uma xícara de café. Ah, sempre gostei dos garotos do interior. Gentis e rústicos, é assim que eu gosto.

Ela tentou se imaginar com aquela coragem, abordando Reese para dizer o quê? Que pensava nele o tempo inteiro, inclusive naquele momento, olhando para aquele livro cheio de símbolos confusos e conversando com um homem que passava batom?

— Nós somos amigos — disse ela. — O que tem de errado nisso?

— Não tem nada de *errado* nisso — respondeu, olhando para ela pelo espelho. Estava tentando um visual diferente, algo como Lana Turner, Hollywood clássico, mas o blush era rosa demais, deixando sua pele laranja. — É que nunca o vi com uma amiga como você.

Certa vez, enquanto carregava as compras dela pela escada, Reese brincou dizendo que às vezes se sentia como seu namorado, e ela riu, sem saber muito bem qual era a graça. Que ele não era? Que nunca seria? Que, apesar disso, de alguma maneira ele desempenhava aquele papel? O que ela não disse foi que às vezes também se sentia como sua namorada, e aquele sentimento a assustava. Era um sentimento grande. Ocupava todo o espaço do seu peito e a sufocava.

— Nós somos amigos — repetiu ela. — Não sei como não consegue enxergar isso.

— Não sei como você não consegue enxergar que não são — respondeu ele, suspirando e olhando para ela. Um dos lados do rosto estava completamente maquiado e o outro continuava limpo. — Não sei por que está resistindo a isso. Existe algo melhor do que ter dezoito anos e estar apaixonada? Você não faz ideia. Se eu pudesse voltar no tempo, faria tudo diferente.

— Tipo o quê?

— Ah, tudo — disse ele, e se voltou para o espelho. — Um mundo tão grande e só passamos por ele uma vez. Se quer saber, isso é o mais triste de tudo.

NAQUELE VERÃO, ELA SAIU DO DORMITÓRIO e se mudou para o apartamento de Reese.

Fez para si mesma uma lista de motivos lógicos de por que aquilo fazia sentido: ela trabalhava no campus, o que era a escolha óbvia embora tenha odiado ouvir a decepção na voz da mãe quando disse que não voltaria para casa. Ainda não tinha encontrado um apartamento para o ano seguinte e podia economizar dinheiro dividindo o aluguel e as compras. Ela podia tomar uma decisão imprudente se fingisse estar levando em conta apenas a economia. Então, quando Reese convidou, ela aceitou, e logo os dois estavam carregando as caixas dela pela escadaria estreita. Reese disse a ela que dormiria no sofá.

— Acredite, já dormi em lugares piores — argumentou.

Ela imaginou sua viagem de carona desde o Arkansas. Dormindo em paradas de caminhão ou encolhido em prédios abandonados como os que

vivia fotografando.

No começo, ela se sentiu estranha no apartamento de Reese, como se fosse uma hóspede que ficou tempo demais. Depois, começou a se sentir em casa. Passava pela sala na ponta dos pés ao sair de manhã para correr, Reese ainda aninhado no cobertor, o cabelo caindo nos olhos fechados. Dividiam a pia do banheiro, onde ela passava os dedos pelo barbeador dele. Voltava à noite e o encontrava fazendo cachorro-quente para o jantar ou passando as camisas dele junto com as dela, ou ouvindo discos, ele sentado no sofá, ela com o pé apoiado em sua coxa. Ele a ensinou a dirigir e foi surpreendentemente paciente enquanto ela guiava o carro velho dele bem devagar num estacionamento vazio de shopping.

— Se souber dirigir, pode ir a qualquer lugar — disse ele. — Se ficar cansada dessa cidade, é só partir para outra.

Ele sorriu para Jude com o braço apoiado na janela enquanto ela dava mais uma volta bem devagar. Do jeito que ele falava, parecia que ir embora era fácil.

— Nunca vou me cansar dessa cidade — respondeu ela.

Durante a semana, ela ia trabalhar na biblioteca de música, onde empurrava um carrinho pesado pelos corredores e guardava as partituras nas prateleiras até que seus dedos ficassem secos de tocar as capas empoeiradas. Quando voltava para casa, West Hollywood parecia tão diferente daquele campus idílico, os prédios de tijolo que ainda a intimidavam quando entrava, levando-a a baixar a voz como se estivesse numa igreja, aqueles gramados verdes sem fim, as bicicletas passando ali o tempo inteiro. No dormitório, ela estava cercada de gente implacavelmente ambiciosa, mas, naquele prédio em West Hollywood, todos os vizinhos que ela conhecera já tinham visto seus sonhos de fama e fortuna serem destruídos. Diretores de fotografia trabalhando em lojas da Kodak, roteiristas que ensinavam inglês

para imigrantes, atores que se apresentavam em shows burlescos em bares obscuros. As pessoas que não chegaram lá continuavam arraigadas na cidade; você podia passar por estrelas com o nome delas e nem reparar.

Nos fins de semana, ela e Reese passeavam pelas praias de Santa Barbara ou exploravam o Museu de História Natural, e uma vez foram observar as baleias em Long Beach. Só enxergaram golfinhos, mas o que ela se lembra mesmo é de perder o equilíbrio no deque e ele segurá-la por trás. Ficaram assim pelo resto do passeio de barco, ela encostada ao peito dele.

Em algumas noites de sábado, eles passavam pela cascata de bandeiras arco-íris na entrada do Mirage para assistir ao show de Barry. Outras vezes, viam um filme no Cinerama Dome, onde, na escuridão da sala, ela esperava que Reese talvez pegasse em sua mão. Mas ele nunca o fez. Na festa de 4 de julho, no apartamento de Barry, todo mundo se amontoou no terraço para ver os fogos no céu. Em volta deles, vários rapazes bebiam e se beijavam, e ela pensou que talvez Reese até a beijasse, só um beijo de amigo na bochecha. Mas, em vez disso, ele entrou para pegar uma bebida, deixando-a sozinha sob todas aquelas luzes vermelhas e azuis. O que ele queria dela? Era impossível dizer. Certa vez, depois da apresentação de Barry no Mirage, Reese a tirou para dançar. A noite estava quase acabando e o DJ já tinha começado a tocar músicas mais lentas para que os casais fossem embora. Ele segurou sua mão e ela o deixou conduzi-la pela pista de dança. Nunca tinha ficado tão perto de ninguém.

— Adoro essa música — disse ela.

— Eu sei — respondeu ele. — Ouço quando você canta.

Ela não estava bêbada, mas se sentiu meio aérea, carregada pela voz de Smokey Robinson e pelos braços de Reese ao redor de seu corpo. Então a luz acendeu bruscamente, todos os casais resmungaram e Reese a soltou. Ela não tinha percebido até então quanto o Mirage era um lugar

deprimente com as luzes acesas: os canos expostos, a pintura descascada, o piso de madeira grudento por causa da cerveja. E Reese rindo enquanto os amigos iam em direção à porta, como se dançar com ela tivesse sido algo tão casual quanto ajudá-la a vestir o casaco. De alguma forma, ela se sentiu mais próxima dele e também mais distante do que nunca.

Então, numa noite de julho, ela voltou mais cedo do trabalho e encontrou Reese sem camisa no banheiro, com a porta aberta. Seu peito estava envolto por uma atadura enorme, mas dava para ver alguns ferimentos vermelhos e ele passava as mãos com cuidado pelo tórax. A primeira coisa que ela pensou foi a mais idiota: alguém o atacara. Quando ele olhou para cima, seus olhares se encontraram no espelho e ele vestiu rapidamente a camiseta.

— Não fique me espionando desse jeito — pediu ele.

— O que aconteceu? Esse machucado...

— Parece pior do que é. Estou acostumado.

Ela demorou um pouco para perceber o que ele estava tentando dizer: ninguém o atacara, a atadura que ele usava estava forçando seu tórax e o machucando.

— Devia tirar isso — sugeriu ela. — Se machuca você. Não precisa usar isso aqui. Não me importo com sua aparência.

Ela achou que ele ficaria aliviado, mas, em vez disso, sua expressão ganhou um ar sombrio que ela nunca tinha visto.

— Não é sobre você — respondeu ele e bateu com força a porta do banheiro.

O apartamento inteiro tremeu e ela também, derrubando as chaves no chão. Ele nunca tinha gritado com ela.

Ela saiu de casa sem pensar. Nunca tinha visto Reese tão irritado. Ele xingava motoristas ruins, reclamava dos colegas de trabalho e uma vez deu

um fora num cara branco que a chamou de escurinha num bar. Ele explodia de raiva, depois baixava a guarda e voltava ao normal. Mas desta vez estava com raiva dela. Jude não devia ter olhado para ele, devia ter se virado assim que o viu pela porta aberta. Mas os ferimentos a chocaram, ela disse algo completamente idiota e agora não podia nem pedir desculpas porque ele estava furioso. Tinha batido a porta, e não no rosto dela, mas talvez fosse só porque era o mais conveniente. Talvez, se ela estivesse mais perto, ele tivesse batido nela com a mesma facilidade.

Ela chorava quando chegou ao apartamento de Barry. Ele a abraçou.

— Ele me odeia — argumentou ela. — Fiz uma idiotice e agora ele me odeia e...

— Ele não odeia você. Venha, sente-se aqui. Vai estar tudo bem amanhã.

AQUILO NÃO ERA NADA DE MAIS, disse Barry. Só uma briguinha.

Mas, ao longo da vida, ela odiava quando as pessoas chamavam discussões de brigas. Brigas eram acontecimentos sangrentos, pele cortada, olhos roxos, ossos quebrados. Não eram discussões sobre o que jantar. Nunca eram palavras. Um homem levantando a voz com raiva não era uma briga, embora aquilo sempre a lembrasse de seu pai. Ela estremecia um pouco ao ouvir homens barulhentos saindo de bares ou garotos gritando com a TV durante jogos de futebol americano. O som de portas batendo. Pratos quebrando. Seu pai havia socado paredes, quebrado louças e até mesmo os próprios óculos ao arremessá-los pela sala. Uma raiva que cegava a pessoa. Era estranho, mas tão normal para ela que só entendeu completamente quando ficou mais velha.

Passou a noite no sofá de Barry, olhando para o teto. Às três e meia da manhã, ouviu uma batida na porta. Pelo olho mágico, viu Reese sob a luz da

varanda. Ele estava ofegante, os punhos enfiados nos bolsos da jaqueta jeans, e voltou a bater até que ela finalmente abriu a fechadura.

— Vai acordar todo mundo — sussurrou ela.

— Desculpe — respondeu ele com hálito de cerveja.

— Você está bêbado — disse ela, mais surpresa do que qualquer outra coisa.

Nunca tinha visto ele se embebedar num bar quando ficava chateado, mas ali estava ele, trocando as pernas.

— Eu não devia ter gritado com você daquele jeito — desculpou-se. — Não foi minha intenção... Caramba, você sabe que eu nunca te magoaria. Sabe disso, não é, linda?

Nunca se sabe quem pode magoar você até que seja tarde demais. Mas ele parecia desesperado, quase implorando ali, na entrada, então ela abriu um pouco mais a porta.

— Tem um médico — acrescentou. — Luis me falou sobre ele. Tenho economizado para fazer a cirurgia porque é preciso pagar adiantado.

— Que cirurgia?

— Para o meu peito. Assim não vou precisar mais usar essa droga.

— Mas é seguro?

— O suficiente.

Ela olhou para o peito dele, subindo e baixando devagar.

— Desculpe também — disse ela. — Só não quero que você se machuque. Eu não quis... Ah, nem sei. Não estava tentando agir como se fosse alguém especial.

— Não diga isso.

— Isso o quê?

Ele ficou calado por um instante e então a beijou. Quando ela se deu conta, ele já tinha se afastado.

— Que você não é especial para mim — respondeu ele.

De manhã, ela vagou, deslumbrada, pelo campus ensolarado. Não pregou o olho depois que Reese saiu andando pela calçada ainda escura. Até agora, ao pensar nele, seu estômago se revirava de aflição. Talvez ele estivesse tão bêbado que nem lembraria que a tinha beijado. Ele acordara em casa, lembrando-se vagamente de ter feito algo vergonhoso. Ou talvez tenha ficado sóbrio e se arrependido. Ela era o tipo de garota que os rapazes só beijavam escondido e depois fingiam que não tinha acontecido.

Naquela noite, as garotas deram uma festa. Ela se espremeu perto do peitoril da janela na sala lotada de Harley e preparou um rum com Coca-Cola. Não estava no clima de festa, mas ainda se sentia muito envergonhada para encarar Reese em casa; claro que logo ele chegou à festa, vestindo calça jeans e camiseta preta, o cabelo ainda molhado do banho. Acenou para ela assim que entrou, mas não foi cumprimentá-la. Talvez estivesse com pena. Ele só a beijara porque se sentiu mal por ter gritado com ela. Sabia que Jude tinha esperanças de que aquele beijo significasse algo mais, então a estava evitando, parado tão longe, do outro lado do cômodo, a ponto de Harley perguntar o que estava acontecendo.

— Nada — respondeu ela, virando mais rum em seu copo.

— Então por que vocês dois estão agindo desse jeito engraçado? — perguntou ele.

Usava franjas louras como as de Farrah Fawcett, que tirava dos olhos a todo momento. Jude deu de ombros e olhou pela janela. Não podia continuar assim, fingindo que estava tudo normal. Precisava de ar. Mas, de repente, o cômodo ficou totalmente escuro. A música parou, o silêncio tão chocante quanto o breu. Então começaram a surgir vozes, Barry perguntou

onde havia uma lanterna, Harley disse que talvez houvesse velas no banheiro, e Luis, debruçado na janela, chamou a atenção de todos. No quarteirão inteiro, todos os outros prédios também caíram na escuridão.

Ela disse que ia procurar por velas e saiu andando pelo corredor escuro na direção do banheiro quando Reese segurou sua mão.

— Sou eu — disse ele.

— Eu sei — respondeu ela.

Na escuridão, podia ser qualquer um, mas ela sabia quem era antes mesmo de ele falar. Seu perfume, as palmas das mãos ásperas. Ela o acharia em qualquer quarto escuro.

— Não estou vendo porra nenhuma — observou ele, rindo um pouco.

— Bem, estou tentando achar as velas.

— Espera. Podemos conversar?

— Não precisamos conversar. Sei que você não gosta de mim. Não desse jeito. E tudo bem. Não precisamos falar sobre isso.

Ele soltou a mão dela. Pelo menos, não precisava olhar para ele. Talvez nunca encontrasse as velas e não precisasse ver o rosto dele. Ela andou mais um pouco pelo corredor até finalmente sentir a textura do azulejo do banheiro, mas, ao abrir o armário de remédios, Reese o fechou. E então a beijou novamente, encostados na pia.

No fim do corredor, os amigos brincavam de chamar os nomes uns dos outros, rindo da própria cegueira momentânea. Mas, no banheiro, eles se beijavam desesperadamente, como se soubessem que aquele momento não fosse durar. A luz voltaria, alguém sairia à procura dos dois, eles se afastariam um do outro graças ao barulho dos passos, sentindo-se culpados por serem pegos. Mas quando Barry voltou da cozinha, triunfante, segurando uma lanterna, eles já haviam saído pela porta. Saíram tateando pela escadaria até chegarem à calçada, ainda de mãos dadas, sumindo no

breu da cidade. Acima deles, os sinais de trânsito piscavam, inúteis. Carros se arrastavam pela rua. O horizonte havia desaparecido e, pela primeira vez em quase um ano, ela viu as estrelas.

Em algum lugar daquela cidade grande, uma avó ouvia os netos contarem histórias de fantasmas na frente de uma TV apagada. Um homem sentado na varanda fazia carinho no focinho acinzentado de um cachorro. Uma mulher de cabelo escuro acendia uma vela na cozinha e olhava para a piscina. Um rapaz e uma moça andavam para casa, subindo silenciosamente os degraus e fechando a porta para o resto da cidade. Ela segurou o isqueiro enquanto ele procurava velas nos armários. Não acharam nenhuma e ambos ficaram aliviados. Ela não tinha medo do escuro; ele se sentia mais seguro na escuridão.

Na cama, ele tirou a blusa dela e beijou seu pescoço, descendo até os seios. Só quando ele já a beijava entre as coxas é que ela percebeu que ele não tinha tirado nenhuma peça de roupa.

Por toda a cidade, casais faziam a mesma coisa. Adolescentes se beijavam em toalhas na praia, o mar em breu completo. Recém-casados tateavam-se num quarto de hotel. Um homem sussurrava no ouvido da amante. Uma mulher segurava um fósforo para acender uma vela, seu rosto brilhando através da janela da cozinha. Por toda a cidade, escuridão e luz.

SEIS

— Tem algo diferente em você — disse Desiree Vignes à filha pelo telefone.

No fim de agosto, uma onda de calor assolou Los Angeles e, mesmo com todas as janelas abertas, era impossível sentir um ventinho. Do lado de fora, a calçada refletia como se fosse um lago. Grilos marrons enormes procuravam água nos canos e, todas as manhãs, Jude encontrava um ou dois no chuveiro; ficou tão paranoica achando que não os distinguiria no carpete que se recusava a andar descalça. O calor era de enlouquecer, mas a vida podia ser pior, pensou, enquanto observava Reese deslizando um cubo de gelo entre os lábios. Usava um calção de banho azul e uma camiseta preta, o colarinho ensopado de suor. Ela enrolou o fio do telefone no dedo.

— Hã?

— Ah, nada de hã para cima de mim. Você ouviu o que eu disse. Tem algo diferente. Dá para notar na sua voz.

— Mãe, não tem nada de errado com a minha voz.

— Não é errado. É diferente. Acha que não percebo?

Eles iam encontrar as garotas na praia em Venice; ela estava preparando a cesta de piquenique quando o telefone tocou. Não ligava para casa há um mês, então se sentiu culpada e não quis pedir para ligar depois, mas agora se arrependia de ter atendido. O que a mãe queria dizer com diferente? E como tinha percebido? Jude odiava a ideia de ser tão transparente para alguém, até mesmo para a própria mãe. Mas, pensando bem, Barry não tinha notado na hora? Dois dias depois do blecaute, ela o encontrou ao lado da fonte em frente à May Company e, antes mesmo de se aproximar dele,

Barry já olhava para ela com os olhos semicerrados e uma expressão desconfiada.

— O que aconteceu? — indagou ele. — Por que está com essa cara?

— Que cara? — respondeu ela, rindo.

Ele, então, caiu em si.

— Você não fez isso! — sussurrou. — Ah, não acredito! Você se sentou no meu sofá e disse que tiveram uma briga terrível...

— E tivemos! Nada tinha acontecido até então, eu juro...

— Por que não me contou? — perguntou ele. — Não sei por que nenhum de vocês me ligou.

Mas, depois do blecaute, ela não tinha contado a ninguém. Nem sabia explicar direito o que acontecera entre ela e Reese. Numa noite eram amigos, na outra eram amantes. Ele já tinha saído para o trabalho na hora que ela acordou na manhã seguinte. Esticou-se pelo lençol enrugado, ainda quentinho pelo corpo dele. À luz do dia, a noite anterior parecia um sonho. Mas aqueles lençóis ainda quentes. Sua calcinha no chão. O perfume dele no travesseiro. Ela rolou para o lado e enterrou o rosto no cheiro dele. Durante o dia inteiro, ficou imaginando que ele fosse lhe dizer que a noite anterior fora um erro, mas ele se deitou na cama naquela noite e beijou a nuca dela.

— O que estamos fazendo? — perguntou ela.

— Eu estou beijando você.

— Você sabe o que quero dizer.

Ela se virou e ficou de frente para ele. Reese sorria, brincando com a franja da camisa dela.

— Quer que eu vá embora? — indagou ele.

— Você quer?

— De jeito nenhum, linda.

Beijou o pescoço dela mais uma vez. Quando ele tirou o pijama de Jude, ela pôs a mão em seu cinto e ele se retraiu.

— Não — pediu ele, devagar, e ela ficou paralisada, sem saber o que fazer.

Lonnie nunca fora tímido sobre o que queria. Enfiava a mão dela dentro de sua cueca, empurrava o rosto dela na direção do seu colo. Mas havia regras para fazer amor com Reese e, ao longo do tempo, ela foi aprendendo. Luzes apagadas. Nada de despi-lo. Ela podia tocar sua barriga e seus braços, mas nunca o peito; as coxas, sim, mas nunca entre elas. Jude queria tocá-lo tão livremente quanto ele fazia com ela, mas nunca reclamava. Como poderia? Não agora, quando estava tão feliz que Barry percebera aquele sentimento irradiando mesmo estando do outro lado do corredor do shopping, tão feliz que a mãe notava pelo telefone.

Na praia, sentou-se na toalha e ficou observando Barry, Luis e Harley brincando de jogar água um no outro. Tinham ficado presos no engarrafamento durante uma hora, avançando vagarosamente pela costa; quando enfim chegaram a Venice, as garotas arrancaram as camisetas, jogaram todas numa pilha e saíram correndo e gritando para o mar. Reese deitou a cabeça no colo dela e também ficou olhando enquanto eles mergulhavam na água sob a luz do sol. Ela passou os dedos em seu cabelo.

— Não quer nadar? — sugeriu ela.

Ele sorriu e estreitou os olhos ao encará-la.

— Talvez mais tarde. Você não vai entrar?

Ela disse a ele que não gostava de nadar. Mas ela adorava ir à piscina comunitária em Washington. Em Mallard, nunca se atrevera a nadar no rio... Imagine só exibir aquele tanto de pele. Ela não estava mais em Mallard, porém, de certa forma, a cidade não saía dela. Mesmo ali, em Venice, Jude imaginava que os banhistas iam rir assim que ela tirasse a

camisa. Iam ficar olhando para Reese também, pensando o que ele estava fazendo com aquela coisa tão escura?

Naquela noite, quando voltaram para casa depois da praia, Reese deitou-se em cima dela e Jude perguntou se podia acender a luz. Ele riu um pouco, enterrando o rosto em seu pescoço.

— Por quê? — sussurrou.

— Porque eu quero ver você.

Ele se calou por um instante e depois saiu de cima dela.

— Bem, eu não quero que você veja.

Pela primeira vez em semanas, ele dormiu no sofá. Voltou para a cama na noite seguinte, mas ela ainda se lembrava da solidão que era dormir sem ele, separados apenas por uma parede. Às vezes, sentia que ainda havia uma parede entre os dois. Nunca sentia o que realmente queria sentir, a pele dele na sua.

— Estou saindo com alguém — disse para a mãe quando ela ligou outra vez.

A mãe riu.

— É claro que está. Não sei por que acha que eu não sei de nada.

— Ele é... — começou, e fez uma pausa. — Ele é legal, mamãe. É muito gentil comigo. Mas não é como os outros caras.

— Como assim?

Ela pensou, por um instante, em contar para a mãe a história de Reese. Mas, em vez disso, apenas disse:

— Ele é muito fechado.

— Bem, sinto muito dizer isso, mas ele é como os outros caras. Exatamente igual a todos eles.

A porta abriu e Reese entrou em casa jogando o casaco no encosto da cadeira. Ele sorriu ao passar por ela e esticou o braço para tocar seu

tornozelo.

— Jude? — chamou a mãe. — Ainda está aí?

— Sim, senhora. Estou aqui.

UM EMPREGO. ELA PRECISAVA DE UM NOVO EMPREGO.

A solução parecia tão simples e lhe veio de repente, numa noite, enquanto observava Reese se levantando da cama e vestindo uma camiseta suada. Ele queria um peito novo. Carregava na carteira um cartão de visitas antigo do Dr. Jim Cloud, um cirurgião plástico que tinha consultório em Wilshire. Cliente do Mirage, o Dr. Cloud já tinha operado amigos de amigos, mas o preço era alto. Três mil dólares em dinheiro, pagando adiantado. Era justo, levando em conta os riscos que ele corria ao fazer esses procedimentos. O conselho de medicina podia revogar sua licença, fechar seu consultório e colocá-lo na cadeia. Todo aquele segredo deixava Jude nervosa, embora Reese insistisse que o médico operava na legalidade. Ainda assim, ela fizera umas contas depois de abrir a meia cinza desbotada que ele guardava na gaveta e jogar as notas amassadas em cima da cama. Duzentos dólares. Ele nunca ia economizar o suficiente sozinho.

— Preciso de um emprego novo — disse ela a Barry.

O outono chegara e, junto dele, os ventos de Santa Ana. À noite, rajadas quentes e violentas chacoalhavam os vidros das janelas. Eles comemoravam o aniversário de trinta anos de Barry, o apartamento dele lotado.

Barry deu de ombros e passou a mão na cabeça raspada.

— Ora, não olhe para mim — respondeu. Ele estava no terceiro martíni, já meio alegre. — Também preciso de um emprego novo. Aquela gente branca me paga muito mal.

— Sabe o que quero dizer — observou ela. — Um emprego de verdade. Que pague um bom dinheiro.

— Bem que eu gostaria de ajudar, querida, mas não conheço ninguém que esteja contratando. Quer dizer, meu primo Scooter dirige a van de um bufê, mas você não quer algo assim, quer?

Scooter buscou Jude na tarde seguinte dirigindo uma van prateada antiga onde se lia, num adesivo roxo escrito com letra cursiva: BUFÊ DA CARLA. Por dentro, a van estava caindo aos pedaços — um punhado de espuma amarela escapando por um rasgo no banco do carona, o forro do teto pendendo feito uma marquise, um purificador de ar desbotado pendurado no retrovisor. Não era nada bonita, mas pelo menos a geladeira funcionava, disse Scooter, tocando a divisória que os separava da comida refrigerada. Era magro como Barry, mas tinha a pele mais amarelada e usava um boné lilás dos Lakers.

— Vou te contar uma coisa — começou ele. — Nunca acredite no que disserem sobre a economia e tal. Não faz a menor diferença. Gente branca sempre quer dar festas.

Scooter riu enquanto a van guinava para Fairfax, e ela rapidamente pôs o cinto de segurança. Ele dirigia com o braço apoiado na janela, conversando amigavelmente o tempo inteiro, sempre começando os assuntos no meio, como se estivesse respondendo a uma pergunta que ela, na verdade, não tinha feito.

— Sim, já tive meu negócio — disse ele. — Um lugarzinho legal, perto de Crenshaw. Mas não dei conta. Nunca fui muito bom com dinheiro, sabe. Ganho um dólar, gasto um dólar, sabe como é. Eu era bom com comida, mas não sou empresário, isso é fato. Mas deu tudo certo. Agora sou o braço direito da Carla.

Carla Stewart era rígida, mas justa, ele explicou enquanto seguiam pela estrada que beirava o Pacífico até Malibu. Era preciso ser as duas coisas

como mulher no campo da gastronomia. Ela criara o bufê depois da morte do marido. Era um negócio inteligente numa cidade onde sempre havia muita gente querendo organizar eventos com o menor esforço possível. Ele pôs uma camisa polo preta no colo dela.

— Precisa vestir isso — pediu. Jude hesitou, fazendo-o rir. — Não agora, quando entrarmos! Não sou pervertido. Não se preocupe, Barry disse que você é como uma irmãzinha para ele e não queria nem ouvir falar que tentei flertar com você.

Era a coisa mais legal que Barry já tinha dito sobre ela e, claro, não era para ela própria ter ouvido.

— Barry é engraçado — comentou ela.

— É, sim — respondeu Scooter. — É um cara engraçado, mas eu o amo. Eu o amo de qualquer jeito.

Será que Scooter sabia sobre Bianca? Barry tinha muito orgulho de manter suas duas vidas separadas. "É como diz aquele livro bom, não deixe sua mão direita saber o que a esquerda está fazendo", ele lhe dissera certa vez. Era Bianca durante dois sábados por mês e, exceto nesses casos, a deixava fora do campo de visão, embora pensasse nela, fizesse compras para ela e sempre planejasse seu retorno. Barry ia a reuniões de professores, encontros de família e à igreja com Bianca sempre ali, rondando sua mente. Bianca tinha seu papel e Barry tinha o dele. Era possível levar a vida assim, dividida. Desde que soubesse quem estava no comando.

— ONDE VOCÊ ESTAVA? — perguntou Reese quando ela se deitou na cama naquela noite.

Ele parecia preocupado; ela nunca ficava fora até tarde sem avisar. Mas tinha trabalhado na festa de um agente imobiliário que vendera casas para

Burt Reynolds e Raquel Welch. Andara pela casa admirando os sofás brancos compridos, as bancadas de mármore e as janelas de vidro enormes com vista para a praia. Ela não conseguia imaginar viver daquele jeito, em cima de uma colina, totalmente exposto pela janela de vidro. Mas talvez os ricos não sentissem a necessidade de se esconder. Talvez riqueza fosse a liberdade de se mostrar.

A festa acabara à uma da manhã e ela ainda teve que arrumar tudo. Quando Scooter a deixou em casa, o raiar do dia começava a pintar o céu de lilás.

— Malibu — respondeu ela.

— O que estava fazendo tão longe?

— Arranjei um emprego novo. Num bufê. Barry me ajudou a encontrar.

— Por quê? Achei que você ia focar nos estudos.

Ela não podia lhe contar o verdadeiro motivo; ele não gostava nem que ela pagasse o jantar, sempre pegava a carteira assim que a conta chegava. Nunca ia concordar que ela pagasse por uma cirurgia cara. E se ele entendesse errado? E se achasse que ela queria a cirurgia porque desejava que ele mudasse? Nunca poderia contar, não até que economizasse dinheiro suficiente para que ele não fosse tolo de recusar. Ela se aninhou em seus braços e tocou seu rosto.

— Só achei que seria bom ter um dinheiro extra, só isso.

NAQUELE SEMESTRE, ELA SÓ PENSAVA EM CORPOS.

Uma vez por semana, ela se sentava na beirada da banheira segurando uma agulha hipodérmica enquanto Reese abaixava a cueca xadrez. Na bancada, uma ampola de vidro cheia de um líquido amarelado e transparente, feito um vinho chardonnay. Ele ainda odiava agulhas; nunca

olhava quando ela dava um peteleco na pontinha antes de apertar parte da sua coxa. É verdade que ela sempre sussurrava um pedido de desculpas por tê-lo machucado.

Todo mês, ele pagava do próprio bolso por uma ampola pequena que cabia na palma da mão. Ela mal entendia como os hormônios funcionavam, então, por puro capricho, se inscreveu numa aula de anatomia da qual acabou gostando muito mais do que o esperado. A decoreba rotineira que entediava o restante da turma a deixava animadíssima. Ela largava cartõezinhos com nomes de partes do corpo espalhados pelo apartamento: *falanges* na pia do banheiro, *deltoides* na mesa da cozinha, *veias metacarpianas dorsais* espremidas entre as almofadas do sofá.

Seu órgão favorito era o coração. Ela foi a primeira pessoa da turma a dissecar corretamente um coração de ovelha. Era a dissecação mais complicada, segundo o professor, porque o coração não é perfeitamente simétrico, mas é tão próximo disso que fica difícil distinguir os lados. É preciso posicionar o coração do jeito certo para encontrar os vasos.

— Vocês precisam sentir o coração com as mãos — ensinou ele à turma. — Sei que é escorregadio, mas não se acanhem. Precisam usar os dedos para sentir o percurso da dissecação.

À noite, ela posicionou os cartões em Reese para se desafiar. Ele estava deitado no sofá lendo um livro, tentando se manter imóvel enquanto ela punha um cartão sobre seu braço. Ela passou o dedo por seu bíceps, sussurrando os termos em latim até que ele a puxou para seu colo. Pele, músculos e nervos, ossos e sangue. Um corpo podia ser rotulado, mas uma pessoa não, e a diferença entre os dois estava naquele músculo dentro do peito. Aquele órgão tão querido que não é sensível, não tem consciência, não tem sentimentos, apenas bate continuamente, nos mantendo vivos.

Em Pacific Palisades, ela carregou bandejas cheias de tâmaras envoltas em bacon num evento para agentes de reservas. Em Studio City, serviu drinques na festa de aniversário de um apresentador de game show que estava ficando velho. Em Silver Lake, um guitarrista ficou atrás dela para garantir que a salada de caranguejo era feita com caranguejos mesmo, e não uma imitação. No fim do primeiro mês, já sabia preparar um martíni sem precisar de medidor. Na lavanderia, encontrou biscoitos quebrados nos bolsos. Nunca conseguia tirar o cheiro de azeitona das mãos.

— Por que não vê se estão contratando de novo na biblioteca? — perguntou Reese.

— Por quê?

— Porque você está sempre fora. Quase não te vejo mais.

— Não fico tanto tempo fora assim.

— É tempo demais para mim.

— O dinheiro é melhor, amor — disse ela, e o abraçou. — E eu vejo a cidade. É mais divertido do que ficar presa o dia inteiro numa biblioteca velha.

Ela trabalhava em eventos de Ventura a Huntington Beach, de Pasadena a Bel Air. Em Santa Monica, enquanto carregava uma bandeja de ostras pela casa de um produtor musical, parou na entrada para admirar a piscina cuja borda infinita se misturava à linha do horizonte. Dali, Mallard parecia mais longe do que nunca. Talvez com o tempo ela até se esquecesse de lá. Esconderia e enterraria aquilo bem fundo dentro de si mesma, até que só pensasse em Mallard como um lugar do qual ouviu falar, não um lugar onde morara.

— Não gosto disso — opinou a mãe. — Devia estar focando nos estudos e não servindo gente branca. Não mandei você até a Califórnia para fazer isso.

Mas não era a mesma coisa, não mesmo. Ela não era a avó, que faxinou a casa da mesma família por anos. Ela não limpava o nariz sujo de crianças, não esfregava o chão enquanto ouvia esposas reclamando dos maridos que as traíam, não levava roupa suja para casa até lotar o apartamento com as calcinhas sujas dos outros. Não havia intimidade ali. Ela andava pelas festas carregando bandejas de comida e nunca mais os via novamente.

Certa noite, ela se deitou na cama com Reese, com muito calor para dormir ao lado dele, mas sem conseguir ficar longe.

— No que você está pensando? — perguntou ele.

— Ah, não sei. Essa casa em Venice. Sabia que eles têm ar-condicionado central? E nem precisam. É tão perto da praia, bastava abrir a janela para aliviar o calor. Mas acho que gente rica é assim.

Ele riu e se levantou da cama para buscar um copo de gelo. Deslizou um cubo pelos lábios dela, que rodopiou o gelo na boca, surpresa com quão normal aquilo tudo parecia. Meses antes, ela nem admitia que tinha uma queda por Reese, e agora estava nua na cama dele, chupando gelo. Espiou pela persiana para ver um helicóptero da polícia voando por ali e, quando se voltou, ele a estava encarando.

— O que foi? — perguntou ela, rindo. — Pare com isso.

Ele ainda vestia a camiseta e a cueca, e ela de repente ficou envergonhada, puxando o lençol para cobrir os seios.

— Parar com o quê?

— De olhar para mim desse jeito.

— Mas eu gosto de olhar para você.

— Por quê?

— Porque você é bonita de olhar.

Ela riu com deboche e se voltou para a janela. Talvez ele não se importasse com sua pele escura, mas não era possível que gostasse. Ninguém

poderia gostar daquilo.

— Odeio quando você faz isso — observou ele.

— O quê?

— Age como se eu estivesse mentindo. Não sou aquelas pessoas da sua cidade. Às vezes você age como se ainda estivesse lá. Mas não está, amor. Somos outras pessoas aqui.

Uma vez, Reese contou a ela que a Califórnia foi batizada com esse nome por causa de uma rainha de pele escura. Ele tinha visto um mural com uma pintura dela em São Francisco. Jude não acreditou até ele mostrar a foto que havia tirado, e lá estava a rainha, sentada no topo de um telhado. Rodeada por uma tribo de guerreiras, parecia tão majestosa e imponente que Jude ficou arrasada ao descobrir que ela não era real. Era uma personagem de um romance espanhol popular, segundo um livro de história da arte, sobre uma ilha ficcional comandada por uma rainha amazona negra. Como todos os colonizadores, os conquistadores escreviam ficções como se fossem realidade, os mitos transformados em história. O que sobrou foi a Califórnia, um lugar que ainda parecia uma ilha mítica. Ela estava no meio do oceano, longe de todo mundo que já conhecera, flutuando.

TALVEZ A CARACTERÍSTICA MAIS ESTRANHA daquele outono tenha sido ela começar a sonhar com o pai.

Às vezes, ela andava ao lado dele pela rua, de mãos dadas enquanto atravessavam um cruzamento movimentado, até que acordava assustada com os carros zunindo na rua. Em outras épocas, ele a empurrava no balanço do parquinho, ela esticando as pernas. Em um dos sonhos, ele caminhava na frente dela numa pista e Jude corria para alcançá-lo, mas nunca conseguia. Acordou ofegante.

— Você está tremendo — sussurrou Reese, puxando-a para perto.

— Foi só um sonho.

— Sobre o quê?

— Meu pai — respondeu ela, e fez uma pausa. — Nem sei por quê. Não nos falamos há tanto tempo... Antes eu achava que ele me procuraria. Sendo que nem é um homem bom. Mas parte de mim ainda quer que ele me encontre. Que idiotice, né?

— Não — disse ele, olhando para o teto. — Não é idiotice nenhuma. Eu não falo com meus pais há sete anos, mas ainda penso neles. Minha mãe gostava das minhas fotos. Mostrava para todo mundo na igreja. Tirei tantas fotos dela, mas as deixei para trás. Deixei tudo para trás.

— O que aconteceu? Quer dizer, por que você foi embora?

— Ah, é uma longa história.

— Então me conte só uma parte. Por favor.

Ele ficou calado por bastante tempo e então disse que o pai o flagrou transando com a amiga da irmã. A família inteira tinha viajado para um festival religioso e ele ficara em casa sozinho, fingindo estar doente, mexendo nas roupas do pai. Experimentou algumas camisas sociais, treinou fazer nó de gravata, andou pela casa com sapatos de couro. Tinha acabado de passar perfume quando Tina Jenkins apareceu no jardim e bateu no vidro da janela. O que ele estava fazendo? Ia participar de alguma peça? O figurino não estava mal, só precisava fazer algo com o cabelo. Ela o prendeu num rabo de cavalo na altura da nuca.

— Aí está — disse ela. — Agora parece mais masculino, viu. Qual é a peça? E você tem algo para beber?

Ele ignorou a primeira pergunta e focou na segunda. Mais tarde, Tina diria aos pais que a culpa fora do gim. O gim que ele serviu em dois copos grandes. Depois, encheu a garrafa de Seagram da mãe com água. O que ela

não contou aos pais foi que o beijou primeiro e que eles só pararam porque a família voltou para casa mais cedo.

— Meu pai tinha um daqueles cintos com uma fivela prateada grande — contou Reese. — Ele me disse que, se eu queria ser homem, ia me tratar como um.

Ela fechou os olhos com força.

— Sinto muito.

— Foi há muito tempo.

— Não importa. Não está certo. Ele não tinha o direito de fazer isso com você e...

— Eu costumava pensar em dirigir de volta até El Dorado — continuou ele. — Para desafiá-lo a tentar me bater agora. Não é certo se sentir assim em relação ao próprio pai. Isso me sufoca, não consigo respirar. Em outros momentos, penso em ir lá e apenas caminhar pela cidade. Ninguém me reconheceria. Seria como aparecer no meu enterro. Ver como a vida continua sem você. Talvez eu batesse na porta. Diria oi para minha mãe, mas ela saberia. Mesmo que eu esteja diferente, ela saberia que sou eu.

— Você pode fazer isso. Pode voltar.

— Você iria comigo?

— Iria a qualquer lugar com você.

Ele a beijou, começou a tirar a camisa dela e, sem pensar, ela retribuiu o gesto. Reese travou e Jude se encolheu quando ele se afastou. Mas ele foi até o banheiro e, quando voltou, estava sem camisa. Inclinou-se sobre ela com a atadura enrolada no peito.

— Eu preciso disso — falou ele.

— Está bem. Está bem.

Jude o puxou para cima dela, os dedos passando pelas costas macias, tocando pele e pele e tecido.

DESDE O COMEÇO, REESE CARTER JÁ PENSAVA SOBRE O FIM.

Igual a quando chegou a Los Angeles pela primeira vez: sem teto, sem pelos como um filhote de cordeiro, já imaginando ir embora daquela cidade que certamente o destruiria. Ou quando viu Jude Winston pela primeira vez numa festa de Halloween, uma festa à qual só fora porque um cara que conhecia da academia o convidara, e ele pensou, bem, por que não? Ela estava sozinha, inquieta, mexendo na saia, a pele mais escura que ele já tinha visto e tão bonita que ele sentiu como se houvesse uma mão gigante prendendo-o àquele sofá. Deixe para lá, Reese. Esqueça isso. Ele já sabia como aquilo ia acabar, que ela ia deixá-lo assim que tentasse tocar sua virilha e ele se afastasse.

No começo, ele nunca pensava em ficar em Los Angeles. Só queria estar o mais longe possível de El Dorado. Teria seguido direto até o oceano, se pudesse. Durante algumas semanas, passara as noites tocando homens em becos escuros, às vezes usando a boca, o que ele odiava, embora os homens ficassem mais gentis e agradecidos depois disso. Faziam carinho em sua cabeça e diziam que era um garoto bonito. Ele carregava a faca de caça do pai para se proteger e, às vezes, ao olhar aqueles homens com a cabeça encostada no muro, fantasiava cortar o pescoço deles. Em vez disso, guardava as notas amassadas que ganhava e ia procurar abrigo, dormindo nos bancos de praça ou embaixo de viadutos, o que, estranhamente, o fazia se lembrar de quando acampava com o pai. De se sentar num tronco oco e observar o pai abrir a barriga de um coelho com aquela faca que ele dissera a Reese para nunca tocar. Uma faca que tinha ganhado do próprio pai e que teria passado para o filho se tivesse um, então, por isso, Reese a levou quando foi embora.

Ele conhecia os homens em boates e bares, homens que agarravam sua mão enquanto ele passava em meio à multidão, homens que tentavam lhe coagir a beber um drinque e lhe imploravam para dançar. Ele nunca ia à mesma boate duas vezes, morria de medo que alguém notasse seu pescoço macio, suas mãos pequenas, o par de meias enrolado dentro da cueca. Certa vez, um cara branco e irritado em Westwood descobriu seu segredo e lhe deixou com um olho roxo. Ele logo aprendeu as regras. Ser honesto sobre o passado significava ser considerado mentiroso. A única maneira segura era se esconder.

Na noite em que conheceu Barry, ele estava zonzo de fome, bebericava um uísque com soda e se sentia quase tão desesperado a ponto de ir até a casa dele. Mas nunca tinha estado com um homem em outro lugar além dos becos; sentia-se mais seguro na escuridão. Então disse não a Barry e ficou surpreso quando, mais tarde naquela noite, Barry segurou seu braço e perguntou se ele queria jantar. Reese puxou o braço, irritado.

— Porra, já falei que não...

— Sei o que você falou — retrucou Barry. — Estou perguntando se você quer comida. Parece estar com fome. Tem um lugar aqui perto.

Ele apontou para um restaurante vinte e quatro horas a um quarteirão de distância. O letreiro neon preenchia o concreto com luzes roxas e azuis. Barry pediu uma torta de noz-pecã e Reese comeu tão rápido dois cheeseburgueres e uma cesta de batatas fritas que quase se engasgou. Teria que pagar por aquela refeição de algum jeito, ou talvez não, pensou, sentindo a faca no bolso. Barry o observou passar o garfo no chantilly.

— Quantos anos você tem? — perguntou.

Reese limpou a boca com as costas da mão e, depois, sentindo-se mal-educado, pegou um guardanapo.

— Dezoito — respondeu, embora ainda faltassem dois meses.

— Nossa — disse Barry e riu. — Você é uma criança, sabia? Tenho alunos da sua idade.

Ele disse que era professor, e talvez por isso tivesse decidido ser tão gentil. Em outra vida, Reese talvez fosse um de seus alunos, não um garoto com quem ele flertou numa boate. Mas Reese nunca terminou o ensino médio, algo que a princípio não lhe causava nenhum arrependimento, até se apaixonar por uma garota inteligente. A escola parecia mais uma coisa que a faria deixá-lo para trás.

— E de onde você é? Parece que todo mundo nessa cidade é de outro lugar.

— Arkansas.

— É um longo caminho, caubói. O que está fazendo aqui, tão longe?

Ele deu de ombros, mergulhando as batatas fritas no ketchup.

— Recomeçando.

— Conhece alguém aqui?

Reese negou com a cabeça. Barry acendeu um cigarro. Seus dedos eram compridos e bonitos.

— Precisa de alguém. É uma cidade muito grande para estar sozinho. Precisa de um lugar para ficar? Ah, não me olhe com essa cara. Não quero ninguém que não me queira. Estou perguntando se precisa de um lugar para dormir. Por que, você é bom demais para o meu sofá?

Reese nem sabia por que dissera sim. Talvez estivesse cansado de dormir em prédios abandonados, batendo os pés para afastar os ratos. Talvez tenha visto alguma coisa em Barry que conquistou sua confiança, ou talvez tenha sentido a faca batendo em sua coxa e soube que, se fosse necessário, podia usá-la. De qualquer maneira, foi com Barry para casa. Quando entraram, parou e ficou olhando para as perucas alinhadas na bancada. Barry parou, tenso.

— É só uma coisa que faço às vezes — explicou ele, mas tocou uma peruca com tanto cuidado, parecendo tão vulnerável, que Reese desviou o olhar.

— Não sou o que você pensa — disse Reese.

— Você é transexual. Sei perfeitamente o que você é.

Reese nunca tinha ouvido aquela palavra, nem sabia que havia um termo para descrevê-lo. Deve ter aparentado surpresa, porque Barry riu.

— Conheço vários garotos como você — contou, chegando mais perto e olhando para ele. — Mas, claro, eles têm cortes de cabelo melhores. Você mesmo faz isso?

No banheiro, ele pôs uma toalha em volta do pescoço de Reese e pegou a máquina. Empurrou com cuidado a cabeça de Reese para a frente e ele fechou os olhos, tentando lembrar quando foi a última vez que um homem o tocara de forma tão afetuosa.

QUANDO DEZEMBRO CHEGOU, a temperatura na cidade finalmente tinha caído, mas o sol a pino ainda brilhava muito, portanto, parecia errado chamar aquilo de inverno. Na van do bufê, Jude colocou o braço para fora da janela, curtindo a brisa. Havia aceitado um trabalho de última hora para servir uma festa de aposentadoria em Beverly Hills; o dinheiro era bom demais para recusar, ainda que Reese tivesse ficado desolado ao vê-la sair pela porta.

— Eu queria levar você para jantar — disse ele.

— Amanhã, amor. Prometo.

Ela o beijou, já imaginando as gorjetas que juntaria no fim da noite. Festa de empresa sempre rendia um bom dinheiro. São figurões, dissera Scooter, enquanto percorriam a estrada até Beverly Hills. A van seguia por

estradas sinuosas que foram ficando cada vez mais isoladas até que eles finalmente viram o portão de ferro preto. Scooter bufou.

— A quantidade de dinheiro que pagam para viver assim — comentou, enquanto o portão abria devagar. — Consegue imaginar?

O próximo século seria assim, disse ele. Os ricos iam se afastar das cidades, trancar-se atrás de portões gigantescos como se fossem senhores medievais construindo fossos. Dirigiram devagar pelo caminho ladeado de árvores até chegarem à casa: branca, de dois andares, escondida atrás de colunas romanas. Carla os recebeu. Ela raramente aparecia nos eventos, mas aquela festa era importante e ela estava com pouca gente.

— O grupo Hardison é um cliente muito fiel — contou ela. — Então, comportamento exemplar hoje, está bem?

Sua mera presença deixava Jude nervosa. Sentia que Carla a avaliava enquanto ela cortava aipos e amassava tomates, enquanto andava pela festa carregando bandejas com presunto curado ou preparava os drinques no bar. O homem que estava se aposentando era o Sr. Hardison, um sujeito atarracado, grisalho, vestindo um terno cinza que parecia caro, e tinha uma esposa loura e jovem pendurada em seu braço. Os convidados, todos brancos, ricos e de meia-idade, brindaram à sua carreira e ergueram as taças para celebrar seu sucessor, um homem louro e bonito que usava um terno azul-marinho. Havia uma garota a seu lado. Parecia ter dezoito anos, talvez, tinha pernas compridas, cabelo louro ondulado e usava um vestido prateado brilhante escandalosamente acima dos joelhos. Mais ou menos no meio da festa, ela se afastou do homem e saracoteou até o bar, balançando a taça de martíni vazia.

— Não posso servir ninguém com menos de vinte e um anos — explicou Jude.

A garota riu e mexeu no colar.

— Bom, então eu tenho vinte e um — disse ela. Seus olhos eram tão azuis que pareciam até violeta. Balançou a taça novamente. — Essa festa está mesmo uma droga. Claro que preciso de um drinque.

— Seu pai não se importa?

A garota olhou por cima do próprio ombro para o homem bonito.

— Claro que não. Está muito ocupado tentando esquecer que minha mãe não está aqui. Não é incrível? Vim de longe, da faculdade, porque ele ganhou uma grande promoção, e ela nem se dá ao trabalho de aparecer. Olha que merda.

A menina balançou a taça de novo. Claramente não pretendia ir a lugar algum sem conseguir o que queria, então Jude preparou um novo drinque para ela. A garota se virou para a festa, deslizando a azeitona para dentro dos lábios rosados.

— E você, gosta de trabalhar em bar? — perguntou. — Deve conhecer um monte de gente fascinante.

— Eu não trabalho em bar. Pelo menos não sempre. Sou estudante na maior parte do tempo — respondeu Jude, e completou, um tanto orgulhosa demais: — Estudo na UCLA.

A garota arqueou uma das sobrancelhas.

— Que engraçado. Eu estudo na Southern California. Acho que somos rivais.

Não era difícil entender o que exatamente ela achara engraçado: que uma estranha por acaso estudasse na universidade rival ou que uma garota negra servindo drinques tinha, de alguma forma, conseguido entrar em um lugar como a UCLA. Um homem branco usando paletó de tweed pediu um vinho e Jude tirou a rolha da garrafa do merlot, esperando que a garota fosse embora. Mas, quando começou a servir, ouviu alguém falando alto na entrada. A garota se virou para ela de mau humor.

— Acabou a diversão — disse ela, virando o martíni todo num só gole.

Ela então deixou a taça vazia no bar e foi andando até a entrada, onde uma mulher tinha acabado de chegar. O Sr. Hardison lhe ajudava a tirar o casaco de pele e, quando ela se virou, passando os dedos pelo cabelo escuro, a garrafa de vinho caiu no chão.

PARTE 3

LINHAS DO CORAÇÃO

(1968)

SETE

Na noite em que uma das gêmeas desaparecidas voltou a Mallard, um aviso foi pendurado em todas as portas de Palace Estates convocando para uma reunião de emergência da Associação de Proprietários. O Estates, que era a mais recente subdivisão de Brentwood, só havia convocado esse tipo de reunião emergencial uma vez, quando o tesoureiro foi acusado de fraudar as contas da associação. Então, naquela noite, os vizinhos se reuniram no clube, cochichando, esperando qual seria o escândalo. Mas não esperavam por aquilo: o atual presidente, Percy White, em pé, na frente de todos, com o rosto vermelho de vergonha enquanto dava as más notícias. A família Lawson, da Sycamore Way, estava vendendo a casa e um homem de cor tinha acabado de fazer uma oferta. Todos ficaram em polvorosa, e Percy ergueu as mãos, como se estivesse diante de um pelotão de fuzilamento.

— Sou só o mensageiro — dizia ele repetidamente, embora ninguém estivesse ouvindo.

Dale Johansen perguntou qual era a razão de terem uma Associação de Proprietários se não para evitar esse tipo de coisa. Tom Pearson, determinado a superá-lo, ameaçou parar de pagar o condomínio se a associação não começasse a fazer seu trabalho. Até as mulheres estavam irritadas, ou melhor, principalmente as mulheres estavam irritadas. Elas não gritavam como os homens, mas todas tinham feito algum sacrifício para se casar com homens que podiam pagar por uma casa no lote mais caro do Condado de Los Angeles e esperavam um retorno daquele investimento. Cath Johansen perguntou como eles iam manter a vizinhança segura a partir

de então, e Betsy Roberts, formada em economia pela Bryn Mawr antes de se casar, reclamou que os valores de suas propriedades iam despencar.

Mas, anos depois, os vizinhos só se lembrariam de uma pessoa falando naquela reunião, uma única voz que, de alguma forma, se sobrepôs às outras. Ela não gritou, e talvez por isso mesmo eles tenham ouvido. Ou talvez, por ser tão calada normalmente, todo mundo soubesse que se ela resolvera se levantar no meio daquela reunião turbulenta era porque tinha algo importante a dizer. Ou talvez porque sua família morava na Sycamore Way, uma rua sem saída bem em frente aos Lawson, então os novos vizinhos a afetariam diretamente. Qualquer que fosse o motivo, todos ficaram quietos quando Stella Sanders se levantou.

— Você precisa impedi-los, Percy — demandou ela. — Caso contrário, virão mais e mais deles, e aí o que vai acontecer? Tudo tem limites!

Ela tremia, os olhos castanho-claros brilhavam e os vizinhos, motivados por aquela paixão espontânea, aplaudiram. Ela nunca falava nas reuniões e nem imaginava que o faria até estar de pé ali. Por um segundo, quase ficou calada; odiava a sensação de ser observada por todos — quis correr e se esconder até no próprio casamento. Mas sua voz frágil e vacilante só prendeu ainda mais a atenção das pessoas na sala. Depois da reunião, mal conseguiu chegar à porta sem que os vizinhos viessem apertar sua mão. Semanas depois, havia panfletos amarelos pendurados em árvores e postes onde se lia em letras garrafais: PROTEJAM NOSSA VIZINHANÇA. TUDO TEM LIMITES. Quando encontrou um deles preso no para-brisa do carro, ficou surpresa ao ver suas palavras refletidas para si mesma, como se tivessem sido ditas por um estranho.

PARA DEIXAR REGISTRADO, Blake Sanders tinha ficado tão surpreso quanto os outros quando sua esposa falou naquela reunião. Ela não era de se exibir. Ele nunca a vira irritada o suficiente com nenhum assunto a ponto de fazer algo além de assinar uma petição, e mesmo isso acontecia só porque ela era muito educada para recusar o pedido de algum estudante, como ele teria feito. Claro, ele queria manter o planeta limpo. Achava a guerra péssima. Porém, gritar na cara de pessoas decentes e trabalhadoras não era o jeito certo de lidar com nada disso. Mas Stella incentivava esses idealistas, ouvia seus discursos, assinava suas petições, tudo porque era muito gentil para mandá-los embora. No entanto, ali no meio da reunião da associação, ela estava, de certa forma, tão fervorosa quanto aqueles jovens manifestantes.

Ele quase riu. Sua tímida Stella fazendo uma cena! Embora talvez não devesse ter ficado surpreso. A atitude de uma mulher que visava a proteção de seu lar vinha de um lugar mais primitivo do que a política. Além disso, desde que a conhecera, ela nunca tinha falado de forma gentil de nenhum negro. Ele ficava um pouco envergonhado, para dizer a verdade. Respeitava a ordem natural das coisas, mas não precisava ser cruel. Quando criança, tivera uma babá de cor chamada Wilma que era praticamente da família. Ainda mandava um cartão de Natal para ela todo ano. Mas Stella nem contratava pessoas de cor para o serviço de casa — dizia que os mexicanos trabalhavam com mais afinco. Ele nunca entendeu por que a esposa desviava o olhar toda vez que uma mulher negra mais velha passava por ela na calçada, por que era sempre tão seca com ascensoristas. Ela ficava irrequieta perto de pessoas negras, feito uma criança mordida por um cachorro.

Naquela noite, enquanto saíam do clube, ele sorriu e ofereceu o braço a ela, meio de brincadeira. Era uma noite agradável de abril. Passaram devagar sob as árvores de jacarandá onde as flores lilases começavam a florescer.

— Não sabia que tinha me casado com uma agitadora — disse ele.

Era filho de um banqueiro e saíra de Boston para cursar faculdade, contou a ela quando se conheceram, embora não tenha mencionado que o banco onde o pai trabalhava como executivo era o Chase National e a faculdade que saíra de Boston para cursar era Yale. Mais tarde, ela perceberia que aqueles eram sinais claros de que ele vinha de uma família muito rica: raramente usava roupas caras mesmo podendo pagar por elas, falava muito pouco do pai e de sua herança. Tinha estudado finanças e marketing e, em vez de ir direto para a Madison Avenue, seguira a noiva até sua cidade natal, Nova Orleans. O relacionamento não deu certo, mas, àquela altura, ele já estava apaixonado pela cidade. Foi assim que acabou trabalhando no departamento de marketing da Maison Blanche e contratou Stella Vignes como sua nova secretária.

Mesmo depois de oito anos de casamento, Stella ainda ficava meio acanhada quando as pessoas perguntavam como os dois tinham se conhecido. O chefe, a secretária, a história mais velha do mundo. Fazia todo mundo imaginar um homem barrigudo de cabelo ensebado e suspensório se insinuando para a moça do outro lado da mesa.

— Eu não era um velho pervertido — disse Blake rindo, certa vez, num jantar, e era verdade.

Ele tinha vinte e oito anos à época, queixo firme, cabelo louro esvoaçante e olhos azul-acinzentados como os de Paul Newman. Talvez por isso, ter a atenção dele foi diferente. Naquela época, ela se intimidava quando um homem branco a notava. Mas, sob o olhar de Blake, ela desabrochou.

— Eu fiz papel de idiota? — perguntou ela mais tarde.

Estava sentada na frente da penteadeira escovando o cabelo. Blake chegou por trás dela com cuidado enquanto desabotoava a camisa branca.

— Claro que não — respondeu. — Mas não vai acontecer, Stel. Não sei por que todo mundo está tão agitado.

— Mas você viu o Percy. Ele parecia espaventado.

Blake riu.

— Adoro quando você fala essas coisas.

— Que coisas?

— Esse jeito de falar do interior.

— Ah, não faz graça disso. Agora, não.

— Não estou fazendo! Acho fofo.

Ele se inclinou para beijá-la na bochecha e, pelo espelho, ela ficou observando o cabelo claro dele cair sobre os seus, escuros. Será que parecia tão nervosa quanto se sentia? Será que alguém tinha percebido? Uma família de cor na vizinhança. Blake tinha razão, aquilo nunca ia acontecer. A associação ia dar um fim nisso. Tinham advogados a postos para esse tipo de coisa, não tinham? Qual era o propósito de ter uma associação se não fosse para barrar pessoas indesejáveis, para garantir que a vizinhança continuasse existindo exatamente do jeito que os moradores queriam? Tentou acalmar o alvoroço em seu estômago, mas não conseguiu. Ela já tinha sido descoberta antes. Foi só uma vez, a segunda em que fingiu ser branca. Durante seu último verão em Mallard, semanas depois de entrar naquela loja, ela fora ao Museu de Arte da Louisiana numa manhã de sábado qualquer, sem ser o dia dos negros, e entrou diretamente pela porta principal, não pela lateral onde os negros formavam fila. Ninguém a barrou e, mais uma vez, ela se sentiu uma idiota por nunca ter tentado. A única coisa de que precisava para ser branca era atitude. Era possível convencer qualquer um de que você pertencia a determinado lugar agindo como tal.

No museu, caminhou devagar pelas salas analisando os trabalhos dos confusos Impressionistas. Estava ouvindo distraidamente uma professora

mais velha explicar aquilo para uma roda de crianças apáticas quando notou que um segurança negro no canto da sala a encarava. Ele então piscou para ela que, horrorizada, passou por ele com a cabeça abaixada e mal conseguiu respirar até estar do lado de fora, naquela manhã ensolarada. Pegou o ônibus de volta para Mallard e seu rosto queimava. É claro que se passar por branca não era assim tão fácil. É claro que o segurança de cor a reconheceu. Sempre reconhecemos nossos semelhantes, dizia a mãe dela.

E agora uma família de cor se mudaria para o outro lado da rua. Eles veriam quem ela realmente era? Ou melhor, quem não era? Blake a beijou na nuca e deslizou a mão para dentro da camisola dela.

— Não se preocupe, amor — disse. — A associação nunca vai permitir isso.

NO MEIO DA NOITE, sua filha acordou gritando. Stella foi cambaleando até o quarto da menina e a encontrou em meio à agonia de mais um pesadelo. Deitou-se na pequena cama e a sacudiu com cuidado para acordá-la.

— Eu sei, eu sei — disse, enxugando as lágrimas da menina.

Seu próprio coração ainda batia acelerado, embora a essa altura ela já devesse estar acostumada a sair correndo da cama por causa dos gritos da filha. Sempre temia o pior, mas acabava encontrando Kennedy enrolada nos cobertores, apertando o lençol. O pediatra disse que não havia nada de errado fisicamente; o especialista em sono disse que crianças com imaginação hiperativa costumavam ter sonhos muito vívidos. Provavelmente só indicava que ela era uma artista, observou ele, rindo. O psicólogo infantil examinou seus desenhos e perguntou com o que ela sonhava. Mas Kennedy, de apenas sete anos, nunca se lembrava dos sonhos, e Blake dispensou os médicos, considerando-os desperdício de dinheiro.

— Ela deve ter herdado isso do seu lado da família — sugeriu ele a Stella. — Uma boa garota Sanders dormiria como um bebê.

Ela contou a ele que também costumava ter pesadelos quando era criança e nunca se lembrava deles. Mas essa última parte não era verdade. Seus pesadelos eram sempre os mesmos, homens brancos agarrando seus tornozelos e a arrastando da cama, gritando. Ela nunca contara a Desiree. Toda vez que acordava assustada, com Desiree roncando a seu lado, ela se sentia uma idiota por ter medo. Desiree não tinha assistido a tudo de dentro do armário também? Não tinha visto o que aqueles homens brancos fizeram? Então por que não acordava no meio da noite com o coração acelerado também?

Elas nunca falavam sobre o pai. Sempre que Stella tentava, Desiree desviava o olhar.

— O que quer que eu diga? — perguntava ela. — Sei tanto quanto você.

— Eu só queria saber o porquê — respondia Stella.

— Ninguém sabe o porquê. Coisas ruins acontecem. É a vida.

Agora, Stella afastava uma mecha do cabelo louro sedoso do rosto da filha.

— Está tudo bem, meu amor — sussurrou. — Pode voltar a dormir.

Abraçou a filha e envolveu as duas com o cobertor. Ela não queria ser mãe, a princípio. A ideia de engravidar a aterrorizava; imaginava dar à luz uma criança que fosse ficando com a pele cada vez mais escura, deixando Blake horrorizado. Quase preferiria que ele pensasse que ela teve um caso com um negro. Aquela mentira parecia mais gentil do que a verdade; uma infidelidade momentânea seria uma decepção mais suave do que sua fraude contínua. Mas, depois de dar à luz, ficou extremamente aliviada. A recém-nascida em seus braços era perfeita: pele cor de leite, cabelo louro ondulado e olhos tão azuis que pareciam violeta. Ainda assim, às vezes parecia que

Kennedy era filha de outra pessoa, uma criança que Stella pegara emprestada enquanto se apropriava de uma vida que nunca devia ter sido sua.

— De onde você é, mamãe? — perguntou Kennedy uma vez na hora do banho.

Tinha quase quatro anos na época e era muito questionadora. Stella, ajoelhada ao lado da banheira, limpava carinhosamente os ombros da filha com uma toalha e olhava para seus olhos violeta, tão lindos e perturbadores, diferentes dos olhos de qualquer pessoa que ela conhecera.

— De uma cidadezinha no sul — respondeu Stella. — Você nunca ouviu falar.

Sempre falava com Kennedy assim, como se ela fosse adulta. Era o que todos os livros de bebê recomendavam, dizendo que ajudava no desenvolvimento das habilidades de linguagem. Mas, na verdade, ela se sentia meio idiota falando do jeito bobo que Blake falava.

— Mas onde? — insistiu Kennedy.

Stella jogou um pouco de água morna sobre ela, as bolhas se dissolvendo.

— É um lugarzinho chamado Mallard, querida. Não se parece nada com Los Angeles.

Ela foi, pela primeira e última vez, completamente honesta com a filha, apenas porque sabia que era muito nova para se lembrar daquilo. Depois, Stella começou a mentir. Dizia a Kennedy, como dizia a todo mundo, que era de Opelousas e, além disso, quase não falava da infância. Mas Kennedy seguia questionando. Suas perguntas sempre soavam como um ataque surpresa, como se estivesse enfiando o dedo numa ferida. Como era quando você era criança? Tinha irmãos e irmãs? Como era sua casa? Certa vez, quando se preparavam para dormir, ela perguntou a Stella como sua mãe era e ela quase derrubou o livro de histórias.

— Ela não está mais aqui — respondeu, finalmente.

— Mas onde ela está?

— Morreu. Minha família morreu.

Ela contara a mesma mentira a Blake anos antes em Nova Orleans: que era filha única e se mudara para Nova Orleans depois que os pais morreram num acidente. Ele segurou sua mão e, de repente, ela se viu pelos olhos dele. Uma órfã humilde, sozinha na cidade. Se ficasse com pena, ele não a enxergaria de verdade. Todas as mentiras dela seriam justificáveis pela tristeza, ele confundiria seu silêncio sobre o passado com luto. Agora, o que tinha começado como uma mentira parecia cada vez mais próximo da verdade. Não falava com a irmã havia treze anos. Onde estaria Desiree? Como estaria sua mãe? Devolveu o livro à estante antes mesmo de chegar ao fim e, mais tarde, ao escovar os dentes, ouviu Blake conversando com Kennedy.

— A mamãe não gosta de falar sobre a família dela — murmurou ele. — Ela fica triste.

— Mas por quê?

— Porque... eles não estão mais aqui. Então não pergunte mais, está bem?

Para Blake, toda a vida de Stella antes dele fora uma tragédia, a família inteira dizimada. Ela preferia que ele pensasse assim. Como se ela fosse uma tela em branco. Uma cortina separando o passado e o presente e ela nunca poderia espiar o outro lado. Quem sabe o que poderia sair dali?

UMA FAMÍLIA DE COR NA VIZINHANÇA. NUNCA IA ACONTECER.

E, ainda assim, na manhã seguinte à reunião da associação, Stella passou horas boiando na piscina de casa, pensando naquilo. Viu as nuvens

passando; talvez fosse chover. Usava um maiô vermelho que combinava com sua boia e bebeu um gole do gim com soda que preparou escondido assim que viu a filha sair para a escola. Deu outro gole na esperança de que parecesse água para Yolanda, que estava ocupada na cozinha. Obviamente estava muito cedo para beber gim, mas tentava controlar o incômodo que crescia dentro dela desde a noite anterior. Blake disse que não havia chance de a oferta pela casa dos Lawson ser aprovada, mas por que Percy convocara aquela reunião se não fosse possível? Por que ele parecia tão abalado, em pé ali na sala, como se já soubesse que não havia nada a fazer? O país mudava a cada dia, ela lia sobre as marchas nos jornais. Banheiros, universidades e piscinas públicas já não segregavam, por isso Blake insistiu em construir uma para eles no quintal quando se mudaram para Brentwood. Uma piscina particular parecia muita ostentação para ela, mas Blake argumentou: "Não quer que Ken vá para a piscina pública, quer? Nadar ao lado de qualquer um que eles deixam entrar agora."

Ele crescera em Boston, onde nadava em piscinas só para brancos. Ela nadava no rio ou, de vez em quando, na praia da baía, onde os salva-vidas brancos diziam para ficarem na área restrita para pessoas de cor. É claro que a água dos dois lados se misturava e, se você fizesse xixi na área para pessoas de cor — o que Desiree sempre ameaçava fazer, rindo —, aquilo acabaria indo para o lado dos brancos. Mas Stella concordou com Blake, não podiam mandar a filha para uma piscina pública. A única solução era construir uma particular.

Ao longo dos anos, aprendeu a gostar da piscina e de todo o resto das coisas que Blake insistia serem necessárias em Los Angeles: o underbird vermelho dela, a empregada Yolanda e todos os outros pequenos confortos que ele lhe proporcionava. Ela adorava essa expressão "pequenos confortos", adorava imaginar conforto como se fosse um lulu da Pomerânia se

enroscando em suas pernas. Antes de Blake, ela nunca se sentira confortável. Não se dera conta disso até conhecê-lo. Ela se deslumbrava quando ele pedia um bife inteiro no restaurante, lembrando-se das noites em que foi dormir com o estômago roncando. Ou ao ver Blake indeciso entre duas gravatas e, no fim das contas, acabar comprando as duas, enquanto Stella tinha que ir para a escola com os sapatos apertados. Ou ainda ao entrar na cozinha e ver Yolanda polindo a prataria, quando, anos antes, ela olhava o próprio reflexo nos garfos dos Dupont.

Naquela época, ela era responsável pela limpeza de uma casa cheia de coisas caras que nunca poderia pagar. Arrumava a bagunça daquelas crianças malcriadas e tentava escapar do Sr. Dupont, que a seguia até a despensa, trancava a porta e enfiava a mão debaixo de seu vestido. Ele a tocou e também a si mesmo três vezes, ofegante, o hálito de conhaque, enquanto ela tentava fugir. Mas a despensa era muito pequena e ele era muito forte, pressionando Stella nas prateleiras. Então tudo acabava, tão rápido quanto havia começado. Logo, o medo que sentia dele se tornou ainda pior que o abuso. Todos os dias em que ela ficava inquieta, pensando se ele a perseguiria, estragavam os em que ele não fazia nada. Quando aconteceu pela primeira vez, Stella perguntou a Desiree na cama, naquela noite, o que achava dele.

— O que tem para achar? — respondeu a irmã. — É só um velho branco magrelo. Por quê? O que você acha dele?

Mesmo no quarto escuro, mesmo com Desiree, Stella não conseguia falar. Ela sempre quis acreditar que tinha algo de especial, mas sabia que o Sr. Dupont só a escolhera quando percebeu sua fragilidade. Ela era a gêmea que não ia contar nada.

E não contou mesmo. Durante a vida inteira, nunca contou a ninguém. Mas no dia que Desiree veio com a ideia de ir embora depois da festa do

Dia do Fundador, Stella se lembrou de quando o Sr. Dupont a imprensava nas prateleiras da despensa e soube que precisava fugir. Em Nova Orleans, quando Desiree começou a hesitar, Stella pensou nos dedos dele dentro de sua calcinha e encontrou ali força para ficar, pelas duas.

Mas isso foi em outra vida. Ela pôs o dedão para fora da boia e passou o pé na superfície da água. Aquilo, sim, era conforto: passar a manhã de preguiça boiando na piscina, uma casa de dois andares com armários sempre cheios de comida, um punhado de brinquedos para a filha, uma estante de livros onde cabia uma enciclopédia inteira. Isso era conforto, não querer mais nada.

Ela estava ficando sonolenta naquela neblina do meio da manhã, embalada pelo gim, então se forçou a sair da água. Quando entrou na cozinha, ainda pingando nos azulejos, Yolanda desviou os olhos do móvel que limpava e a encarou. Seus pés estavam enlameados e ela percebeu, meio tarde demais, que Yolanda já tinha esfregado o chão.

— Desculpe — observou ela. — Olhe o que estou fazendo, sujando seu chão.

Ela ainda falava com Yolanda assim às vezes, como se Stella fosse a visita na própria casa e não o contrário. Yolanda apenas sorriu.

— Tudo bem, senhora. Aqui está seu chá.

Stella tomou um gole do chá, a toalha apoiada no ombro de forma meio desajeitada, e foi para o banho. Pelo menos a piscina vai render um bom exercício, dissera ela no começo. Mas na maioria das manhãs ela não nadava, apenas flutuava na boia. Nos melhores dias, ela boiava com um drinque, bebendo devagar enquanto ficava à deriva sob o sol. Parecia deliciosamente errado tomar um drinque tão cedo, mas, ao mesmo tempo, era lamentável que aquela fosse a parte mais animada do seu dia. Os dias dela se misturavam um ao outro, refletiam um no outro, como se estivesse

presa numa casa de espelhos igual àquela para a qual Desiree a arrastara num parque de diversões. Assim que entraram, ela fugiu dali e Stella ficou chamando a irmã, sem sucesso. A certa altura, viu Desiree atrás dela, mas, ao se virar, não havia ninguém lá. Olhava para o próprio rosto refletido.

A vida parecia algo assim agora, os dias se duplicavam, mas como poderia reclamar? Não podia se queixar com Blake, que trabalhara tanto em Nova Orleans e Boston até chamar a atenção de uma empresa em Los Angeles, logo lá, um mercado internacional imenso. Ele trabalhava muitas horas, viajava com frequência, caía no sono enquanto estudava tabelas coloridas. Os dias dela provavelmente pareceriam um sonho para ele, ainda mais se soubesse quão pouco ela de fato fazia. Quantas vezes os bolos que ela decorava quando ele chegava em casa tinham vindo de uma caixa, os lençóis nos quais se deitava à noite eram lavados por Yolanda, até mesmo a vida da filha às vezes parecia uma outra área da vida doméstica que ela delegava a alguém.

Naquela tarde, ela se sentou na sala multiuso da Brentwood Academy mergulhando vagarosamente os talos de aipo no molho ranch. Na extremidade da sala, Betsy Roberts recrutava voluntários para o baile de primavera. Stella sabia que devia levantar a mão — quando foi a última vez que se voluntariou para algo além de levar o ponche? —, mas, em vez disso, ficou olhando pela janela para a grama cortada. Ela sempre parava de prestar atenção àquelas reuniões depois de ouvir debates sobre a cor das bandeirolas a serem penduradas, sobre o sabor do brownie, sobre qual seria o presente de fim de ano para o diretor Stanley. Meu Deus, não aguentava mais ouvir conversas sobre crianças que não fazia ideia de quem eram — como Tina J. roubara a cena no show de talentos, ou Bobby R. ganhara o jogo de beisebol infantil, ou uma série de outros feitos inúteis. Sua filha nunca conquistara

nada de especial, mas, mesmo que o fizesse, Stella tinha a decência de não obrigar todos a ouvirem a respeito.

Sabia o que as outras mães achavam dela: lá vai Stella Sanders, aquela arrogante. Bem, que elas pensassem assim, então. Ela precisava manter distância. Mesmo depois de todos aqueles anos, ainda ficava nervosa no meio de mulheres brancas, e assim que abria a boca esquecia como manter uma conversa fiada. Quando a reunião acabou, Cath Johansen foi até lá e agradeceu Stella por ter se posicionado na noite anterior.

— Já estava na hora de alguém defender o que é certo — observou Cath.

Os Johansen eram nativos de Los Angeles. A família de Dale era proprietária de vários hectares de plantações de laranja em Pasadena e, certa vez, ele convidara Blake e ela para conhecer a fazenda, como ele a chamava, dando a impressão de ser uma casa humilde, e não uma propriedade de milhões de dólares. Stella aturou sua pretensão por um tempo, depois se afastou do grupo e caminhou livremente pelos corredores de árvores. No caminho para casa, Blake sugeriu que Cath e ela podiam ser boas amigas. Ele sempre fazia isso, tentava persuadi-la a se abrir mais, se soltar de dentro de si mesma. Mas ela se sentia segura assim, trancada.

UMA SEMANA DEPOIS DA REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO, Stella começou a ver sinais de que seu pior medo estava virando realidade. Primeiro, o mais literal: uma placa vermelha escrito vendido no jardim dos Lawson. Ela não conhecia bem os Lawson; raramente falava com eles algo além das gentilezas habituais nas festas do bairro, mas se obrigou a acenar para Deborah Lawson numa manhã, na entrada da garagem. Deborah olhou para ela, estressada, tentando colocar os dois filhos louros no banco de trás do carro.

— A nova família — começou Stella. — São pessoas legais?

— Ah, não sei — respondeu Deborah. — Não os conheci. Os corretores resolveram tudo.

Mas ela não olhou diretamente para Stella nenhuma vez, passando depressa para entrar no carro, por isso Stella sabia que a mulher estava mentindo. Depois ela descobriu toda a história do problema de Hector Lawson com jogo, o que afundou a família em dívidas. Metade dos vizinhos ficou com pena dele, a outra metade culpou sua irresponsabilidade pela situação desagradável que enfrentavam. Dá para sentir pena de um homem que perdeu tanto, mas não quando sua falta de sorte atrapalha toda a vizinhança. Ainda assim, Stella manteve a esperança de que suas suspeitas estivessem erradas, até o dia em que Blake voltou do jogo de raquetebol limpando o suor do rosto com a camiseta e contou que a associação tinha cedido à pressão.

— O cara de cor ameaçou processar se não o deixassem se mudar — contou Blake. — Contratou um advogado famoso também. Assustou Percy. — Ele notou que a esposa parecia abalada e apertou seu quadril. — Ah, não fique assim, Stel. Vai ficar tudo bem. Aposto que não vão durar um mês aqui. Vão ver que não são bem-vindos.

— Mas virão outros depois deles e...

— Não se não puderem pagar. Fred disse que o homem pagou pela casa em dinheiro vivo. Ele é exceção.

Parecia que ele quase admirava o homem. Mas que tipo de pessoa ameaçava um processo para morar numa vizinhança onde não seria bem-vinda? Por que alguém insistiria em fazer uma coisa dessas? Para provar algum ponto? Para ficar triste? Para sair no noticiário noturno como todos aqueles manifestantes, surrados ou martirizados tentando convencer as pessoas brancas a mudarem de ideia? Duas semanas antes, sentada no braço

da poltrona de Blake, ela assistira às cidades em chamas por todo o país. Foi apenas uma bala, disse o apresentador, e a força do disparo rasgara a gravata de King. Blake ficou olhando, perplexo, para os negros desolados marchando em meio a prédios em chamas.

— Nunca vou entender por que fazem isso — comentou. — Destroem as próprias vizinhanças.

Nas notícias locais, policiais apareceram pedindo calma, a cidade ainda agitada pelos protestos de três anos antes em Watts. Ela entrou no banheiro de hóspedes, tapando a boca com a mão para disfarçar o choro. Será que Desiree estava se sentindo sem esperanças numa noite como aquela? Será que já tinha ficado esperançosa em algum momento? O país estava irreconhecível, disse Cath Johansen, mas para Stella parecia o mesmo de sempre. Tom Pearson, Dale Johansen e Percy White não iam invadir a varanda da casa de um homem de cor, arrastá-lo pela cozinha, pisotear suas mãos e atirar nele cinco vezes. Eram pessoas legais, pessoas boas, que doavam para obras de caridade e estremeciam diante de reportagens que mostravam xerifes do sul batendo com cassetetes em estudantes universitários de cor. Consideravam King um ótimo orador e talvez até concordassem com algumas de suas ideias. Não atirariam em sua cabeça — talvez até chorassem ao assistir seu funeral, pobre família —, mas ainda assim não permitiriam que o homem se mudasse para sua vizinhança.

— Podemos ameaçar nos mudar daqui — disse Dale durante o jantar. Ele enrolava um cigarro entre os dedos e vigiava a janela como se fosse um soldado. — O que a associação ia fazer, hein? Se todos nós simplesmente fôssemos embora?

— Por que nós é que devemos sair? — indagou Cath. — Trabalhamos duro e pagamos nossas contas.

— É só uma tática — explicou Dale. — Uma tática de negociação. Nosso poder coletivo nos dá uma vantagem...

— Parece um bolchevique falando — observou Blake, rindo.

Stella abraçou o próprio corpo. Ela mal tocara no vinho. Queria pensar em qualquer outra coisa que não fosse aquela família de cor prestes a se mudar, o que, é claro, era o único assunto de todos.

— Fico feliz que esteja conseguindo rir de tudo isso — rebateu Dale. — Espere só até a vizinhança inteira ficar igual a Watts.

— Estou te dizendo que isso nunca vai acontecer — opinou Blake, inclinando-se para acender o cigarro de Stella. — Não sei por que vocês estão tão preocupados.

— É melhor mesmo que não aconteça. Vou garantir isso — afirmou Dale.

Ela não sabia o que a deixava mais nervosa: pensar numa família de cor morando ali ou imaginar o que fariam para impedi-los.

ALGUNS DIAS DEPOIS, uma van amarela se deslocava devagar pelas ruas sinuosas de Palace Estates, parando a cada esquina em busca da Sycamore Way. Da janela do quarto, Stella espiou pelas frestas da cortina enquanto a van estacionava na frente da casa dos Lawson. Três homens negros e magros desceram da parte de trás usando camisetas roxas idênticas. Um a um, foram retirando um sofá de couro, um vaso de mármore, um tapete grande e felpudo, um elefante de pedra gigante com o tronco largo, uma luminária de chão bem fina. Um desfile sem fim de móveis e nenhum sinal da família. Stella ficou olhando o máximo que pôde, até que a filha chegou por trás e cochichou, como se estivessem planejando algum jogo de espionagem:

— O que está acontecendo?

Stella se afastou rapidamente da janela, envergonhada.

— Nada — respondeu. — Quer ajudar a mamãe a arrumar a mesa?

Após semanas de preocupação, seu primeiro encontro com os novos vizinhos foi acidental e nada memorável. Ela esbarrou com a esposa na manhã seguinte bem cedo ao levar a filha até a porta para ir à escola. Estava distraída segurando uma maquete enquanto fechava a porta e quase não notou a bela mulher de cor parada do outro lado da rua. Era magra e elegante, com a pele cor de noz-pecã, o cabelo na altura do pescoço como as Supremes. Usava um vestido dourado com decote redondo e segurava a mão de uma menina de vestido rosa. Stella parou, apertando na barriga a maquete feita de caixa de sapato. A mulher então sorriu e acenou, e Stella hesitou antes de enfim erguer uma das mãos.

— Dia bonito — observou a mulher.

Tinha um leve sotaque, talvez do Meio-Oeste.

— É mesmo — respondeu Stella.

Ela deveria se apresentar. Nenhum dos vizinhos tinha feito isso, mas a casa dela ficava bem em frente; praticamente dava para ver a sala da mulher. Em vez disso, empurrou Kennedy em direção ao carro. Segurou o volante com força durante todo o trajeto até a escola, relembrando a conversa. O sorriso simpático da mulher. Por que ela se sentira tão confortável para falar com Stella? Tinha visto algo nela, mesmo do outro lado da rua, que lhe inspirou confiança?

— Conheci a vizinha — contou ela a Blake naquela noite. — A esposa.

— Hum — murmurou ele, deitando-se a seu lado na cama. — É legal, pelo menos?

— Sim, acho que sim.

— Vai ficar tudo bem, Stel — assegurou ele. — Vão ficar na deles, se forem espertos.

O quarto pareceu escuro, o colchão fazendo barulho quando Blake rolou para o lado para beijá-la. Às vezes, quando ele a tocava, ela via o homem que arrastara seu pai pela varanda, o de cabelo ruivo. Alto, camisa cinza meio desabotoada, uma cicatriz na bochecha como se tivesse se machucado ao fazer a barba. Blake abriu as pernas de Stella e então o homem ruivo estava em cima dela... Stella quase sentia o cheiro de seu suor e via as sardas nas suas costas. Mas então ele voltava a ser Blake, com seu cheiro limpinho de sabonete, sua voz sussurrando o nome dela. Aquilo era ridículo — os dois homens nem se pareciam e Blake nunca a machucara. Mas ele poderia, o que a fez se contrair ainda mais ao senti-lo dentro dela.

OITO

Os novos vizinhos se chamavam Reginald e Loretta Walker, e quando se espalhou a notícia de que era o próprio Sargento Tommy Taylor quem estava se mudando para Sycamore Way, até os mais revoltados pararam de protestar. O Sargento Taylor era, claro, um personagem muito querido de *Frisk*, a série policial mais famosa da TV no momento. Ele interpretava o parceiro certinho do protagonista caótico, sempre azucrinando o herói com a papelada e os protocolos corretos. "Preencha esse formulário!" era o seu bordão e, durante meses, quando Blake o via por ali, sempre o cumprimentava gritando essa frase. Aparando a grama ou pegando o jornal na porta, Reg Walker encolhia um pouco os ombros antes de abrir o sorriso que era sua marca registrada, como se compreendesse que aquela era a frase menos ofensiva que um homem branco poderia gritar para ele do outro lado da rua.

Blake adorava aquilo, como se os dois tivessem uma piada interna. Não percebia que Reg Walker precisava de muita paciência para tolerá-lo. Mas aquilo sempre envergonhava Stella, que logo puxava Blake para dentro de casa. Tirando o noticiário, ela mal assistia à televisão e definitivamente não tinha qualquer interesse em seriados policiais, então quando descobriu isso sobre os Walker, não deu a mínima para o fato de Reg atuar num programa do qual Blake gostava. Talvez isso cativasse os maridos; já que precisavam ser vizinhos de um negro, que pelo menos ele fosse famoso. E confiável, até — um personagem que nunca tinha aparecido na TV sem o uniforme. Imagine qual não foi a surpresa quando viram Reg Walker pela primeira

vez: alto, magro, cabelo curto natural. Usava uma calça verde xadrez com uma camisa de seda que apertava seu peitoral largo. Um relógio de ouro brilhava em seu pulso e refletia o sol enquanto ele entrava no Cadillac preto novinho.

— Espalhafatoso — disse Marge Hawthorne sobre ele, da mesma forma dramática que poderia ter dito "perigoso".

Nas noites de sexta-feira, Stella observava os Walker entrarem no carro, Reg com um terno preto e Loretta enfiada num vestido azul-celeste. Talvez estivessem indo a uma festa. Com inúmeras celebridades em alguma mansão em Hollywood Hills, ou numa boate da Sunset ao lado de jogadores de futebol americano. Por um instante, Stella se sentiu idiota por suspeitar deles. Bob Hawthorne era dentista. Tom Pearson era dono de uma concessionária da Lincoln. Talvez, para os Walker, eles é que fossem os vizinhos desprezíveis. Ao olhar para si mesma, já de pijama, ela não discordava.

— E aí? — perguntou Cath, ofegante, aparecendo de repente a seu lado na reunião de pais e professores. — Como eles são?

Stella deu de ombros.

— Não sei — respondeu. — Só os vi uma ou duas vezes.

— Ouvi dizer que o marido é legal. Mas que a esposa é meio estranha.

— Como assim?

— Que ela é muito petulante. Barb me disse que ela quer colocar a filha na nossa escola ano que vem. Uma loucura, se quer saber minha opinião! Há escolas ótimas na cidade inteira com um monte de crianças de cor. E que têm ônibus e tudo.

Loretta Walker não parecia fazer o tipo que começaria um escândalo, mas o que Stella realmente sabia sobre ela? Mantinha-se distante e só espiava a mulher pelas frestas da cortina. Via Reg Walker sair para as

gravações bem cedo em seu Cadillac e Loretta usando um robe de seda verde acenando para ele da varanda. Via Loretta voltando do mercado às segundas, sempre às segundas, e descarregando o porta-malas do carro. Certa vez, um Buick bege parou na entrada de carros e três mulheres de cor saíram, carregando vinho e bolo. Loretta foi lá fora recebê-las e morreu de rir, a cabeça pendendo para trás. Um sorriso que também fez Stella sorrir. Quando foi a última vez que tinha visto alguém rir daquele jeito?

Pelas cortinas, ela assistia à vida dos Walker como se fosse mais um programa de TV. Mas nunca tinha visto nada de mais até o dia em que flagrou a filha brincando de boneca com a menina dos Walker no beco do fim da rua. Não havia tempo para pensar. Antes mesmo de se dar conta, já tinha corrido pela rua e agarrado o braço da filha, as duas garotas assustadas enquanto ela arrastava Kennedy de volta para casa. Ela tremia, atrapalhando-se ao trancar a porta enquanto a filha choramingava porque havia deixado uma boneca na rua. Rapidamente entendeu que sua reação fora exagerada... Ela mesma não brincara com meninas brancas quando tinha a idade de Kennedy? Ninguém ligava quando se é criança. As gêmeas costumavam ir com a mãe para o trabalho e brincavam com a menina branca que morava lá até que certa tarde a mãe da garota de repente a arrancou da roda. Stella disse à filha a mesma coisa que ouvira aquela mãe dizer.

— Porque não brincamos com crioulos — disse ela, e talvez tenha sido seu tom sério ou o fato de nunca ter falado tal palavra, mas foi o ponto final daquela história.

Ou ao menos era o que pensara até depois do jantar, quando a campainha tocou e ela abriu a porta para Loretta Walker, parada em seu capacho, segurando a boneca de Kennedy. Por um instante, sob a luz fraca da varanda, segurando aquela boneca loura, a própria Loretta quase parecia

uma criança. Ela então empurrou a boneca nas mãos de Stella e voltou para o outro lado da rua.

DURANTE TRÊS SEMANAS, Stella evitou Loretta Walker.

Nada mais de espiar só por curiosidade, agora ela olhava pelas cortinas antes de buscar a correspondência, para garantir que não ia esbarrar com Loretta. Ia ao supermercado às terças-feiras, nunca às segundas, apavorada com a possibilidade de cruzar com ela no corredor do leite. Até então, só houvera um encontro acidental numa manhã de domingo, quando os dois casais saíram para as respectivas igrejas ao mesmo tempo. Os maridos se cumprimentaram de forma gentil, mas as esposas nem dirigiram a palavra uma à outra e ajudaram as filhas a entrar no carro.

— Ela não é muito simpática — comentou Blake enquanto saía com o carro, e Stella não disse nada, apenas arrancou as luvas.

Não tinha do que se envergonhar, na verdade. Ela se comportara como Cath Johansen ou Marge Hawthorne provavelmente teriam feito. Ainda assim, não contou a Blake. E se ele questionasse por que a reação dela foi tão exagerada? Ou achasse que ela estava se comportando como o tipo de caipira tosca da Louisiana que a mãe dele sempre a acusara de ser? Ele acreditava num país moderado. O que mais queria, ele sempre dizia ao ver os policiais agredindo manifestantes no noticiário, era que todo mundo se entendesse. Então ele certamente ficaria envergonhado, como se ela própria já não estivesse envergonhada o suficiente. Ainda que soubesse não ter feito nada de errado, ela sentia náuseas ao pensar em Loretta parada em sua varanda, segurando aquela boneca. Teria sido melhor que a mulher a tivesse xingado. Chamado-a de retrógrada, mesquinha, intolerante. Mas ela não fez

isso. Foi decente porque era o que precisava ser, e aquilo só deixou Stella ainda mais envergonhada.

— Sabia que aquela tal de Walker mandou uma carta para a escola? — perguntou Cath num domingo, espremida ao lado de Stella no banco da igreja.

— Uma carta? — respondeu Stella, cansada demais para acompanhar a indireta de Cath, que estava ofegante.

Nem ali, na igreja, ela conseguia evitar Loretta Walker.

— Foi um ofício legal — contou Cath —, de um advogado famoso, e dizia que se não autorizarem a matrícula da filha dela, ela vai entrar com um processo. Já pensou? Todo um processo por causa de uma menina. Vou te contar, tem gente que adora chamar atenção...

— Ela não me parece esse tipo — interrompeu Stella.

— E como você sabe? — perguntou Cath.

Ela cruzou os braços no peito e Stella deu de ombros, vencida.

— Tem razão. Não sei.

EM JUNHO, Stella transformou a culpa num bolo de limão com cobertura de baunilha. A ideia surgiu de repente, e antes que pensasse duas vezes, já estava pegando um saco de farinha na despensa e procurando os ovos na geladeira. Estava ficando louca, esgueirando-se pela própria casa, indo sempre à janela espiar quando queria sair para fazer alguma coisa. Estava cansada do nó no estômago sempre que imaginava a filha dos Walker abandonada na calçada ao lado das bonecas espalhadas no chão, encarando-a com os olhos arregalados. Ela precisava pedir desculpas. Não se sentiria bem até que o fizesse. Ia assar um bolo e levar até lá, como um presente de boas-vindas. Ao menos assim podia ser cordial com a mulher. Decente.

Hospitalidade não era o mesmo que amizade e, se alguém perguntasse, ela diria que foi criada para ser receptiva. Nem mais nem menos. Um bolo de limão em troca de sua paz de espírito parecia um bom negócio.

À tarde, ela suspirou fundo antes de atravessar a rua, o bolo se equilibrando na bandeja de vidro. O Buick bege estava parado na entrada da casa dos Walker. Que bom, Loretta tinha visitas. Seria mais fácil entregar o bolo, pedir desculpas e ir embora logo.

Loretta abriu a porta usando um vestido verde reluzente e um lenço dourado enrolado no pescoço. Stella já ficou com vergonha ali, com seu vestido azul comum, segurando aquele bolo acabrunhado.

— Olá, Sra. Sanders — cumprimentou Loretta.

Encostada ao batente da porta, segurava uma taça de vinho branco.

— Oi — respondeu Stella. — Eu só queria...

— Por que não entra um pouco?

Stella parou, pois não estava esperando por aquilo. Uma gargalhada ecoou da sala de estar e ela sentiu uma pontada. Quando fora a última vez que se sentara para rir e se divertir com amigas?

— Ah, não, não posso. Você tem companhia e...

— Bobagem — respondeu Loretta. — Não há motivo para ficarmos conversando aqui na varanda.

Stella parou no hall de entrada, impactada com a decoração pomposa: no chão da sala de estar havia um tapete branco de pele, uma luminária de chão com cúpula dourada, um vaso ladrilhado na cornija da lareira. Sua própria casa era mais simples, uma espécie de baliza do bom gosto. Só as classes mais baixas viviam daquele jeito, com móveis dourados e enfeites pequenos entulhando tudo. Sentadas no sofá de couro largo, três mulheres de cor bebiam vinho e ouviam Aretha Franklin.

— Senhoras, esta é a Sra. Sanders — apresentou Loretta. — Ela mora aqui em frente.

— Sra. Sanders — começou uma das mulheres. — Ouvimos muita coisa a seu respeito.

Stella corou e se deu conta, a julgar pelo sorriso das mulheres, exatamente o que elas tinham ouvido. Por que concordara em entrar? Não, por que tinha trazido bolo, para começo de conversa? Por que não podia fazer como o restante dos vizinhos e simplesmente manter distância? Mas agora era tarde. Loretta a conduziu até a cozinha, onde Stella deixou o bolo na bancada.

— Aceita uma bebida, Sra. Sanders? — perguntou Loretta.

— É Stella — respondeu. — E não posso, só queria mesmo dar um pulinho aqui e... bem, te dar as boas-vindas à vizinhança. E, também, sobre o que aconteceu...

Tinha esperanças de que Loretta a ajudasse, livrando-a da vergonha de relembrar o incidente. Em vez disso, a mulher arqueou uma das sobrancelhas e pegou uma taça de vinho vazia.

— Tem certeza de que não quer beber?

— Só queria pedir desculpas — disse Stella. — Não sei o que deu em mim. Não sou assim normalmente.

— Assim como?

Loretta sabia muito bem o que ela estava querendo dizer, mas se divertia ao provocá-la. Stella corou de novo.

— Quer dizer, eu normalmente não... — Fez uma pausa. — Isso tudo é novo para mim, sabe.

Loretta deu uma olhada para ela e bebeu um gole de vinho.

— Acha que eu queria me mudar para cá? Mas Reg cismou com isso e então...

A voz dela começou a falhar, mas Stella podia adivinhar o resto da história. Na primeira vez em que se passou por branca, aquilo pareceu tão fácil que ela nem acreditou em como nunca tentara. Ficou quase com raiva de seus pais por terem lhe negado isso. Se tivessem feito a mesma coisa, se a tivessem criado como branca, tudo teria sido diferente. Nenhum homem branco teria arrastado seu pai pela varanda. Não haveria cestas de roupa suja enchendo a sala de casa. Ela poderia ter terminado a escola, se formado como primeira da turma. Talvez tivesse até estudado numa faculdade como Yale, onde conheceria Blake do jeito mais adequado. Talvez ela pudesse ter sido o tipo de garota com a qual a mãe queria que ele se casasse. Ela poderia ter a vida que tinha agora, mas ao lado da mãe, do pai e de Desiree.

A princípio, passar-se por branco parecia tão simples que ela não entendia por que os pais não o tinham feito. Mas ela era jovem naquela época. Ainda não tinha se dado conta de quanto tempo levava para se tornar outra pessoa, ou quão solitário podia ser viver num mundo ao qual não se pertencia.

— Talvez as meninas possam brincar um dia desses — sugeriu Stella. — Tem um parquinho bem simpático na próxima rua.

— Sim, talvez — respondeu Loretta com um sorriso que durou um segundo a mais, como se ela quisesse dizer mais alguma coisa.

Por um momento, Stella imaginou se ela percebera seu segredo. Quase torceu para que Loretta tivesse notado. Era assustador o quanto ela queria fazer parte da vida de alguém.

— É engraçado — comentou Loretta, por fim.

— O quê?

— Não sabia o que esperar quando me mudei para cá — explicou. — Mas nunca imaginei uma mulher branca na minha cozinha com o bolo mais torto que já vi.

LORETTA WALKER NÃO SABIA como tinha ido parar em Los Angeles. Foi o que ela disse, com um suspiro exausto e mais uma tragada no cigarro. Estava sentada no banco do parque, observando as meninas brincarem no balanço. Era só o início do verão, mas a manhã estava tão quente que Stella precisou secar a testa suada com um lenço. Ela empurrava Kennedy no balanço quando a menina de cor chegou ao parque correndo, Loretta atrás dela. A garota olhou para Stella com cuidado e segurou a mão da mãe. Por um instante, Stella pensou em ir embora. Mas, em vez disso, respirou fundo e ficou.

Agora, Loretta contemplava o céu sem nuvens com um olhar melancólico.

— Todo esse sol. Não é natural. Parece que estamos num filme o tempo inteiro.

Ela nasceu em St. Louis, mas conheceu Reg na Howard. Ele cursava teatro, era obcecado por August Wilson e Tennessee Williams; ela estudava história e queria se tornar professora um dia. Nenhum dos dois imaginara que Reg ficaria famoso ao interpretar um policial entediante. Quando ele ensaiava seus longos monólogos, impressionando Loretta com sua oratória, não imaginava que anos depois sua fala mais popular seria "Preencha esse formulário!"

— Você gostou de lá? Da Howard. É uma faculdade para pessoas de cor, não é? — perguntou Stella, como se não tivesse guardado todos os panfletos de faculdades entregues pela Sra. Belton.

Inclusive, ela olhara tanto para o da Howard que ele tinha se despedaçado no meio. Todos aqueles estudantes de cor sentados na grama, folheando livros. Parecia um sonho para ela.

— Sim, gostei.

— Sempre quis fazer faculdade — contou Stella.

— Você ainda pode.

Stella riu, mostrando a vizinhança com um gesto.

— E por que eu faria?

— Não sei. Talvez porque você quer?

Loretta fazia aquilo parecer muito simples, mas Blake acharia engraçado. Um desperdício de tempo e dinheiro, é o que ele diria. Além disso, ela nem tinha terminado o ensino médio.

— É muito tarde para isso — respondeu ela, por fim.

— Bem, o que você gostaria de estudar?

— Eu gostava de matemática.

Foi a vez de Loretta rir.

— Bem, você devia ser inteligente. Ninguém gosta de matemática só por diversão.

Mas ela amava a simplicidade da matemática, um número aumentava ou diminuía dependendo da função que você executava. Sem surpresas, apenas uma etapa lógica seguida de outra. Loretta se inclinou para a frente e ficou olhando as meninas brincarem. Ela não parecia em nada a esposa petulante sobre a qual todos fofocavam, a que queria forçar a matrícula da filha na Brentwood Academy. Ela nem parecia querer morar em Los Angeles. Depois da faculdade, planejara voltar ao Missouri, talvez fazer um mestrado. Mas então se apaixonou por Reg e acabou arrastada pelos sonhos dele.

— Então, por que vieram morar aqui? — perguntou Stella. — Em Palace Estates, quero dizer.

Loretta arqueou uma das sobrancelhas.

— Por que você veio?

— Bem, pelas escolas. E é uma boa vizinhança, não acha? Limpa. Segura.

Ela deu a resposta conveniente, mas não tinha tanta certeza assim. Mudara-se para Los Angeles por causa do trabalho de Blake e às vezes sentia que sua opinião não fora levada em conta. Em outros momentos, ela se lembrava de como todas as possibilidades em Los Angeles pareciam animadoras, todos aqueles quilômetros a separando de sua vida antiga. Era tolice fingir que não tinha escolhido a cidade. Ela não era nenhum barco à deriva levado pela correnteza. Havia criado a si mesma. Desde a manhã em que saiu do prédio da Maison Blanche como uma garota branca, ela tomara todas as decisões.

— Então, você não acha que eu gostaria de ter essas mesmas coisas? — indagou Loretta.

— Sim, mas você não... Quer dizer, deve ser mais fácil, não é, se você...

— Se eu só me misturar com quem é do meu tipo? — perguntou Loretta e acendeu mais um cigarro, o rosto reluzindo como bronze.

— Bem, sim. Não sei por que alguém escolheria fazer isso. Quer dizer, há ótimas vizinhanças para pessoas de cor e, além disso, há muita gente cheia de ódio.

— Vão me odiar de qualquer jeito — rebateu Loretta. — Melhor que me odeiem enquanto estou na minha mansão com todos os meus pertences lindos.

Ela sorriu e deu mais uma tragada no cigarro, e aquele sorriso astuto fez Stella se lembrar de Desiree. Sentiu-se uma menina novamente, as duas fumando escondidas na varanda enquanto a mãe dormia. Ela pegou o cigarro de Loretta, entregando-se ao momento de ternura.

HAVIA OS JOHANSEN, CLARO, na Magnolia Way: Dale trabalhava no setor financeiro no centro da cidade e Cath atuava como secretária da associação

de pais e professores da Brentwood Academy, embora quase nunca anotasse nada durante as reuniões. Por incontáveis vezes, Stella deu uma olhada em seu bloco de anotações e o encontrou em branco. Havia também os White, na Juniper: Percy trabalhava como contador em um dos estúdios, ela não lembrava em qual, Blake devia saber. Ele também era o presidente da associação, mas só havia se candidatado porque a mulher insistia para que fosse mais ambicioso. Lynn era de Oklahoma, de uma família de herdeiros de petróleo, e só Deus sabe como ela acabou se juntando a Percy White. Você compreenderia se desse uma olhada nele — digamos que não era bem o que ela tinha em mente quando sonhava em se casar com um homem de Hollywood. E havia ainda os Hawthorne, na Maple: Bob tinha os dentes mais brancos que ela já vira.

— Acho que já vi esse — comentou Loretta. — Os dentes são grandes também? Tipo do Mister Ed?

Stella gargalhou e quase deixou cair o novelo de lã azul. No sofá de couro, Loretta abriu um sorriso debochado, como sempre fazia ao perceber que dissera algo engraçado. O que acontecia com frequência, ainda mais agora que já estavam na segunda taça de vinho.

— Vai ver todos eles em breve — disse Stella. — São pessoas legais.

— Com você — observou Loretta. — Sabe que foi a única a bater à minha porta.

Stella sabia, mas tentava não se ater a isso. Ela viu o novelo escapar e a agulha de crochê de Loretta girar no ar. Quando ligou mais cedo para Loretta sugerindo que as meninas fossem brincar novamente, imaginou que elas se encontrariam no parque. Não esperava que a vizinha a convidasse para ir à sua casa e nem que fosse aceitar. Agora, as meninas brincavam no jardim dos Walker — dava para ouvir os gritos pela porta de tela — e ela estava meio altinha por causa do vinho, escutando Loretta contar como foi

ver a carreira de Reg finalmente decolar. Embora ele achasse *Frisk* entediante, era grato por enfim interpretar um policial e não mais um assaltante de rua que roubava a bolsa da protagonista nos créditos iniciais. Loretta ia às gravações com ele às vezes, mas achava aquilo tudo tão chato que normalmente acabava fazendo crochê num canto. Stella ficou impressionada com quão apática Loretta parecia ser em relação às coisas incríveis de sua vida. Sempre que ela lhe fazia uma pergunta, Stella ficava envergonhada, sabendo que tinha pouco a oferecer.

— Já disse. Não sou muito interessante.

— Ah, não acredito nem um pouco nisso — rebateu Loretta. — Aposto que existe um monte de coisas fascinantes nessa sua cabeça.

— Garanto a você que não existe. Sou o mais normal possível.

Ela havia feito uma coisa interessante na vida inteira, mas teria que passar o restante de seus dias escondendo-a. Quando Loretta perguntava sobre sua infância, ela era evasiva. Não podia compartilhar nenhuma memória sem evocar Desiree; todas as suas lembranças eram divididas ao meio, a irmã removida delas, e pareciam muito solitárias agora: Stella nadando sozinha no rio, andando pelos campos de cana-de-açúcar, correndo ofegante de um ganso que a perseguia pela rua. Um passado solitário, um presente solitário. Até então. De alguma forma, Loretta Walker se tornara a única pessoa com quem ela podia conversar.

Durante todo o verão, ela ficava esperando os telefonemas de Loretta. Podia estar observando a filha pintar aquarelas no jardim quando o telefone tocava e, num minuto, juntava todo o kit de pintura e dava uma olhada na rua antes de levar Kennedy para a casa da frente. Ou então podia estar a caminho da biblioteca pública para a contação de histórias quando Loretta ligava, e de repente os livros atrasados não eram tão importantes quanto se

aventurar até o outro lado da rua. Quando voltavam para casa, dizia à filha para não comentar sobre o dia de brincadeiras com Blake.

— Por quê? — perguntou Kennedy.

Stella se ajoelhou na frente dela para desamarrar seus sapatos.

— Porque o papai gosta que a gente fique em casa. Mas se não disser nada, podemos continuar brincando lá do outro lado da rua. Você quer isso, não quer?

A menina colocou as mãos nos ombros da mãe, como se fosse lhe dar uma bronca, mas estava apenas se equilibrando para tirar os tênis.

— Tudo bem — disse ela, tão direta que machucou um pouco.

Como todo o resto, mentir para a filha ficou mais fácil com o tempo. Ela criava Kennedy para mentir também, embora a menina nunca fosse saber disso. Ela era branca; nunca pensaria em si mesma de outra forma. Se algum dia soubesse a verdade, odiaria a mãe por enganá-la. Aquele pensamento passava por sua cabeça sempre que Loretta ligava. Mas toda vez ela se acalmava, pegava a filha pela mão e atravessava a rua.

NAS TARDES DE QUARTA-FEIRA, o Buick bege parava na entrada da casa dos Walker pouco depois da hora do almoço, e Cath Johansen ligava para Stella para fofocar.

— Eu sabia que não ia ser só uma — disse ela.

Tinha se convencido de que as mulheres de cor estavam ali para avaliar a vizinhança e planejar a chegada das outras. Stella segurou o telefone com a bochecha, olhando pelas frestas da cortina da cozinha enquanto as amigas de Loretta saíam do carro. A mais alta era Belinda Cooper, cujo marido era compositor de trilhas sonoras na Warner Bros. Mary Butler, que usava óculos estilo gatinho, era casada com um pediatra. Tinha sido da mesma

república de estudantes que Eunice Woods, cujo marido acabara de vender um roteiro para a MGM. Stella tinha informações básicas sobre as moças porque Loretta lhe contara, mas não esperava conhecer nenhuma delas até determinada quarta-feira, quando Loretta ligou para ela dizendo que Mary estava doente. Será que ela poderia ser a quarta jogadora?

— Não sou muito boa em jogos de cartas — respondeu Stella.

Ela era péssima em qualquer jogo que dependesse da sorte.

— Querida, não tem problema — disse Loretta. — Às vezes, nem tocamos nas cartas.

O jogo, ela entendeu, era basicamente um pretexto para que as mulheres fizessem o que realmente queriam: beber vinho e fofocar. Belinda Cooper, já na metade da segunda taça de Riesling, continuava comentando sobre um ator de cinema que estava tendo um caso descarado com uma das secretárias da Warner, uma mocinha jovem mas bem audaciosa, que anotava as mensagens da esposa dele e depois ia até o trailer para entregar coisas além dos recados.

— Essas garotas estão cada dia mais atrevidas — comentou Loretta. Deu mais uma tragada no cigarro sem nem ter tocado nas cartas. — Sabiam que outro dia fui com Reg ao Carl's e esbarrei em Mary-Anne...

— Como ela está?

— Grávida. De novo.

— Meu Deus!

— E sabem o que ela disse? Euny, é sua vez, querida.

— Mary-Anne nunca gostou de mim — observou Eunice. — Lembram aquela vez no casamento da elma?

Todas as conversas seguiam esse caminho, dando voltas e voltas que Stella não conseguia acompanhar. Não era mesmo para ela entender os apelidos ou analisar as histórias prévias complicadas daquelas personagens

sobre quem comentavam. Não era mesmo para ela estar ali, na verdade. Mas estava feliz ali sentada, quieta, mexendo nas cartas, apenas ouvindo. Se Belinda e Eunice se incomodavam com sua presença, não disseram nada. Mas não falavam diretamente com ela, como se indicassem a Loretta que Stella era responsabilidade dela. Ainda assim, a tarde passou de forma agradável até que as crianças apareceram para lanchar. Stella sempre ficava impressionada com a naturalidade de Loretta com Cindy. A garota se sentou ao lado dela, se esfregando feito um gato, e Loretta, sem interromper a conversa, acolheu a menina. Era como se ela soubesse o que Cindy queria antes mesmo de a garota pedir. Quando as meninas voltaram para o andar de cima, Eunice deu uma tragada no cigarro e disse:

— Ainda não sei por que insiste em fazer isso.

— Fazer o quê? — perguntou Loretta.

— Você sabe. Sei que esta é sua nova vida agora, mas...

— Ah, por favor...

— Mas sua filha vai ficar arrasada e todas nós sabemos. Não vale a pena isso tudo só para provar um ponto.

— Não é para provar um ponto — retrucou Loretta. — A escola é bem no fim da rua e Cindy é tão inteligente quanto todas aquelas crianças...

— Sabemos disso, querida — disse Belinda. — Não é que você não esteja certa. Pode estar certa até o fim dos tempos. Mas ela é sua única filha e esta é a única vida dela.

— Acham que não sei disso? — indagou Loretta. Seus olhos brilharam e então, lembrando a si mesma, ela riu um pouco, apagando o cigarro. — Ainda bem que nem todo mundo pensa como vocês.

— Vamos perguntar à sua nova amiga — sugeriu Eunice. — O que acha disso tudo, Sra. Sanders?

Stella ficou olhando para a mesa, o pescoço já corado.

— Ah, não sei — respondeu.

— Certamente você tem alguma opinião.

O sorriso que Eunice abriu para Stella parecia o de um cão de caça segurando um coelho entre os dentes. Quanto mais você se contorcia, mais forte os dentes lhe apertavam.

— Eu não faria isso — respondeu Stella, finalmente. — Os outros pais vão transformar a vida dela num inferno, vão querer usá-la de exemplo. Não tem ideia de como eles falam quando você não está por perto...

— E aposto que você corre para defendê-la — disse Eunice.

— Já chega — pediu Loretta com calma, mas foi desnecessário.

Àquela altura, o clima já tinha azedado. Belinda e Eunice foram embora antes mesmo de o jogo acabar. Stella lavou as taças de vinho enquanto as meninas arrumavam os brinquedos no andar de cima. Estava ficando tarde, eram quase quatro horas. Blake chegaria em casa logo. Ao lado dela, Loretta secava as taças com um pano, em silêncio.

— Sinto muito — disse Stella.

Ela não sabia pelo quê exatamente. Sentia muito por ter ido lá, por ter arruinado o jogo de cartas, por ter sido a pessoa que Eunice Woods a acusava de ser. Ela não defendera Loretta nem mesmo para a idiota da Cath Johansen. Tinha obrigado a filha a mentir, com medo de que o marido descobrisse que ela socializava com a mulher.

Loretta abriu um sorriso estranho.

— Acha que quero sua culpa? — disse ela. — Sua culpa não me serve de nada, querida. Se quiser se sentir bem por estar se sentindo mal, pode fazer isso lá do outro lado da rua.

Stella colocou a taça molhada na bancada e secou as mãos na toalha. Então era isso que Loretta realmente pensava sobre ela: uma mulher branca que ia até lá para aplacar sua culpa. E não era verdade? Ela realmente se

sentia culpada, mas, no fim das contas, conviver com Loretta a deixava pior ainda. Sua vida parecia mais falsa em comparação à dela. E mesmo assim não queria se afastar, nem agora que Loretta estava com raiva dela. Loretta foi pegar a taça da bancada e acabou derrubando-a, o vidro se espatifando aos pés delas. Olhou para o teto, subitamente exausta. Era muito jovem para parecer tão cansada, mas é claro que estava, lutando o tempo inteiro. Stella nunca lutava. Sempre desistia. Era uma covarde.

Loretta se abaixou para catar o vidro, mas, sem pensar, Stella esticou o braço e disse:

— Não, querida, você vai se cortar.

Ela então se ajoelhou no chão e começou a limpar a sujeira que tinha feito.

Primeiro foi Martin Luther King Jr. em Memphis, depois Bobby Kennedy no centro de Los Angeles. Logo parecia impossível abrir o jornal sem ver o corpo ensanguentado de algum homem importante. Stella passou a desligar o noticiário quando a filha entrava saltitando na cozinha para tomar café da manhã. Loretta contou que, alguns meses antes, Cindy perguntara o que significava *assassinato*. Ela disse a verdade, claro, que assassinato é quando se mata alguém para provar alguma coisa.

Aquilo até que era correto, supôs Stella, mas apenas se acontecia com um homem importante. Homens importantes se tornavam mártires, os desimportantes eram vítimas. No caso dos homens importantes, os funerais eram transmitidos pela TV e se decretava luto oficial durante vários dias. Suas mortes inspiravam a criação de obras de arte e a destruição de cidades. Mas homens desimportantes eram mortos apenas para provar que eram

desimportantes — que nem eram homens — e que o mundo continuava igual.

Às vezes ela ainda sonhava que alguém estava invadindo sua casa. Mais de uma vez, incentivou Blake a se levantar da cama para conferir. "Já disse a você que essa vizinhança é segura", dizia ele, voltando para debaixo das cobertas. Mas ela já não havia se sentido segura, anos atrás, escondida numa casinha branca rodeada de árvores? Hoje em dia ela dormia com um taco de beisebol atrás da cabeceira. "Vai fazer o que com isso, rebatedora?", perguntava Blake, apertando o pequeno bíceps da esposa. Mas quando ele viajava a trabalho, ela não dormia sem tocar o cabo velho do taco, apenas para se lembrar de que estava ali.

— VOCÊ NUNCA FALA SOBRE SUA FAMÍLIA — disse Loretta.

Ela estava estirada numa espreguiçadeira no jardim, metade do rosto escondido pelos óculos de sol. Usava um maiô lilás, as pernas ainda com gotas d'água da piscina. Stella esticou o pescoço para olhar as meninas mergulharem. As aulas voltariam em duas semanas, Kennedy de volta à Brentwood Academy e Cindy na St. Francis, em Santa Monica. Uma escola boa, a apenas meia hora de distância, dissera Loretta, e Stella ficou aliviada. Ela queria dizer a Loretta que seria melhor assim — não havia nada de errado em abaixar a cabeça e tentar sobreviver —, mas aquilo só a deixaria ainda mais derrotada. Loretta estava reclamando dos sogros que viriam de Chicago. Tinham planejado ficar dez dias inteiros, e Reg, é claro, disse que sim, porque nunca dizia não a eles e porque, é claro, seria ela quem precisaria entretê-los enquanto ele gravava.

— E você? — perguntou Loretta. — Seu marido se dá bem com seus pais?

A pergunta tão direta pegou Stella de surpresa; estava distraída já pensando no que ia fazer durante os dez dias em que não poderia encontrar Loretta.

— Meus pais morreram há muito tempo. Eles...

Sua voz enfraqueceu e ela não conseguiu terminar. A expressão de Loretta se fechou.

— Ah, querida, me desculpe. Olhe o que estou fazendo, trazendo más lembranças à tona...

— Está tudo bem. Foi há muito tempo.

— Você era jovem, então?

— Bem jovem. Foi um acidente. Não foi culpa de ninguém. Coisas ruins acontecem, é assim mesmo.

— E você tem irmãos ou irmãs? — perguntou Loretta.

— Não tenho irmãos — respondeu Stella. Parou por um momento e continuou: — Eu tinha uma irmã gêmea. Você me lembra um pouco dela.

Ela não tinha planejado dizer aquilo e, assim que falou, se arrependeu. Mas Loretta apenas riu.

— Como assim?

— Ah, não sei. Pequenas coisas. Ela era engraçada. Audaciosa. Totalmente diferente de mim, na verdade. — Começou a sentir as lágrimas chegando e se apressou a enxugar os olhos. — Desculpe, não sei por que estou falando tanto disso...

— Não se desculpe. Você perdeu sua família inteira! Se tem alguma coisa pela qual se deve chorar é por isso. E ainda uma irmã. Misericórdia.

— Ainda penso nela — confessou Stella. — Não sabia que ainda pensaria tanto assim...

— É claro que pensa. Imagine só perder uma irmã gêmea. Deve ser como perder metade de si mesma.

Às vezes ela se imaginava pegando o telefone e ligando para Desiree, só para ouvir sua voz. Mas não sabia como encontrá-la e, além do mais, o que diria? Muitos anos haviam se passado. Que bem faria olhar para trás? Estava cansada de justificar uma escolha que já tinha feito. Não queria ser arrastada de volta para uma vida que não era mais sua.

— Gêmeas — disse Loretta, como se a palavra em si fosse mágica. — Sabe o que minha mãe dizia? Ela sempre sabia se uma mulher ia ter gêmeos só de olhar para a palma da mão.

Agora foi Stella quem riu.

— Como assim?

— Ah, sim, ninguém nunca leu sua mão? Veja, vou te mostrar. — Loretta pegou a mão de Stella de repente. — Vê essa linha aqui? É sua linha dos filhos. Se for bifurcada, significa que você vai ter gêmeos. Mas você só tem uma. E essa aqui é sua linha do amor. Vê como é profunda e segue reta? Significa que vai ficar casada por bastante tempo. E essa aqui é sua linha da vida. Veja como ela se divide.

— E o que isso significa?

— Significa que sua vida foi interrompida.

Loretta sorriu e, mais uma vez, Stella se perguntou se ela sabia. Talvez estivesse fingindo esse tempo todo. Aquele pensamento era humilhante, mas estranhamente libertador. Talvez Stella pudesse contar a ela toda a história e quem sabe Loretta entendesse. Ela não pretendera trair ninguém, mas precisara se tornar uma nova pessoa. A vida era dela, por que não podia decidir que queria uma nova? Mas Loretta riu. Ela estava brincando. Era impossível ler a vida de uma pessoa apenas olhando sua mão, muito menos alguém com uma vida complicada como a de Stella. Ainda assim, estava gostando daquela experiência, Loretta passando as unhas pela palma de sua mão.

— Está bem — disse Stella. — E o que mais você vê aí?

NOVE

Em Nova Orleans, Stella se dividiu em duas.

Ela não percebeu a princípio porque já vinha sendo duas pessoas ao longo da vida inteira: era ela mesma e Desiree. As gêmeas, lindas e raras, nunca eram chamadas de as garotas, apenas de *as gêmeas*, como se fosse um título formal. Ela sempre pensou em si mesma como parte integrante da dupla, mas, em Nova Orleans, ela se fragmentou para virar uma nova mulher depois de ser demitida da Lavanderia Dixie. No trabalho, sonhava acordada o tempo inteiro com a manhã em que visitara o museu fingindo ser uma garota branca. Ser branca não tinha sido a parte mais empolgante. O empolgante era ser outra pessoa. Transformar-se em alguém diferente em plena luz do dia e ninguém ao redor saber a diferença. Ela nunca tinha se sentido tão livre. Mas estava tão distraída por aquelas lembranças que quase prendeu a mão na calandra. O perigo daquele quase acidente bastou para Mae demiti-la. Qualquer acidente de trabalho era ruim, mas um acidente envolvendo uma garota contratada ilegalmente era arriscado demais.

— Tem sorte de ter sido apenas demitida — disse Mae.

Tinha sorte porque perdera apenas o emprego e não a mão, ou tinha sorte porque só ela fora demitida e Desiree ganhou uma advertência severa? De qualquer forma, ela precisava de um trabalho novo. Durante semanas, foi à agência e passou a tarde inteira em salas de espera lotadas, sempre saindo com a promessa de que podia tentar novamente de manhã. Morria de medo de encarar Desiree no fim do dia, quando ela voltava para casa, e o pote de dinheiro das duas ia minguando. Então, num domingo antes do

vencimento do aluguel, ela encontrou uma vaga no jornal. A Maison Blanche estava procurando moças com boa escrita e habilidades em datilografia para uma vaga no departamento de marketing, e não era necessário ter experiência em escritório. Ela sempre fora elogiada por sua datilografia, mas uma loja de departamentos nunca contrataria uma garota de cor para fazer algo além de guardar sapatos ou borrifar perfume nos balcões. Ainda assim, Desiree disse que ela devia se candidatar.

— Vai pagar muito mais do que a Lavanderia Dixie — argumentou. — Tem que ir lá e ver o que acontece.

Ela quase disse não. Quase disse a Desiree para esquecer aquilo. E daí que ela sabia datilografar? Por que se sujeitar à humilhação de ouvir uma secretária branca empertigada dizer que moças de cor nem precisavam se candidatar? Ainda assim, ela acordou no dia seguinte, colocou seu vestido arrumado e pegou o bonde até a Canal Street. Era por sua culpa que elas estavam ficando sem dinheiro, portanto, precisava ao menos tentar. O elevador a levou até o sexto andar, onde saiu e encontrou uma sala cheia de moças brancas. Parou na porta, considerando se deveria virar as costas e ir embora. Mas a secretária loura acenou para ela.

— Preciso da sua amostra de datilografia, querida — disse.

Stella podia ter ido embora. Em vez disso, preencheu o formulário com cuidado e datilografou o parágrafo para a amostra. Suas mãos tremiam enquanto batia nas teclas. Estava morrendo de medo de ser descoberta, e ainda mais de não ser. E depois? Isso não era como entrar sorrateiramente no museu. Se fosse contratada, precisaria ser branca todos os dias, e se já não conseguia ficar sentada naquela sala de espera sem que suas mãos tremessem, como faria aquilo? Quando a secretária anunciou que a vaga tinha sido preenchida, ela ficou aliviada. Tinha se candidatado, e pelo menos poderia dizer a Desiree que fizera seu melhor. Guardou rapidamente

o casaco e o caderninho e começou a andar até o elevador quando a secretária perguntou se a srta. Vignes podia começar no dia seguinte.

NA MAISON BLANCHE, Stella endereçava envelopes para o Sr. Sanders. Ele era o funcionário mais jovem do departamento de marketing, além de ser lindo como um astro do cinema, então todas as outras garotas a invejavam. Carol Warren, uma loura de seios grandes de Lafayette, disse a Stella que ela não fazia ideia do quanto era sortuda. Carol trabalhava para o Sr. Reed, que supostamente era agradável, embora ela não parasse de olhar para os pelos brancos que saíam de suas orelhas enquanto ele lhe ditava as mensagens. Mas que maravilha deveria ser trabalhar para o Sr. Sanders! Carol comia sua salada com vontade, esperando que Stella compartilhasse algum detalhe interessante sobre ele, mas ela não sabia o que dizer. Mal falava com o homem, exceto pela manhã, quando ele deixava o casaco e o chapéu em sua mesa, e quando ele voltava do almoço e ela lhe dava os recados. "Obrigado, querida", ele sempre dizia, enquanto lia os pedaços de papel e voltava para o escritório. Ela achava que ele nem sabia seu nome.

— É lindo, não é? — sussurrou Carol ao notar que Stella estava olhando para ele.

Ela corou e balançou rapidamente a cabeça. A última coisa de que precisava era se meter em fofoca do escritório. Ficava na dela, chegava sempre na hora, ia embora quando deveria ir. Almoçava na própria mesa e falava o mínimo possível, certa de que dizer alguma coisa errada faria todo mundo desconfiar dela. E, principalmente, esforçava-se para não falar muito na presença do Sr. Sanders, dando apenas um oi quando ele a cumprimentava. Certa manhã, ele parou na frente da mesa dela balançando sua pasta ao lado do corpo.

— Você não fala muito — observou.

Não foi uma pergunta, mas ela se sentiu obrigada a responder.

— Desculpe, senhor. Sempre fui calada.

— Estou vendo. — Ele começou a andar para o escritório, mas de repente se virou. — Vou levar você para almoçar hoje. Gosto de conhecer as garotas que trabalham para mim — disse, dando um tapinha na mesa, como se ela tivesse dito sim, para mostrar que estava tudo decidido.

Durante toda a manhã ela ficou tão alterada que cometeu vários erros nos endereços dos envelopes. Quando chegou a hora do almoço, torceu para que o Sr. Sanders tivesse se esquecido do convite. Mas ele saiu do seu escritório e fez um gesto para que ela o acompanhasse, então lá foram eles. No Antoine's, Blake pediu ostras e, como ela ficou olhando em silêncio para o cardápio, pediu também sopa de jacaré para os dois.

— Você não é daqui, é? — perguntou ele.

Ela negou com a cabeça.

— Não, senhor. Eu nasci... Bem, é uma cidadezinha ao norte daqui.

— Não há nada de errado com cidadezinhas. Adoro cidades pequenas.

Ele sorriu para ela enquanto levava a colher à boca e ela tentou retribuir o sorriso. Mais tarde, naquela noite, Desiree pediu todos os detalhes, mas Stella não se lembrava do papel de parede verde-esmeralda, das fotos de pessoas famosas de Nova Orleans penduradas ou do gosto da sopa. Nada além do sorriso que o Sr. Sanders lhe dera. Nunca um homem branco havia sorrido para ela de um jeito tão gentil.

— Vamos fazer o seguinte — sugeriu ele. — Tudo que quiser saber sobre a cidade, tudo mesmo, você pode me perguntar. Não se sinta boba por isso. Sei que uma cidade nova pode ser bem estranha.

Ela ficou imóvel.

— Como se come isso? — perguntou, apontando para as ostras.

Ele riu.

— Você nunca comeu ostras? Achei que as pessoas na Louisiana adoravam.

— Nós não tínhamos muito dinheiro. Sempre quis saber como era.

— Não quis fazer graça com você — disse ele. — Vou mostrar, é bem fácil. — Então pegou o garfo e olhou para ela. — Você pertence a esse lugar, Stella. Nunca duvide disso.

No trabalho, Stella virou a Srta. Vignes ou, como Desiree a chamava, Stella Branca. Desiree sempre morria de rir depois de dizer isso, como se achasse aquela ideia absurda, o que irritava Stella. Queria que Desiree visse o quanto ela era convincente naquele papel, mas estava se apresentando onde não podia haver público. Apenas alguém que conhecesse sua verdadeira identidade poderia valorizar sua atuação, e ninguém no trabalho podia saber. Ao mesmo tempo, Desiree nunca conheceria a Srta. Vignes. Stella só conseguia ser aquela outra mulher quando Desiree não estava por perto. De manhã, a caminho da Maison Blanche, ela fechava os olhos e começava a se transformar. Imaginava outra vida, outro passado. Sem passos violentos na varanda, sem homens brancos de cara rosada arrastando seu pai, sem o Sr. Dupont se esfregando nela na despensa. Sem a mãe, sem Desiree. Ela limpava a mente, apagava toda a sua vida até se tornar nova como um bebê.

Logo ela não ficava mais nervosa enquanto o elevador subia e ela entrava no escritório. Você pertence a esse lugar, dissera Blake. Logo passou a pensar nele como Blake e não como Sr. Sanders, e percebeu que ele se demorava na mesa dela ao dar bom dia, que a convidava para almoçar com frequência, que começou a acompanhá-la até o bonde depois do trabalho.

— Não é seguro por aí — disse ele certa vez ao encontrá-la atravessando a rua. — Uma garota bonita como você andando sozinha.

Quando ela estava com Blake, ninguém a incomodava. O homem branco malicioso que tentava flertar com ela no ponto do bonde de repente ficou em silêncio; os homens de cor sentados na parte de trás nem olhavam em sua direção. Na Maison Blanche, ela ouviu certa vez outro funcionário se referir a ela como "a garota do Blake" e sentiu que aquele título se estendia para além do escritório. Como se simplesmente ao se aventurar no mundo como a garota do Blake ela tivesse se transformado de alguma maneira.

Logo ela começou a ansiar pelo momento em que saía pelas portas de vidro e andava sem pressa pela calçada com Blake. Logo ela percebeu que, quando ele piscava, seus cílios eram escuros e volumosos como os de uma boneca. Percebeu que, nos dias em que tinha alguma apresentação importante, ele usava abotoaduras de buldogue, que admitiu, meio envergonhado, terem sido presente de sua ex-noiva. O relacionamento não dera certo, mas ele ainda acreditava que elas davam sorte.

— Você é observadora, Stella — comentou. — Acho que ninguém nunca me perguntou sobre isso.

Ela notava tudo a respeito dele, mas não contava isso a ninguém, principalmente a Desiree. Aquela vida não era real. Se Blake soubesse quem ela realmente era, ia expulsá-la do escritório antes mesmo que Stella pudesse arrumar suas coisas. Mas o que tinha mudado nela? Nada, na verdade. Não usava disfarce e nem mesmo outro nome. Tinha entrado ali como uma garota de cor e saído como uma garota branca. Tornara-se branca apenas porque todo mundo achava que era.

Toda noite ela fazia o processo inverso. A Srta. Vignes entrava no bonde e se transformava novamente em Stella. Em casa, Stella nunca gostava de falar sobre trabalho, mesmo quando Desiree perguntava. Não gostava de pensar sobre a Srta. Vignes quando não era ela, embora, às vezes, a outra garota aparecesse de repente, feito uma velha amiga. Certa noite, deitada no

apartamento, ela pensava: o que será que a Srta. Vignes estaria fazendo agora? E lá estava ela, a Srta. Vignes descansando em seu apartamento luxuoso, um tapete de pele entre os dedos de seus pés, nada daquele conjugado apertado que dividia com a irmã e que sempre cheirava a maisena. Em outra noite, enquanto esperavam do lado de fora para serem atendidas em um restaurante, na janela para pessoas de cor, ela pensava como a Srta. Vignes não receberia sua comida na janela de um beco, feito um cachorro de rua. Não sabia dizer se estava ofendida ou se era a Srta. Vignes quem tinha se ofendido por ela.

Às vezes, se perguntava se a Srta. Vignes era mesmo uma pessoa completamente separada dela. Talvez não fosse apenas uma máscara que Stella usava. Talvez a Srta. Vignes já fizesse parte dela, como se fosse dividida em duas. Ela podia se tornar qualquer das mulheres que quisesse, dependendo do lado que trouxesse à tona.

NINGUÉM NO ESTATES SABIA o que pensar daquilo: Stella Sanders atravessando a rua para visitar aquela mulher de cor. Marge Hawthorne jurou que tinha visto aquela situação meses atrás: Stella saindo de casa com um bolo nos braços.

— Dando as boas-vindas para aquela mulher, acredita? — perguntou Marge, mas ninguém acreditou nela a princípio.

Marge estava sempre imaginando coisas; por duas vezes já jurara ter visto Warren Beatty no lava jato. Mas então Cath Johansen flagrou Stella e Loretta no parque, sentadas lado a lado no banco. Os ombros relaxados, tranquilas. Loretta disse algo que fez Stella rir, e Stella pegou o cigarro de Loretta para dar uma tragada. Colocou o cigarro daquela mulher de cor na própria boca! Esse detalhe — específico e inusitado — fez a história colar,

além do fato de ter sido contada por Cath. Ela sempre gostou de Stella, orbitava em volta dela feito um planeta satélite feliz em ser banhado por sua luz.

Mas quando ela comentou com as outras mulheres sobre Stella e Loretta, Cath disse que não conhecia Stella tão bem assim e, além disso, sempre notou que havia algo de estranho nela. Betsy Roberts a interrompeu para contar ao grupo que naquela segunda-feira mesmo tinha visto Stella atravessando a rua para a casa da vizinha com a filha.

— Isso é o mais vergonhoso — disse ela. — Arrastar aquela menininha para isso.

Mas o que tudo aquilo significava era um mistério. Ninguém disse nada a Blake Sanders, que tinha notado algo estranho em Stella, mas ele já aceitara que a esposa era o tipo de mulher cujas alterações de humor não conseguia decifrar. Sua mãe lhe avisara e dissera que ela não valia o esforço. Ele tinha acabado de começar a namorar Stella na época, mas ela já trabalhava como sua secretária havia dois anos; foi com ela que ele conversou mais do que com qualquer outra pessoa na vida. Pela posição dos ombros dela, identificava se Stella estava de mau humor; conseguia ler seus garranchos quando ela escrevia com pressa. Mas namorar Stella era como desvelar todo um novo mistério. Ele nunca conheceu qualquer outra pessoa da vida dela. Nenhum parente, nenhum amigo, nenhum antigo namorado. Naquela época, o distanciamento parecia meio etéreo. Até romântico. Mas a mãe dele dizia que Stella estava escondendo alguma coisa.

— Não sei o que é — dizia ela. — Mas vou te falar uma coisa. A família dela está viva.

— E por que ela diria que não está?

— Porque provavelmente ela vem de alguma roça imunda da Louisiana e não quer que você saiba. Bem, vamos descobrir em breve.

A mãe queria que ele se casasse com outra moça, uma que tivesse certo pedigree. Durante a faculdade, ele tinha levado garotas daquele tipo a vários bailes; garotas da alta sociedade o entediavam demais. Talvez por isso tenha sido atraído pela secretária bonita que vinha de lugar nenhum e não tinha ninguém. Não se importava com seus segredos. Ia descobri-los no tempo certo. Mas anos haviam se passado e ela permanecia enigmática como sempre. Certa tarde, ele chegou cedo do trabalho chamando por ela e encontrou a casa vazia. Quando a mulher e a filha enfim voltaram, uma hora depois, Stella ficou surpresa ao vê-lo e se inclinou para lhe dar um beijo.

— Desculpe, querido — disse. — Estávamos na casa da Cath e perdi a noção do tempo.

Numa outra vez, ele chegou antes dela em casa porque Stella tinha ficado até tarde na casa de Betsy Roberts.

— Sobre o que estavam conversando? — perguntou ele mais tarde.

Ela estava sentada em frente ao espelho da penteadeira escovando o cabelo. Cem escovadas antes de dormir toda noite, como lera na revista *Glamour*. A escova vermelha virava um borrão, o que o fascinava.

— Ah, você sabe. Sobre as crianças. Essas coisinhas.

— Nunca soube que você era assim.

— Assim como?

— Bem, simpática.

Ela riu.

— Só estou sendo uma boa vizinha. Não é você que vive me dizendo para sair mais?

— Mas agora você sai o tempo inteiro.

— E o que eu deveria fazer? Dizer a Kennedy que ela não pode ter amigos?

Ele fora uma criança tímida, portanto, nunca teve muitos amigos, de cor ou qualquer outro. Mas ele brincava com Jimbo, um boneco de pano preto e feio, com cabeça de plástico e lábios vermelhos estranhos. O pai odiava ver o filho andando para lá e para cá com um boneco, ainda mais um boneco negro, mas Blake o levava para todos os cantos e sussurrava seus segredos naquelas orelhas de plástico. Era um amigo, alguém que guardava os sentimentos dele por trás do sorriso vermelho estático. Até que um dia ele saiu para o quintal e viu pequenos amontoados de algodão espalhados pela grama. Lá estava Jimbo na sujeira do caminho de entrada, estripado, braços e pernas espalhados, suas partes internas transbordando. O cachorro deve tê-lo pegado, disse o pai, mas Blake sempre imaginou o pai dando o boneco para o cachorro morder. Ele se ajoelhou e pegou um dos braços de Jimbo. Sempre se perguntara como seria o interior do boneco. Por algum motivo, achava que o algodão seria marrom.

QUANDO CHEGOU A ÉPOCA DO NATAL, Stella já havia passado tantas tardes na casa de Loretta que, por força do hábito, ao se despedir numa segunda, disse "até amanhã".

— É véspera de Natal, querida — disse Loretta rindo, e Stella riu também, envergonhada por ter esquecido.

Ela sempre temia as festas de fim de ano. Não parava de pensar na família, ainda que as comemorações de que se lembrava fossem bem diferentes das atuais. Uma árvore tão alta que a estrela tocava no teto, tanta comida para o jantar que ela enjoava das sobras e montanhas de presentes para Kennedy. Todo mês de dezembro, munida da carta para o Papai Noel, ela ia para a loja de departamento com todas as outras mães e tentava imaginar uma infância como aquela. As gêmeas sempre ganhavam um

presente cada uma — algo útil, como um vestido novo para a igreja. Num ano, Stella ganhou uma leitoa da fazenda Delafosse e a batizou de Rosalee. Durante meses, alimentou Rosalee e correu com ela pelo quintal. Até que chegou o domingo de Páscoa e a mãe matou a leitoa para servir de jantar.

— E eu comi até o último pedaço — contou à filha uma vez.

Achou que aquela história podia ensinar gratidão a Kennedy; não esperava que a menina iria abrir o berreiro, olhando para ela como se fosse um monstro. Talvez ela fosse. Não se lembrava de ter derramado uma lágrima por aquela leitoa.

— Vão fazer algo interessante no feriado? — perguntou Loretta.

— Vamos apenas receber algumas pessoas. Um evento pequeno, como fazemos todo ano.

A festa não era um evento pequeno; tinham contratado bufês, um quarteto de cordas, e convidado toda a vizinhança. Mas, é claro, não podia dizer isso a Loretta. Ela soube, enquanto lambia os envelopes dos convites, que jamais poderia convidar os Walker.

Na véspera de Natal, os Johansen chegaram primeiro trazendo um bolo de frutas duro, depois vieram os Pearson com um Bourbon para a gemada. Os Roberts, extremamente católicos, trouxeram um anjinho louro para a árvore. Então chegaram os Hawthorne acenando da entrada com uma ganache caseira, os White com um irônico globo de neve com cenário de praia, e logo a sala estava lotada de convidados. Stella sentiu até calor com toda aquela gente, ou talvez fosse por causa do vinho quente ou ainda porque soubesse que, do outro lado da rua, Loretta provavelmente ouvia a música. Ela deve ter visto o desfile sem fim de vizinhos subindo pela escada. Ou talvez não. Os pais dela tinham chegado naquela noite; Stella vira o casal idoso sair de um Cadillac, Reg pegando as malas no carro, Loretta abraçando os dois enquanto olhavam em volta, deslumbrados com a

vizinhança como se tivessem chegado a outro país. A própria mãe de Stella não olharia para a nova vida da filha da mesma maneira? Ao menos os pais de Loretta estariam orgulhosos. Ela conquistou coisas boas de forma honesta, e não roubando uma vida que não era dela. Mas, pensando bem, tanto ela quanto Loretta acabaram no Estates porque se casaram bem. Talvez não houvesse assim tanta diferença entre as duas.

Blake trocou o copo vazio de Stella por outro vinho quente e lhe beijou na bochecha. Ele adorava dar festas, ainda que aquilo fizesse Stella querer se esconder num canto. Betsy a puxou para uma conversa sobre roupas de cama, Cath perguntou onde ela havia comprado aquela mesinha de canto, Dale balançou um visco sobre sua cabeça. Ela estava na beira de uma roda de conversa, mas imaginava se a filha continuava espionando a festa pelo corrimão da escada, sempre com medo de estar perdendo alguma coisa interessante. Foi então que o círculo de vizinhos explodiu numa gargalhada, sorrindo para ela, esperando uma resposta.

— Desculpem — disse ela. — Do que estavam falando mesmo?

Ela facilmente passava vergonha nessas festas. De repente se via no meio de uma discussão política — a situação no Vietnã, talvez, ou alguma eleição — e alguém perguntava sua opinião. Mesmo que lesse os jornais e tivesse suas opiniões como todo mundo, de repente lhe dava um branco. Sempre tinha medo de dizer a coisa errada. Agora, Dale Johansen estava dando um sorriso debochado para ela.

— Eu disse que estava me perguntando que horas sua nova amiga vai chegar — perguntou.

— Ah, não sei — respondeu ela. — Acho que todo mundo já chegou.

Quando todos os outros trocaram olhares debochados, ela corou. Odiava ser motivo de piada.

— Do que está falando, Dale?

Dale riu.

— Só estou perguntando se sua vizinha do outro lado da rua vai vir. Certamente ela está ouvindo a música daqui.

Stella parou, o coração acelerado.

— Ela não é minha amiga — afirmou.

— Bem, as pessoas estão dizendo que você anda ligando para ela — observou Cath.

— E daí?

— Então é verdade? Anda fazendo visitas a ela?

— Acho que isso não é da sua conta — rebateu Stella.

Betsy Roberts se sobressaltou. Tom Pearson riu, incomodado, como que querendo transformar aquilo numa piada. De repente, Stella sentiu que havia se transformado numa nova criatura para eles. Algo selvagem e feroz. Cath deu um passo para trás, corada.

— Bem, todo mundo está comentando — observou ela. — Achei que você devia saber.

A AUDÁCIA DAQUELA MULHER.

Em frente ao espelho do banheiro, Stella, enfurecida, jogava água no rosto. Como Cath Johansen se atrevera? Entrar daquele jeito na casa dela, com aquele bolo de frutas parecendo uma pedra, e dizer na cara dela, em sua própria casa, na frente de todo mundo, que a vizinhança inteira a julgava. Dale sorrindo como um idiota ao lado dela, Blake assistindo a tudo com uma expressão confusa de quem acabou de acordar e encontrou um monte de estranhos na sala. Ela correu para o andar de cima e fumou um cigarro na janela do quarto. Ouvia os murmúrios na festa lá embaixo; Blake com certeza estava se desculpando por ela. Ah, não se preocupem, Stella

sempre fica meio mal-humorada nesta época. Pois é, melancolia de fim de ano, vai saber, quem entende aquela mulher na maior parte do tempo? Então ouviu os Johansen, os Hawthorne e os Pearson saindo cuidadosamente pelo caminho de entrada, passando pela grama bem cuidada e entrando por suas portas idênticas para cochichar sobre ela. Imagine só se eles soubessem. O pensamento passava por sua cabeça com prazer, do mesmo jeito que, quando dirigia por uma passarela, ela sempre imaginava o que aconteceria se virasse o pneu e se jogasse de forma descontrolada sobre o gradil. Nada era mais sedutor do que a possibilidade de destruição total.

— Dá para acreditar nisso? — perguntou a Blake. — Na minha própria casa! Falar comigo daquela maneira. Como pode ser tão atrevida?

Ela espalhava o creme noturno pelo rosto com raiva. Blake se inclinou por trás dela desabotoando a camisa.

— Por que não me contou? — perguntou.

Não parecia irritado, apenas preocupado.

— Não há nada para contar — respondeu. — As meninas gostam de brincar juntas e...

— Então por que não me disse isso? Por que mentir falando que ia à casa de Cath para...

— Não sei! — disse ela. — Eu só pensei... Parecia mais fácil desse jeito, está bem? Sabia que você teria um monte de perguntas...

— E a culpa é minha? Você nunca foi assim. Não queria nem que eles se mudassem para cá...

— Bem, as meninas gostam de brincar juntas! O que eu deveria fazer?

— Não mentir para mim. Não me dizer que está fazendo uma coisa e fugir sorrateiramente para lá o tempo inteiro...

— Não é o tempo inteiro.

— Cath disse que foram duas vezes essa semana!

Stella riu.

— Não pode estar falando sério. Não acredito que vai ficar do lado de Cath Johansen e não do meu.

— Isso não tem nada a ver com lado! Eu estava percebendo também, sabe. Você está diferente, não parece a mesma. Anda por aí como se estivesse com a cabeça nas nuvens. E agora fica atrás dessa Loretta. Isso não é normal. É... — Ele parou e pegou leve com ela, segurando seus ombros. — Eu entendo, Stella, entendo mesmo. Você se sente sozinha. É isso, não é? Nem queria se mudar para Los Angeles e agora está se sentindo sozinha. E Kennedy está crescendo. Então você provavelmente... Bom, devia fazer um curso ou algo assim. Algo que sempre quis. Como aprender italiano ou fazer cerâmica. Vamos encontrar algo legal para você fazer, Stel. Não se preocupe.

Há muito tempo, em Nova Orleans, Blake a convidou certa noite para um jantar de trabalho.

— Eu odiaria ir sozinho — disse ele. — Sabe como são essas coisas.

Ela concordou com a cabeça, embora, é claro, não soubesse. Disse a Desiree que precisaria trabalhar até tarde e pegou um vestido emprestado com uma das outras secretárias. Blake a encontrou na entrada do local do jantar, tão elegante quanto o protagonista de um filme.

— Você é um colírio para os meus olhos — sussurrou ele em seu ouvido.

Durante toda a noite, não saiu do lado dela, suas mãos sempre na parte de trás de sua cintura. No fim da noite, levou-a para um café e, enquanto ela comia uma torta de cereja, ele contou que ia voltar para Boston. O pai estava doente e ele queria ficar mais perto de casa.

— Ah — disse ela, derrubando o garfo.

Não tinha se dado conta de quão desesperadamente queria mais noites como aquela ao lado dele até perceber que não haveria mais nenhuma. Mas ele a surpreendeu e segurou sua mão.

— Sei que é loucura — afirmou. — Mas tenho uma proposta de trabalho em Boston e... — Ele parou por um segundo e riu. — É loucura, Stella, mas você iria comigo? Vou precisar de uma secretária lá e pensei que...

Eles ainda não tinham nem se beijado, mas aquela proposta já parecia tão séria quanto um pedido de casamento.

— Apenas diga sim — pediu ele, e aquela palavra tinha gosto de cereja: doce, ácido e fácil.

Sim, e poderia se tornar a Srta. Vignes para sempre, simples assim. Não se permitiu ficar em dúvida. Não tinha planejado como ia abandonar a irmã e se instalar numa cidade nova sozinha. Pela primeira vez na vida, não estava preocupada com nenhum detalhe prático ao dizer sim para Blake Sanders. A parte mais difícil de se tornar outra pessoa era tomar a decisão. O resto era só logística.

Agora ela olhava para Blake pelo espelho, e ele a encarava com seus olhos suaves e preocupados. Ela criara uma nova vida com um homem que nunca poderia conhecê-la de verdade, mas como poderia escapar disso? Era a única vida que lhe restava.

NA MANHÃ DE NATAL, ela se recostou no peito de Blake e ficou observando a filha gritar e mergulhar na pilha de presentes. Uma Barbie que falava ao puxar a cordinha, um kit de cozinha completo da Suzy, uma bicicleta vermelha Spyder. Olha isso, olha aquilo, ela devia ter mesmo sido uma boa menina naquele ano! E não como todas aquelas pobres crianças maltrapilhas olhando para árvores vazias que provavelmente mereciam, más porque eram

pobres, pobres porque eram más. Ela nunca quis participar daquela farsa do Papai Noel, mas Blake dizia que era importante para preservar a inocência de Kennedy.

— É só uma historinha — dizia ele. — Ela não vai odiar a gente quando descobrir.

Ele nem conseguia dizer a palavra *mentira*. O que já era uma mentira por si só.

O carpete estava tomado por uma bagunça de papéis de presente rasgados, Kennedy atordoada de tanta felicidade. Stella abriu cada uma das caixas de Blake com presentes que ela não tinha pedido: um casaco comprido de vison, um bracelete de diamantes, um colar de esmeralda que ele a ajudou a colocar quando estavam juntos diante do espelho do quarto.

— São presentes demais — sussurrou ela, passando os dedos pela esmeralda.

— Nada é demais para você, meu amor — respondeu ele.

Stella tinha tirado a sorte grande. Um marido que a adorava, uma filha feliz, uma casa linda. Como podia reclamar de alguma coisa? Quem era ela para querer mais, depois de já ter conseguido tanto? Precisava parar com aquela brincadeira tola com Loretta Walker. Parar de fingir que as duas tinham algo em comum, que coexistiam no mesmo universo, que poderiam ser amigas. Precisava dizer a Loretta que não a visitaria mais.

Na cozinha, amassou batatas até os braços doerem. Espetou as fatias de abacaxi no tender natalino e o pôs no forno. Blake, que assistia aos Lakers vencerem os Suns com folga, disse a ela que Kennedy tinha ido brincar com os filhos dos vizinhos. Mas quando ela saiu, não viu os filhos dos Pearson andando de bicicleta, nem as filhas dos Johansen empurrando seus carrinhos ou ninguém jogando bola. Nenhuma criança, o fim da rua estava vazio, a não ser por Kennedy e Cindy na grama dos Walker, as duas chorando.

Loretta estava ajoelhada entre as meninas, esgotada, ainda de avental. Stella saiu correndo até lá e agarrou a filha, procurando sinais de cortes ou machucados. Mas não encontrou nada, então abraçou a menina.

— Qual o problema? — perguntou a Loretta. — Aconteceu alguma coisa?

Uma briga por causa de um brinquedo novo, talvez. A Barbie Falante estava jogada na lama entre as duas. Mas Loretta se levantou, segurando a mão da filha.

— Você deve saber.

Sua voz estava estranha, fria. Talvez ela tenha ouvido a música da festa na noite anterior, talvez ainda estivesse magoada por não ter sido convidada. Stella passou a mão no cabelo da filha.

— Precisa compartilhar, querida — recomendou. — O que a mamãe já disse sobre isso? Desculpe, Loretta, ela é filha única, sabe como é...

— Ah, ela compartilhou bastante coisa — disse Loretta. — Quero que ela fique longe da minha filha.

— O quê? — Agora foi Stella quem se levantou, protegendo Kennedy, segurando-a pelo ombro. — Do que está falando?

— Sabe o que ela disse a Cindy? Bem, as meninas resolveram jogar alguma coisa, mas Kennedy estava perdendo, então disse: "Não quero jogar com uma crioula."

Foi como se tivesse levado um soco no estômago.

— Loretta, eu...

— Não, eu entendo — respondeu Loretta. — A culpa não é dela. Isso tudo vem de casa, sabe? E fui uma tola em deixar que você entrasse na minha. A mulher mais solitária da vizinhança. Eu devia saber. Fique longe de mim.

Loretta tremia, totalmente vulnerável naquele momento de raiva, e sentindo ainda mais raiva por isso. Stella estava entorpecida. Conduziu a filha para o outro lado da rua. Assim que fechou a porta, agarrou Kennedy e lhe deu um tapa. A menina berrou.

— O que foi que eu fiz? — perguntou ela, voltando a chorar.

Atrás dela, o público do jogo na TV gritava e Blake torcia junto. Stella olhou para o rosto da filha e enxergou todas aquelas pessoas que ela sempre odiou, depois viu o rosto da filha novamente, encarando-a com os olhos marejados, a mão tapando a bochecha vermelha. Stella caiu de joelhos e puxou a filha para perto, beijando seu rosto molhado.

— Não sei — respondeu. — Não sei. Perdoe a mamãe.

ANOS DEPOIS, STELLA SE LEMBRARIA de ter falado com Reg Walker apenas três vezes. Numa manhã, quando abriu a porta para pegar o jornal, ele estava saindo para a gravação e parou na entrada para dizer: "Lindo dia, não é?" Ela concordou e o observou entrar em seu elegante carro preto. A segunda vez foi quando ele chegou em casa e a encontrou sentada no sofá ao lado da esposa. Parou por um segundo no batente da porta como se tivesse entrado na casa errada. "Oi", disse ele, meio tímido de repente, e Loretta riu ao pegar sua taça de vinho. "Sente-se um pouco aqui conosco, amor", disse ela. Ele não se sentou, mas, antes de sair, inclinou-se para acender o cigarro dela e os dois trocaram um olhar tão íntimo que Stella desviou os olhos. E a terceira vez foi quando Reg ajudou Stella a carregar suas compras do mercado. Ela devia ter recusado quando ele chegou perto, mas o deixou carregar as sacolas para dentro de casa, o caminho da porta da entrada até a bancada da cozinha parecendo mais longo do que nunca. Nem Loretta

havia entrado em sua casa. Ela o acompanhou pelos longos e insípidos corredores e ele deixou as compras na bancada.

— Aí está — disse ele, sem olhar para ela.

Mas, uma semana depois do Natal, no encontro de costura, ela disse a Cath Johansen e Betsy Roberts que ele a deixava desconfortável.

— Não sei — contou Stella enquanto arrancava o ponto que errara. — Nunca gostei do jeito que ele olhava para mim.

Três dias depois, alguém jogou um tijolo pela janela da sala dos Walker, estilhaçando o vaso ladrilhado que Loretta comprara no Marrocos. Tom Pearson e Dale Johansen assumiram a culpa, embora não tivesse sido nenhum deles. Stella descobriu que tinha sido Percy White; ele considerou a chegada dos vizinhos novos uma ofensa pessoal, como se tivessem se mudado só para estragar seu mandato como presidente da associação. Alguns o aplaudiram e outros ficaram desconfortáveis.

— Aqui é Brentwood, não o Mississippi — argumentou Blake.

Jogar tijolos em janelas parecia algo que pessoas inferiores e ignorantes faziam. Mas, uma semana depois, outro homem, desesperado para se provar, deixou um saco de cocô de cachorro na porta da casa dos Walker. Dias depois, outro tijolo foi arremessado pela janela. De acordo com o noticiário, a filha do casal estava vendo televisão na hora. O médico precisou remover cacos de vidro de sua perna.

Em março, os Walker deixaram o Estates tão repentinamente quanto haviam chegado. A esposa estava arrasada, contou Betsy Roberts a Stella, então eles compraram uma casa nova em Baldwin Hills.

— Não sei por que não fizeram isso desde o início — comentou Betsy. — Vão ser muito mais felizes lá.

Àquela altura, Stella não falava com Loretta desde o Natal. Mas ficou observando pelas frestas da cortina quando o caminhão amarelo de

mudança parou na entrada e alguns rapazes de cor carregaram as caixas de papelão para fora da casa. Ela se imaginou atravessando a rua para se explicar. Pararia na sala de estar gigantesca, Loretta equilibrando uma das caixas enquanto fechava outra. A vizinha não pareceria irritada ao vê-la, na verdade estaria inexpressiva, o que a magoaria ainda mais. Stella diria que só falou aquelas coisas horríveis sobre Reg porque estava desesperada para se esconder.

— Não sou como eles — diria. — Sou como você.

— Você é negra — diria Loretta.

Não seria uma pergunta, mas a constatação de um fato.

Stella contaria aquilo porque ela estava indo embora; em algumas horas, desapareceria daquela parte da cidade e da vida de Stella para sempre. Contaria porque, apesar de tudo, Loretta era sua única amiga no mundo. E porque ela sabia que, se chegasse ao ponto em que fosse sua palavra contra a de Loretta, todo mundo acreditaria nela. E ao saber disso ela se sentia, pela primeira vez, verdadeiramente branca.

Imaginou Loretta largando a caixa e andando em sua direção. Em seu rosto, uma mistura de medo e admiração, como se tivesse visto algo lindo e familiar.

— Não precisa explicar nada para mim — diria ela. — A vida é sua.

— Mas não é — responderia Stella. — Nada disso pertence a mim.

— Bem, você escolheu. Então é sua — opinaria Loretta.

PARTE 4

A ENTRADA PARA O PALCO

(1982)

DEZ

Se você fosse ao Park's Korean Barbecue, na esquina da Normandie com a Oitava, durante o outono de 1982, provavelmente encontraria Jude Winston limpando alguma das mesas altas e olhando pelas janelas embaçadas. Às vezes, antes de começar seu turno, ela se sentava na cabine dos fundos para ler. O barulho não a distraía, o que os outros garçons não compreendiam. No seu primeiro dia, ela contou ao Sr. Park que crescera praticamente dentro de um restaurante — uma lanchonete, na verdade —, embora nunca tivesse trabalhado como garçonete. Não contou a ele que passava a maior parte do tempo lendo e não exatamente observando a mãe gerenciar o lugar, mas, talvez por ser pai, ele se solidarizava com crianças que cresceram em restaurantes. Talvez ele respeitasse seu anseio por encontrar um emprego; mal fazia uma semana que tinha se formado na faculdade e ela não estava de preguiça na praia como os filhos dele provavelmente estariam. Ou talvez apenas se lembrasse dela da primavera anterior, sempre sentada numa mesa alta estudando com o velho livro preparatório para o exame de medicina que pegara emprestado com um colega. Quando ele trazia sua barriga de porco e perguntava como estava, ela o encarava com um olhar atordoado, como se ele tivesse perguntado em coreano. Era uma garota inteligente, ele percebia isso. Um monte de garotos idiotas queria entrar na faculdade de medicina, mas só garotas inteligentes tinham coragem para se candidatar. Ele próprio havia feito dois anos de medicina em Seul, então entendia sua ansiedade e lhe desejava sorte. Estava

sempre lhe desejando sorte agora, embora ela tivesse dito que as respostas das faculdades levariam meses. Ah, está bem, boa sorte, então.

— Você não precisa de sorte — disse Reese. — Vai entrar.

Ele roubou um camarão do prato dela usando hashis. Ele ia visitá-la às vezes durante seu horário de jantar, mas o Sr. Park não se incomodava. Era um chefe justo; ela tinha sorte de trabalhar para alguém como ele. Ainda assim, só conseguia pensar nas cartas que chegariam na primavera. A maioria seriam rejeições, mas quem sabe haveria um sim. Só precisava de um sim para ser feliz; a faculdade de medicina se parecia com o amor naquele sentido. Alguns dias, as possibilidades pareciam promissoras; em outros, ela se odiava por estar apegada a esse sonho ridículo. Não tinha sofrido para passar em química? Tido dificuldade em biologia? Era preciso mais do que uma boa média geral para cursar medicina. Tinha que competir com alunos que cresceram em famílias ricas, estudaram em escolas particulares, contrataram tutores. Pessoas que sonhavam em ser médicas desde o jardim de infância. Que tinham fotos antigas de família vestindo pequenos jalecos brancos e usando estetoscópios de plástico nos ursinhos de pelúcia. Não eram pessoas que cresceram em cidades no fim do mundo, onde havia apenas um médico que você só via se estivesse muito doente, vomitando. Não eram pessoas que esbarraram aleatoriamente na ideia de fazer faculdade de medicina depois de dissecar um coração de ovelha numa aula de anatomia.

Sete faculdades estavam lendo sua ficha de inscrição naquele momento e, em alguns meses, decidiriam seu futuro. Ficava enjoada só de pensar.

— Descobri como consertar aquele telhado — disse Reese. — Sei que está deixando você louca.

Era novembro e já estava absurdamente úmido. Em todas as manhãs daquela semana, eles passaram por bolsões de água de chuva na Normandie,

com medo de o carro enguiçar. Em casa, puseram um balde de metal embaixo de uma goteira, que Reese esvaziava no pedacinho triste de grama atrás do Gardens Apartments. Aquele nome tão paradisíaco para o condomínio sempre o fazia rir. Por que não se chamava Placa de Pedra, Sem Água Quente ou Buraco no Teto? Mas Jude não achava engraçado. Olhou de novo para o relógio, e faltavam apenas cinco minutos para seu intervalo acabar.

— Por que não chama o Sr. Song? — sugeriu ela.

— Sabe que ele é velho demais para subir aquela escada.

— Ele devia contratar alguém, então.

— É muito mão de vaca — disse ele, comprimindo os lábios.

Ele tinha conseguido um emprego novo na loja da Kodak, vendendo câmeras e revelando fotos. Sentia falta dos amigos da academia, mas a loja da Kodak oferecia desconto de funcionário para comprar filme. Não que ele precisasse muito ultimamente. Não tirava nenhuma foto há seis meses. Passava o tempo livre ajudando o Sr. Song a secar a água do porão, colocar ratoeiras ou fazer qualquer pequeno reparo no condomínio para abater do valor do aluguel. Ele desentupiu o vaso dos Park, consertou a prateleira quebrada da despensa dos Shaw, resgatou a aliança da Sra. Choi que tinha caído no ralo da pia. Se encontrasse algo que não sabia fazer, ligava para pedir ajuda a Barry.

— Eu falei que esse lugar era uma espelunca — dizia Barry.

Mas o que eles podiam fazer? O antigo proprietário tinha aumentado muito o aluguel, então precisaram ir para Koreatown. De certa forma, era uma aventura. Novas comidas para experimentar, placas que não conseguiam ler, outra língua sendo falada ao seu redor, nos ônibus e nas ruas, o que possibilitava se perder em meio a seus próprios pensamentos. Os vizinhos no Gardens eram majoritariamente idosos como os Choi, os Park e

os Song, que tinham pena daqueles dois jovens morando no apartamento com goteira, então lhes levavam bolo de arroz grudento no Natal. Mas havia o teto. O quarto apertado. A cozinha minúscula. Reese dizia que, se ajudasse o suficiente no condomínio, talvez economizasse tanto no aluguel que eles poderiam encontrar outro lugar. Mas, àquela altura, Jude só queria ir embora.

— Está se preocupando à toa — opinou a mãe pelo telefone. — Você é uma garota inteligente.

— Muita gente é inteligente, mãe.

— Não como você — respondeu a mãe.

Toda vez que desligavam o telefone, Jude se sentia culpada por saber que a vida que ela mais temia era a que a mãe levava. Servindo mesas para sempre, morando numa casa apertada. Ao menos Jude tinha Reese. Ao menos não estava em Mallard. Era grata por isso, embora não deixasse de projetar o futuro. Sempre que mencionava a primavera, Reese se esquivava um pouco, exibindo uma expressão distante, como se não quisesse falar sobre o assunto.

Naquela noite, depois de fechar o Parks, eles andaram para casa, o braço de Reese envolvendo seus ombros. Na esquina do Gardens, uma mulher pálida de cabelo escuro passou e Jude ficou sem fôlego. Mas era só uma mulher branca caminhando depressa sob as luzes da rua.

NÃO PODIA SER STELLA. Durante anos depois daquela festa em Beverly Hills, Jude não pensou em outra coisa.

Às vezes, aquela mulher de casaco de pele parecia demais com sua mãe, até mesmo o sorriso. Em outras vezes, era só uma mulher magra de cabelo escuro, levemente parecida, no máximo. Afinal, ela só deu uma olhada de

relance para a mulher antes de o vinho se derramar por sua perna. Então tentou catar os cacos de vidro enquanto a festa inteira olhava, boquiaberta. Aquilo, é claro, também ficou em sua memória. Ela se segurando na mesa para pegar os guardanapos antes de Carla tirá-la do caminho para tentar desesperadamente limpar o tapete arruinado. Quando jogou fora todos aqueles guardanapos sujos de vinho, Carla disse para ela ir embora e nunca mais voltar. Pegou a bolsa em silêncio, envergonhada demais para olhar ao redor do cômodo e com medo de fazer contato visual com qualquer uma das testemunhas daquela humilhação. Só ergueu os olhos ao fechar a porta, mas não viu a mulher novamente, apenas a garota de olhos violeta que espreitava enquanto ela saía, os lábios rosados formando um sorrisinho.

Uma mulher de cabelo escuro que podia ser qualquer pessoa. Talvez ela apenas estivesse sentindo tanta falta da mãe que se convencera da semelhança. Talvez se sentisse culpada por nunca ir para casa e aquela mulher fosse a projeção do seu subconsciente. Ou talvez... Não, nem queria considerar aquela possibilidade. Que estivera no mesmo cômodo que Stella, que trocara olhares com a tia antes de derrubar a garrafa de vinho e arruinar tudo.

— O que houve, amor? — perguntou Reese naquela noite. — Está tremendo.

Estavam caminhando até o Mirage para encontrar Barry. Ela não tinha dito muita coisa desde que voltara cedo para casa, mas Reese parecia preocupado, parado embaixo do sinal de trânsito, e ela sabia que precisava dizer a verdade.

— Perdi o emprego — contou.

— O quê? O que aconteceu?

— Foi uma idiotice. Eu vi Stella. Quer dizer, acho que era ela. Juro que era exatamente como ela e...

Jude se sentiu ainda mais maluca ao dizer aquilo em voz alta. Tinha sido demitida porque vira, de relance, no meio de uma festa lotada, uma mulher que talvez se parecesse com sua mãe.

— Não acredito que fui tão idiota.

Ele a abraçou.

— Está tudo bem — disse. — Vai encontrar outro trabalho.

— Mas eu queria ajudar você. Achei que se nós dois economizássemos...

Ele resmungou.

— É por isso que está trabalhando como louca?

— Só achei que se nós dois...

— Mas eu não pedi que você fizesse isso — argumentou ele.

— Eu sei — disse ela. — Mas eu queria. Não fique com raiva, amor. Só queria ajudar.

Ela o envolveu com os braços e, depois de um breve momento, ele retribuiu o abraço.

— Não estou com raiva — respondeu ele. — Mas não gosto de me sentir como uma obra de caridade.

— Sabe que não penso em você dessa maneira.

— Precisa me contar as coisas — pediu ele. — Você é muito fechada às vezes.

Talvez tenha sido isso que aproximou os dois. Quem sabe aquela fosse a única maneira de amar que eles conheciam: aproximar-se e depois se afastar. Ele tocou a bochecha dela, que tentou sorrir.

— Está bem — disse Jude. — Chega de segredos.

DURANTE ANOS, STELLA POVOOU SEUS SONHOS. Stella coberta de vison, Stella parada num penhasco, Stella dando de ombros, sorrindo, entrando e

saindo de portas. Sempre Stella, nunca sua mãe, como se, mesmo dormindo, ela soubesse a diferença. Sempre acordava abalada. Vivia cansada. Arranjou um novo trabalho lavando a louça de uma cafeteria do campus por dois dólares a hora, e passava seu turno inteiro sozinha, limpando pilhas de pratos sujos. Toda noite chegava em casa com os dedos enrugados e os ombros encurvados. A certa altura, atrasou por três semanas a entrega de um trabalho de história, e sua média geral estava caindo tanto que o treinador de atletismo a chamou no escritório.

— Você é mais inteligente que isso — disse, e ela concordou com a cabeça, humilhada, saindo correndo daquele escritório claustrofóbico assim que foi dispensada.

Sim, sim, ela precisava se esforçar mais, se empenhar. Claro que levava a faculdade a sério, claro que queria competir na primavera. Claro que não podia perder a bolsa de estudos. Só andava um pouco distraída, não era nada sério. Ela ia dar um jeito. Só que não dava, porque, toda vez que tentava estudar, só imaginava Stella.

— Você ainda pensa nela? — perguntou à mãe numa tarde.

— Nela quem?

Jude parou, enrolando o dedo no fio do telefone.

— Sua irmã — respondeu finalmente.

Ela não tinha nem coragem de dizer o nome de Stella, como se aquilo fosse evocá-la de novo. Stella andando na calçada do lado de fora da casa, Stella aparecendo na janela embaçada.

— Por que está me perguntando isso?

— Não sei, só andei pensando. Não posso pensar?

— Pensar não serve para nada — disse a mãe. — Parei de pensar há muito tempo. Não sei nem se ela ainda está entre nós.

— Viva? — falou Jude. — Mas e se ela estiver? Quer dizer, e se simplesmente estiver por aí?

— Eu sentiria a presença dela — disse a mãe em voz baixa.

Jude passou a pensar em Stella como uma corrente circulando sob a pele da mãe. Sob sua própria pele, dormente até aquela festa onde trocou olhares com a tia do outro lado da sala. Aquilo provocou uma centelha, um solavanco em seu braço. Agora tentava esquecer toda aquela carga. Pensou, uma ou duas vezes, em contar para a mãe sobre a mulher na festa, mas o que aquilo traria de bom? Era Stella, não era, ela estava morta, estava viva, estava em Omaha, Lawrence, Honolulu. Quando Jude saía de casa, imaginava esbarrar com ela. Stella parada na calçada, admirando uma bolsa na vitrine de uma loja. Stella no ônibus, segurando a alça de vinil... Não, Stella numa limusine preta, escondida atrás do vidro escuro. Stella em todos os lugares, sempre, e em lugar algum ao mesmo tempo.

EM NOVEMBRO DE 1982, uma comédia musical chamada *Os saqueadores da meia-noite* estreou num teatro praticamente abandonado no centro de Los Angeles. O dramaturgo, um homem de trinta e poucos anos que ainda morava com os pais em Encino, estava determinado a ser bem-sucedido numa cidade onde, dizia ele aos amigos, ninguém valorizava o teatro. Escrevera *Os saqueadores da meia-noite* como uma piada e, claro, sendo a piada sobre ele mesmo, tinha sido seu único sucesso. A peça ficou em cartaz no Stardust eater por quatro fins de semana, foi indicada a um prêmio local e recebeu elogios mornos do jornal *Herald-Examiner*. Mas Jude nunca teria ouvido falar dela se Barry não tivesse conseguido uma vaga no coro. Semanas antes da audição, ele estava uma pilha de nervos, sem nem

conseguir ficar parado enquanto ensaiava “Somewhere Over the Rainbow”. Nunca havia cantado vestido apenas como ele mesmo diante de ninguém.

— Eu me senti pelado — disse, depois da audição. — Suei feito um porco no domingo de Páscoa.

Ela ficou feliz por ele pela conquista da vaga. Ele mandou os ingressos para a noite de estreia, mas ela disse a Reese que precisava trabalhar.

— Peça folga essa noite — sugeriu ele. — Temos que dar apoio a ele. E nunca mais saímos. Precisamos nos divertir.

No mês anterior, o motor do carro de Reese pifou e ele gastou suas economias para consertá-lo. Todas aquelas notas amassadas na gaveta de meias foram embora. Começou a trabalhar na porta do Mirage nos fins de semana para ganhar um dinheiro extra. Era o segurança, tecnicamente, embora não passasse de um rostinho bonito dando boas-vindas aos clientes. Até então, só precisara separar uma briga de bêbados e ganhara um corte no rostinho bonito no final. No banheiro, contorceu-se enquanto Jude limpava o corte com álcool e sentia saudade dos fins de semana que passavam em busca da luz do sol na marina para tirar fotos perfeitas. Reese mordiscando o lábio enquanto apertava o botão da câmera. Agora, nas noites de sexta e sábado, ele saía de camiseta e calça jeans pretas e voltava ao amanhecer, as mãos cheias de glitter depois de ajudar os dançarinos a subirem no palco. Então ia para a loja da Kodak ou ajudar o Sr. Song. Tinha dias em que ela mal o via, apenas sentia quando ele se deitava na cama a seu lado.

Ela não tinha condições de perder uma noite de trabalho para ficar sentada num teatro imundo e aguentar três horas de atuação amadora só para conseguir, talvez, um vislumbre de Barry no coral. Ainda assim, ela concordou, passando os dedos no cabelo de Reese. Eles precisavam sair por uma noite, uma noite em que ela não pensaria nas decisões das faculdades, ele não ficaria obcecado com dinheiro, eles não se preocupariam com nada.

Na noite de estreia, ela pôs um vestido lilás e uma meia-calça enquanto Reese, dando nó na gravata, sorria para ela pelo espelho. Estavam arrumados demais porque nunca iam a lugar nenhum; aquela noite era uma desculpa para fingir que não eram assim. Podiam fingir ser quem quisessem: um jovem casal no primeiro encontro, recém-casados fugindo dos filhos, frequentadores de teatro sofisticados que nunca se preocupavam com dinheiro, nunca recortavam cupons, nunca contavam moeda.

— Que chique — brincou Luis quando se encontraram na entrada com uma dúzia de outros garotos que ela costumava ver nos bastidores usando sutiã.

Logo todos estavam rindo, entrando no teatro empoeirado, animados enquanto as luzes se apagavam.

— Espero que isso seja bom — sussurrou Reese, mas ele era tão tranquilo que ela sabia que ele não ligava.

Ele a beijou quando a orquestra começou a tocar a música elegante de abertura. As cortinas se abriram e ela se inclinou para a frente, esforçando-se para ver Barry. Ele fazia a coreografia ao lado dos outros bailarinos, com chutes para o alto, vestindo um colete de couro com franjas e um chapéu de caubói. Ela riu ao vê-lo rodopiar uma ruiva. Então os dançarinos recuaram e a protagonista apareceu no centro do palco, uma moça loura com um vestido longo e rodado. Sua voz era bonita, embora um pouco simples; ainda assim, tinha carisma suficiente e dizia suas falas com uma ironia tão familiar que Jude pegou o programa da peça, no escuro, para olhar. E lá estava ela, a garota loura com olhos violeta.

DEPOIS QUE AS CORTINAS FECHARAM, depois que um Barry radiante se curvou para agradecer o público, depois que o público aos poucos se

amontoou no lobby para dissecar os furos de roteiro e os erros gritantes, Jude foi com os amigos para a entrada que dava para o palco. Todos falavam muito, discutindo onde iam beber enquanto esperavam Barry sair para envergonhá-lo com uma salva de palmas exagerada. Mas ela abraçou o próprio corpo, olhando para o beco, nervosa, esperando que a qualquer momento o fantasma de sua mãe fosse aparecer.

Ela saiu do teatro no intervalo, tendo certeza de que na escuridão tinha confundido a protagonista com a garota da festa de Beverly Hills. Mas lá estava ela também em plena luz. *Nascida em Brentwood, Kennedy Sanders estudou na USC, mas abandonou a faculdade para seguir a carreira de atriz. Recentemente, interpretou Cordélia* (Rei Lear), *Jenny* (A morte do caixeiro viajante) *e Laura* (O zoológico de vidro). *Esta é sua primeira apresentação no Stardust Theater e, com sorte, não será a última*. Em sua foto de divulgação, ela sorria, o cabelo louro ondulado caindo em seus ombros de forma angelical. Parecia inocente ali, bem diferente da garota atrevida que exigiu um martíni na festa. Ela teria acreditado que podia ser outra garota branca se não fossem aqueles olhos. Ela nunca os esqueceria.

Se aquela garota estava na peça, isso significava que a mulher de casaco de pele também estaria? E se fosse Stella? E se não fosse? Ficou vagando pelo lobby até as luzes começarem a apagar, mas não viu nenhuma mulher que se parecesse com sua mãe. Agora estava se sentindo ainda mais louca do que antes.

— Está tudo bem, amor? — perguntou Reese.

Ela concordou com a cabeça, tentando sorrir.

— Só estou com frio — respondeu.

Ele passou os braços ao redor dela para esquentá-la. Então a porta para o palco se abriu, mas, em vez de Barry, quem saiu para o beco foi Kennedy Sanders, atrapalhada com um maço de Marlboro. Ficou surpresa ao ver

aquele grupo grande esperando e, por um segundo, abriu um sorriso esperançoso antes de perceber que não estavam ali para ela. Seus olhos então encontraram Jude. Ela abriu um sorriso tímido.

— Ah. É você — disse.

A menina se lembrava de Jude, três anos depois. É claro que se lembrava. Quem se esqueceria da garota negra que derramou uma garrafa inteira de vinho no tapete caro?

— Um amigo meu está na peça — contou Jude.

Kennedy deu de ombros e pegou um cigarro. Usava uma camiseta surrada dos Sex Pistols que ia até o umbigo, um short jeans, meia arrastão e botas de couro pretas. Bem diferente da princesa de Beverly Hills naquela festa. Começou a andar pela rua e Jude foi cambaleando atrás dela.

— Barry — disse. — Ele está no coral.

— Aquele é seu namorado? — perguntou Kennedy.

— Barry?

— Não, boba, aquele ali — disse, apontando para o grupo com a cabeça. — O de cabelo cacheado. Ele é uma graça. Onde o encontrou?

— Na faculdade — respondeu. — Bem, na verdade numa festa...

— Você tem isqueiro? — indagou, botando o cigarro na boca. Quando Jude negou com a cabeça, ela continuou: — Melhor assim. É ruim para as cordas vocais, sabe como é.

— Achei que você foi maravilhosa hoje — opinou Jude. Não tinha achado, mas precisava elogiar a garota se queria tirar algo dela. — Seus pais devem estar orgulhosos.

Kennedy fez um gesto de escárnio.

— Que nada. Eles odeiam que eu esteja fazendo isso.

— Por quê?

— Porque me mandaram para a faculdade para aprender algo prático, sabe. Não para abandonar tudo e jogar minha vida fora. Pelo menos é o que minha mãe diz. Ei, você aí tem um isqueiro? — Ela encontrou um homem branco de cabelo bagunçado na esquina. — Bem, até mais!

Correu até o homem na esquina, que sorriu ao se inclinar para acender o cigarro dela. Um piscar de olhos e a menina sumiu.

BARRY DISSE QUE KENNEDY SANDERS ERA UMA VADIA RICA.

— Você conhece o tipo — disse a Jude. — Alguns solos no coral da escola e já acha que é Barbra Streisand.

Estava se maquiando nos bastidores do Mirage para a apresentação do brunch de domingo, o único horário que tinha disponível agora que *Os saqueadores da meia-noite* ocupava suas noites. Ele odiava acordar cedo e ter um público mais minguado, mas amava se transformar em Bianca e não queria esperar as três semanas de duração da peça. Fez um gesto apontando para trás e Jude pegou a escova de cabelo na bolsa dele.

— E o que os pais dela fazem? — perguntou Jude.

— E eu sei lá?

— Eles não estiveram no teatro?

— Claro que não — respondeu Barry. — Acha que vão aparecer naquela espelunca? Não, querida, a família dela é rica de verdade. É gente arrogante, mansão nas montanhas, o pacote completo. Mas por que está perguntando sobre ela?

— Por nada.

Mas, naquela tarde, ela pegou o ônibus e foi até o Stardust eater. A matinê de domingo começaria em meia hora, mas, como o bilheteiro adolescente não a deixaria entrar sem ingresso, ela se esgueirou pela calçada

embaixo do beiral verde. Já estava se sentindo uma idiota por ter ido até lá. O que diria a Kennedy? Tentou imaginar o que Early faria. O segredo de procurar alguém, dissera ele, é fingir ser outra pessoa. Mas nunca conseguira ser ninguém além dela mesma, então quando o bilheteiro a mandou embora, ela voltou para a calçada. É claro que, na mesma hora, esbarrou com Kennedy andando apressada para a entrada. Usava um short jeans tão curto que o interior dos bolsos aparecia e calçava um par de botas de caubói.

— Desculpe — disseram as duas ao mesmo tempo, e Kennedy riu.

— Caramba! Está me seguindo ou algo assim?

— Não, não — respondeu Jude rapidamente. — Estou procurando meu amigo, mas não me deixaram entrar. Não tenho ingresso.

Kennedy revirou os olhos.

— Parece até Fort Knox isso aqui — comentou. Então, disse ao bilheteiro: — Ela está comigo.

Assim, Jude a seguiu pela entrada, passou pelos bastidores e entrou no camarim. O cômodo era pouco maior que um armário, a tinta amarela descascando da parede.

Sob as luzes do espelho, Kennedy se sentou numa cadeira de couro surrada.

— Donna queria arrancar sua pele — disse.

— Hã? — perguntou Jude.

— Quando você destruiu o tapete. Nossa, devia ter visto, ela correndo pela casa como se você tivesse assassinado um filho dela. Meu tapete! Meu tapete! Foi uma confusão. Bem, não por sua causa, provavelmente — contou e se ajeitou na cadeira, olhando no espelho. — Qual é seu nome, aliás?

— Jude.

— Como na música?

— Como na Bíblia.

— Eu gosto. Hey, Jude, não quero ser mal-educada nem nada, mas preciso me trocar.

— Ah, me desculpe.

Começou a andar até a porta, mas Kennedy a interrompeu.

— Não vá embora. Você pode me ajudar. Nunca consigo vestir essa coisa sozinha.

Estava pegando no armário o enorme vestido rodado do número de abertura. Jude alisou os amassados do tecido laranja enquanto Kennedy tirava a camiseta. Era magra e bronzeada e vestia um conjunto de calcinha e sutiã rosa. Jude tentou não observar e fixou os olhos na bancada bagunçada e cheia de paletas de maquiagem, um modelador de cachos, brincos dourados e um papel de bala amassado.

— E de onde você é, Hey Jude? — perguntou Kennedy. — Pode trazer isso para mim? Meu Deus, eu odeio esse troço. Sempre me faz espirrar.

Ao erguer os braços, Jude reparou na maciez de suas axilas enquanto a ajudava a levantar o vestido acima da cabeça. Confirmando o que disse antes, Kennedy espirrou antes de enfiar os braços nas mangas.

— Da Louisiana — respondeu Jude.

— Não brinca. Minha mãe também é. Eu sou daqui mesmo. Bem, não sei se dá para dizer que é de algum lugar sem nunca ter saído dele, dá? Não sei como essas coisas funcionam. Pode fechar o zíper?

Ela falava tão rápido que Jude ficou até zonza ao tentar acompanhar.

— De que parte?

— Ei, ande logo. As cortinas se abrem em vinte minutos e nem fiz minha maquiagem ainda.

Ela afastou o cabelo louro dos ombros. Jude foi para trás dela e fechou o zíper.

— Qual é o sobrenome da sua mãe? — indagou. — Talvez eu conheça a família dela.

Kennedy riu.

— Duvido.

O que ela estava fazendo? Tinha visto uma mulher que talvez se parecesse com sua mãe e agora estava perseguindo uma garota branca e a ajudando a vestir aquele figurino ridículo? E por que se importava com aquilo, no fim das contas? Nunca nem conhecera Stella. Kennedy se inclinou na direção do espelho e passou pó no rosto. Pela primeira vez ficou quieta e focada, como Barry ficava logo antes de uma apresentação. "Preciso entrar no clima", dizia ele, e expulsava Jude antes de as cortinas abrirem. Às vezes, ela ficava do batente da porta olhando e era como se um véu se desvelasse em seu rosto. Num momento ele era Barry, no outro, Bianca. Via algo parecido acontecendo com Kennedy. Parecia mais íntimo do que ver a garota com roupas de baixo. Ela se virou para sair.

— Não conhece ninguém com sobrenome Vignes, não é? — perguntou Kennedy. — Esse é o sobrenome da minha mãe. Ou era — completou, virando-se para olhar por cima do ombro. — Estelle Vignes. Mas todo mundo a chama de Stella.

ONZE

Estatisticamente falando, a probabilidade de encontrar uma sobrinha que você nunca viu em uma festa de aposentadoria em Beverly Hills era baixa, mas não impossível. Algo que Stella Sanders compreenderia, ao menos no campo intelectual. Incidentes improváveis aconteciam o tempo todo, ela tentava explicar aos alunos, porque a improbabilidade é uma ilusão baseada nas nossas percepções. Muitas vezes não tem nada a ver com uma verdade estatística. Afinal de contas, é altamente improvável que qualquer pessoa esteja viva. Um espermatozoide específico fertilizando um óvulo específico e produzindo um feto viável. Gêmeos têm mais chances de nascer mortos, gêmeos idênticos são ainda mais vulneráveis do que gêmeos fraternos, e, no entanto, ali estava ela, dando aula de Introdução à Estatística na Faculdade Santa Monica. Probabilidade não era a mesma coisa que certeza. Improvável não significava impossível.

Ela descobrira a estatística por acaso, no segundo ano da Universidade Loyola Marymount. Não chamava a si mesma de caloura na época; tinha dez anos a mais do que o restante da turma, então aquilo parecia meio bobo. Nem sabia direito o que queria estudar, só sabia que gostava de números. A estatística a atraiu porque muita gente não a compreendia. Em Las Vegas, tinha ficado ao lado de Blake num cassino esfumaçado vendo-o perder quatrocentos dólares na mesa de dados; ele ficou no jogo mais tempo do que deveria porque se convencera de que estava prestes a ganhar. Mas os dados discordavam.

— Não importa o que já saiu — disse a ele, enfim, impaciente. — Todos os números têm a mesma probabilidade de sair se os dados forem justos. E eles não são.

— Ela assiste a uma aula... — comentou Blake com o homem sentado a seu lado.

O homem riu, dando uma baforada no charuto.

— Sempre fico no jogo — opinou. — Melhor perder do que saber que poderia ter ganhado se tivesse arriscado.

— É isso aí — concordou Blake, e os dois brindaram com seus copos.

A verdade estatística, como qualquer outra verdade, era difícil de engolir.

Para a maior parte das pessoas, quem decidia era o coração e não a mente. Stella era como todo mundo nesse sentido. Sua decisão de sair de Nova Orleans com Blake não havia sido emocional? E a escolha de ficar ao lado dele durante todos esses anos? Ou ter aceitado, digamos assim, ir à festa de aposentadoria de Bert Hardison, e até mesmo persuadir a filha a ir também, porque, segundo Blake, eles precisavam mostrar que eram unidos? Uma linda família feliz; era isso que importava para os outros sócios. Blake era um homem de marketing que entendia o valor da própria marca, e Stella e Kennedy eram uma simples extensão dela. Então ela havia concordado em ir à festa. Apesar de tudo, circulou pela sala de estar fazendo o papel da esposa dedicada, até mesmo enquanto Bert Hardison, fedendo a conhaque, não saiu de cima dela a noite inteira, a mão em sua cintura (como se ela não estivesse percebendo!).

Mas Blake, é claro, não viu, reunido num canto com Rob Garrett e Yancy Smith enquanto Stella tentava manter a conversa fiada com Donna Hardison, ficar de olho na filha que não saía de perto do bar e ainda evitar a mancha vermelha no tapete branco que um homem negro e magro tentava limpar sem sucesso com água tônica.

Houve uma agitação antes, uma garota negra derramara vinho no tapete, o que, por alguns segundos, roubou a atenção de todos na festa. Stella tinha acabado de chegar, então só viu o resultado da confusão. Uma garota preta como carvão tentando desesperadamente tirar o vinho caro do tapete ainda mais caro antes de Donna chegar gritando que ela só estava piorando as coisas. Até mesmo depois que a garota foi mandada embora, só se falava sobre ela na festa.

— Não acredito — comentou Donna com Stella. — Qual é o sentido de contratar garçons se eles não conseguem segurar a porcaria de uma garrafa de vinho?

O assunto entediou Stella, para dizer a verdade. Era o tipo de bobagem com a qual as pessoas ficavam obcecadas durante uma festa, já que não havia nada mais interessante sobre o que conversar. Era bem diferente dos encontros do departamento de matemática, onde as conversas iam de um assunto a outro, intricadas, pretensiosas, nunca entediantes. Ela sempre se sentia sortuda por estar entre mentes brilhantes. Pensadores. Os colegas de Blake viam a inteligência como um meio para um fim, e o fim era sempre ganhar mais dinheiro. Mas no departamento de matemática da Faculdade Santa Monica, ninguém esperava ficar rico. Saber era o suficiente. Stella tinha sorte de passar os dias daquele jeito, aprendendo a saber.

Naquela noite, no carro voltando para casa da festa, ela se flagrou pensando em Loretta Walker. Stella vestia o casaco de vison que Blake lhe dera de presente naquele Natal, e talvez a pele luxuosa roçando em sua panturrilha tenha trazido à tona a memória de Loretta. Ou talvez porque naquela manhã, quando disse a Blake que talvez se atrasasse para a festa, eles tenham brigado mais uma vez por causa do emprego que ela só tinha arranjado graças a Loretta. Durante meses depois que os Walker se mudaram, ela caiu numa depressão profunda até mesmo para seus próprios

padrões. Estava de luto por motivos que não conseguia explicar. Era como se tivesse perdido Desiree novamente. Blake sugeriu que ela fizesse algum curso, mas depois se arrependeu dessa sugestão, porque ela sempre trazia isso à tona quando ele reclamava do seu trabalho.

— Foi você mesmo que sugeriu — apontou ela, durante a última briga. — Eu estava enlouquecendo em casa.

— Sim, mas... — Fez uma pausa antes de terminar. — Achei que você ia, sei lá, fazer um curso de arranjo de flores ou algo assim.

Mas ela sempre teve vergonha de não ter terminado o ensino médio. Sentia-se burra quando alguém usava uma palavra que não entendia. Odiava pedir orientações, até mesmo quando estava perdida. Morria de medo do dia em que a filha saberia mais do que ela, em que olharia para o dever de casa de Kennedy sem conseguir ajudá-la. Então, disse a Blake que queria fazer um supletivo.

— Acho ótimo, Stel — disse ele.

Ele estava apenas tentando apaziguar os ânimos, claro, mas ela se inscreveu assim mesmo. Por duas noites ficou sentada no estacionamento da biblioteca pública, com medo de entrar. Ia se sentir idiota, olhando sem entender para o quadro-negro. Quando foi a última vez que fizera uma conta mais complicada do que o saldo do talão de cheques? Mas quando finalmente entrou, a professora começou a explicar um problema de álgebra e, aos poucos, ela sentiu que tinha dezesseis anos outra vez, gabaritando todas as provas da Sra. Belton. Era isso que ela amava na matemática: continuava sendo a mesma de antes, e sempre havia uma resposta correta, quer ela soubesse ou não qual era. Aquilo era reconfortante.

Blake parecia feliz por ela quando enfim recebeu o diploma pelo correio. Mas ficou menos animado quando ela contou que queria fazer aulas na Faculdade Santa Monica para conseguir o diploma técnico, ou quando

pediu transferência para a Loyola Marymount para cursar uma graduação, ou ainda quando, ano passado, a Faculdade Santa Monica a contratou como professora adjunta na disciplina de Introdução à Estatística. O trabalho pagava quase nada, mas ela se sentia revigorada durante as aulas, em pé ao lado do quadro-negro diante de uma dúzia de estudantes. Sua mentora acadêmica, Peg Davis, a incentivava a se inscrever no mestrado no ano seguinte e inclusive a pensar no doutorado. Podia virar professora titular, ter estabilidade. Dra. Stella Sanders soava bem, certo?

— É aquela ativista feminista — reclamava ele sempre que Stella trabalhava até tarde. — Ela fica colocando essas ideias na sua cabeça.

— Por incrível que pareça, tenho minhas próprias ideias — respondeu.

— Ah, não foi isso que eu quis dizer...

— É exatamente o que você quis dizer!

— Ela não é como você — argumentou ele. — Você tem uma família. Obrigações. Ela só tem a política.

Mas quando foi que Stella tinha baseado suas decisões na obrigação com a família? Aquilo era departamento do coração. E talvez sempre tenha sido a mente que a guiou. Ela se transformara em branca por ser conveniente, tão conveniente que, na época, a decisão pareceu risível de tão óbvia. Por que não ser branco se tivesse a chance? Continuar sendo quem era ou se transformar em alguém novo, era tudo questão de escolha, por qualquer ângulo que olhasse a questão. Ela apenas havia tomado a decisão racional.

— Eu já falei, você não precisa fazer isso — dizia Blake, apontando para a pilha de provas que ela carregava. — Sempre fui o provedor dessa família.

Mas ela não aceitara o emprego porque estava preocupada com dinheiro. Ela apenas escolhera o cérebro em vez do coração, e talvez fosse aquilo que Loretta tinha visto naquela linha comprida na palma de sua mão.

— Você perdeu meu brinde — contou Blake enquanto voltavam da casa dos Hardison.

Ele estava tirando a gravata na entrada do closet.

— Eu disse a você que precisava lançar as notas.

— E eu disse a você que esta noite era importante.

— O que quer que eu diga? Fiz o meu melhor.

Ele suspirou e olhou pela janela.

— Bem, foi um belo brinde. Uma bela festa.

— Sim, a festa foi ótima.

— SEI POR QUE ESTÁ AQUI — DISSE KENNEDY.

Uma semana depois da estreia de *Os saqueadores da meia-noite*, num restaurante meio vazio, ela sorriu para Stella, sentada à sua frente, e mexeu na toalha de mesa branca. Sempre mostrava todos os dentes ao sorrir, algo que irritava a mãe. Imagine só, mostrar tanto de si. Na mesa ao lado, uma mulher asiática corrigia trabalhos acadêmicos em meio a colheradas de sopa de ervilha. Dois rapazes brancos discutiam em voz baixa sobre John Stuart Mill. Stella afirmara ter escolhido um restaurante perto do campus da USC porque era conveniente, mas, claro, isso não era verdade. Tinha esperanças de que aquele público da universidade inspirasse a filha a repensar suas escolhas ou, no mínimo, a ter vergonha delas.

Stella desdobrou o guardanapo e o pôs no colo.

— Claro que sabe — respondeu. — Estou aqui para almoçar com você.

Kennedy riu.

— Claro, mãe. Tenho certeza de que este é o único motivo para ter atravessado a cidade...

— Não sei por que precisa transformar tudo numa grande teoria da conspiração. Não posso almoçar com a minha filha?

Ela não passava perto do campus há anos, e ainda assim só tinha ido ao lugar poucas vezes: a visita guiada à faculdade, na qual caminhou atrás da filha olhando com descrença para aquelas treliças sobre os tijolos e imaginando como uma garota com as notas dela entraria ali; no dia da mudança da filha para o campus, já que notas medíocres não são nada que uma doação da família não possa solucionar; poucas semanas depois, envergonhada, para conversar com o reitor de calouros quando Kennedy foi flagrada fumando maconha no quarto. Stella se preocupava mais com a imprudência do que com as drogas. Só uma garota preguiçosa seria pega, e a filha era inteligente, mas preguiçosa, feliz e completamente alheia ao trabalho duro da mãe para manter a mentira que era sua vida.

Agora Kennedy estava dando um risinho, mexendo a sopa devagar.

— Está bem — concordou. — Vamos deixar o sermão para a sobremesa.

Não haveria sermão, prometera Stella a Blake. Ela ia apenas persuadir Kennedy a fazer a coisa certa. A garota sabia que precisava voltar para a faculdade. Tinha perdido só um semestre até então; podia ir à secretaria, explicar que teve um lapso mental e implorar sua vaga de volta. Ficaria um período atrasada em relação aos colegas, e talvez conseguisse se formar se estudasse no verão. Stella imaginou vários cenários, e todos a deixavam com raiva. Largar a faculdade para virar atriz! A ideia era tão idiota que ela mal conseguiu conter a vontade de dizer em voz alta assim que pegou o cardápio.

A parte mais chocante? Ela achava que Kennedy já havia passado pelos anos mais infernais. Professores do ensino médio ligando porque a menina tinha matado aula de novo, os boletins horríveis, as noites em que Stella ouvia a porta ranger no meio da madrugada e pegava o taco de beisebol

antes de se dar conta de que era só a filha bêbada chegando em casa. Os rapazes esfarrapados que viviam buzinando do lado de fora.

— Ela é minha menina rebelde — disse Blake uma vez, rindo, como se fosse motivo de orgulho.

Mas aquela rebeldia assustava Stella, tumultuava a vida cuidadosa que ela construíra. De manhã, na mesa do café, olhava para uma filha que não reconhecia mais. Sua garotinha de rosto doce tinha ido embora e, em seu lugar, surgira uma mulher bronzeada, de pernas e braços compridos e que mudava de ideia diariamente sobre quem queria ser. Num dia, uma camiseta desbotada dos Ramones caía por seus ombros magros, no outro, uma minissaia xadrez revelava suas coxas e, no outro, um vestido longo fluía sobre os tornozelos. Já tinha pintado o cabelo de rosa duas vezes.

— Por que não pode simplesmente ser você mesma? — perguntou Stella uma vez.

— Talvez eu não saiba quem sou — rebateu a filha.

E Stella entendeu, de verdade. Aquilo era a animação da juventude, a ideia de que você pode ser quem quiser. Foi isso que a atraiu no dia em que entrou naquela loja, anos antes. Então chega a idade adulta, as escolhas se consolidam e vem a percepção de que tudo que você é começou a ser colocado em prática anos antes. O resto é consequência. Então ela entendia por que a filha estava buscando a si mesma, e até se culpava por isso. Talvez algo dentro da garota estivesse incerto, uma pequena parte de si percebendo que tinha alguma coisa errada com a sua vida. Como se, ao ficar mais velha, ela começasse a tocar nas árvores e descobrisse que era tudo de mentira, maquete de papelão.

— Não tem sermão — disse Stella. — Só quero garantir que você está pensando sobre o próximo semestre...

— Lá vem.

— Você não perdeu tanto tempo, querida. Sei que está animada com aquela peça...

— É um musical.

— Como quer que chame...

— Bem, você saberia se tivesse ido à estreia.

— Que tal fazermos assim: vou à sua peça se você for à secretaria...

— Chantagem emocional — interrompeu Kennedy. — Essa é novidade.

— Chantagem? — protestou Stella, inclinando-se por cima da mesa e depois baixando a voz. — Querer o melhor para você é chantagem? Querer que tenha uma educação, que aprimore...

— O melhor para você não é necessariamente o melhor para mim — argumentou a filha.

Mas o que era melhor para ela, então? Stella ficara chocada, e um pouco envergonhada, ao saber que a filha tinha passado o último semestre em recuperação. "Ela é jovem, vai se descobrir", dizia Blake, mas Stella hesitava. Ela era uma garota de cor pobre vinda do fim do mundo na Louisiana e ainda assim tinha conseguido algo melhor do que duas notas sete, duas notas seis e um solitário oito na aula de teatro. Teatro mal era aula, era passatempo! Um passatempo que, meses depois daquele semestre deplorável, a filha tinha decidido largar a faculdade para seguir. Para que, afinal, dar tudo a uma filha? Comprar livros para ela, colocá-la nas melhores escolas, contratar tutores, apelar para conseguir uma vaga na faculdade... Para que fazer tudo isso se o resultado era esse: uma garota entediada brincando com a própria sopa num restaurante lotado com algumas das pessoas mais inteligentes do país.

— Faculdade não é para todo mundo, sabe? — opinou Kennedy.

— Bem, mas é para você.

— E como sabe disso?

— Porque é uma garota inteligente. Eu sei que é. Só não se esforça. A gente nem sabe do que você seria capaz se fizesse um esforço...

— Talvez eu só seja capaz disso mesmo. Não sou genial como você.

— Bom, não acredito que esteja dando o seu melhor.

— E como sabe?

— Porque eu abri mão de muita coisa na vida para você simplesmente abandonar a faculdade!

Kennedy riu, erguendo as mãos para o alto.

— Lá vamos nós de novo. Não é culpa minha se você teve uma infância pobre, mãe. Não pode me culpar pelas merdas que aconteceram antes de eu nascer.

Um jovem garçom negro se inclinou para servir mais água para Stella e ela se calou. Tinha escolhido a própria vida anos antes — Kennedy apenas a consolidara. Reconhecer isso não era o mesmo que culpá-la. Tinha se sacrificado por uma filha que nunca saberia o que ela perdeu. O momento de honestidade entre as duas já tinha ficado no passado. Stella limpou a boca com o guardanapo branco e depois o colocou de volta no colo.

— Baixe o tom de voz — disse. — E não diga palavrão.

— NÃO É O FIM DO MUNDO — opinou Peg Davis. — Muitos alunos fazem uma pausa.

Stella suspirou. Estava sentada de frente para Peg, em sua mesa, no escritório abarrotado. Era sempre tão bagunçado que Stella precisava retirar livros da cadeira para se sentar ou então passar dez minutos procurando os óculos de leitura de Peg, que normalmente estavam escondidos debaixo de uma pilha de provas. Peg poderia contratar alguém para ajudá-la na organização. Até mesmo Stella já tinha se oferecido para ajudar. Aquele

escritório a lembrava da vida ao lado de Desiree, que passava mais tempo procurando coisas perdidas do que Stella levava para manter seu lado do quarto arrumado; mas quando Stella argumentava isso, Desiree revirava os olhos e dizia para ela parar de tratá-la como se fosse sua mãe. Peg era igualmente desinteressada.

— Ah, estão aí em algum lugar — dizia ela, sempre que perdia as chaves, e assim mais uma reunião se transformava numa caça ao tesouro.

Tudo bem ser meio desordenado quando se é um gênio. Peg ensinava teoria dos números, um campo da matemática que parecia tão complicado que quase podia ser considerado mágica. Matemáticos teóricos tinham pouco em comum com estatísticos, mas Peg orientava Stella assim mesmo. Era a única professora titular do departamento de matemática, então acolhia todas as alunas mulheres. Em sua primeira reunião de orientação, Peg se recostou na cadeira e ficou observando Stella. A professora tinha cabelo comprido, louro meio grisalho, e usava óculos redondos que cobriam quase metade do rosto.

— Então, me conte. Qual é a sua história?

Stella nunca tinha ficado diante de uma mulher tão brilhante. Nervosa, mexeu na aliança de casamento no dedo.

— Não sei — respondeu. — Como assim? Não tenho uma história. Quer dizer, nada muito interessante.

Estava mentindo, é claro, mas ficou chocada quando Peg riu.

— Como não? — retrucou. — Não é todo dia que uma dona de casa de repente decide estudar matemática. Não se importa que chame você assim, não é?

— Assim como?

— Dona de casa.

— Não. É isso que eu sou, não é?

— É?

As conversas com Peg eram sempre assim: sinuosas, perguntas que pareciam respostas, respostas que pareciam perguntas. Stella sempre tinha a impressão de que Peg a estava testando, algo que a incentivava a provar sua capacidade. A professora lhe deu livros — Simone de Beauvoir, Gloria Steinem, Evelyn Reed —, e ela leu todos, embora Blake revirasse os olhos quando via as capas. Não entendia o que tudo aquilo tinha a ver com matemática. Peg a convidava para ir a protestos e, ainda que Stella ficasse nervosa demais para se juntar a uma multidão de gente gritando, sempre lia sobre as manifestações depois no jornal.

— O que as garotas de Peggy fizeram agora? — perguntava Blake, olhando por cima do ombro enquanto ela lia as notícias locais.

Lá estavam elas, protestando contra o concurso de Miss América, contra uma propaganda sexista na *Los Angeles Magazine*, ou contra a estreia do novo filme de terror que exaltava a violência contra as mulheres. As garotas de Peggy eram todas brancas, e quando Stella perguntou uma vez se não havia nenhuma negra no grupo, Peg sentiu o golpe.

— Elas têm as próprias preocupações, sabe — argumentou. — Mas são bem-vindas para se juntar a nós na luta.

Quem era Stella para julgar? Pelo menos Peg defendia alguma coisa, lutava por alguma coisa. Travava guerras com a universidade por tudo: licença-maternidade paga, contratações de professores sexistas e a exploração do trabalho dos adjuntos. Ela discutia esses assuntos embora não tivesse filhos e já fosse professora titular, discutia algo mesmo que não fosse beneficiá-la diretamente. Isso deixava Stella perplexa, protestar apenas pelo senso de dever, ou talvez até pela diversão.

Agora, sentada no escritório de Peg, pegou um livro sobre números primos e disse:

— Só é considerada uma pausa se você volta depois.

— Bem, talvez ela volte — sugeriu Peg. — No tempo dela. Você voltou.

— É diferente.

— Por quê?

— Eu não tive escolha. Precisei largar a escola. Quando tinha a idade dela, a única coisa que eu queria era fazer faculdade. E ela simplesmente joga tudo fora.

— Bom, ela não é você. É injusto esperar que seja.

Também não era isso ou, pelo menos, não era só isso. Sua filha parecia uma estranha e, talvez, se ainda estivesse em Mallard, ela se divertiria com a infinidade de diferenças entre as duas. Com a infinidade de semelhanças entre a filha e Desiree; ela e a irmã até poderiam rir disso. Tem certeza de que ela não é sua? Mas ali, naquele mundo, a filha parecia uma estranha, e isso a aterrorizava. Se ela sentia que a própria filha não era sua, então nada em sua vida era real.

— Talvez esteja chateada com você mesma, na verdade.

— Eu mesma? Por quê?

— Por todos esses anos que passou falando sobre pós-graduação. E nada aconteceu.

— É, mas... — começou Stella e parou.

Aquilo era uma coisa totalmente diferente. Toda vez que conversava com Blake sobre se inscrever num mestrado, ele reagia da forma infantil que ela já esperava. Mais faculdade? Meu Deus, Stella, quanto mais você precisa estudar? Ele a acusava de abandonar a família, ela o acusava de abandoná-la, e os dois iam dormir com raiva.

— É claro que esse seu marido acha que ainda pode te manipular — disse Peg. — Você o assusta. Uma mulher com cérebro. Nada os assusta mais do que isso.

— Não sei se é verdade — argumentou Stella.

Blake ainda era seu marido, e ela não gostava de ouvir outras pessoas falando sobre os defeitos dele.

— Só estou dizendo que tudo tem a ver com poder. Ele quer ter e não quer que você tenha. Por que acha que os homens transam com as secretárias?

Mais uma vez, Stella se arrependeu de ter contado a Peg como ela e Blake tinham se conhecido. Sua história, que parecia romântica à época, ia ficando cada vez mais vulgar com o passar dos anos. Ela era tão jovem, tinha a idade que a filha tem agora, e nunca havia conhecido um homem como Blake. É claro que não resistiu às suas investidas. Na primeira vez em que foram para a cama, Stella tinha só dezenove anos e acompanhava Blake numa viagem de trabalho para a Filadélfia. Àquela altura, já aprendera que ser uma secretária era como ser uma esposa; memorizava a agenda dele, pendurava seu chapéu e seu casaco, servia-lhe uísque. Trazia o almoço para ele, administrava suas variações de humor, ouvia quando ele reclamava do pai, lembrava-se de mandar flores no aniversário da mãe dele. Foi por isso que ele a convidara para ir à Filadélfia, pensou, até a última noite da viagem, quando ele se inclinou para beijá-la no hotel do bar.

— Não sabe há quanto tempo quero fazer isso — disse ele. — Desde aquele dia no Antoine's. Você parecia tão gentil e perdida. Soube que eu teria problemas ali. Disse a eles para me darem uma garota que tivesse a melhor letra, não importava que não fosse muito bonita. Tive esperanças de que não fosse você. Não queria essa distração. Não sou esse tipo de homem, sabe? Mas é claro que a letra mais bonita era da garota mais bonita. E você está me torturando desde então.

Ele riu um pouco, mas estava olhando para ela com tanta seriedade que Stella sentiu seu pescoço corar.

— Não foi minha intenção — afirmou ela. — Torturar você, quero dizer.

— Está me odiando por falar tudo isso? — perguntou.

O nervosismo dele a deixou mais tranquila. Já tinha saído com outros homens brancos, mas nunca ia além de uns beijos no carro. Vivia com medo de que eles descobrissem sua mentira de alguma forma ao ver seu corpo nu. Talvez, no contraste com o lençol branco, sua pele parecesse mais escura, ou quem sabe a sensação fosse diferente quando ele a penetrasse. Se a nudez não revelasse quem você era de verdade, o que mais revelaria?

No quarto de hotel, Blake a despiu devagar. Abriu o zíper da saia, desabotoou o sutiã, ajoelhou-se para tirar a meia-calça. Ele já estava excitado dentro da cueca branca, e ela ficou com vergonha por ele, com vergonha por todos os homens, obrigados a exibir seu desejo assim tão escancaradamente. Não conseguia pensar em algo mais aterrorizante do que a incapacidade de esconder o que desejava.

Hoje entendia que não poderia ter dito não a ele, mas não quis dizer não. E talvez essa fosse a diferença, ou talvez a diferença estivesse em pensar que havia uma.

— Não me olhe assim — disse Peg.

— Assim como?

— Como se seu gato tivesse acabado de morrer. — Peg se encostou à mesa. — Odeio ver você se diminuir por causa dele. Ele nunca vai te ver como você se vê.

Stella desviou o olhar.

— Você não entende — argumentou. — Quando penso em quem eu era antes dele... É como se fosse outra pessoa.

— E quem você era, então?

Às vezes, ser gêmea era como viver com outra versão de si mesma. Aquela pessoa provavelmente existia para todo mundo, uma versão

alternativa sua que vivia apenas em pensamento. Mas no caso dela era real. Stella rolava na cama todas as manhãs e olhava nos olhos dela. Em outros momentos, era como morar com uma estrangeira. Por que você não é mais parecida comigo?, pensava, olhando para Desiree. Como eu me transformei em mim e você em você? Talvez ela só fosse quieta porque Desiree não era. Talvez as duas tenham passado a vida modulando uma à outra, compensando as falhas da outra. Foi assim no funeral do pai, Stella mal falou, e quando alguém perguntava algo a ela, era Desiree quem respondia. A princípio isso irritou Stella — alguém falar com ela e Desiree responder. Como se fosse um ventríloquo. Mas logo ela se sentiu confortável em desaparecer. Podia não dizer nada e, naquele nada, ficava livre.

Olhou pela janela, para os alunos andando de bicicleta, e depois de volta para a professora.

— Nem me lembro — respondeu.

DOZE

No fim de suas primeiras duas semanas como nova funcionária do Stardust eater, Jude já tinha aprendido duas coisas importantes sobre Kennedy Sanders: ela queria ser uma estrela da Broadway e se comportava como toda atriz ressentida, meio orgulhosa, meio magoada; seu orgulho era impossível de ignorar. Adorava fazer os outros esperarem por ela, caminhando devagar a cada porta que seguravam. Discutia com frequência com o diretor sobre como dizer as falas, aparentemente, apenas por diversão. Estacionava seu carro esportivo vermelho no canto mais extremo da garagem porque, dizia, ele já havia sido arranhado por um ator substituto invejoso. Gostava de inventar histórias sobre a própria vida, como se a realidade fosse muito banal. Às vezes alterava a própria história no meio da conversa, como no dia em que contou a Jude que seu carro tinha sido um presente de formatura do ensino médio.

— Não, na verdade foi mais um presente de "nem acreditamos que você se formou" — disse. — Eu era uma merdinha no ensino médio. Mas não éramos todos? Quer dizer, talvez não. Você não parece ter sido uma merdinha.

— Eu não era — respondeu Jude.

— Sei que não era. Eu sempre consigo diferenciar quem comia brócolis e obedecia ao papai e quem tocava o terror. Ei, pode fazer a gentileza de jogar isso fora?

No camarim, botou um punhado de papéis de bala amassados nas mãos de Jude. Nos últimos dois fins de semana, Jude pegara o ônibus para aquele

teatro decrépito no centro, onde varria pipoca do chão, esfregava as pias do banheiro e limpava os camarins. Com o tempo, o supervisor prometera, ela seria promovida à função de recolher os ingressos e orientar sobre os assentos. Mal sabia ele que ela estava exatamente onde queria. Mas é claro que não contou isso a ele. Só revelara a história mais simples: que era uma recém-formada na faculdade querendo ganhar dinheiro extra nos fins de semana. Podia trabalhar sextas e sábados à noite e domingos à tarde. Os turnos de *Os saqueadores da meia-noite*. Ele lhe disse para voltar na matinê de domingo vestida de preto.

— Não gosto disso — opinou Reese.

Ele se encostou à bancada da cozinha com o velho cinto de ferramentas do Sr. Song na cintura, e parecia tão preocupado que ela se arrependeu de ter falado.

— É só um trabalho extra — disse ela, com tranquilidade. — Precisamos do dinheiro.

— Não é só isso e você sabe.

— Bem, e o que eu deveria fazer? Simplesmente fingir que ela não é filha da Stella? Não consigo. Preciso conhecê-la. Preciso encontrar Stella.

— E como planeja fazer isso?

Mas ela não tinha nenhum plano além do Stardust eater. Antes de cada apresentação, ia até o camarim de Kennedy para ajudá-la a levantar o vestido enorme por cima da cabeça. Fazia outros pequenos favores a ela: trazia sua água quente com limão, buscava sanduíches numa lanchonete ali perto e pegava Coca-Cola na máquina da entrada do teatro. Sempre se sentia uma idiota, parada na porta do camarim com uma caneca fumegante de chá até que Kennedy aparecia, ofegante e sem remorso.

— Você sempre salva minha vida — dizia ela. Ou: — Te devo uma.

Nunca era simplesmente "obrigada".

Durante o primeiro ato, antes de preparar a bombonière para o intervalo, ela ficava ao lado do palco assistindo àquela peça que parecia ainda mais boba a cada vez que ela via. Um musical faroeste sobre uma garota corajosa que chegava a uma cidade fantasma e descobria que era povoada por fantasmas de verdade.

— Acho que é muito inteligente — observou Kennedy. — É quase como *Hamlet*, se pensar bem.

A peça não tinha nada a ver com *Hamlet*, mas ela dizia isso com tanta convicção que você quase acreditava. Era o primeiro papel principal que conseguira desde que largara a faculdade dois meses antes, contara ela a Jude numa noite depois do espetáculo. Elas estavam sentadas numa lanchonete do outro lado da rua, Kennedy mergulhando as batatas fritas numa poça de molho ranch.

— Minha mãe ainda não veio a nenhuma apresentação — contou. — Está furiosa por eu ter largado a faculdade. Acha que estou brincando com meu futuro. E talvez eu esteja. Quase ninguém consegue ter sucesso, né?

Pela primeira vez tinha deixado a bravata de lado e parecia tão genuinamente insegura que Jude quase apertou sua mão. Aquela onda repentina de empatia a surpreendeu. Ser aquela garota era assim, então? Uma escolha ruim despertava solidariedade e não deboche; um único momento de dúvida forçava uma estranha a reafirmar que ela era, de fato, especial?

— Ninguém entra na faculdade de medicina também — disse Jude.

— Ah, não é a mesma coisa. Minha mãe ia amar se eu estivesse tentando ser médica, acredite. Acho que a maioria das mães ia amar. Todas querem que a gente tenha uma vida melhor que a dela, não é?

— Como foi a vida dela?

— Difícil. Sabe, aquela coisa de gente branca sofrida, tipo *As vinhas da ira*. Andava uns dezesseis quilômetros por dia para chegar à escola, essas coisas.

— Ela tem uma família grande?

— Ah, não. É só ela. Mas a mãe e o pai morreram há muito tempo. Só sobrou ela.

Às vezes até dava para entender por que Stella tinha se passado por branca. Quem nunca sonhou em deixar a si mesmo para trás e recomeçar como uma nova pessoa? Mas como ela pôde matar as pessoas que a amavam? Como pôde abandonar quem ainda sentia sua falta, anos depois, e nunca olhar para trás? Essa era a parte que Jude nunca entenderia.

— Não sei como você a aguenta — dizia Barry. — Aquela garota não para de falar! Dá vontade de enfiar aquele gorro na boca da criatura.

Assim como o restante do elenco, ele achava Kennedy insuportável. Mas Jude precisava ouvi-la. Estava em busca das histórias de Stella. Então a ajudava a colocar aquele vestido e ouvia Kennedy falar sem parar sobre como queria visitar a Índia no verão, mas estava preocupada, sabe? Não dá nem para beber água num lugar como aquele, e tinha uma amiga — bem, não era amiga, mas uma vizinha da infância, Tammy Roberts — que havia ido numa viagem de voluntariado para lá e voltou doente por conta de umas frutas que comera. Dá para imaginar isso, frutas? Preferia morrer com uma agulha enfiada no braço a deixar que uma manga a matasse. Num outro momento, Kennedy contou que seu antigo flerte estaria na plateia, um surfista casado que morava no condomínio dela. Tinha dormido com ele uma vez depois que lhe levou uma garrafa de absinto da França.

— A gente viajou legal — disse ela, esticando-se descalça no sofá.

As cortinas se abririam em quinze minutos e ela ainda nem tinha se vestido. Nunca estava concentrada, preparada. Quando Jude aparecia para

ajudá-la a se vestir, sempre abria a porta meio surpresa, como se ela mesma não tivesse pedido ajuda a Jude para começo de conversa. Sempre mencionava a mãe de repente, como na vez em que disse a Jude antes de uma apresentação que começara a atuar quando tinha onze anos. A mãe a inscrevera em um monte de atividades, porque era isso que os pais faziam em Brentwood, jogavam os filhos como se fossem redes de pesca para tentar capturar algum talento. Então ela fez aulas de tênis, balé, clarinete e piano, tantos instrumentos que poderia montar a própria orquestra. Mas nada colou. Ela era terrivelmente medíocre. A mãe tinha vergonha.

— Ela nunca disse isso, mas dava para perceber — lembrou Kennedy. — Realmente queria que eu fosse especial.

Então, por capricho, fez um teste para uma peça da escola sobre a corrida do ouro e conseguiu um papel pequeno como operária chinesa na via férrea. Ela só tinha sete falas, mas a mãe a ajudou a memorizá-las, segurando o roteiro com uma das mãos e mexendo o molho do macarrão com a outra, enquanto Kennedy carregava suas ferramentas invisíveis pela cozinha.

— Quer dizer, era completamente ridículo — começou ela. — E lá estava eu, interpretando uma asiática com um daqueles chapéus de palha. Não dava nem para ver meu rosto. Mas minha mãe disse que eu fiz um bom trabalho. Ela ficou... Não sei, pareceu animada pela primeira vez.

Ela falava da mãe com certa melancolia, do mesmo jeito que todo mundo falava de Stella. Essa era a única parte que parecia real.

Pelo resto de novembro, Jude Winston trabalhou nas apresentações de *Os saqueadores da meia-noite*. Enchia as máquinas de pipoca, distribuía os programas da peça na entrada, ajudava as idosas a encontrarem seus assentos. À noite, dormia ainda ouvindo a música de abertura. Fechava os olhos e via Kennedy no centro do palco, reluzente sob o foco de luz. Elas não podiam ser primas. Toda vez que a loura chegava ao teatro, o rosto

escondido atrás dos óculos escuros, aquela ideia parecia ainda mais absurda. Um parente que não via há muito tempo... Vocês teriam algo em comum, não? Talvez não percebessem de início, mas, com o tempo, de alguma forma sentiriam que tinham o mesmo sangue. Porém, quanto mais tempo passava com Kennedy, mais distante ela parecia.

Numa noite de sexta-feira, o elenco saiu para beber. Barry segurou o braço de Jude para convencê-la a ir, mas, antes mesmo que ela dissesse que estava exausta, Kennedy começou a andar a seu lado. Então é claro que ia. Nunca dizia não a ela. Ficava desesperada perto dela. A peça estava quase saindo de cartaz e tinha descoberto muito pouco sobre Stella. O pianista encontrou um piano vertical empoeirado no fundo do bar pouco iluminado e decidiu tocar alguns acordes. Aos poucos, o elenco foi chegando perto, todos um pouco bêbados e querendo se apresentar. Mas Kennedy se sentou com Jude na ponta da mesa, os joelhos das duas roçando um no outro.

— Não tem muitas amigas como eu, não é? — perguntou Kennedy.

— Como assim?

Pessoas brancas, provavelmente, mas Kennedy a surpreendeu com a resposta:

— Amigas mulheres. Estava com um monte de garotos quando vi você.

— Não, não tenho nenhuma amiga, na verdade.

— Por que não?

— Não sei. Nunca tive nenhuma na infância ou adolescência. É o lugar onde cresci. Não gostavam de pessoas como eu.

— Negras, você quer dizer.

— Só as de pele escura — explicou. — Se você tiver a pele clara, tudo bem.

Kennedy riu.

— Nossa, que bobagem.

Nenhuma das duas compreendia a vida da outra, e não era esse o único jeito possível? Jude não ficava imaginando como seria não ligar nem um pouco para a própria educação ou saber que, mesmo se o pior acontecesse, ainda assim ficaria tudo bem? Ela não odiava o punk rock altíssimo que saía das caixas de som quando Kennedy entrava no estacionamento? Sim, e revirava os olhos toda vez que Kennedy se atrasava. Ela se ressentia quando Kennedy exigia chá de limão. Ficava na defensiva quando Barry a chamava de pirralha mimada, embora fosse isso mesmo, claro. A garota era irritante, às vezes, mas talvez ela fosse o que Jude poderia ter sido caso a mãe não tivesse se casado com um homem de pele escura. Nesta outra vida, as primas passariam por brancas juntas. A mãe de Jude teria se casado com um homem branco e agora ela chegaria às festas sofisticadas vestindo casacos de vison, em vez de servir mesas numa lanchonete no interior. Nessa outra realidade, Jude tinha a pele clara, era linda e dirigia um Camaro vermelho por Brentwood, a mão apoiada na janela. Toda noite, ela desfilava sobre o palco, radiante, jogando para trás o cabelo dourado enquanto o mundo aplaudia.

O rapaz no piano começou a tocar "Don't Stop Me Now", e Kennedy gritou, puxando Jude pela mão. Jude nunca cantava na frente de ninguém. Mas, de alguma forma, acabou cantando com o grupo meio bêbado, irritando o restante dos clientes até que o barman os expulsasse. Deitou-se na cama depois das três naquela madrugada, a cabeça rodando, ainda sentindo os braços de Kennedy em seus ombros. Elas não eram uma família de verdade, não eram nem amigas de verdade, mas eram alguma coisa. Não eram?

— Está aí? — perguntou Reese.

Estavam se beijando na cama, mas ela estava distraída, a cabeça ainda embalada pela música.

— Desculpe, estava só pensando.

— Naquela garota branca? — indagou ele, suspirando. — Amor, você precisa parar. Esse é um jogo perigoso.

— Não é um jogo. É a minha família.

— Essas pessoas não são sua família. Não querem ser e você não pode obrigá-las.

— Não estou tentando...

— Então por que está rondando essa garota? Não pode obrigar alguém a ser o que não quer. Se sua tia quer ser uma mulher branca, é a vida dela.

— Você não entende.

— Tem razão — respondeu ele, erguendo as mãos para o alto. — Eu nunca entendo você mesmo...

— Não foi isso que eu quis dizer — argumentou ela.

Mas não era verdade? Ele não tinha visto a mãe passar anos sentindo falta de Stella ou Early dirigindo milhares de quilômetros para tentar encontrá-la. Ele não vira todas as manhãs que Jude passara vasculhando as caixas no fundo do armário, examinando as coisas da tia. A maior parte era lixo, mas havia alguns brinquedos velhos, um brinco, uma meia. Não sabia se a avó decidira guardar aquelas lembranças ou se esquecera que as caixas estavam ali. Mas ela esmiuçava tudo para tentar descobrir por que Stella era diferente. Como ela encontrara um jeito de ir embora de Mallard e sua mãe só conseguia ficar ali?

Durante todo o mês de novembro, ela foi ao camarim de Kennedy Sanders para ajudá-la a levantar o vestido enorme acima da cabeça. Então, toda noite, ficava ao lado do palco procurando Stella na plateia. Não a viu nenhuma vez. Ainda assim, procurava por ela quando as cortinas se abriam e Kennedy finalmente subia ao palco. De alguma forma, sempre que o espetáculo começava, ela perdia aquele tom pretensioso que fazia todo

mundo revirar os olhos. Quando as luzes se acendiam, ela não era mais aquela garota debochada que fumava sem parar na rua de trás. Transformava-se em Dolly, a menina doce perdida numa cidade abandonada.

— Não sei — dizia ela. — Sempre amei o palco. Todo mundo olhando para você. É empolgante, não é?

Depois da apresentação de sábado, ela ofereceu uma carona para Jude. Dentro do carro, Kennedy olhou para ela e sorriu. Jude, nervosa, ficou olhando pela janela. Odiava aquele jeito direto com que Kennedy olhava para ela, como se a desafiasse a desviar o olhar.

— Não — respondeu Jude. — Eu odiaria que todo mundo estivesse olhando para mim desse jeito.

— Por quê?

— Não sei. Eu me sinto... Exposta, acho.

Kennedy riu.

— Sim, mas atuar é diferente. Você só mostra às pessoas o que quer.

TREZE

Em dezembro, o cartaz de *Os saqueadores da meia-noite* do lado de fora do Stardust eater já tinha sido substituído por uma propaganda de *Amor, sublime amor*. Jude devia parecer tão decepcionada que o homem mudando o letreiro olhou para baixo e disse:

— Às vezes eles trazem o espetáculo de volta para uma segunda temporada.

Mas ela não estava pensando na peça, só pensava em Stella, que ainda não tinha aparecido. Agora a temporada acabara e o que ela conseguira? Nada além de algumas histórias sobre uma mulher que nunca conheceria.

Na noite da última apresentação, chegou ao teatro vazio para varrer o chão e encontrou Kennedy sozinha no meio do palco escuro. Ela nunca chegava cedo, então Jude perguntou se havia algo errado. Kennedy riu.

— Sempre chego cedo para a última apresentação — explicou. — É por essa que você vai ser lembrada, sabe. É nessa que se prova se você é bom ou não.

Ela usava uma calça jeans rasgada e um chapéu roxo enorme e molengo que escondia metade do rosto. Sempre se vestia daquele jeito, como uma criança que roubou as roupas de um baú de fantasias.

— Por que não sobe aqui? — perguntou Kennedy.

Jude riu, olhando em volta para o teatro vazio.

— Como assim? Estou trabalhando.

— E daí? Não tem ninguém aqui. Venha rapidinho, só pela diversão. Aposto que nunca esteve num palco como este.

Ela nunca tinha estado, é verdade, embora pensasse todo ano em se candidatar para a peça da escola. Sua mãe tinha participado de *Romeu e Julieta*, aprendera todo aquele inglês antigo engraçado e deixara que Ike Goudeau a beijasse diante de toda a escola. Mas tinha se divertido, agradecendo no fim àquela chuva de aplausos. Sua mãe teria adorado ver Jude atuar em alguma coisa. E ela quase tomou coragem para fazer o teste, não porque quisesse o papel, mas porque atuar era algo que a mãe amara na infância. Queria provar a si mesma que as duas eram parecidas. Mas ela mal entrara no teatro para a audição e começou a imaginar a cidade inteira rindo dela, então saiu pelos bastidores antes que a professora chamasse seu nome.

Ela deixou a vassoura encostada nos assentos da primeira fila.

— Quase fiz teste para uma peça uma vez — contou a Kennedy enquanto subia os degraus. — Mas amarelei.

— Bem, talvez esse seja o seu problema. Você diz não a si mesma antes que os outros digam.

O teatro parecia diferente olhando do palco: as luzes ficavam mais baixas, então não dava para ver o rosto das pessoas na plateia. Devia ser muito estranho não saber o que as pessoas que olhavam para você estavam pensando.

— Eu costumava ter pesadelos horríveis — contou Kennedy. — Quando era criança. Eram um horror.

— Sobre o quê?

— Esse é o problema, eu nunca lembrava. Mas quando comecei a atuar, eles pararam. Foi muito estranho. Era como se houvesse algo ruim dentro de mim tentando sair e eu só conseguisse me livrar disso aqui — explicou, tocando o chão do palco. — Mas isso não faz sentido, faz? Os médicos diziam que pessoas criativas têm sonhos vívidos. Não sei por quê. Talvez você descubra quando for médica.

Ela não queria ser psicóloga, mas agradecia a confiança de Kennedy. Quando for médica. Parecia tão fácil quando ela dizia.

— Pois é, talvez.

Ela seguiu Kennedy ao saírem do palco. Ouvia o restante do elenco chegando, alvoroçado nos bastidores, se preparando para a apresentação derradeira. Ela varreria o chão do teatro e depois assumiria seu lugar no escuro pela última vez. E assim que a cortina se fechasse, pela primeira vez desde que descobrira quem Kennedy Sanders era, não tinha ideia de quando a veria novamente.

— Você devia ir à festa do elenco — sugeriu Kennedy. — Leve seu namorado. Aposto que o teatro o pagaria para tirar umas fotos.

A sugestão foi surpreendentemente atenciosa; ela dissera a Kennedy uma vez que Reese era fotógrafo, mas não esperava que a garota se lembrasse.

— Obrigada. Vou ligar para ele.

Kennedy começou a andar até os bastidores e então parou.

— Não sei o que vai acontecer depois disso.

— O que quer dizer?

Talvez, para um ator, a coxia escura do palco fosse um lugar tão íntimo quanto uma igreja; de qualquer forma, Kennedy começou a se confessar. Não sabia o que faria no dia seguinte, sim, literalmente, o que faria quando acordasse de manhã, porque aquela peça era única coisa que lhe dava um propósito há meses. Era a única coisa em que era boa, atuar. Tinha largado a faculdade porque era péssima naquilo, era péssima em todo o resto. E talvez sua mãe estivesse certa, talvez ela tenha cometido um grande erro. Talvez a atuação fosse perda de tempo. Talvez os pais discutissem tanto porque estavam prestes a se separar. Talvez a mãe preferisse corrigir trabalhos de matemática a conversar com ela. Talvez tudo aquilo fosse verdade. E talvez ela só tivesse conseguido aquele que foi seu maior papel

até o momento porque o cara com quem estava dormindo disse a ela numa noite, enquanto estavam chapados, que seu irmão mais velho escrevera uma peça ruim e hilária que estava sendo montada por uma companhia de teatro. E, ainda que fosse ruim, Kennedy tinha chorado ao ler o roteiro. Uma garota solitária vivendo num mundo composto apenas por fantasmas. Nada poderia parecer mais com sua própria vida.

Talvez o diretor, Doug, tenha percebido isso, ou talvez ele apenas gostasse de olhar para seus peitos, ou talvez o cara tenha falado com o irmão para dar um jeito, fazer o que pudesse para garantir que o nome dela estivesse no topo da lista. De qualquer maneira, ganhou o papel principal.

— Mas não posso contar nada disso para minha mãe — disse. — Ela diria que estava certa. E ela se preocupa mais em estar certa do que em ser minha mãe. Às vezes acho que nem gosta muito de mim. Não é louco? Pensar que sua mãe não te suporta?

Ela sorria, mas seus olhos violeta estavam marejados.

— Tenho certeza de que isso não é verdade — argumentou Jude.

— Bem, você não a conhece, não é? — observou Kennedy.

NAQUELA NOITE, ELA TESTEMUNHOU pela última vez a transformação de Kennedy Sanders sob o feixe de luz.

Kennedy desfilando para o número de abertura na praça da cidade, cantando seu solo contemplativo no cemitério, depois dançando no bar a coreografia que encerrava o primeiro ato ao lado do coro de fantasmas bêbados. Ali, em cima do palco, ninguém diria que aquela garota andara chorando. Ela se transformava toda vez que ficava sob as luzes. Depois do fim do primeiro ato, os aplausos enchendo o teatro, Jude atravessou a

multidão para ir até a bombonière. Enchia um saco de papel com pipoca morna quando, finalmente, viu Stella.

A mãe dela, mas não. Essa era a única maneira pela qual conseguia pensar nela. Como se o rosto de sua mãe tivesse sido transplantado para o corpo de outra mulher. Stella usava um vestido verde longo, o cabelo preso num coque baixo. Brincos de diamante, sapatos pretos de salto. Estava mexendo na bolsa de couro enquanto andava pelo lobby, virando o pescoço por um segundo antes de sorrir para o homem alto que segurava a porta. Por um segundo, naquele sorriso, ela era a mamãe. Mas então a máscara voltou e outra mulher tomou o lugar.

Não havia tempo para pensar. Jude abandonou o setor da pipoca e foi atrás dela, abrindo caminho pela entrada lotada até a porta. Do lado de fora, viu Stella parada sob os beirais procurando um cigarro. Ela ergueu os olhos, assustada com a intromissão repentina, e Jude ficou paralisada. Seu primeiro pensamento idiota foi o de que Stella poderia reconhecê-la. Veria algo familiar em seu rosto — os olhos ou até mesmo a boca — e então ficaria chocada, deixando a bolsa cair aberta no chão. Mas Stella desviou o olhar, observando a rua, melancólica. Jude estava sozinha com seu coração acelerado.

— Oi — disse Jude. — Sou amiga da sua filha.

Não conseguiu pensar em nada melhor para dizer. Stella parou e então acendeu o cigarro.

— Da escola? — perguntou. Sua voz estava calma, suave.

— Não, da peça.

— Ah, encantador.

Era uma palavra que sua mãe nunca usaria. *Encantador*. Stella abriu um breve sorriso e deu uma tragada, olhando para o alto.

— Quer um cigarro? — indagou.

Jude quase disse sim. Pelo menos teria um motivo para ficar ali parada.

— Não, eu não fumo.

— Boa garota. Dizem que é horrível para a saúde.

— Eu sei. Minha mãe está tentando parar.

Stella olhou para ela.

— É muito difícil parar. Assim como todas as coisas boas.

O intervalo estava quase no fim; logo Stella voltaria para dentro e desapareceria na escuridão do teatro. Quando a peça terminasse, ela se misturaria à multidão na rua. Iria para casa e talvez, mais tarde, num momento tranquilo, pensaria naquela garota de pele escura que interrompeu sua pausa para o cigarro, e depois jamais se lembraria daquele instante de novo.

— Kennedy disse que você é da Louisiana — disse Jude, finalmente. — Eu também. Sou de Mallard.

Stella olhou para ela, uma das sobrancelhas levemente arqueada. Nada em seu corpo mudou, nada sugeria que tinha ouvido aquilo à exceção da mínima levantada de sobrancelha.

— Ah, sim. Desculpe, não conheço.

— Minha mãe... — começou Jude, e respirou fundo. — O nome da minha mãe é Desiree Vignes.

Agora Stella se virou para ela.

— Quem é você? — perguntou, em voz baixa.

— Eu te disse, minha mãe...

— Quem é você? O que está fazendo aqui? Não estou entendendo.

Ela estava sorrindo parcialmente, mas segurava o cigarro longe do corpo, como se dissesse a Jude para não se aproximar. Estava com raiva. Jude não esperava aquilo. Stella ficaria confusa. Chocada, até. Mas talvez, depois que o susto passasse, pensou, a tia poderia ficar feliz em conhecê-la. Ficaria até

impressionada com todas as artimanhas do acaso que haviam aproximado as duas. Em vez disso, Stella balançou a cabeça, como se tentasse acordar de um pesadelo.

— Eu queria conhecer você — afirmou Jude.

— Não, não, não, não estou entendendo. Quem é você de verdade? Não se parece nada com ela.

Pela janela, as luzes da entrada do teatro piscaram. Jude devia estar lá dentro, orientando as pessoas de volta aos seus lugares. O supervisor devia estar procurando por ela feito louco. E o que ele encontraria se fosse lá fora: uma garota negra implorando para que uma mulher branca a reconhecesse.

— Ela me contou que você costumava se esconder no banheiro. Na lavanderia em Nova Orleans. Disse que você quase cortou a mão fora uma vez.

Estava balbuciando coisas, tentando dizer algo que impedisse Stella de ir embora. A tia deu mais uma tragada, trêmula, e depois jogou o cigarro na calçada.

— Ela nunca voltaria a Mallard.

— Bem, nós tivemos que voltar. Para fugir do meu pai. Ele batia nela.

— Batia nela? — repetiu Stella e parou, mais calma. — E ela ainda está... Minha mãe ainda...

— Sim, as duas estão lá. Minha mãe trabalha na lanchonete.

— Do Lou? Meu Deus. Não pensava em Lou há... — começou Stella e parou. — Bem, deve ter sido horrível para você.

Jude desviou o olhar. Odiava que Stella sentisse pena dela.

— Minha mãe ficou procurando por você.

Os lábios de Stella se curvaram, como ela se fosse sorrir ou chorar, o rosto paralisado entre as duas opções. Como sol e chuva. O diabo batia na mulher, a mãe costumava dizer, e Jude imaginava isso toda vez que ouvia a

raiva do pai. O diabo podia amar a mulher em que batia; o sol podia aparecer no meio de uma tempestade. Nada era tão simples quanto a gente gostaria que fosse. Sem pensar, ela se esticou para tocar a tia, mas Stella recuou o braço. Seus olhos brilhavam.

— Ela não devia ter feito isso. Devia ter me esquecido para sempre.

— Mas não esqueceu! Pode ligar para ela. Podemos ligar para ela agora mesmo. Ela ficaria tão feliz e...

— Preciso ir — disse Stella.

— Mas...

— Já chega. Não posso voltar a isso. É outra vida, entende?

As luzes as encontraram e, por um segundo, sob a luz amarela, Stella parecia estar em pânico, como se fosse sair correndo para o carro. Então segurou a bolsa com firmeza e desapareceu no meio da noite.

NA FESTA DO ELENCO, todos os atores e músicos se reuniram para ver a protagonista se embebedar e reclamar, para quem quisesse ouvir, que a mãe não tinha aparecido.

— Dá para acreditar? — repetia ela. — Era a última noite e a única coisa que ela me disse era que tentaria ir. Não tentou muito, pelo visto!

Ninguém nunca a vira tão mal-humorada. Mal ficou no palco depois dos agradecimentos ao público, ignorou os colegas de elenco que tentaram parabenizá-la e jogou no lixo as rosas que o diretor lhe deu. Nem se ofereceu para autografar o programa da peça na saída. Agora estava passando a primeira meia hora da festa do elenco sozinha no bar virando várias tequilas.

— Meu primeiro grande espetáculo — disse a Jude. — Ela só precisava se sentar e assistir. E nem isso foi capaz de fazer.

Do outro lado do bar, Reese circulava e tirava fotos espontâneas dos atores. Jude devia estar feliz por ele, voltando a usar sua câmera, mas, em vez disso, estava em pé no bar, ainda abalada, ao lado de uma garota bêbada e rabugenta. Ela encontrara Stella, mas Stella não quis conhecê-la. Aquilo não devia ter sido uma surpresa. A tia não queria saber da família há décadas, então nada havia mudado. Mas por que Jude sentia como se tivesse perdido alguém? Mais uma vez ela via a si mesma se aproximando de Stella, e a tia recuando. Era como se tivesse tentado se aproximar de sua mãe e ela a tivesse empurrado de volta.

— Preciso ir — disse Jude.

Estava se sentindo sufocada naquela festa lotada e precisava desesperadamente de ar.

— Como assim? — rebateu Kennedy. — A festa acabou de começar.

— Eu sei, me desculpe. Não posso ficar.

— Vamos lá, beba alguma coisa comigo, por favor.

Ela parecia tão vulnerável que Jude quase disse sim. Quase. Mas imaginou Stella desaparecendo no meio da noite, olhando por cima do ombro, em pânico, como se estivesse sendo perseguida, e então negou com a cabeça.

— Realmente não posso. Meu namorado já terminou.

Do outro lado do bar, Reese estava guardando a câmera e conversando com Barry. Kennedy deu uma olhada nos dois.

— Você tem muita sorte, sabe — observou.

Ainda sorria, mas havia um traço de maldade em sua voz.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Jude.

— Nada. Mas você sabe. Ninguém espera que alguém como ele fique com alguém como você, não é? — disse Kennedy, rindo. — Sabe que não

estou falando por mal. Só estou comentando. Os homens do seu tipo normalmente gostam mais das garotas de pele clara, não é?

Anos depois, ela ficaria se perguntando o que exatamente a encorajou. Se foi aquele sorriso malicioso ou como ela disse *os homens do seu tipo* de um jeito tão casual, como se aquilo não a incluísse. Ou talvez fosse porque Kennedy estava certa. Ela sabia que Jude se sentia sortuda por ser amada. Ainda que Jude tentasse esconder, ela sabia exatamente como magoá-la.

Durante semanas seguira Kennedy pelo Stardust eater. Ela a ajudara a se vestir, trouxera seu chá, ouvira suas notas agudas no corredor. Limpara banheiros para poder falar com ela, sempre se perguntando como aquela garota esquisita podia ser sua parente. Mas ela finalmente entendeu: Kennedy Sanders nada mais era do que uma menina arrogante de Mallard que acreditava na ficção que lhe contaram.

— Você é tão idiota — rebateu Jude. — Nem sabe o que você é.

— E o que eu sou?

— Sua mãe é de Mallard! Do mesmo lugar que a minha. Elas são gêmeas. São iguaizinhas e até você veria...

Kennedy riu.

— Você é louca.

— Não, sua mãe é louca. Mentiu para você a vida inteira.

Jude se arrependeu daquelas palavras assim que saíram de sua boca, mas já era tarde. Tinha disparado o alarme e, pelo resto da vida, ouviria aquele som.

O Sr. Park trouxe um churrasco coreano por conta da casa e o deixou em cima da mesa.

— Tão tristes — disse. — Nunca vi vocês tão tristes.

Os dois provavelmente pareciam péssimos: Jude enxugando os olhos inchados, Reese com o rosto sombrio a seu lado, parecendo totalmente indefeso como sempre ficava quando ela chorava. Ele apertou os ombros dela e disse:

— Vamos, amor, coma.

Mas ela não estava com fome. Durante o caminho de volta, contou a ele tudo sobre aquela noite horrível. Contou tudo, menos o que Kennedy dissera para magoá-la, porque foi muito certeiro e ela não queria compartilhar, nem mesmo com ele.

— Você estava certo — observou ela. — Estava certo sobre todas as coisas. Eu não devia ter procurado...

— Está tudo bem. Você queria conhecê-las. Agora conhece. E pode seguir em frente.

— Não posso contar para minha mãe.

Ela nunca escondeu nada assim tão importante da mãe. Mas se por um lado seria cruel não dizer a ela que Stella estava viva — e que inclusive a tinha conhecido —, por outro não seria ainda pior contar que Stella não queria saber dela? Que bem faria à mãe descobrir que a irmã que ela passou anos procurando não quis nem ligar para ela? Talvez a mãe percebesse que perdê-la tinha sido a melhor coisa. Quem sabe, com o tempo, simplesmente esquecesse Stella, do mesmo jeito que Jude já tinha começado a apagar o rosto do pai. Não de uma vez, mas aos poucos, as memórias se desintegrando. Com o tempo, a lembrança se transformaria em imaginação. A diferença entre as duas coisas era tênue.

Sua mãe nunca esqueceria Stella. Pelo resto da vida olharia no espelho e se lembraria da perda. Mas Jude não ia piorar aquele luto. Falaria com a mãe no telefone dias depois e não diria uma palavra sobre Stella. Talvez fosse parecida com a tia nesse sentido. Talvez, como Stella, se transformasse

numa nova pessoa a cada lugar em que morava, e sua mãe já não lhe reconhecia mais, uma garota que guardava segredos. Uma mentirosa.

NA MANHÃ SEGUINTE AO ESPETÁCULO, Stella acordou com o coração acelerado.

Mal abrira os olhos e a noite anterior voltou com tudo: aquela peça horrível a que tinha finalmente ido assistir embora soubesse que atuação era um desperdício de tempo e talento da filha. Mas tinha ido porque era a última noite, e assistiu àquela coisa horrenda impressionada e um pouco surpresa que a filha fosse a única parte boa. No intervalo, aplaudiu tão alto quanto todo mundo, na esperança de que a filha a visse. Mas a garota correu para os bastidores com o restante do elenco e Stella foi fumar. Ao sair daquele teatro encardido, pensava no que ia fazer para resolver as coisas com a filha. Podia levar Kennedy para jantar depois da apresentação e pedir desculpas por não ter ido assistir antes. Sugerir que ela fizesse mais aulas de teatro, desde que voltasse para a faculdade. E foi aí que aquela garota escura surgiu das sombras. Depois disso, Stella saiu desembestada pela rua, sem nem pensar aonde ia. Perambulou por dois quarteirões até lembrar onde tinha estacionado.

Aquela garota escura não podia ser filha de Desiree. Não parecia nada com ela. Era totalmente preta, como se Desiree nunca nem a tivesse tocado. Ela podia ser qualquer pessoa. Mas então como sabia todas aquelas histórias de Nova Orleans? Quem mais saberia daquilo além de Desiree? Bem, talvez ela tenha contado a alguém. Talvez essa garota tenha pensado que podia vir à Califórnia e ameaçar expor Stella. E até chantageá-la! As possibilidades foram ficando mais apavorantes na cabeça dela, e nenhuma fazia sentido. Como aquela garota a tinha encontrado? E se queria mesmo chantageá-la,

por que não dera um preço? Em vez de aparecer com aquela expressão intimidada na calçada, como se estivesse magoada. Como se Stella a tivesse decepcionado.

— Seu coração está acelerado — disse Blake.

Ele levantou a cabeça e sorriu para ela com cara de sono. Gostava de dormir com a cabeça em seus seios, e ela deixava porque achava meigo.

— Tive um sonho estranho — contou ela.

— Assustador?

Ela passou os dedos pelo cabelo louro meio grisalho dele.

— Eu costumava ter pesadelos — disse. — Com uns homens que me arrastavam para fora da cama. Parecia tão real... Eu sentia as mãos deles nos meus tornozelos até mesmo depois de acordar.

— Não é por isso que você mantém esse taco aqui, é?

Ela começou a responder, mas, em vez disso, virou o rosto, os olhos marejados de lágrimas.

— Algo aconteceu. Quando eu era criança.

— O que aconteceu?

— Eu vi uma coisa... — começou, mas a voz sumiu e ela não conseguiu mais falar.

Blake a beijou na bochecha.

— Ah, querida, não chore — disse ele, carinhoso. — Não sei do que você tem tanto medo. Eu sempre vou te proteger.

Ela o beijou antes que ele dissesse mais alguma coisa. Fizeram amor desesperadamente, do mesmo jeito de quando Stella tinha dezenove anos e tocou no Sr. Sanders pela primeira vez. Aquela cena teria feito sua versão mais jovem corar. Duas pessoas de meia-idade agarrando o corpo uma da outra, arrancando as cobertas enquanto a luz do sol entrava pelas cortinas, o despertador berrando para acordá-los e cada um seguir seu dia. O corpo

dela mudado, o dele também, familiares e estranhos ao mesmo tempo. Quando se casava com alguém, você prometia amar todas as pessoas contidas no seu companheiro. Ele prometera amar todas as pessoas que ela fora. E aqui estavam os dois, ainda tentando, mesmo que o passado e o futuro fossem um mistério.

Naquela manhã, ela se atrasou para a aula. Um banho rápido e logo vestiu uma blusa sobre os ombros molhados, Blake sorrindo para ela pelo espelho enquanto se barbeava.

— Quer dizer que fiz você se atrasar para o trabalho, Sra. Sanders — disse ele.

Não era tão bom quanto Dra. Sanders, mas talvez bastasse. Talvez fosse suficiente ser a Sra. Sanders, talvez fosse suficiente dar aulas de Introdução à Estatística, ter sua casa e sua família. Aquela garota escura. Pensou nela de novo e tentou tirá-la da cabeça. Tinha sido arrogante, esse era seu problema. Estava tão focada no futuro que não deu valor ao que já conquistara. Não podia cometer outro deslize como este. Precisava se concentrar. Ficar alerta.

Estava correndo para sair quando esbarrou na filha, que subia com um saco de roupa lavada. As duas se sobressaltaram e então Kennedy abriu o sorriso irresistível que herdara do pai. Era impossível ter raiva diante daquele sorriso, e Kennedy já confirmara isso diversas vezes: quando implorou por um cachorrinho, mas foi Yolanda quem tomou conta dele; quando foi reprovada em geometria no nono ano apesar das tentativas de Stella de ajudá-la; quando bateu seu primeiro Camaro e, no fim das contas, convenceu Blake a comprar outro.

— Bom, ela precisa se locomover — dissera ele.

Stella, cansada de ser a malvada, finalmente concordou. Não que sua opinião contasse muito. Kennedy já tinha aprendido há muito tempo que, se

queria alguma coisa, era só pedir ao pai. Informar Stella era mera formalidade.

— Queria mesmo falar com você — disse Stella. — Olha, sobre ontem à noite...

— Eu sei, eu sei, vai pedir desculpas. Mas podia ter me dito que não ia. Eu teria dado o ingresso a outra pessoa e...

— Eu vi sua peça! Só tive que sair mais cedo, foi isso. Não estava me sentindo bem, provavelmente foi algo que comi. Mas juro que estava lá. Achei a peça muito inteligente. Os fantasmas e tudo o mais. E aquela música que você canta no *saloon*, eu amei. De verdade.

A filha usava óculos escuros enormes e espelhados, então Stella não conseguiu ver os olhos dela, apenas o próprio rosto refletido. Parecia calma, normal. E não uma mulher que acordara com o coração acelerado.

— Gostou mesmo? — perguntou Kennedy.

— Claro, querida. Achei que você estava maravilhosa.

Abraçou a filha e passou as mãos em seus ombros.

— Está bem. Estou atrasada. Tenha um bom dia!

Estava mexendo na pasta de couro procurando as chaves quando ouviu a filha perguntar, por cima do ombro:

— Você nunca esteve num lugar chamado Mallard, não é?

Stella nunca imaginou que ouviria essa palavra sair da boca da filha e, pela primeira vez naquela manhã, ela vacilou.

— Como assim?

— Conheci uma garota de lá. E ela diz que conhece você.

— Nunca nem ouvi falar desse lugar. Como se chama? Mallard?

O sorriso irresistível apareceu novamente. Kennedy deu de ombros.

— Tudo bem. Talvez ela tenha confundido você com outra pessoa.

QUANDO BLAKE CHEGOU EM CASA do trabalho naquela noite, Stella contou a ele sobre a garota de pele escura.

Passou a tarde inteira em dúvida se deveria dizer alguma coisa até finalmente decidir contar. Uma jogada preventiva. Não queria que ele pensasse que tinha algo a esconder e preferia que ouvisse a história de sua boca. Odiava pensar na possibilidade de ver o marido e a filha cochichando sobre ela. Então, enquanto ele se trocava para dormir, contou que uma garota negra abordou Kennedy depois da apresentação dizendo ser sua prima. Ficou encarando o rosto dele o tempo inteiro, esperando para ver alguma alteração. Um lampejo de reconhecimento, talvez. Alívio por enfim ter resposta para algo que sempre se perguntara. Mas ele fez apenas uma expressão de escárnio enquanto desabotoava a camisa.

— É o Camaro — opinou ele. — Tenho certeza de que ela viu o carro e pensou: pronto, vou ganhar um dinheiro.

— Exatamente — concordou Stella. — É exatamente isso. Foi o que tentei dizer a ela.

— Essa cidade, às vezes, vou te contar...

Recentemente, eles vinham conversando sobre sair de Los Angeles. Mudar-se para Orange County, talvez, ou até mesmo mais para o norte, em Santa Bárbara. Ela foi resistente à ideia a princípio, pois não queria deixar o trabalho, mas agora ficava imaginando aquela garota escura seguindo-a de novo, abordando-a ao entrar nos lugares, batendo nas janelas. Ou, pior ainda, aquela garota indo atrás de Kennedy pela cidade, aparecendo em seus espetáculos, perseguindo-a entre um teste e outro. O que ela podia querer? De novo, Stella viu o rosto dela. Parecendo magoada, parada embaixo daquele beiral.

O erro de Stella foi imaginar que poderia se estabelecer em algum lugar. Era preciso permanecer em movimento ou então o passado sempre te

alcançaria.

— Sabe como é esse pessoal do centro — argumentou ela. — Metade deles está sempre drogado.

— Até mais do que a metade — completou Blake, deitando-se ao lado dela na cama.

Na primeira vez em que se passou por branca, Stella mal podia esperar para contar a Desiree o que tinha feito. Desiree nunca ia acreditar; ela não achava que Stella fosse capaz de fazer algo surpreendente. Mas, naquela noite, quando Stella voltou para casa, passou pela irmã no corredor e não disse nada. Uma transgressão secreta era ainda mais emocionante do que uma compartilhada. E ela compartilhava tudo com Desiree. Queria algo que fosse só dela.

Tinha quarenta e quatro anos agora; vivera mais tempo sem Desiree do que com ela. Ainda assim, conforme as semanas passavam, sentia o puxão de Desiree mais forte, como se a irmã estivesse com a mão em seu pescoço. Às vezes, era como um carinho gentil; outras vezes, a sufocava. A culpa era daquela garota escura, embora nunca mais a tivesse visto desde aquela noite do lado de fora do Stardust eater. A cidade era grande; a garota nunca mais a encontraria. Stella nunca pensou nela como uma sobrinha. *Sobrinha* nem parecia a palavra adequada para uma garota que não conhecia, que não se parecia em nada com ela. E, pensando bem, Desiree não sentiria o mesmo em relação a Kennedy? Às vezes até mesmo Stella olhava para a filha e via uma estranha. Não era culpa de Kennedy se, muito tempo atrás, a mãe tivesse decidido virar outra pessoa. Agora, sua vida inteira tinha sido construída com base naquela mentira e em todas as outras que Stella foi empilhando para mantê-la, até que aquela garota escura apareceu ameaçando acabar com tudo.

— Você já teve uma irmã? — perguntou Kennedy numa noite.

Stella, que estava curvada catando as migalhas da mesa, gelou.

— Como assim? Sabe que não tive.

— Eu só achei que...

— Não está pensando naquela garota negra ainda, está?

Mas a filha mordeu o lábio e olhou pela janela. Ela estava... Não tinha dito nada sobre aquilo, o que parecia uma traição ainda maior.

— Meu Deus — disse Stella. — Em quem você acredita? Em uma garota maluca ou na sua mãe?

— Mas por que ela mentiria? Por que diria essas coisas para mim?

— Ela quer dinheiro! Ou talvez apenas quisesse zombar de você. Vai saber por que essa gente louca faz o que faz!

Blake entrou na cozinha e parou, como sempre fazia antes de se meter nas discussões das duas. Como se quisesse lembrar a si mesmo que não era tarde demais para se retirar e fingir que aquilo não tinha nada a ver com ele. Não se interessara pela garota negra o suficiente para dizer qualquer coisa, a não ser que Kennedy deveria chamar a polícia se a visse novamente. Agora, abraçava a filha pelos ombros.

— Deixe para lá, Ken. Não pode deixar essa garota mexer com a sua cabeça.

— Eu sei, mas...

— Nós amamos você — disse ele. — Nunca mentiríamos para você.

Mas, às vezes, mentir era um ato de amor. Stella passara muito tempo mentindo para dizer a verdade agora, ou, talvez, não houvesse mais nada para revelar. Talvez ela tivesse realmente se transformado naquilo.

EM JUNHO, STELLA E BLAKE SURPREENDERAM a filha com as chaves para um apartamento novo em Venice. Pagaram o aluguel por um ano, período

em que ela faria testes como atriz, e depois teria que voltar para a faculdade ou encontrar um trabalho. Tecnicamente aquilo não era suborno, mas quando Stella entregou as chaves para a filha, extasiada, ficou tão aliviada que era como se fosse. Talvez agora a filha parasse de bombardeá-la com perguntas sobre o passado. Ela vivia preocupada com a possibilidade de Kennedy descobrir seu segredo e rejeitá-la, de Blake ir embora, de sua vida inteira escapar pelos dedos. Mas nunca tinha imaginado a dúvida. Era quase melhor que Kennedy simplesmente tivesse acreditado naquela garota escura. Em vez disso, a menina parecia pensar sobre aquilo, às vezes acreditava, outras vezes não, e Stella nunca sabia o que ela ia decidir, afinal. Não podia prever o que ela perguntaria ou em que acreditaria, e a incerteza a enlouquecia. O novo apartamento pelo menos seria uma distração. Talvez fosse até uma solução.

Num sábado de manhã, ela e Blake ajudaram a filha na mudança. Blake arrumou os móveis no quarto e Stella limpou as gavetas da cozinha, lembrando-se do apartamento que ela e Desiree dividiram em Nova Orleans. As paredes eram finíssimas, os tacos do piso sempre rangiam e uma mancha de infiltração crescia no teto. E, ainda assim, apesar de tudo isso, ela amava aquele lugar. Ficara tão agradecida de sair do chão de Farrah

ibodeaux que nem se importara com quão pequeno e entulhado era o apartamento novo. Era dela e de Desiree, e ela sentira que as duas estavam prestes a ter uma vida incrível demais que nem dava para imaginar. Então começou a chorar, e Kennedy a surpreendeu, abraçando-a por trás.

— Não fique toda sentimental — disse. — Ainda vou jantar em casa.

Stella riu e enxugou os olhos.

— Espero que goste desse lugar. É um apartamentinho lindo. Devia ver como era o meu em Nova Orleans.

— Como era?

— Bem, era metade desse aqui. Estávamos sempre esbarrando uma na outra...

— Quem estava?

Stella parou.

— O quê?

— Você disse "estávamos".

— Ah, verdade. Minha companheira de quarto. A garota com quem eu dividia apartamento, ela era da minha cidade.

— Você nunca me contou isso. Nunca me conta nada sobre sua vida.

— Kennedy...

— Não é isso. Não tem nada a ver com aquela garota. É que é impossível saber qualquer coisa sobre você. Preciso implorar para que me conte sobre uma garota com quem dividiu apartamento, e você é minha mãe. Por que não quer que eu conheça você?

Ela se imaginara, mais de uma vez, contando a verdade para a filha sobre Mallard, Desiree e Nova Orleans. Sobre ter fingido ser outra pessoa porque precisava de um trabalho e, depois de um tempo, o fingimento se tornou realidade. Ela podia contar a verdade, pensou, mas já não havia só uma verdade. Ela passara a vida inteira dividida entre duas mulheres; as duas eram reais e as duas eram mentira.

— Eu sempre fui desse jeito — argumentou Stella. — Não sou como você, assim, aberta. É uma boa maneira de viver. Espero que continue assim.

Ela entregou para a filha um pedaço de papel decorativo para forrar a gaveta e Kennedy sorriu.

— Não sei ser diferente. O que tenho a esconder?

PARTE 5

PACIFIC COVE

(1985/1988)

QUATORZE

Em 1988, exausta de tentar seguir uma carreira artística séria e, mais importante, prestes a completar trinta anos, Kennedy Sanders começou a aparecer em diversas novelas diurnas. Um mês depois de fazer vinte e sete anos, ela finalmente conseguiu um papel em três temporadas de *Pacific Cove*. Seria o personagem mais duradouro de sua carreira e, décadas depois, ainda seria parada no shopping por algum fã apaixonado que a chamava de Charity Harris. Tinha nascido para interpretar aquela personagem, segundo o diretor, e seu rosto era perfeito para novelas. Ela deve ter fechado a cara, porque ele riu, tocando em seu braço um pouco perto demais dos seios.

— Isso não é ruim, querida. O que eu quis dizer é que... Bem, dá para perceber que você tem talento para o drama.

Não havia nada de errado com melodrama, dissera ela aos pais quando ligou para contar as novidades. Na verdade, algumas das atrizes mais clássicas — Bette Davis, Joan Crawford, Greta Garbo — navegaram por este universo de tempos em tempos. O pai estava contente porque ela ia voltar para a Califórnia. A mãe estava contente porque ela arranjara um trabalho. Depois de desligar o telefone, passeou por um shopping em Burbank onde, um ano depois, seria parada por uma mulher de meia-idade que lhe pediria um autógrafo em frente a uma prateleira de sapatos. Levava um susto toda vez que alguém a abordava na rua. Eles a reconheciam? Ela mesma, sem figurino, cabelo feito ou maquiagem? A princípio, Kennedy adorava, mas depois começou a se incomodar com a ideia de alguém notá-la antes mesmo que ela percebesse.

UMA LISTA INCOMPLETA DAS PERSONAGENS que ela interpretou no mundo das novelas antes de *Pacific Cove*: uma voluntária de hospital trambiqueira que rouba um bebê; uma professora que seduz o pai de um aluno; uma comissária de bordo que derruba água no protagonista, talvez por acidente, talvez intencionalmente, o roteiro não era claro; a filha do prefeito que é seduzida por um canalha; uma enfermeira que é estrangulada num carro; uma florista que entrega uma flor à estrela da novela; uma comissária que sobrevive a uma queda de avião e depois é estrangulada num carro. Usou perucas pretas, perucas castanhas, perucas ruivas e, por fim, quando interpretou Charity Harris, exibiu seu próprio cabelo louro ondulado. Sempre interpretava garotas brancas, o que significava que nunca interpretava a si mesma.

No set de *Pacific Cove*, o elenco e a equipe se referiam a ela como Charity, nunca a chamavam pelo seu nome verdadeiro e, mais tarde, numa entrevista à revista *Soap Digest*, ela diria a um repórter que isso a ajudava a se manter na personagem. Preferia que os leitores pensassem que ela era uma atriz que seguia esse método de atuação e não soubessem a verdade: que ninguém se importava em decorar seu nome verdadeiro porque achavam que ela não duraria muito tempo ali. No mundo das novelas, três temporadas eram como três segundos, e quando o programa terminou, em 1994, Charity Harris apareceu no último capítulo por um milissegundo enquanto a câmera mostrava fotos na parede. Só os fãs apaixonados se lembrariam de sua performance mais notável, os nove meses em que ela foi sequestrada por uma mulher obcecada por seu namorado e ficou amarrada num porão. Ela passou meses se contorcendo na cadeira — gritando, implorando — e só anos depois percebeu que sua grande história consistia em não fazer parte da novela de verdade.

Ela levou a mãe ao set de gravação uma vez. Avisou antes que podiam deixar o estúdio bem frio, então, de um jeito meio ridículo, a mãe usou um casaco azul brilhante apesar do calor de trinta graus em Burbank. Kennedy fez um breve tour com ela pelos cenários e mostrou onde ficavam o exterior da casa dos Harris, a prefeitura, a loja de surfe onde Charity trabalhava. Até a levou ao porão onde Charity estava presa fazia três meses, desde o sequestro.

— Espero que libertem você logo — comentou a mãe, confundindo Charity e Kennedy, como o restante da equipe.

Foi o máximo de validação como atriz que ela conseguiu da mãe. Era estranho que o maior elogio que uma atriz podia receber fosse o de que desaparecera numa outra pessoa. Atuar não era sobre ser visto, dissera-lhe uma professora de teatro certa vez. A verdadeira atuação era se tornar invisível e, assim, deixar que apenas o personagem brilhasse.

— Devia mudar seu nome para Charity — sugeriu o diretor de *Pacific Cove*. — Não me leve a mal, mas quando ouço seu nome me lembro de um cara levando um tiro na cabeça.

EIS UMA HISTÓRIA NA QUAL ELA NÃO PENSAVA há muito tempo: certa vez, quando tinha uns sete anos, estava sentada num banquinho na cozinha observando a mãe confeitar um bolo. Ela estava num canto tentando aprender um novo truque de ioiô, mas sem qualquer entusiasmo, tanto que basicamente apenas jogava o brinquedo, que batia com força no chão, fazendo barulho. Esperava que a mãe, irritada, dissesse-lhe para parar. Fazia coisas assim com frequência: ações desesperadas, pequenas o suficiente para não lhe deixarem de castigo, mas irritantes o bastante para chamar atenção. Mas a mãe nem olhava para ela; não era o tipo de mãe que transformava

uma tarefa doméstica numa oportunidade de criar um vínculo com a filha. Querida, vou lhe mostrar como sovar um pão. Ou, venha aqui, querida, é assim que se confeita um bolo. A mãe parecia ter ficado aliviada quando Kennedy cresceu e parou de oferecer ajuda na cozinha.

— Não é que eu não queira a sua ajuda — respondia a mãe sempre. — Mas faço mais rápido sozinha.

Embora a segunda parte não contrariasse a primeira, também não a justificava.

Por que estava fazendo um bolo, para começo de conversa? Ela não era o tipo que cozinhava sem motivo. Quando havia uma feira de comida, sua contribuição eram biscoitos comprados, que colocava numa lata para ninguém perceber. No aniversário do pai, talvez. Mas estavam no verão e não na primavera, ou então Kennedy não estaria em casa no meio do dia, entediada, observando a mãe ajeitar as ondas da cobertura.

— Como aprendeu a fazer isso? — perguntou.

A mãe estava extremamente concentrada, como se restaurasse uma obra de arte.

— Não sei — disse, por fim. — Você vai assimilando com o tempo.

— Sua mãe te ensinou?

Achou que a mãe responderia que sim, a chamaria para perto e lhe daria uma faca. Mas ela nem tirou os olhos do bolo.

— Não tínhamos dinheiro para fazer bolo.

Mais tarde, Kennedy perceberia que a mãe usava com frequência a questão financeira para evitar falar sobre o passado, como se pobreza fosse algo tão impensável para Kennedy que explicaria qualquer coisa: por que a mãe não tinha fotos da família, por que nunca recebia ligações de amigos da escola, por que nunca foram convidados para um casamento, funeral ou reencontro. “Nós éramos pobres”, dizia a mãe, caso Kennedy fizesse muitas

perguntas, espalhando pobreza por todos os aspectos de sua vida. Seu passado inteiro era como uma prateleira de despensa vazia.

— Como ela era? — perguntou Kennedy. — A vovó.

A mãe não se virou para ela, mas seus ombros ficaram tensos.

— É estranho pensar nela assim.

— Assim como?

— Como uma avó.

— Bem, ela é. Mesmo se estiver morta, ainda é avó de alguém.

— Acho que sim — respondeu a mãe.

Kennedy devia ter desistido aí. Mas estava irritada com o fato de a mãe estar tão concentrada naquele maldito bolo, como se aquilo fosse importante e conversar com a própria filha fosse um fardo insuportável. Queria que a mãe parasse o que estava fazendo e prestasse atenção nela.

— Onde ela morreu?

Então a mãe se virou para Kennedy. Vestia um avental cor de pêssego, as mãos salpicadas de cobertura de baunilha, a testa franzida. Não estava exatamente irritada, mas confusa.

— Que tipo de pergunta é essa?

— Estou só perguntando! Você nunca me diz nada e...

— Em Opelousas, Kennedy! Onde eu cresci. Ela nunca saiu de lá para lugar algum. Agora, você não tem mais nada para fazer?

Kennedy quase chorou. Ela chorava com facilidade e frequência naquela época, o que envergonhava a mãe, que só chorava de vez em quando durante um filme triste e sempre ria de si mesma depois, desculpando-se enquanto secava as lágrimas no canto dos olhos. Kennedy chorava no chão do supermercado porque queria uma bola rosa e a mãe se recusava a comprar, arrastando a menina pelo corredor. Na pracinha, quando perdia um jogo. À noite, quando acordava depois dos pesadelos dos quais não se lembrava.

Kennedy piscou para afastar as lágrimas, ainda que a mãe tenha dito algo que ela sabia estar errado.

— Você não é desse lugar.

— Do que está falando? É claro que sou.

— Não é. Você me disse que era de uma cidadezinha. Começa com *M*. M alguma coisa. Você me contou quando eu era pequena.

A mãe ficou calada por tanto tempo que Kennedy começou a achar que estava louca, como Dorothy no final de *O Mágico de Oz*. E você estava lá, e você estava lá também! Mas a história sobre a cidade era real; ela não se lembrava dos detalhes, a não ser que estava na banheira e a mãe inclinada sobre ela. Mas naquele momento a mãe simplesmente riu.

— E quando é que eu contei isso? Você ainda é pequena.

— Eu não sei...

— Não deve estar lembrando direito. Você devia ser um bebê — disse a mãe e se aproximou dela, o bolo decorado no topo e nas bordas. — Venha aqui, querida. Quer lamber a colher?

Foi a primeira vez em que Kennedy se deu conta de que a mãe era uma mentirosa.

AQUELA HISTÓRIA DA CIDADE FICOU AGARRADA NELA.

Não conseguia se livrar daquilo, embora também não se lembrasse do nome. Justamente por não se lembrar do nome, na verdade. Durante anos, nunca mais falou sobre aquilo com a mãe. Mas numa noite, na faculdade, meio chapada, ela pegou uma enciclopédia na prateleira do namorado.

— O que está fazendo? — perguntou ele sem muito interesse, mais focado no baseado que estava enrolando, portanto ela o ignorou, folheando até chegar na Louisiana.

Foi descendo a página com a lista de cidades em ordem alfabética: Mansfield, Marion, Marksville.

— Ei — disse ele. — Feche esse livro, não devia estar estudando agora.

Mer Rouge, Milton, Monroe.

— Fala sério, esse livro não pode ser mais interessante do que eu.

Moonshine, Moss Bluff, Mount Lebanon. Ela reconheceria o nome quando o visse, tinha certeza. Mas vasculhou a lista inteira e nenhum deles pareceu familiar. Devolveu o livro à prateleira.

— Desculpe — disse. — Não sei o que deu em mim.

Depois daquela noite, ela nunca mais tentou procurar a cidade. Sempre teria certeza de que estava certa sobre aquilo, mas nunca poderia provar, assim como as pessoas que juravam ter visto Elvis andando no mercado, escolhendo uns melões. Ao contrário desses lunáticos, ela não contaria a ninguém. Uma louca em segredo, ela preferia assim. Até que conheceu Jude Winston. Naquela noite, na festa do elenco, Jude disse a palavra *Mallard*, e foi como uma música que Kennedy não ouvia há anos. Ah, é isso.

EM 1985, QUASE TRÊS ANOS DEPOIS do fim de *Os saqueadores da meia-noite*, ela viu Jude novamente, em Nova York.

Ainda era recém-chegada à cidade e tentava sobreviver a seu primeiro inverno. Durante toda a vida, ela nunca imaginara morar fora de Los Angeles, mas a cidade começou a ficar muito pequena. Não via Jude desde a festa do elenco, mas se imaginava esbarrando com ela em toda parte. Costumava vê-la sentada nas janelas dos restaurantes. Certa vez, errou uma fala em *Um violinista no telhado* porque achou ter visto Jude na primeira fila. A mulher parecia muito com ela — pele escura, pernas compridas, meio insegura, um tanto calma —, mas, quando percebeu o erro, já havia

arruinado a cena. O diretor exigiu que os ajudantes de palco tirassem as coisas dela do camarim antes mesmo do fim da apresentação. Ela culpou Jude. Ela a culpava por tudo.

— Não estou entendendo — protestou a mãe quando ela anunciou que se mudaria para Nova York. — Por que vai para tão longe? Pode ser atriz aqui mesmo.

Mas ela também queria um pouco de distância da mãe. A princípio, a mãe se recusou a lidar com as alegações de Jude. Então tentou ser razoável. Por acaso eu pareço negra? Você parece? Faz algum sentido que sejamos parentes dela? Não, não fazia, mas pouca coisa na vida da mãe fazia sentido. De onde tinha vindo? Como era sua vida antes de se casar? Quem ela fora, quem amara, o que desejara? As lacunas. Quando olhava para a mãe agora, só enxergava as lacunas. E Jude ao menos tinha oferecido um caminho, uma forma de entender. É claro que não conseguia parar de pensar nela.

— Eu queria muito que parasse de se preocupar com isso — disse a mãe. — Vai enlouquecer. Aliás, tenho certeza de que foi por esse motivo que ela disse todas essas coisas para você. É invejosa e queria mexer com a sua cabeça.

Tinha respondido às perguntas de Kennedy, irritada mas nunca com raiva. Porém, pensando bem, a mãe costumava ser calma e racional. Se fosse mentir para a filha, faria isso do jeito calmo e racional com que fazia todo o resto.

Em Nova York, Kennedy morava num apartamento no porão em Crown Heights com o namorado, Frantz, que dava aula de física na Universidade de Columbia. Ele nascera em Port-de-Paix, mas fora criado em Bed-Suy, em um daqueles projetos habitacionais de tijolos vermelhos que ela via do ônibus. Gostava de lhe contar histórias aterrorizantes sobre a infância: ratazanas passando sobre seus dedos dos pés, colônias de baratas no canto

do armário, os traficantes que ficavam na entrada no prédio esperando para roubar seus tênis. Ele queria que ela o entendesse, foi o que Kennedy pensou a princípio, mas depois se deu conta de que ele gostava de ter uma história de vida dramática para contrastar com o homem que se tornara: cuidadoso, estudioso, sempre limpando os óculos de aro grosso.

Ele não era descolado. Ela gostava disso. Não era um daqueles garotos negros que ela admirava de longe, meninos charmosos que se reuniam em volta de seus carros velhos ou ficavam na porta do cinema assobiando para as meninas que passavam. Ela e as amigas fingiam ficar irritadas, mas no fundo adoravam a atenção daqueles garotos que nunca poderiam beijar, que nunca poderiam levar para casa. Ah, Kennedy tinha uma quedinha por esses garotos. Algo seguro, como os arrepios que sentia ao ver Jim Kelly. Sentava-se no braço da poltrona do pai durante os jogos dos Lakers só para ver Kareem Abdul-Jabbar com aqueles óculos. Eram paixonites inocentes, é verdade, mas ela não contava a ninguém. Frantz foi seu primeiro namorado negro. Ela foi sua quarta namorada branca.

— Quarta? — perguntou ela. — É sério? E como eram as outras três?

Ele riu. Estavam em pé na cozinha do orientador dele durante uma festa do departamento e bebiam cerveja de gengibre. Era início de namoro, portanto ela exagerara no visual: saia longa e salto alto, imaginando-se num filme glamouroso dos anos 1960, de braços dados com o marido, um professor que usava óculos, numa sala esfumaçada. Em vez disso, o público era de trintões desarrumados, em um terceiro andar sem elevador, ouvindo Fleetwood Mac.

— Elas eram diferentes — respondeu ele.

— Diferentes como?

— Diferentes de você. Todas as pessoas são diferentes, garotas brancas também.

Ele era diferente de qualquer pessoa que ela conhecera. Sua língua materna era o crioulo, portanto seu inglês ganhava a entonação daquele sotaque. Tinha uma memória quase fotográfica, então quando a ajudava com as falas, ele sempre as decorava antes. Haviam se conhecido no 8 Ball, o bar onde ela trabalhava. De alguma forma, apesar dos motoqueiros grandalhões de coturnos, apesar das garotas tatuadas que colocavam Joan Jett para tocar no jukebox, e apesar de suas tentativas de se misturar, os dois prestaram atenção um no outro. Na época, ela ainda tentava conseguir seu primeiro trabalho como atriz e ninguém entendia por que tinha saído de Los Angeles para fazer isso. Mas ela gostava do palco. Em Los Angeles, todo ator que ela conhecia era obcecado por fazer sucesso em Hollywood, porque toda pessoa sensata sabia que o dinheiro estava em Hollywood. Mas todo aquele processo parecia insuportável. Acordar ao raiar do dia, ficar na frente de uma câmera por horas, repetir as mesmas falas até que um diretor babaca estivesse satisfeito. O palco era algo completamente diferente: uma novidade a cada vez, algo que a assustava e a entusiasmava. Cada apresentação era diferente, cada público era único, cada noite era cheia de possibilidades. O fato de ter escolhido algo que não pagava bem era um bônus. Tinha só vinte e quatro anos, então ainda romanceava o sofrimento.

— Eu sei — disse a ele. — Por isso estou perguntando como elas eram.

Ela logo se arrependeu de ter perguntado quando começaram a esbarrar com as ex-namoradas dele pela cidade. Sage, a poeta, que publicava ensaios longos e divagantes sobre o corpo feminino e continuava enviando para Frantz pedindo sua opinião. Hannah, a engenheira, que estudava para melhorar as condições sanitárias nos países pobres. Kennedy imaginara uma garota desgrenhada que andava pela rede de esgotos, não a loura animada que apareceu no metrô, perfeitamente elegante com suas botas de salto doze. Christina tocava clarinete na Filarmônica do Brooklyn. No jantar,

Kennedy mexia o creme de espinafre enquanto Christina e Frantz discutiam sobre Brahms. Ele estava certo, elas eram todas diferentes. Sentiu-se idiota por ficar surpresa. Parte dela imaginara que essas outras garotas brancas eram versões um pouco alteradas dela; ela mesma se tivesse, digamos, crescido em Nova Jersey ou pintado o cabelo de vermelho num impulso. Mas o gosto dele para garotas brancas era variado, e ela não sabia o que era pior: ser a mais recente repetição de uma série de namoradas parecidas ou ser radicalmente diferente das que vieram antes. Pertencer a um padrão era seguro, pelo menos; ser singular era um risco. Do que Frantz gostava nela, exatamente? Como conseguiria mantê-lo interessado?

— E se eu dissesse a você que não sou branca?

Ela não planejou dizer isso, simplesmente saiu. Frantz sorriu, a cerveja próxima aos lábios.

— O que você é, então? — perguntou ele.

— Bem, não sou totalmente branca. Sou parte negra também.

Nunca tinha dito isso em voz alta. Imaginara que dizer tornaria tudo mais real, como se algo inato fosse acordar dentro dela ao ouvir essas palavras. Mas aquela confissão pareceu falsa, como se estivesse recitando falas. Não conseguia nem convencer a si mesma. Frantz semicerrou os olhos e a encarou.

— Ah, sim. Agora estou vendo.

— Está?

— É claro. Conheço um monte de negros com cabelo crespo como o seu.

Ele a estava provocando. Pensou que ela estava brincando e, com o tempo, aquilo virou uma piada entre os dois. Se ela se atrasava, ele dizia que estava no fuso das pessoas de cor. Se brigava com ele, dizia "Calma aí, mana". Logo virou uma piada para ela também. Jude, o segredo da mãe, a história toda. Ela saberia, convenceu-se, afinal. Não era possível passar a

vida inteira sem saber algo tão fundamental sobre si mesmo. Ela sentiria de alguma forma. Veria algo no rosto de outros negros. Mas ela não sentia nada. Olhava de relance para eles no metrô, com o desinteresse vago com que se olha para estranhos. Até mesmo Frantz era estranho para ela. Não porque ele fosse negro, embora, talvez, isso também se destacasse. Mas sua vida, sua língua, até mesmo seus interesses estavam distantes dela. Às vezes, entrava no pequeno closet que ele havia convertido em escritório e o via rascunhando equações que nunca entenderia. Havia muitas maneiras de se isolar de alguém e poucas de efetivamente pertencer ao mesmo mundo.

A MÃE DELA ODIAVA FRANTZ. CHAMAVA ELE DE ARROGANTE.

— E não é pelo motivo que você pensa — disse ela.

Estavam sentadas à janela de um café, olhando as pessoas passarem. A mãe tinha viajado até lá para visitá-la durante o feriado de Ação de Graças. Kennedy insistira que não conseguiria folga do trabalho e dos testes para ir para casa, mas a verdade era que queria que a mãe visse sua vida em Nova York. Sentia um prazer meio cruel naquilo, como se fosse uma criança arrastando a mãe para ver seus desenhos rabiscados na parede. Olhe só a bagunça que eu fiz! A mãe se esforçara para conter sua reação. Manteve os lábios comprimidos durante toda a visita ao apartamento no porão. Assentiu com a cabeça em silêncio quando Kennedy a levou ao 8 Ball. Mas Frantz era a gota d'água, a única parte daquela vida inaceitável que a mãe não ignoraria.

— E que razão seria essa? — perguntou Kennedy.

— Você sabe. — Havia duas negras na mesa ao lado comendo croissants. A mãe nunca diria aquilo em voz alta. — Não é isso. Só não gosto de ninguém que se comporta como ele...

— Como?

— Como se o você-sabe-o-que dele não fedesse.

Ela devia ser a única mãe no Brooklyn inteiro que era educada demais para dizer *cocô* em público.

— Não sei por que não gosta dele — rebateu Kennedy. — Ele foi muito gentil com você.

— Eu nunca disse que ele não foi. Mas age como se fosse a pessoa mais inteligente da sala.

— Ora, ele é! Fez doutorado na Dartmouth, pelo amor de Deus. Sempre me sinto burra perto dele.

— Eu não entendo. Você nunca gostou de ninguém como ele.

No ensino médio, ela saía com garotos que usavam jaquetas de couro com tachas e tinham cabelo comprido e ensebado como o dos Ramones. Seu primeiro namorado mal enxergava sem tirar as longas mechas da frente dos olhos. Ela achava uma graça, mas seu pai ficava louco. Imaginava, como todos os pais, que ela namoraria garotos mais parecidos com ele naquela idade, cabelo bem cortado, bem-vestido, focado na carreira. Não aqueles rapazes desleixados que ela trazia para casa, sempre meio chapados, no limite do desrespeito completo. Namorou músicos que tocavam tão mal que ela jamais ouviria aquilo se não fosse por amor. Namorou um lutador na faculdade e o acompanhava para cima e para baixo por horas enquanto ele corria enrolado em sacos de lixo para tentar perder peso. Nunca amaria alguém que se importasse tanto com algo, dizia a si mesma, mas ali estava ela, morando com um homem que anotava equações no espelho do banheiro para não esquecer.

— Bom, era hora de mudar — afirmou ela.

Sua fase de namorar garotos desajustados passara. A mãe deveria estar aliviada, mas parecia preocupada.

— Não é por causa daquela garota, é? — perguntou.

Elas não falavam de Jude há dois anos. Mas Jude nunca as deixara. Kennedy soube na mesma hora a quem a mãe estava se referindo.

— Sobre o que você está falando?

— Ué, você nunca gostou de ninguém assim. Então aquela garota idiota mexeu com a sua cabeça. Só espero que não esteja querendo provar nada.

Ela parecia tão nervosa, com a mão na alça da xícara de café, que Kennedy desviou o olhar. Se namorar Frantz fosse algum tipo de experimento, então havia falhado miseravelmente. Amar um homem negro apenas fazia com que ela se sentisse ainda mais branca.

— Não estou. Venha, vamos para o museu.

NAQUELE INVERNO EM QUE VIU JUDE WINSTON de novo, Kennedy estava em cartaz num musical off-off-Broadway chamado *Rio silencioso*. Interpretava Cora, a filha rebelde do xerife que desejava fugir com um lavrador rústico. Durante meses, ficou obcecada, mais do que o normal, com a possibilidade de adoecer. Bebeu tanto chá com limão que, quando chegou fevereiro, já não aguentava mais sentir o cheiro daquilo e tapava o nariz para engolir. Tomava comprimidos de zinco e dava três voltas com o cachecol no pescoço antes de sair. Lavava as mãos furiosamente ao sair do metrô. Não estava preparada para o inverno nova-iorquino em condições normais; tendo conseguido seu maior papel desde que se mudara para a cidade, era ainda mais extraordinário. Na noite em que recebeu a notícia, Frantz a levou para jantar. Ela estava eufórica. Ele estava aliviado.

— Estava começando a pensar que... — disse ele, mas não terminou.

Era cinco anos mais velho que ela e, para além da idade, era um homem sério que acreditava em carreiras sérias. Estava começando a ficar claro que

a carreira de atriz de Kennedy não estava à altura daquela seriedade. A princípio, ele parecera encantado. Minha sonhadora da Califórnia, era como a chamava. Ensaiava falas com ela na sala e a encontrava na saída dos testes para recapitularem a experiência no metrô. Mas agora, ao vê-lo sentado à sua frente com um sorriso melancólico, ela notava que ele estava menos feliz e mais surpreso, como um pai que descobre que Papai Noel é real. Ele havia respondido cartas, comido os biscoitos e deixado presentes sob a árvore, mas nunca imaginara ver um homem gordo descer pela chaminé.

Ela se esforçou mais naquele musical do que jamais se esforçara em qualquer coisa. Colou panfletos coloridos que anunciavam o espetáculo em toda fachada de loja e todo poste de luz que encontrou. Enfrentava os olhares furiosos dos vizinhos ao ensaiar as músicas na escada, onde a acústica era melhor. De manhã, sapateava de leve no banheiro, ensaiando a coreografia enquanto escovava os dentes. Quando não estava ensaiando, descansava a voz. Ninguém que a conhecia acreditaria, mas era verdade: ela mal falou por semanas. Naquela época, saiu do 8 Ball e começou a trabalhar num café chamado Gulp, perto do teatro. As apresentações ocupavam suas noites e, além disso, servir no bar demandava muita conversa. Servir café era um trabalho mais silencioso. Nos intervalos, bebia chá e não falava com ninguém. Em casa, Frantz lhe deu um quadro branco pequeno onde ela escrevia mensagens. Jantar? Está saindo. Sua mãe ligou. Ele parecia se divertir com aquilo, como se participasse de uma performance artística.

Era impressionante quão barulhenta a cidade era quando você decidia ficar em silêncio. Ela se tornou uma pessoa ansiosa, que se assustava facilmente. Até o som repentino do moedor de café a sobressaltava. Mas quando Jude entrou pela porta, Kennedy não ouviu nada, nem o sino da porta balançando, nem o barulho da cidade que se infiltrava com o frio. Ela passara três anos imaginando o que diria a Jude se a reencontrasse. Agora,

Jude estava em pé do outro lado do balcão, mas quando Kennedy abriu a boca, não emitiu nenhum som. Não conseguia nem sussurrar.

— Achei que fosse mesmo você — disse Jude.

Ainda era magra e meio desarrumada, enrolada num casaco branco grande que deixava sua pele ainda mais escura. E sorria. Exibia um maldito sorriso, como se elas fossem velhas amigas.

— Vi um panfleto com seu nome — contou. — Estávamos andando por aqui e vi aquele panfleto na janela e... Uau, é você mesma.

Ela reconheceu o namorado de Jude parado perto da porta: seu cabelo cacheado estava mais comprido, a barba mais espessa, mas sem dúvida era ele. O rapaz se encostou à janela e assoprou as mãos para esquentá-las, os ombros salpicados de neve. Ela não conseguiu evitar o sentimento de surpresa por ainda estarem juntos. Conhecia bem o tipo dele — lindo de morrer —, e não era o tipo que amava uma garota como Jude. Tudo bem, ela até era impressionante à sua maneira, mas um garoto bonito como ele jamais se apaixonaria por uma menina com uma beleza difícil. Mas ali estavam eles, ainda juntos e em Nova York. O que estavam fazendo tão longe, afinal?

— Como vai? — perguntou Jude.

Ela agia de um jeito espontâneo, mas nada relativo à amizade delas fora coincidência. Já não acreditava na mágica do acaso quando se tratava de Jude Winston. Um homem branco vestindo um casaco cinza entrou no café e Kennedy fez sinal para que se aproximasse. Se ainda estivesse em Los Angeles, ela provavelmente teria xingado Jude. Mas ali, fechada em seu silêncio autoinfligido, só podia ignorá-la. Jude ficou surpresa, mas saiu do caminho.

O homem pagou pelo café e foi embora. Então Jude deslizou um pedaço de papel sobre o balcão.

— É onde estamos hospedados. Caso você queira conversar.

ELA LIGOU. É CLARO QUE LIGOU.

Já sabia que ligaria quando guardou o papel no bolso do avental. Não o jogou fora; esse foi o primeiro sinal. O segundo foi ficar pensando naquilo depois. Um minúsculo pedaço de papel amassado em seu bolso, mas bem que podia ser uma lâmina perfurando seu corpo. Não fazia sentido ficar tão perturbada com um pedaço de papel e, por duas vezes durante seu turno, decidiu rasgá-lo. Mas toda vez que o tirava do bolso, lia a letra pequena e caprichada de Jude. Hotel Castor, quarto 403, e o número de telefone. Quando fez a mesma coisa pela terceira vez, já era tarde. Tinha decorado o número.

Depois do trabalho, foi até a cabine telefônica do outro lado da rua e discou. Ninguém atendeu e, no trem, ela pensou em ligar novamente quando chegasse em casa, mas não queria que Frantz ouvisse. Como explicaria isso a ele? Que uma garota negra, que dizia ser sua prima, tinha aparecido misteriosamente na cidade. Ele acharia de novo que ela estava brincando. Ligou na manhã seguinte, logo antes de ir trabalhar e, dessa vez, Jude atendeu.

— Eu não devia estar falando com você — disse Kennedy.

Jude ficou calada. Por um segundo, Kennedy achou que a menina não tinha reconhecido sua voz, mas ela logo respondeu:

— Por que não?

— Porque... estou num musical.

— Desculpe. Não entendi.

— Não devia falar com ninguém. Estou descansando a voz.

— Ah.

— Então, o que quer que tenha para me dizer, diga logo. Não vou desperdiçar meu tempo discutindo com você.

— Não estou aqui para brigar.

— Então que diabo está fazendo aqui?

— Reese vai operar.

Ela havia imaginado durante esse tempo todo o que Jude queria. Vingança, depois das coisas horríveis que Kennedy falou na festa do elenco. Dinheiro, como a mãe sugerira. Bem, boa sorte com isso. Bastava dar uma olhada em sua vida para constatar que ela não tinha nada. Mal conseguia pagar o aluguel. Ela se imaginou contando isso para Jude — meio envergonhada, meio orgulhosa —, mas, no fim das contas, Jude não tinha aparecido em Nova York por causa de Kennedy. Seu namorado estava doente — quem sabe estivesse até morrendo — e ali estava Kennedy, presumindo que Jude pensava nela. "Sabe qual é seu problema?", dissera um diretor a ela certa vez. "Você se acha a pessoa mais fascinante do mundo." Ela sempre imaginara que todo mundo se sentia como um protagonista no palco, cercado de coadjuvantes, vilões e possíveis casos amorosos. Ainda não sabia exatamente qual era o papel de Jude em sua vida, mas Kennedy nem fazia parte do elenco da vida de Jude.

— É coisa séria? Ele está bem?

— Não está morrendo nem nada. Mas é sério. Sim, eu diria que é coisa séria.

— Então por que veio tão longe? Não há cirurgiões em Los Angeles?

Jude ficou em silêncio.

— Não moramos mais em Los Angeles. E é um tipo especial de cirurgia. Precisávamos encontrar um médico específico que fizesse.

Estava sendo vaga, o que, é claro, só despertava a curiosidade de Kennedy. Mas ela não podia perguntar diretamente. A vida de Reese e Jude

não era da conta dela. Dessa vez parecia que o encontro das duas tinha sido realmente casual.

— Onde vocês moram, então?

— Minneapolis.

— O que estão fazendo lá?

— Estou na faculdade de medicina.

Diferente do esperado, ela ficou um pouco orgulhosa. Jude estava levando a vida que disse querer, anos antes. Ainda era amada pelo mesmo homem e estava no caminho para se tornar médica. E o que Kennedy tinha conseguido ao longo de todo esse tempo? Um apartamento no porão que dividia com um homem que mal entendia, nenhum diploma de faculdade, um trabalho servindo café para poder cantar umas músicas num teatro meio vazio toda noite.

— Estou feliz que tenha ligado. Não achei que ligaria — disse Jude.

— E a culpa disso é minha?

— Olha, eu sei que as coisas terminaram de um jeito estranho...

Kennedy riu.

— Que belo eufemismo.

— Mas se puder me encontrar por dez minutos, tenho algo para te mostrar.

A mãe tinha dito que Jude era louca. Talvez ela fosse. Mas já estava convencendo Kennedy novamente. Ela podia ter desligado. Podia ter desligado na hora e nunca mais falado com Jude. Podia ter tentado esquecê-la. Mas Jude estava oferecendo uma chave para entender sua mãe. Como podia dizer não àquilo tão facilmente?

— Não posso agora. Estou trabalhando.

— Depois, então.

— Tenho uma apresentação depois.

— Onde é? Reese e eu podemos ir. Não está esgotado, está?

Nenhuma das apresentações havia esgotado até o momento, mas, ainda assim, Kennedy fez uma pausa, como se estivesse pensando.

— Talvez não. Normalmente sobram alguns ingressos.

— Ótimo. Estaremos lá hoje à noite. Estávamos querendo ver um espetáculo de verdade, já que estamos em Nova York e tal.

Ela parecia insuportavelmente inocente, nada como a garota fechada e cautelosa que Kennedy conhecia. Estava quase encantada por aquilo, mas, acima de tudo, era como se tivesse posto os pés no chão firme outra vez. Disse a Jude o nome do teatro e avisou que precisava desligar.

— Está bem, vemos você esta noite. E, Kennedy?

— É sério, preciso desligar...

— Tudo bem, me desculpe. É que... Bem, estou ansiosa. Para ver você atuando outra vez, quero dizer. Amei seu último espetáculo.

Ela odiou quanto aquilo a fez se sentir bem. Desligou sem se despedir.

QUINZE

Em *Pacific Cove*, Charity Harris era a garota simpática e acessível, o que significava que metade dos fãs a amava e a outra metade a achava um tédio. Quando ela desapareceu num cruzeiro em sua última aparição, Kennedy chegou a receber cartas de fãs celebrando sua desgraça. Na época, aquilo não a incomodara. Ela não ligava se os fãs a amassem ou odiassem, tudo era motivo de atenção, e nunca uma personagem dela havia despertado sentimentos suficientes em ninguém para que lhe escrevessem. Ainda assim, ao sair do estúdio de gravação, torceu para que aquela não fosse a última cena de Charity.

— É assim nas novelas — disse o diretor. — Nenhum final é definitivo, a não ser quando o programa é cancelado.

Charity merecia um final melhor, diria ela aos amigos, bêbada no bar, quando tinha quarenta e poucos anos, idade em que já não era apropriado se importar tanto com isso. Ainda que não houvesse mais esperança de um retorno milagroso para Charity — um destino com o qual todo ator cujo personagem fora descontinuado de uma novela sonhava —, ela só queria que a história da personagem tivesse uma conclusão, nem que fossem umas letrinhas miúdas contando que a garota se mudara para o Peru para criar lhamas, qualquer coisa, não importava.

— Mas simplesmente desaparecer? — disse ela, certa vez. — No meio do oceano? E acaba assim? Que porra é essa?

— Essa coisa de "merecer" é uma bobagem — opinou o namorado, instrutor de ioga. — Nenhum de nós merece nada. A gente consegue o que

dá.

Talvez ela considerasse que Charity fora injustiçada porque era uma garota muito boazinha. Certamente uma garota bem melhor do que Kennedy, que tinha feito sua cota de burradas. Dormira com dois diretores casados, roubara dinheiro dos pais numa época em que se sentia orgulhosa demais para pedir mais empréstimos, mentira a amigos sobre horários de testes para levar vantagem. Mas Charity era adorável. Conhecera o amor de sua vida, o colírio Lance Garisson, enquanto resgatava um cachorro afogado, pelo amor de Deus. Mas, quando ela desapareceu, Lance só esperou metade da temporada antes de dar em cima da filha sexy do detetive. Cinco anos depois, o grande casamento dos dois bateu o recorde de audiência de *Pacific Cove* com vinte milhões de espectadores, de acordo com o *TV Guide*, que incluiu a cerimônia em sua lista de cinquenta melhores momentos da história das novelas. O episódio foi até indicado ao Emmy! E em todas as resenhas entusiasmadas, ninguém mencionou Charity ou o fato de que o casal feliz nunca teria ficado junto se ela não tivesse entrado naquele cruzeiro e acenado do deque enquanto navegava para longe do paraíso da televisão.

Talvez, mais até do que por ter perdido o emprego, tenha ficado irritada por não ter estrelado um grande casamento de novela. Aquilo a incomodava mais do que o fato de nunca ter se casado na vida real.

— Eu nunca interpretei a garota simpática e acessível — disse a ela, uma vez, uma atriz negra. — Acho que ninguém quer ficar perto de mim.

Pam Reed sorriu com ironia ao lado da mesa do bufê enquanto comia um tomate cereja. Ela era uma atriz de verdade, Kennedy ouviu dois contrarregras dizerem. Nos anos 1970, havia interpretado uma policial numa famosa franquia de filmes de ação, até que a vilã a baleou no terceiro longa. Depois, foi uma juíza numa série dramática. Ela interpretaria juízas

pelo resto da carreira, e Kennedy, zapeando os canais, às vezes via Pam Reed no tribunal, inclinada com seriedade, a mão no queixo.

— A TV adora uma juíza negra — dissera-lhe Pam certa vez. — É engraçado. Imagina como o mundo seria se nós decidíssemos o que é justo ou não?

Ela interpretara uma juíza em *Pacific Cove* nas gravações daquela tarde. Mesmo no intervalo entre as cenas, Pam intimidava naquela veste preta comprida, por isso Kennedy disse a primeira coisa idiota que lhe veio à mente enquanto pegava uvas na mesa.

— Fui vizinha de uma família negra — contou. — Eles moravam do outro lado da rua. O nome da filha era Cindy. Ela foi minha primeira amiga.

Não disse a Pam que a amizade terminara porque ela, num surto de raiva infantil, tinha chamado Cindy de crioula. Ainda sentia vergonha quando se lembrava de Cindy chorando. De um jeito ridículo, ela começara a chorar também, e a mãe lhe dera um tapa na cara; a primeira e única vez que lhe bateu. O tapa a deixou menos confusa do que o beijo que veio depois, a raiva e o amor da mãe se chocando de forma tão violenta. Naquela época, achava que dizer *crioula* era o mesmo que repetir qualquer outro palavrão; a mãe teria ficado tão perturbada e constrangida se ela tivesse gritado *porra* ali na rua sem saída. Mas, depois de Jude, Kennedy se lembrou da expressão da mãe lhe arrastando de volta para casa. Estava com raiva, sim, mas era mais do que isso, ela parecia apavorada. Assustada com as próprias emoções ou, ainda mais desconcertante, com a própria filha, que se revelava uma pessoa muito desagradável.

Ela nunca mais repetiu aquela palavra, nem sem querer, nem ao contar uma piada, nunca até o dia em que Frantz a pediu para dizer na cama. Era como um jogo, dissera ele, acariciando suas costas, porque sabia que ela não

tinha intenção de dizer aquilo. Não sabia por que estava pensando em Frantz agora. Dizer aquela palavra para ele era diferente de dizer a Cindy. Não era?

Pam Reed apenas deu uma risadinha, limpando a boca com um guardanapo.

— Sorte a dela.

NA NOITE EM QUE JUDE WINSTON FOI ASSISTIR à peça, Kennedy deixou o corpo no palco.

Qualquer ator podia dizer que aquilo já acontecera. Kennedy tinha certeza de que atores melhores vivenciavam essa experiência mais cedo na carreira. Aquela noite de inverno foi a primeira em que ela realmente soube como era sair de si mesma. Cantar era como respirar, dançar era tão simples quanto andar. Ao cantar o dueto com Randy, o lavrador — um estudante de teatro magricela da NYU —, ela quase sentiu que estava realmente se apaixonando por ele. Depois que as cortinas se fecharam, o elenco a cercou para dar os parabéns e parte dela soube, ali mesmo, que aquela seria a melhor atuação da sua vida. E só conseguiu isso porque sabia que, em algum lugar daquele teatro escuro, Jude estava assistindo.

No camarim, trocou de roupa devagar, sentindo a magia do palco desaparecer. Frantz estaria esperando por ela na entrada. Nas noites de quinta-feira ele ia até lá depois do trabalho. Diria que ela foi bem hoje, ótima, talvez. Notaria que havia algo diferente nela, talvez até imaginasse qual fosse o motivo daquilo. E na entrada, também esperando por ela, estariam Jude e Reese. O que ela não imaginava era encontrar os três esperando juntos, Frantz dando um sorriso irônico ao acenar para ela.

— Não me disse que tinha amigos na cidade — observou ele. — Venha, vamos todos beber alguma coisa.

— Não quero tomar o tempo de todo mundo.

— Bobagem. Eles vieram até aqui. Só uma bebida.

Ela mal se lembrava daquela caminhada até o 8 Ball, de tão entorpecida que estava. Só escolheu aquele bar porque sabia que deixaria Jude desconfortável. E foi exatamente o que aconteceu. Assim que entraram, Jude olhou ao redor, para aquele lugar escuro, assoberbada pelo punk rock alto saindo das caixas de som. Deu uma olhada nas obscenidades escritas nos tampos das mesas, os motoqueiros que lotavam o bar, e ela parecia preferir qualquer outro lugar. Ótimo, assim ninguém ia querer ficar muito tempo. Fora estúpida em não prever que aquelas duas partes de sua vida se chocariam. Ia encontrar com Jude bem rápido depois da apresentação, e ela lhe mostraria o que tinha planejado. Nunca imaginou que Jude e Frantz acabariam se falando e descobririam que ambos a conheciam. Uma amiga da faculdade, Jude deve ter dito a ele, porque Frantz continuava perguntando como Kennedy era na faculdade.

— Querido. Pare de encher o saco deles. Vamos só beber.

— Não estou enchendo o saco — rebateu Frantz. Ele se virou para Jude. — Estou?

Ela sorriu.

— Não, está tudo bem. É só um pouco sufocante estar aqui.

— Não somos da cidade grande — argumentou Reese.

Ele era tão fofinho e charmoso que Kennedy poderia vomitar.

— Eu também não era — contou Frantz. — Mudei para cá quando era criança. A cidade ainda me afeta de certa forma, sabe? E então, por quanto tempo vão ficar? Tenho certeza de que Ken adoraria levar vocês para passear...

— Vamos pedir as bebidas primeiro? — sugeriu Kennedy. — Antes de começar a planejar passeios.

Frantz riu.

— Está bem. — Ele se levantou da mesa e acenou para Reese. — Pode me ajudar aqui?

Os dois homens foram até o bar. Agora Kennedy estava sozinha com Jude pela primeira vez em anos. Nunca quis tanto uma bebida.

— Seu namorado é legal — disse Jude.

— Olha, me desculpe pelo que eu disse naquela festa de elenco — falou Kennedy. — Sobre você e Reese. Eu estava bêbada. Não quis dizer aquilo.

— Você quis dizer aquilo — afirmou Jude. — E estava bêbada. As duas coisas podem ser verdade.

— Está bem, mas é por isso que está aqui? É por isso que fica querendo criar confusão comigo? Estou cansada disso tudo.

— Disso tudo o quê?

— Disso que você está fazendo. Esse jogo ou o que quer que seja.

Jude olhou para ela por um instante e depois pegou a bolsa.

— Eu tinha um pressentimento de que encontraria você de novo.

— Ótimo, agora você é vidente.

Kennedy via os rapazes fazendo os pedidos no bar e se deu conta de que nem tinha dito a Frantz o que queria. Era uma intimidade pequena, apesar de impressionante, Frantz já saber o que ela queria antes mesmo de ela pedir.

— Eu não queria ter contado para você na festa do elenco. Achei que não ia querer saber. Só falei porque fiquei com raiva. Você disse aquilo para mim e eu quis magoar você. Não foi justo — afirmou, pegando algo branco dentro da carteira. — Não deve contar a verdade a alguém porque quer

magoá-la. Deve contar quando a pessoa quer saber. E acho que agora você quer saber.

Entregou a Kennedy um pedaço de papel quadrado. Uma foto. Kennedy sabia, antes mesmo de olhar, que seria uma foto de sua mãe.

— Meu Deus, demorou uma vida — disse Frantz, sentando-se novamente à mesa com as bebidas. — Ei, o que é isso?

— Nada — respondeu ela. — Com licença, preciso ir ao banheiro.

— Ah, Ken, acabei de me sentar — resmungou ele.

Mas saiu da frente mesmo assim, e ela se levantou da mesa segurando a foto. Até foi ao banheiro, mas porque precisava de uma luz melhor. Jude podia ter lhe dado uma foto de qualquer pessoa, pelo que sabia. Por um segundo ficou na frente do espelho do banheiro, apoiando a foto na barriga.

Não precisava olhar. Podia rasgar a foto e, depois do fim da noite, nunca mais precisaria falar com Jude. Logo Reese faria sua cirurgia e eles iriam embora da cidade para sempre. Ela não precisava saber. Podia fazer isso, não é?

Bem, você sabe o que aconteceu em seguida. Ela sabia também, antes mesmo de virar a foto para olhar. A memória funciona desse jeito, como ver o passado e o futuro ao mesmo tempo. Naquele instante, ela via nas duas direções. Viu a si mesma como uma garotinha: ávida, inoportuna, esforçando-se para ficar próxima de uma mãe que nunca a queria por perto. Uma mãe a quem nunca conhecera de verdade. Então, viu a si mesma mostrando a foto para ela, a prova de que passara a vida inteira mentindo. Quando Kennedy virou a foto para olhar, encontrou a imagem das gêmeas em seus vestidos pretos, uma outra mulher em pé entre as duas. A foto era velha, preta e branca e estava desbotada, mas, ainda assim, sob a luz florescente, ela sabia qual daquelas garotas idênticas era sua mãe. Parecia desconfortável, como se fosse sair correndo da foto se pudesse.

Sua mãe sempre odiara posar para fotos. Odiava que a mandassem ficar parada num lugar.

— SEUS AMIGOS SÃO LEGAIS — disse Frantz, mais tarde, ao se deitar na cama.

Ela mal tinha falado na volta para casa, no metrô. Não estava se sentido bem, foi o que dissera a todos depois da primeira bebida, então era melhor encerrar a noite por ali. No banheiro, escondeu a foto no elástico da cintura, como fazia quando era criança para roubar guloseimas da cozinha. Com a diferença de que, em vez de uma barra de chocolate derretendo por baixo da saia, ela agora sentia as pontas afiadas da foto pinicando ao longo de todo o caminho até a estação. Parte dela queria que Jude pensasse que Kennedy se livrara da foto. Que jogara no vaso e dera descarga ou algo assim. Jude pareceu decepcionada quando eles se despediram. Bem, ótimo, que ficasse decepcionada. Quem ela achava que era, afinal? Tumultuando sua vida pela segunda vez e, diante de tudo que acontecera, Jude ainda poderia estar mentindo. Ela não se parecia em nada com a garota da foto ou com a mulher entre elas, que tinha a pele um pouco mais escura, mas ainda assim era clara, com uma mão no ombro de cada menina. As três pareciam um conjunto, como se fizessem parte uma da outra. Mas Jude não fazia parte de nenhuma delas. E Kennedy? Fazia parte do quê, afinal?

— Não somos amigos — respondeu ela. — Não exatamente. Quer dizer, eles são só pessoas que eu conhecia.

— Ah, está bem.

Ele deu de ombros e rolou para perto, beijando seu pescoço. Ela se esquivou para longe.

— Meu Deus, pare com isso — pediu.

— Qual é o problema?

— Como assim? Eu já disse, não estou me sentindo bem.

— Nossa, não precisa me dar um fora.

Ele rolou para longe do mau humor dela e apagou a luz.

— Eu sabia que não eram seus amigos — revelou ele.

— Como?

— Você não tem amigos negros. Não gosta de ninguém negro a não ser de mim, e nós não somos exatamente amigos, não é?

De manhã, ela ligou para o Hotel Castor outra vez, mas ninguém atendeu.

Ficou deitada na cama sozinha, analisando a foto desbotada até a hora de ir para o trabalho. As gêmeas, lado a lado naqueles vestidos pretos sombrios. Sua mãe e aquela-que-não-era-sua-mãe, sua avó entre elas. Uma família inteira onde a mãe dizia não haver nada, e Jude, de alguma forma, sabendo de tudo isso. Uma vez, quando Kennedy tinha treze anos, a mãe a levou ao shopping para comprar um vestido novo para seu aniversário. Kennedy começava a se distanciar naquela época, preferindo ir à Bloomingdale's com as amigas. Mas a mãe mal lhe dava atenção. Parou no meio do shopping e passou os dedos nas mangas rendadas de um vestido preto.

— Adoro fazer compras — disse, praticamente para si mesma. — É como experimentar todas as outras pessoas que você poderia ser.

Durante o intervalo do almoço, Kennedy ligou para o hotel novamente. De novo, ninguém atendeu. Dessa vez, ela tentou a recepção.

— A moça avisou que eles ficariam no hospital o dia inteiro — informou o recepcionista. — Caso alguém ligasse.

— Qual hospital?

— Desculpe, senhorita, ela não disse.

Claro, o que ela esperava de uma garota do interior que tinha ido parar em Nova York pela primeira vez? É claro que não pensaria em quantos hospitais existiam apenas em Manhattan. Estava irritada, mas consultou a lista telefônica para procurar o hospital mais próximo do hotel. A recepcionista disse que não podia dar o nome de nenhum paciente, e Kennedy, ao desligar, percebeu que não sabia o nome completo de Reese, de qualquer forma. Ainda assim, saiu mais cedo do trabalho e pegou o ônibus até o hospital. Na enfermaria, pediu para uma ruiva baixinha mandar uma mensagem para Jude Winston. Esperou por cinco minutos, a lista telefônica no bolso, imaginando se teria que percorrer todo o caminho até o norte da cidade para encontrá-los. Então as portas do elevador se abriram. Jude saiu, completamente desconcertada a princípio, mas depois aliviada ao ver que era apenas Kennedy.

— Você não deixou o nome do hospital — reclamou Kennedy. — Eu podia ter passado a porcaria do dia inteiro procurando você.

— Mas não passou — respondeu Jude.

— É, bem, mas eu poderia. — Meu Deus, elas já estavam se provocando como se fossem irmãs. — É uma cidade grande, sabia?

Jude ficou em silêncio por um tempo.

— Bem, não estou com cabeça para nada no momento.

Era exatamente o tipo de coisa que sua mãe diria; algo astuto para ela se sentir culpada.

— Desculpe. Ele está bem?

Jude mordeu o lábio.

— Não sei. Ainda está na cirurgia. Não me deixam vê-lo, já que não somos família.

Kennedy se deu conta de que se tivesse um ataque cardíaco repentino ali na entrada no hospital, Jude seria seu parente mais próximo. Primas. Elas eram primas. Mas se Jude dissesse isso a uma enfermeira e insistisse em seu direito de visitá-la, quem acreditaria nela?

— Isso é absurdo — opinou Kennedy. — Você é a única pessoa que ele tem aqui.

— Bem — disse Jude e deu de ombros.

— Ele devia se casar com você. Resolver isso logo. Já estão juntos há muito tempo, e então você não teria que se preocupar com essas bobagens.

Jude a encarou por um instante e Kennedy pensou que ela a xingaria. Merecia isso, provavelmente. Mas Jude apenas revirou os olhos.

— Parece minha mãe falando.

A FOTO ERA DE UM FUNERAL, Jude contou a ela. Na cafeteria, as garotas se sentaram de frente uma para a outra numa mesa comprida de metal. Bebiam café requentado, a foto entre as duas. Um funeral, ela já tinha imaginado — os vestidos pretos e tal —, mas agora olhava outra vez para a foto, para aquelas meninas gêmeas. Laços no cabelo combinando, meias-calças combinando. Pela primeira vez percebeu que uma das gêmeas segurava o vestido da outra, como se tentasse mantê-la parada. Tocou a foto para lembrar a si mesma que era real. Precisava daquilo para, de alguma maneira, se manter no lugar.

— Quem tinha morrido? — perguntou.

— O pai delas. Foi assassinado.

— Por quem?

Jude deu de ombros.

— Por um bando de homens brancos.

Ela não sabia o que era mais chocante, a revelação ou o modo tão natural com que Jude falou.

— O quê? Por quê?

— Precisa haver um motivo?

— Quando alguém é assassinado? Normalmente, sim.

— Bem, não houve. Simplesmente aconteceu. E foi bem na frente delas.

Kennedy tentou imaginar a mãe quando criança, testemunhando algo tão horrível, mas só conseguia se lembrar dela oito anos antes, parada no fim do corredor escuro segurando um taco de beisebol. Kennedy estava meio bêbada, entrando em casa escondida depois de uma festa, esperando que a mãe fosse gritar com ela por chegar depois do horário. Em vez disso, ela estava em pé no fim do corredor, tapando a boca com a mão. O taco de beisebol caiu fazendo barulho no piso de madeira e rolou até seus pés descalços.

— Ela nunca fala dele — contou Kennedy.

— A minha também não.

Na ponta da mesa, um senhor judeu ergueu as mangas do casaco. Brincando com um papel de bala, Jude olhou para ele.

— Como ela é? — perguntou Kennedy. — Sua mãe.

— Teimosa. Como você.

— Não sou teimosa.

— Se você diz...

— Bem, e o que mais? Ela é mais do que uma pessoa teimosa.

— Não sei — respondeu Jude. — Ela trabalha numa lanchonete. Diz que odeia, mas nunca iria para outro lugar. Nunca deixaria a maman.

— É assim que você chama sua avó?

Kennedy ainda não conseguia dizer *nossa*.

Jude confirmou com a cabeça.

— Eu cresci na casa dela. Está ficando velhinha agora. Esquece muita coisa. Ainda pergunta pela sua mãe às vezes.

Alguém fez um anúncio no sistema de som do hospital. Kennedy colocou mais um pacote de açúcar naquele café que nunca terminava.

— Isso é estranho para mim. Acho que você não entende quão estranho é tudo isso.

— Eu sei — afirmou Jude.

— Não, não sabe. Acho que ninguém poderia saber.

— Tudo bem, então não sei — disse Jude e se levantou para jogar o café no lixo.

Kennedy foi atrás dela meio desajeitada, com um medo repentino de que a outra a deixasse ali. E se já tivesse afastado Jude e agora ela decidisse não lhe contar mais nada? Saber pouco era pior do que não saber nada. Então foi atrás de Jude no elevador, subiu em silêncio até o quinto andar, e então se sentou ao lado dela na sala de espera, perto de uma planta murcha.

— Não precisa ficar aqui — disse Jude.

— Sei disso — respondeu Kennedy, mas ficou.

O HOSPITAL LIBEROU REESE NAQUELA NOITE. Enquanto Jude o empurrava na cadeira de rodas até o lado de fora, Kennedy olhou para cima, surpresa ao notar que o céu já estava ficando azul-marinho. Ficou sentada ao lado de Jude por horas na sala de espera, folheando revistas, indo até a cafeteria para pegar mais café ou só ficando ali, olhando para aquela foto. Ligou para o teatro e disse que estava doente. Reconheceu que a gripe lhe pegara, no fim das contas. E apesar de todas as razões que tinha para ir embora, ficou ali

naquela sala de hospital silenciosa até que uma enfermeira branca meio mal-educada disse que eles podiam ir. Pensou em ligar para casa. Frantz sempre tentava falar com ela antes dos espetáculos, e ele ficaria preocupado se a substituta atendesse. Ainda assim, parou um táxi e ajudou Jude a colocar Reese dentro do carro. Ainda estava um pouco atordoado da anestesia e, no caminho até o hotel, sua cabeça ficava caindo no ombro dela. Jude apertou a coxa dele e Kennedy desviou o olhar. Não imaginava como era precisar de alguém tão abertamente.

Ela podia ter se despedido do lado de fora do hotel, mas também saiu do táxi. Ela e Jude não se falaram. Cada uma passou o braço pela cintura de Reese e, juntas, o levaram para dentro. Ele era mais pesado do que parecia e, quando chegaram ao elevador, os ombros de Kennedy queimavam de dor. Mas continuou segurando até entrarem no quarto e, com cuidado, o colocarem na cama. Jude se sentou na beira do colchão, afastando os cachos do rosto dele.

— Obrigada — disse ela, baixinho, mas ainda estava olhando para Reese. A ternura em sua voz era só para ele.

— Bem... — disse Kennedy.

Ela devia ter ido embora, mas ficou no quarto. Jude passaria mais alguns dias na cidade enquanto Reese se recuperava. Talvez Kennedy pudesse passar no hotel novamente no dia seguinte. Com certeza Jude não poderia ficar naquele quarto sujo o dia inteiro, observando-o dormir. Talvez elas pudessem ir tomar café ou almoçar. Podia levá-la para passear pela cidade, e assim Jude poderia dizer que fez algo mais em Nova York além de ver um musical medíocre e ficar sentada na sala de espera de um hospital. Jude a levou até lá embaixo, na entrada do hotel, e Kennedy pôs o cachecol no pescoço.

— Como é lá? Mallard?

Imaginara uma cidade como Mayberry, fofa e aconchegante, onde as mulheres deixavam as tortas esfriando no batente da janela. Uma cidade tão pequena que todo mundo sabia seu nome. Numa outra vida, talvez ela viajasse para lá no verão. Podia ter brincado com Jude na frente da casa da avó delas. Mas Jude riu.

— É horrível. Só gostam de pessoas negras de pele clara. Você se encaixaria facilmente.

Disse isso de forma tão espontânea que Kennedy quase não percebeu.

— Eu não sou negra — respondeu.

Jude riu de novo, dessa vez de um jeito mais incômodo.

— Bom, sua mãe é.

— E daí?

— E daí que você também é.

— Sou nada. Meu pai é branco, você sabe. E você não tem o direito de aparecer aqui e me dizer o que eu sou.

Não era uma questão de raça. Odiava a ideia de alguém dizer quem ela deveria ser. Era parecida com a mãe nesse sentido. Se tivesse nascido negra, teria sido feliz desse jeito. Mas não era negra, e quem era Jude para dizer que ela era algo que não era? Nada havia mudado, na verdade. Descobrira algo sobre a mãe, mas que diferença aquilo fazia em relação à totalidade de sua vida? Um único detalhe que havia sido alterado e substituído. Trocar um tijolo não transformava uma casa num quartel dos bombeiros. Kennedy ainda era ela mesma. Nada mudara. Nada mesmo.

À noite, Frantz perguntou onde ela estivera.

— No hospital — respondeu, exausta demais para mentir.

— No hospital? O que aconteceu?

— Ah, estou bem. Estava com Jude. Reese fez uma cirurgia.

— Que tipo de cirurgia? Ele está bem?

— Não sei. — Ela nunca perguntou. — Tinha algo a ver com o peito dele, aparentemente. Mas ele já está bem. Só um pouco grogue ainda.

— Devia ter ligado. Fiquei esperando você.

Ia terminar com ele. Sempre teve uma boa noção de quando era o momento de terminar. Chame de intuição ou inquietude, chame do que quiser. Ela nunca fora o tipo que ficava em qualquer lugar além do tempo necessário. Soube quando era hora de deixar Los Angeles e, um ano depois, saberia que era hora de deixar Nova York. Sabia quando devia ficar com um homem por seis semanas ou seis anos. Apesar disso, ir embora era sempre a mesma coisa. Ir embora era simples. Ficar era a parte que ela nunca dominou. Então, naquela noite, quando olhou para Frantz na cama, sua pele marrom-escura brilhando em contraste com o lençol prateado, soube que não ficaria com ele por muito mais tempo. Ainda assim, sentou-se à beira da cama e tirou os óculos dele, o rosto dela imediatamente embaçado diante de seus olhos.

— Você ainda me amaria se eu não fosse branca?

— Não — respondeu ele, puxando-a para perto. — Porque senão você não seria você.

Depois que terminou com Frantz, ela viajou por aí por um ano, sem dizer a ninguém aonde ia. O musical havia terminado e ela estava começando a se cansar do teatro, embora fosse permanecer nesse universo ainda por muitos anos, juntando-se a grupos de comédia de improviso, fazendo testes para peças experimentais. Atuar parecia ser a única coisa que ela nunca sabia como deixar para trás. Antes de viajar, viu a mãe uma última vez. Estavam sentadas juntas no quintal, bebendo chardonnay à beira da piscina. Era um atípico lindo dia de inverno. Ficou chocada com o calor,

chocada ao lembrar que havia uma época em que um mês de fevereiro quente não era tão estranho assim. Fechou os olhos, o sol nas pernas, sem pensar no pobre Frantz, hipnotizada pelo radiador barulhento.

— Eu costumava vir aqui de manhã — contou a mãe. — Quando você estava na escola. Eu nunca tinha nada para fazer, mas, de alguma forma, estava sempre boiando aqui, pensando.

O dia estava agradável. Kennedy se lembraria daquele dia depois, de que podia não ter dito nada, apenas ter ficado deitada ali sob o sol para sempre. Em vez disso, entregou a foto para a mãe.

— O que é isso? — perguntou a mãe, virando a cabeça para olhar.

— É do funeral do seu pai — respondeu Kennedy. — Não se lembra?

A mãe não disse nada, o rosto pálido. Olhou para a foto.

— Onde pegou isso?

— Onde você acha? Ela me encontrou. Conhece você melhor do que eu!

Não tivera a intenção de gritar. Só esperava que a mãe sentisse algo. Mostraria a foto de família e a mãe começaria a chorar. Secaria as lágrimas e finalmente contaria para a filha a verdade sobre sua vida. Kennedy merecia isso, certo? Um momento de honestidade. Mas a mãe devolveu a foto para ela.

— Não sei por que está fazendo isso. Não sei o que quer que eu diga...

— Quero que me diga quem você é!

— Você sabe quem eu sou! Essa — disse a mãe, batendo na foto com o dedo — não sou eu. Olhe bem! Não parece nada comigo.

Kennedy não sabia para qual das meninas a mãe estava apontando: sua irmã ou ela mesma.

JUDE DEIXOU SEU NÚMERO DE TELEFONE no verso da foto. Durante anos, Kennedy não ligou.

Mas guardou a foto. E a carregava para todos os lugares que ia: Istambul e Roma, Berlim, onde morou por três meses dividindo apartamento com dois suecos. Numa noite, estavam meio chapados e ela mostrou a foto para eles. Os dois garotos louros sorriram para ela com uma expressão curiosa e devolveram a foto. Não significava nada para ninguém além dela, e isso era parte da razão por que não conseguia jogá-la fora. Era a única parte real de sua vida. Não sabia o que fazer com o resto. Todas as histórias que conhecia eram ficção, então ela começou a criar outras. Era filha de um médico, de um ator, de um jogador de beisebol. Estava dando um tempo na faculdade de medicina. Tinha um namorado em casa chamado Reese. Era branca, era negra, tornava-se uma pessoa nova assim que cruzava mais uma fronteira. Estava sempre inventando a própria vida.

NO INÍCIO DOS ANOS 1990, seus trabalhos como atriz começaram a escassear de vez. Nenhum diretor via muito o que fazer com uma loura de trinta e poucos anos que ainda não tinha virado uma estrela. Interpretava algumas irmãs mais velhas em séries de TV aberta, depois uma professora ou outra, até que sua agente simplesmente parou de ligar. Sentia-se muito jovem para ser considerada ultrapassada, mas, pensando bem, ela tivera uma onda improvável de sorte. Sua vida inteira, na verdade, foi uma questão de sorte — afinal, lhe foi dada a brancura. Cabelo louro, rosto bonito, belo corpo, pai rico. Ela se livrou de multas de trânsito, teve várias segundas chances. Sua vida inteira era uma coleção de presentes que ela não merecia.

Trabalhou como instrutora de spinning por dois anos, e o estúdio incluía fotos de Charity Harris nos panfletos para atrair clientes. Mas ela começou

a se cansar de ficar suada o tempo inteiro, as pernas trêmulas com câimbras. Então, em 1996, finalmente decidiu voltar para a faculdade. Não a faculdade de verdade, ela dizia a todo mundo, rindo, mas uma para corretores de imóveis. Tinha vendido anúncios de produtos péssimos na TV por anos, por que não conseguiria vender uma casa? No primeiro dia, ela se sentou meio desajeitada na carteira minúscula e ficou olhando para o papel que o professor distribuía em cada fileira.

O que os clientes valorizam em um corretor de imóveis:

- Honestidade
- Conhecimento do mercado imobiliário
- Habilidades de negociação

Ela podia aprender a maior parte daquilo, disse a si mesma, exceto pelo primeiro tópico. Tinha passado a vida inteira atuando, o que significava que era a melhor mentirosa que conhecia. Bem, a segunda melhor.

Em seu primeiro ano na Imobiliária San Fernando Valley, Kennedy vendeu sete casas. Robert, seu chefe, disse que Kennedy tinha um toque de Midas, mas no fundo ela chamava aquilo de efeito Charity Harris. Tinha um rosto do qual as pessoas se lembravam vagamente, mesmo que não tivessem assistido a *Pacific Cove*. Todo mundo achava que a conhecia. E, claro, os fãs de *Pacific Cove* sempre apareciam quando ela estava mostrando casas, mesmo tanto tempo depois do fim da novela.

— Nunca achei correto o que aconteceu com você — cochichou uma mulher certa vez, numa casa modelo em Tarzana.

Kennedy sorriu educadamente e guiou a mulher pelo corredor. Podia ser Charity se eles quisessem. Podia ser qualquer pessoa, na verdade.

Toda vez que ia mostrar uma casa, ela sentia como se estivesse no palco novamente, esperando as cortinas se abrirem. Ajustava a decoração, trocando as fotos de família nos porta-retratos. Uma família negra se tornava uma família branca, um pufe em formato de bola de futebol virava uma bola de basquete, uma cornucópia ia para o fundo do armário e era substituída por um menorá. Uma casa modelo nada mais era do que um cenário, se pensasse bem, e o evento de mostrar a casa era uma apresentação dirigida por ela. Kennedy sempre ficava atrás da porta, de cabeça baixa, tão nervosa quanto na primeira vez em que subira num palco e sabia que a mãe estaria lá assistindo. Então, ela exibia seu sorriso de Charity Harris e abria a porta. Desaparecia em si mesma, naquelas casas vazias onde ninguém morava de verdade. Enquanto o cômodo se enchia de estranhos, ela sempre achava sua marca, guiando os casais pela cozinha e apontando luminárias, revestimentos de parede, pé-direito alto.

— Imagine sua vida aqui — dizia ela. — Imagine quem você poderia ser aqui.

PARTE 6

LUGARES

(1986)

DEZESSEIS

Em 1981, Mallard não existia mais ou, ao menos, já não era mais chamada de Mallard.

A cidade nunca fora, de fato, uma cidade. As autoridades estaduais a consideravam um vilarejo, mas o Serviço Geológico dos Estados Unidos a considerava apenas um local povoado. E embora os moradores houvessem criado os próprios limites, o lugar não tinha fronteiras legais. Então, depois do censo de 1980, o distrito refez a demarcação das cidades e os moradores de Mallard acordaram um dia e descobriram que tinham sido realocados para Palmetto. Em 1986, Mallard já tinha sido retirada de todos os mapas da região. Para a maioria das pessoas, a mudança de nome não fazia muita diferença. Mallard sempre fora mais uma ideia do que um lugar, e uma ideia não podia ser alterada em termos geográficos. Mas a mudança de nome confundiu Stella Vignes, que ficou parada na estação de trem de Opelousas olhando o mapa por dez minutos antes de finalmente chamar um jovem carregador negro e perguntar qual era o melhor jeito de chegar a Mallard. Ele riu.

— Ah, você deve ser dos velhos tempos — respondeu. — Não se chama mais assim.

Ela corou.

— E como se chama, então?

— Ah, vários nomes. Lebeau, Port Barre. Deveria ser Palmetto, mas algumas pessoas ainda chamam de Mallard. São os teimosos.

— Entendi. Não venho aqui há muito tempo.

Ele sorriu para ela, que desviou o olhar. Estava viajando do jeito mais simples possível, com medo de chamar atenção. Uma mala pequena, a aliança de casamento escondida lá dentro. Usava a calça mais barata que tinha e prendeu o cabelo como fazia antigamente, embora agora já estivesse ficando grisalho. Então ela retocou com tinta antes de viajar, envergonhada com a própria vaidade. Mas e se Desiree tivesse pintado o dela? Não queria ser a gêmea velha. Aquele pensamento a assustou, olhar para o rosto de Desiree e não ver o seu próprio.

A parte mais difícil de voltar, assim como de ir embora, era tomar a decisão. Ela passou meses tentando pensar em outro jeito, mas estava desesperada. Não tinha notícias da filha desde que ela viera de Nova York com aquela foto e Stella teve que olhar diretamente para seu passado. Nem se lembrava de ter tirado uma foto no funeral do pai, mas, pensando bem, não se lembrava de muita coisa daquele dia. A renda preta pinicando suas pernas. Um pedaço de bolo doce e fofinho. Um caixão fechado. Desiree imprensada a seu lado. A irmã sempre sabendo o que ela queria dizer, mesmo que ela mesma não soubesse.

No jardim, olhando para a foto, ficou novamente em silêncio. Sabia, antes mesmo de abrir a boca, que ia mentir como sempre fazia, mas dessa vez a filha não ia acreditar.

— Parece que você é incapaz de dizer a verdade — observou Kennedy. — Não sabe fazer nada além de mentir.

Ela não atendeu as ligações da mãe por meses. Stella deixou mensagens na secretária eletrônica, sentindo-se humilhada ao pensar que o arrogante do Frantz a ouvia implorar. Chegou até a falar uma ou duas vezes com ele, que sempre prometia dar os recados, mas Stella não sabia se era só para tranquilizá-la e fazê-la desligar. Então, seis meses antes, Frantz disse que a filha tinha se mudado.

— Ela foi embora — disse. — E não sei para onde. Simplesmente foi embora numa manhã. Não deixou um endereço para contato. Ainda tenho caixas com coisas dela e ela não me diz para onde devo enviar.

Ele parecia mais incomodado com as caixas entulhando sua casa do que com o fato de que Kennedy o havia abandonado. Stella entrou em pânico, é claro, mas semanas depois Blake recebeu um cartão-postal de Roma escrito com a letra da filha, que mais parecia um rabisco apressado.

Fui me encontrar, escreveu ela. Estou em segurança. Não se preocupem comigo.

A linguagem foi o que mais incomodou Stella. Você não simplesmente acha a si mesmo por aí; é uma construção. Precisa criar quem você quer ser. E a filha já não estava fazendo isso? Stella culpava aquela garota de pele escura que perseguira a filha em Los Angeles e conseguira encontrá-la do outro lado do país. A garota estava determinada a provar a verdade para Kennedy e não desistia. Em seu escritório, Stella parou de andar e desabou na porta.

Sabia o que precisava fazer: pedir a Desiree que fizesse a filha parar. Precisava voltar a Mallard.

Então, quando Blake viajou a trabalho para Boston, ela comprou uma passagem de avião para Nova Orleans. Enquanto aterrissava, apertou as mãos, observando o solo marrom e plano pela janela. Podia voltar atrás. Comprar a passagem para Los Angeles, esquecer aquela ideia idiota. Mas então imaginou a garota escura aparecendo, de novo e de novo, e apertou o braço da cadeira enquanto o avião chacoalhava gentilmente pela pista. Agora, na estação de trem, o carregador magro sorria para ela e com certeza sabia de alguma forma que Stella estava voltando para um lugar de onde nunca imaginara que podia sair. Ele indicou o ponto de ônibus.

— Esse leva você até a entrada de Mallard. Mas acho que de lá precisa andar um pouco.

Ela não andava de ônibus há anos. Ele acenou com a cabeça para o telefone público.

— Pode ligar para alguém que conheça. Pedir para virem buscar você.

Mas ela não tinha certeza de que ainda conhecia alguém lá. Portanto, respondeu:

— Vai ser bom para esticar as pernas.

QUANDO MALLARD JÁ NÃO ERA MAIS MALLARD, algumas pessoas brincaram dizendo que o nome da lanchonete também devia mudar para o nome que as pessoas já usavam há muito tempo: lanchonete da Desiree. "Estamos indo à lanchonete da Desiree" virou uma frase tão comum que, nos anos 1980, havia crianças que não sabiam que a lanchonete tivera outro nome. A cidade ignorava a xícara de café desbotada no letreiro, onde estava escrito o nome de Lou. Ele não gostava disso, mas já estava muito velho. Contava com Desiree para tudo; ela era a garçonete principal e também a gerente, contratava e demitia cozinheiros, mudava o menu quando queria. Era o rosto do estabelecimento, emoldurado por anos pelas janelas pretas e brancas. Lou deixaria a lanchonete para ela quando morresse, como sempre dizia, embora Desiree respondesse que não queria.

— Eu tenho uma vida além da lanchonete — dizia. — Não quero ficar presa aqui para sempre.

Mas que vida era aquela exatamente? Às vezes, nem ela mesma sabia. Early, ainda indo e vindo. A memória embaralhada da mãe. A filha morando no outro lado do país. Tinha ido visitá-la em Minneapolis no inverno de 1985. As duas caminharam de braços dados pelas calçadas

escorregadias, protegendo-se da neve inesperada. Ela não via neve como aquela, neve de verdade, havia uns trinta anos. Em uma esquina, fechou os olhos e alguns flocos caíram em seus cílios. Pensou no primeiro inverno que passou em Washington, quando Sam a levou para patinar no gelo, rindo de seu desequilíbrio. A pista cheia de jovens de cor como eles, de mãos dadas, os patinadores mais exibidos rodopiando e deslizando no gelo. Até o Papai Noel que balançava o sino no meio-fio era de cor. Ela nunca tinha visto um Papai Noel negro e ficou olhando tanto para ele que quase caiu.

— Parece que vai nevar a semana inteira — disse a filha. — Desculpe, mamãe.

— Está se desculpando por quê? Você não controla o clima.

— Eu sei, mas... Queria que estivesse tudo bom para você.

Ela tirou os flocos de neve do cabelo de Jude.

— Está tudo bom. Vamos lá.

Dentro do mercado, as luzes eram fortes e a filha andava atrás dela, empurrando o carrinho devagar. Desiree pegou um punhado de aipo. Tinha se oferecido para cozinhar... insistido, na verdade, depois de ver o estado da despensa da filha. Não havia nada além de cereal e comida enlatada.

— Eu devia ter ensinado você a cozinhar.

— Eu cozinho.

— Muitas garotas inteligentes não sabem mais como tomar conta da casa.

— Bom, eu sei. E Reese cozinha também.

— Ah, é verdade. Vocês são... como é que chama?

— Modernos.

— Modernos — repetiu ela. — Ele é um bom rapaz.

— Mas?

— Não tem mas. Ele parece gentil. Só não entendo por que ele não se casa com você. O que ele está esperando, um sinal dos céus?

— Bom, e você? — perguntou Jude.

— O que tem eu?

— E Early.

Desiree pegou um pimentão e ficou surpresa com a ternura imensa que sentiu ao ouvir o nome dele. Estava com saudades. Imagine, já nessa idade, ainda sentindo falta dele. Ligara para ele ao aterrissar em Minnesota. Nunca tinha estado num avião e se sentiu tão corajosa como se tivesse pisado na lua. Queria que ele tivesse ido junto, mas Early se ofereceu para ficar em casa com a mãe dela. Desiree estava começando a perceber que podia ser perigoso deixá-la sozinha.

— Ah, isso é diferente.

— Como?

— Vocês são jovens. Não querem começar uma vida juntos? Passe aquela cebola para mim.

— Já temos uma vida juntos. Não é preciso ser casado para isso.

— Eu sei, só... — começou e parou. — Não quero que você tenha medo. Por causa do que aconteceu comigo.

Desiree examinou um tomate danificado, relutante em olhar para a filha. Não gostava de pensar em todas as brigas que a garota devia ter visto, a educação brutal que teve sobre o amor. Jude a abraçou.

— Eu não tenho. Prometo.

PARA O JANTAR, DESIREE PREPAROU um camarão à creole com arroz na cozinha minúscula deles. Mexeu a caçarola olhando em volta do apartamento, as cadeiras descombinadas, o sofá de dois lugares laranja, as

fotos de Reese emolduradas na parede. Ele tinha começado a trabalhar como freelance para o *Minnesota Daily Star*. Eram tarefas pequenas, como jogos infantis ou abertura de lojas. Nos dias mais tranquilos, ele trabalhava em bar mitzvás, casamentos e formaturas. Às vezes, andava pela rua por horas até os dedos ficarem vermelhos, fotografando os tentáculos de gelo sobre um lago, um sem-teto encolhido diante de alguma porta ou uma luva vermelha velha jogada numa pilha de neve semiderretida. Ele dizia odiar o frio, mas nunca tinha sido tão produtivo. Vendera uma foto por duzentos dólares. Queria economizar para comprar uma casa.

— Só quero que você saiba que minhas intenções são sérias — disse a Desiree. — Em relação à sua filha.

E ele parecia mesmo sério, empertigado na beira do sofá, apertando as mãos. Tão sério que ela poderia ter rido de toda aquela sinceridade. Em vez disso, segurou o braço dele.

— Eu sei, querido.

Na época em que voltou para Mallard, ela jamais havia se imaginado naquela situação, sentada num sofá usado em Minnesota com um homem que amava sua filha. Durante toda a semana, ela foi com Jude ao campus e ficou olhando para aqueles estudantes caminhando, em bando, ainda sem acreditar que sua filha era um eles. Sua filha tinha saído para o mundo, como Desiree fizera na juventude. Parte dela tinha esperança de que ainda dava tempo de fazer aquilo de novo.

— É bobagem — dissera a Early quando ligou para ele. — Não tenho por que começar do zero de novo. Mas não sei. De vez em quando fico imaginando... o que tem lá fora.

— Não é bobagem nenhuma — respondeu ele. — O que você quer fazer?

Não sabia, mas ficou com vergonha de admitir que, quando pensava em ir embora de Mallard, ela só imaginava os dois juntos no carro dele, dirigindo por uma longa estrada para lugar nenhum. Era só uma fantasia, claro. Ela nunca deixaria a lanchonete do Lou, não agora, não enquanto a mãe ainda precisava dela.

Em sua última noite em Minneapolis, a neve batia no teto, e Desiree abriu as cortinas para olhar lá fora. Segurava uma caneca de café que Reese tinha enchido com uísque enquanto Jude lavava a louça. Suas fotos estavam espalhadas pela mesa, imagens da vida deles em Los Angeles. Jude pôs a mão na nuca dele enquanto Reese se inclinava, apontando as diversas partes da cidade que tinha fotografado. O píer da Manhattan Beach, o prédio da Capitol Records que parecia uma torre de toca-discos, uma jubarte que viram em Santa Bárbara. As pessoas que conheciam, amigos que ficaram para trás, registros de festas cheias. Era estranho ver uma cidade que ela só conhecia da TV pelos olhos da filha.

— Quem é essa? — perguntou.

Apontava para uma foto específica, tirada num bar lotado. Ela nem teria prestado atenção à foto não fosse pela garota loura ao fundo, rindo por cima do ombro, como se tivesse acabado de ouvir uma piada. A filha devolveu a foto para a pilha.

— Ninguém. Só uma garota que a gente conhecia.

Mais tarde, ao cair no sono ao lado da filha na cama, já que o namorado havia gentilmente se oferecido para dormir no sofá desconfortável, e após ficar um pouco constrangida vendo-o carregar travesseiro e coberta — como se Desiree não soubesse o que os dois faziam quando ela não estava debaixo daquele teto, como se não soubesse o que provavelmente ia acontecer assim que ela fosse embora, entre dois jovens apaixonados e aliviados por se verem livres daquela senhora que vivia perguntando quando iam se casar —, ela

continuou pensando na garota loura da foto. Não sabia por que tinha ficado tão impressionada com ela. A garota era a representação perfeita da Califórnia, ou o que ela imaginava que seria: magra, bronzeada, loura e feliz. Pensou em ligar para Early, se não fosse tão tarde, como se não fosse vê-lo já no dia seguinte, como se não ficasse envergonhada por ainda querer ligar para ele apesar de tudo. Sabia que Jude agora é assim?, ela perguntaria a ele. Faz amizade com garotas brancas. É um novo mundo, não é? Você sabia dessas novidades do mundo?

EM 1986, BIG CEEL ESTAVA MORTO, algo que Early Jones só descobriu ao ler o jornal no consultório do Dr. Brenner. Estava na sala de espera com a sogra, ou melhor, uma mulher que ele começara a considerar como sogra, quando viu a foto dele nas páginas do *Times-Picayune*, sob a manchete agiota é encontrado morto. Tinha sido esfaqueado por causa de um jogo de cartas que deu errado. Parecia adequado que Ceel, um homem que levara a vida emprestando e cobrando, encontrasse seu fim por causa de dinheiro. Ao mesmo tempo, era vergonhoso morrer por tão pouco. Quarenta dólares, segundo o jornal. Porra, quarenta dólares. É claro que, àquela altura, Early sabia muito bem que os homens estavam dispostos a matar e morrer por tão pouco. Já tinha visto casos piores, correra mais riscos por menos. Ainda assim, ficou chocado com a frieza da partida de Ceel, e quase tão chocado por descobrir que o nome oficial dele era Clifton Lewis.

Ah, fazia sentido. Ceel era C.L. Ele se deu conta pela primeira vez, ao fechar o jornal quando o Dr. Brenner chamou o nome de Adele, que, de certa forma, Ceel fora seu amigo mais antigo.

Naquela época, ele não fazia nenhum trabalho para Ceel havia três meses.

— Preciso organizar uma festa de aposentadoria para você — disse Ceel na última vez em que se falaram ao telefone. — Não é mais aquele garoto que eu conheci. Perdeu seu instinto matador.

Early desligou. Sabia que Ceel estava apenas tentando provocá-lo, pois ainda precisava dele. Disse a Early, mais de uma vez, que ele era o melhor caçador que já tivera. Em outro momento, seus insultos talvez tivessem funcionado. Mas agora a vida era diferente. Early não era mais um garoto. Tinha responsabilidades. Uma mulher que amava. A mãe dela, a quem amava também, que quase botara fogo na casa ao ligar o fogão para esquentar água para o café, esquecer e voltar a dormir. Naquele dia, ele foi até Fontenot, comprou uma cafeteira Mr. Coffee para a cozinha e ensinou Adele a usá-la. Mas, depois daquela manhã, ela nunca mais fez café. Quando Desiree saía para abrir a lanchonete do Lou, ele acordava e fazia café para Adele. E se estivesse trabalhando para Ceel, quem estaria em casa para fazer isso?

Pela primeira vez na vida, ele arranjou um emprego, um de verdade, na refinaria. Agora ia para o trabalho todos os dias — feito um homem decente, como diria a Adele do passado — vestindo um macacão cinza com seu nome bordado sobre o coração. Early Atrasado, era assim que o chefe o chamava, já que era o plataformista mais velho da equipe. Trabalhava de manhã nos dias em que Desiree fechava a lanchonete, à noite quando ela precisava chegar mais cedo, adequando os horários para que Adele nunca ficasse sozinha.

Numa manhã, levou Adele para pescar no rio. Andorinhas voavam sobre a cabeça deles, sibilando em meio às árvores. Adele olhou para cima enquanto apertava o casaco mais junto ao próprio corpo. Usava o cabelo em duas tranças compridas. Todas as manhãs, Desiree desembaraçava o cabelo da mãe ou, se precisava ir cedo para o Lou, Early o fazia. Ela o ensinara a

trançar numa tarde, demonstrando com alguns fios. Ele praticou repetidas vezes, impressionado que seus dedos fossem capazes de fazer algo tão delicado. Gostava das manhãs em que trançava o cabelo de Adele. Ela só permitia que ele fizesse isso porque estava se esquecendo das coisas, e ele podia esquecer também que ela não era sua mãe.

— Está quentinho aí, Dona Adele? — perguntou ele.

Ela concordou com a cabeça, ajustando o casaco.

— Desiree disse que você gosta de pescar. É verdade? — indagou ele.

— Desiree disse isso?

— Sim, senhora. Falei para ela que podemos pescar um peixe para fritar hoje à noite. Parece bom, não acha?

Ela olhou para as árvores, retorcendo as mãos.

— Preciso ir trabalhar — respondeu Adele.

— Não, senhora. Tem o dia de folga hoje.

— O dia inteiro?

Estava tão surpresa e empolgada com aquela ideia que ele não teve coragem de dizer que ela não trabalhava já havia nove meses. Os brancos para quem ela fazia faxina foram os primeiros a notar seus lapsos de memória. Louças guardadas nas gavetas erradas, roupas que eram dobradas antes mesmo de secar, comida em lata colocada na geladeira enquanto o frango estragava na prateleira da despensa.

— Ah, estou velha — dissera ela. — Sabem como é. Você começa a esquecer as coisas.

Mas o Dr. Brenner disse que era Alzheimer e que só pioraria. Desiree chorou ao telefone quando ligou para contar a Early. Ele abandonou um trabalho em Lawrence para estar ao lado dela. Ia ficar tudo bem, dissera, embalando-a em seus braços, ainda que não imaginasse algo mais assustador do que olhar para o rosto de Desiree um dia e encontrar uma estranha.

— Você é meu filho? — perguntou Adele.

Ele sorriu e pegou a vara de pescar.

— Não, senhora.

— Não — respondeu ela. — Eu não tenho filho homem.

Ela se voltou, satisfeita, para as árvores, como se ele tivesse ajudado a resolver um enigma que a estava perturbando. Depois olhou para ele novamente, quase tímida.

— Não é meu marido, é?

— Não, senhora.

— Não tenho um desses também.

— Sou só o seu Early. É isso que sou.

— Early? — Ela riu de repente. — Que tipo de nome bobo é esse?

— Foi o nome bobo que me deram.

— Eu sei quem você é. É aquele garoto da fazenda que vive correndo atrás de Desiree.

Ele tocou a ponta da trança grisalha dela.

— É isso mesmo. Exatamente isso.

QUANDO VOLTARAM PARA CASA, havia uma mulher branca sentada na varanda.

Early tinha pescado duas trutas pequenas e Adele ficou encantada vendo-as se debaterem na ponta da vara de pescar. Ao voltarem para casa, Adele cantarolando de braços dados com ele, Early viu a mulher branca lá da clareira e segurou com mais força o braço da sogra. Certa vez, uma mulher do condado veio conferir o estado de Adele. Desiree se sentiu humilhada com uma mulher branca estranha andando pela casa para garantir que as condições de vida ali eram adequadas.

— Devem ser bem adequadas — disse Desiree a Early. — Afinal, ela mora aqui há sessenta anos!

Ele odiava a ideia de ter gente do governo bisbilhotando, como se eles dois não fossem capazes de tomar conta de uma mulher esquecida, mas além da visita vinha também ajuda. Precisavam do dinheiro para remédios, consultas médicas, contas. Ainda assim, ele não estava muito feliz em encontrar aquela mulher. Não era nenhuma surpresa o que ela pensaria dele.

Early tocou a mão de Adele.

— Se aquela mulher perguntar, diga que sou seu genro — disse.

— Do que está falando?

— Daquela mulher branca na varanda. É do governo. É só para facilitar as coisas.

Ela soltou o braço.

— Que bobagem. Não tem mulher branca nenhuma. Aquela é só Stella.

Durante todos os anos em que havia procurado por Stella, a imaginado, sonhado com ela, Stella se tornara enorme a seus olhos. Era mais inteligente do que ele. Esperta, dando uma rasteira toda vez que ele chegava perto. Mas essa mulher não branca, essa Stella Vignes, parecia tão comum que o deixou sem fôlego. Não era como Desiree; ele não confundiria as duas, mesmo quando chegou mais perto e Stella se levantou. Usava calça azul-marinho e botas de couro, o cabelo preso num rabo de cavalo. Fios totalmente pretos, como se não tivesse envelhecido nada, diferente de Desiree, cujas raízes brancas já apareciam nas têmporas. Mas não eram apenas suas roupas, era também a forma como ela se portava. Firme, como uma corda de violão tensionada. Parecia assustada, mas com o quê? Com ele? Bem, talvez ela devesse mesmo estar. Tinha vontade de avançar para cima dela e vingar cada noite em que Desiree foi dormir pensando nela e não nele.

Mas Stella não estava olhando para ele. Estava encarando a mãe, a boca aberta feito um peixe tentando respirar. Adele mal olhou para ela.

— Menina, venha ajudar a limpar esses peixes — disse Adele. — E vá chamar sua irmã.

A MÃE TINHA PERDIDO O JUÍZO.

Stella foi percebendo isso aos poucos, ao segui-la pelo corredor estreito até a cozinha, onde um homem estranho tirava peixes de uma caixa de isopor. Em todas as vezes que imaginara o que a mãe diria se ela voltasse para casa — ficaria com raiva, talvez até lhe desse um tapa na cara —, nunca concebera isso: a mãe como uma sombra de si mesma, andando para lá e para cá na cozinha como se sua única preocupação fosse preparar o jantar. Tão indiferente em relação a Stella como se tivessem se passado vinte e cinco minutos, não anos. O homem estranho andando atrás dela, recolhendo a faca depois que ela a largava, mantendo-a longe do forno, finalmente convencendo-a a se sentar enquanto ele preparava o café.

— Você é marido da Desiree? — perguntou Stella.

Ele deixou um risinho escapar.

— Algo assim.

— Bem, quem é você, então? O que está fazendo com minha mãe?

— Por que está agindo assim, Stella? — perguntou a mãe, entregando uma colher a ela. — Sabe que este é seu irmão.

Ele não podia ser o pai daquela garota escura. Não tinha a pele tão preta quanto a dela, embora parecesse meio durão, o tipo de homem que intimidaria uma mulher.

— Há quanto tempo está assim? — indagou Stella.

— Um ano, talvez.

— Meu Deus.

— Garota, não use o nome do Senhor em vão — protestou a mãe. — Criei você melhor do que isso.

— Desculpe, mamãe — respondeu ela, rapidamente. — Mamãe, quero pedir muitas desculpas...

— Não sei do que está falando — disse a mãe. — Provavelmente não preciso saber. Comece a trabalhar nesse peixe.

O pai a tinha ensinado a limpar peixe. Ela ia tropeçando ao lado dele pelo rio, a água espirrando até seus joelhos. Desiree andava na frente, porque fazia tanto barulho que ia assustar todos os peixes, segundo o pai. Elas eram suas fadas gêmeas, seguindo-o pelo bosque. A parte da pescaria sempre entediava Desiree; ela se distraía e se esparramava de bruços em algum lugar, fazendo correntes com margaridas. Mas Stella ficava sentada com ele por horas, paradinha, imaginando que conseguia ver todos os seres vivos nadando em volta de seus pés descalços através daquela água escura. Depois, ele mostrava às gêmeas como limpar o peixe que tinha pescado. Deitá-lo, deslizar a faca pela barriga e depois o quê? Ela não lembrava. Queria chorar.

— Não sei como fazer — disse Stella.

— Você não gosta é de sujar as mãos — rebateu a mãe. — Desiree!

— No trabalho, Dona Adele — respondeu o homem.

— Trabalho?

— Lá na cidade.

— Bem, alguém precisa chamá-la. Vai perder o jantar.

— Stella vai buscá-la — disse o homem. — Vou ficar bem aqui com a senhora.

Ele pôs os braços em volta dos ombros da mãe dela, como se quisesse protegê-la. Protegê-la de mim, percebeu Stella, e calmamente largou a faca.

Saiu para a varanda e observou o bosque. Foi só quando começou a andar na lama que percebeu que não tinha ideia de para onde estava indo.

A PRIMEIRA COISA QUE PRECISA SER DITA sobre o Reencontro, como ficou conhecido depois, é que não houve testemunhas de verdade. A lanchonete do Lou ficava sempre vazia entre o almoço e o jantar, e era nesse horário que Jude ligava da associação de estudantes. Desiree amava aquelas ligações barulhentas, mesmo que a filha sempre parecesse apressada, correndo para alguma palestra ou laboratório. Naquela tarde, estava tentando convencer Desiree a visitá-la novamente.

— Você sabe que não posso — observou Desiree.

— Eu sei — reconheceu Jude. — É que sinto saudades. Fico preocupada com você às vezes.

Desiree engoliu em seco.

— Não fique. Você está aí vivendo sua vida. É tudo o que quero para você. Não se preocupe comigo. A mamãe vai ficar bem.

Ela só ouviu o sino da porta ao desligar. Ficou surpresa. A lanchonete estava vazia desde a hora em que foi para os fundos atender ao telefone, com exceção de Marvin Landry, que nunca estava sóbrio depois do meio-dia, traumatizado pela guerra e, naquela tarde em particular, caído na mesa dos fundos, com setecentos e cinquenta mililitros de uísque dentro da jaqueta. Ele não tinha tocado no sanduíche de peru que Desiree deixara na sua frente. Nem acordou quando Stella Vignes entrou. Não a viu parar no batente da porta e olhar em volta para o chão de linóleo descascado, os bancos de couro rasgados, o vagabundo cochilando no canto. Não ouviu Desiree dizer lá de dentro: "Já estou indo!" Ele certamente não viu Desiree

sair da cozinha amarrando o avental. E ela nem notou a presença dele porque, quando se virou, estava olhando para Stella.

— Ah... — disse Desiree.

Foi tudo que conseguiu dizer. Ah. Mais um som do que uma palavra. Largou o cordão do avental, que tremulava, inútil, sobre seu corpo. Do outro lado do balcão, Stella sorria, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ela começou a se aproximar, mas Desiree ergueu a mão.

— Não — disse ela, tentando engolir a raiva.

Stella parada na frente dela, aparecendo sem aviso, sem desculpas, de volta justamente quando tinha enfim desistido dela. Usando aquela blusa que ela às vezes lembraria como sendo bege, outras como cor de osso, uma blusa que parecia nunca ter sido manchada ou amarrotada. Botõezinhos de pérola. Um bracelete prateado brilhante. Nenhuma aliança de casamento, suas mãos tensas e fechadas do jeito que ficavam às vezes quando Stella estava nervosa, e ela estava nervosa agora, não estava? Sendo que nunca ficara nervosa diante de Desiree. Mas por que não estaria? Todos aqueles anos, o que lhe dera a audácia de reaparecer ali? Esperava ser bem-vinda? Os pensamentos de Desiree corriam, confusos, por sua mente. Mal conseguia acompanhá-los. O sorriso de Stella esmoreceu, mas ainda assim ela deu mais um pequeno passo em sua direção.

— Estou falando sério — insistiu Desiree, com a voz baixa, ameaçadora.

— Me perdoe — disse Stella. — Me perdoe.

Ainda estava repetindo aquelas palavras quando chegou até o outro lado do balcão. Desiree tentou afastá-la, mas Stella a segurou, e então elas lutaram e depois se abraçaram, Desiree exausta, soluçando, Stella implorando perdão com o rosto no cabelo da irmã. E isso foi o que Marvin Landry disse a todo mundo que viu quando finalmente acordou: um

sanduíche de peru num prato na frente dele, uma garrafa de Coca-Cola e, atrás do balcão, Desiree Vignes abraçando a si mesma.

ELA ESTÁ DIFERENTE.

As mesmas palavras passaram pela mente das gêmeas. Desiree observando como Stella segurava o garfo e a faca, mal tocando no metal. Stella percebendo como Desiree se movimentava, destemida, pela cozinha. Desiree olhando enquanto Stella esfregava o pescoço, um gesto que aparentava tanta exaustão que a assustou. Stella ouvindo Desiree conversar com a mãe delas, a voz calma e tranquila. E, no meio de tudo isso, para Adele Vignes, as gêmeas eram as mesmas de sempre. O tempo estava se contraindo e se expandindo; as gêmeas eram ao mesmo tempo diferentes e as mesmas de sempre. Podia haver cinquenta gêmeas sentadas àquela mesa, uma cadeira para cada pessoa que elas foram desde a última vez em que se falaram: uma esposa maltratada e uma entediada, uma garçonete e uma professora, cada uma dessas mulheres sentada ao lado de uma estranha.

Em vez disso, havia apenas as gêmeas e Early sentado entre elas. Ele sentiu, ao observar Stella cortar o peixe de um jeito tão formal, que não conhecia Desiree de verdade, pois talvez fosse impossível conhecer uma sem a outra. Depois do jantar, ele lavou a louça enquanto as gêmeas saíam para a varanda, Desiree carregando uma garrafa de gim empoeirada que encontrara nos fundos da despensa. Levara a bebida mesmo sem saber se Stella gostava de gim, mas Stella olhou para a garrafa e depois para a irmã, e Desiree sentiu a animação de uma conversa silenciosa. Trouxe a garrafa escondida para fora e Stella veio atrás dela.

— Nada de ficar fora até tarde — avisou a mãe. — Amanhã é dia de escola.

Agora, as duas passavam a garrafa uma para a outra sem pressa, fazendo careta a cada gole daquele gim velho, que fora um presente de casamento de Marie Vignes. Os Decuir ficaram escandalizados — que presente é esse da sua sogra? — e, de certo modo, a garrafa polêmica ficou esquecida por anos. Desiree bebeu um gole, depois Stella, e as gêmeas foram pegando o ritmo.

— Você fala diferente agora — disse Desiree.

— O que está querendo dizer?

— Assim mesmo. "O que está querendo dizer?" Como aprendeu a falar assim?

Stella ficou quieta e depois sorriu.

— Televisão. Eu assistia por horas. Para aprender a falar como eles.

— Meu Deus. Ainda não acredito que fez isso, Stella.

— Não é tão difícil. Você poderia ter feito.

— Você não queria que eu fizesse. Você me abandonou.

Nossa, Desiree odiava parecer tão magoada. Depois de todos esses anos, choramingando como uma criança largada no parquinho.

— Não foi assim. Eu conheci uma pessoa.

— Fez isso tudo por causa de um homem?

— Não por ele. Gostava de quem eu era com ele.

— Branca.

— Não. Livre.

Desiree riu.

— É a mesma coisa, meu bem. — Bebeu mais um gole de gim, engolindo com dificuldade. — Bem, quem era ele?

Stella ficou quieta de novo.

— O Sr. Sanders — respondeu, finalmente.

Apesar de tudo, Desiree riu. Gargalhou como não fazia havia semanas, talvez há anos, riu tanto que Stella, rindo também, pegou a garrafa de sua

mão antes que ela bebesse tudo.

— O Sr. Sanders? Aquele seu chefe velho? Fugiu com ele? Farrah disse que...

— Farrah ibodeaux! Não pensava nela há anos.

— Ela disse que viu você com um homem...

— Que fim ela levou?

— Não sei. Isso foi há anos. Ela se casou com um vereador...

— Mulher de político!

— Acredita nisso?

As gêmeas rindo, falando uma por cima da outra, acabando rapidamente com aquela garrafa. Desiree vigiando para ver se a mãe apareceria, do mesmo jeito que fazia quando eram adolescentes e iam fumar na varanda. Estava um pouco bêbada. Não sabia nem quão tarde era.

— Como você fez? Esses anos todos?

— Eu precisava continuar. Não dá para voltar atrás quando você tem família. Quando tem pessoas que dependem de você.

— Você tinha família — argumentou Desiree.

— Ah, não foi isso que eu quis dizer — disse Stella, desviando o olhar. — É diferente quando se tem uma filha. Você sabe disso.

Mas qual era a diferença exatamente? Era mais fácil se livrar de uma irmã do que de uma filha, de uma mãe do que de um marido. Por que fora tão fácil desistir dela? Mas Desiree não perguntou isso, é claro. Teria se sentido ainda mais infantil do que já se sentia, olhando por cima do ombro para garantir que a mãe não ia flagrá-la bebendo.

— Então é você e o Sr. Sanders...

— Blake.

— Você, Blake e...

— Temos uma filha. Kennedy.

Desiree tentou imaginá-la. Por alguma razão, só conseguia visualizar uma garotinha branca bem-comportada sentada num banco de piano, as mãos cruzadas sobre o colo.

— E como ela é? Sua filha — perguntou Desiree.

— Determinada. Encantadora. Ela é atriz.

— Uma atriz!

— Participa de algumas peças pequenas em Nova York. Mas nada na Broadway.

— Ainda assim. Uma atriz. Talvez você possa trazê-la da próxima vez.

Sabia que tinha dito a coisa errada quando Stella desviou o olhar. Foi um olhar discreto, mas que Desiree ainda sabia interpretar. Quando os olhos das duas se reencontraram, os de Stella estavam cheios de lágrimas.

— Sabe que eu não posso.

— Por que não?

— Sua filha...

— O que tem ela?

— Ela me encontrou, Desiree. Em Los Angeles. É por isso que estou aqui.

Desiree deu uma risada de escárnio. Como Jude pode ter encontrado Stella? Sua filha, uma universitária, esbarrando nela numa cidade grande como Los Angeles. E ainda que tivesse realmente encontrado Stella, sua filha teria lhe dito. Nunca teria guardado um segredo como esse.

— Ela não contou para você — compreendeu Stella. — Não a culpo. Eu fui horrível. Não era minha intenção, mas eu estava assustada, uma garota aparecendo do nada, dizendo que me conhecia. Ela não parece nada com você, sabe disso. O que eu deveria pensar? Mas ela encontrou minha filha. Contou a ela tudo sobre mim, sobre Mallard. E depois apareceu de novo em Nova York...

Desiree começou a se levantar do degrau da varanda. Tinha que ligar para Jude. Não importava que fosse tarde, que ela estivesse bêbada, que Stella estivesse milagrosamente sentada ali na varanda. Mas Stella segurou seu pulso.

— Desiree, por favor. Apenas me escute. Seja sensata...

— Eu tenho sido sensata!

— Ela nunca vai parar! Sua filha vai continuar tentando contar a verdade para a minha, e agora já é tarde demais. Não vê isso?

— Ah, claro, é o fim do mundo sua filha descobrir que não é tão branquinha assim...

— Que eu menti para ela. Nunca vai me perdoar. Você não entende, Desiree. Você é uma boa mãe, dá para ver. Sua filha te ama. Por isso não te contou sobre mim. Mas eu não tenho sido uma boa mãe. Passei tanto tempo me escondendo...

— Foi escolha sua! Você quis isso!

— Eu sei — disse Stella. — Eu sei, mas, por favor, por favor, Desiree. Não tire ela de mim.

Stella se curvou, chorando com as mãos no rosto e, exausta, Desiree voltou a se sentar ao lado dela no degrau. Pôs o braço ao redor dos ombros de Stella e ficou olhando para sua nuca, fingindo não reparar nos fios de cabelo branco que se destacavam entre os pretos. Ela sempre se sentira a irmã mais velha, ainda que fosse só por questão de minutos. Mas, talvez, naqueles sete minutos em que se separaram pela primeira vez, cada uma delas tenha vivido uma vida inteira em caminhos distintos. Cada uma descobrindo quem se tornaria.

No começo, Early Jones não conseguia dormir na casa das Vignes. O conforto o incomodava. Estava acostumado a dormir ao relento ou apertado no carro ou num catre duro na cadeia. Ou ainda, antes de tudo isso, empilhado num colchão cheio de musgo ao lado dos oito irmãos, de cujos nomes ele nem se lembrava mais, muito menos dos rostos. Não estava acostumado com aquilo: uma cama grande, edredom feito à mão, cabeceira esculpida por um homem sobre o qual ninguém falava mas cuja presença permanecia ali em todos os móveis. No começo, deitava-se na cama ao lado de Desiree, sob um teto que não pingava, e tentava desesperadamente dormir. Às vezes, acabava indo lá para fora, fumando cigarros às três da manhã, sentindo como se a casa em si o rejeitasse. Em outros momentos, pegava no sono na varanda e só acordava quando Desiree aparecia tropeçando nele na manhã seguinte.

— Ele é como um cachorro selvagem — dissera Adele uma vez para a filha, e ele ouviu. — Você lhe oferece uma cama boa, mas ele ainda prefere dormir na sarjeta.

Ela não estava errada. Ele era um caçador, afinal de contas. Não era do tipo que tinha edredons macios e cadeiras grandes. Só se sentia bem consigo mesmo com o nariz no rastro. Foi por isso que, na manhã seguinte, quando ouviu Stella se esgueirando para sair escondida, foi atrás dela.

— Meio cedo para pegar o trem — disse.

Ela se sobressaltou, quase derrubando a malinha. Parecia envergonhada por ter sido pega.

— Preciso voltar para casa — respondeu ela.

— Não é legal ir embora assim. Sem se despedir.

— É o único jeito. Se tiver que me despedir dela não vou embora nunca, e eu preciso ir. Preciso voltar para a minha vida.

Ele compreendeu. Apesar da própria história, ele entendeu. Talvez esse tenha sido o único jeito para seus pais o abandonarem. Se tivessem se despedido, ele teria chorado, agarrado as pernas deles. Nunca os teria deixado ir.

— Precisa de carona?

Ela olhou para o matagal escuro e concordou com a cabeça. Ele conduziu Stella até seu carro. Tinha se oferecido para levá-la não por gentileza, mas porque Desiree amava Stella e era assim que o amor funcionava, não era? Uma transferência que podia chegar até você caso se aproximasse o suficiente. Passou do ponto de ônibus e levou Stella até a estação de trem. Ela estava sentada no banco da frente daquele carro caindo aos pedaços, as mãos segurando a mala no colo.

— Eu nunca quis que fosse assim — disse ela.

Ele resmungou. Não queria olhar para ela enquanto saía do carro. Não queria ser o único a se despedir dela. Ele já sabia que mentiria para Desiree quando chegasse em casa. Ia fingir que não ouvira Stella andando no corredor. Da mesma maneira que soube, quando Stella lhe entregou sua aliança de casamento, que nunca contaria aquilo para Desiree.

— Venda isso. Cuide da mamãe.

Ele tentou devolver a aliança para ela, mas, a essa altura, Stella estava saindo do carro, andando até a estação de trem, desaparecendo pelas portas de vidro. Aquele anel de diamante parecia frio em sua mão. Não tinha ideia de quanto valia e só descobriria semanas depois, ao levá-lo para ser avaliado. O homem branco careca examinando o anel com uma lente de aumento olhou para Early e perguntou novamente como ele tinha conseguido aquilo. Herança de família, disse Early a ele. Como a maioria das verdades, parecia meio falsa.

Quando Desiree acordou naquela manhã, estendeu a mão até o outro lado da cama, mas só havia ar. Não ficou surpresa, mas ainda assim chorou, tocando o lugar vazio do outro lado da cama. Na noite anterior ela caíra no sono ao lado da irmã, duas mulheres espremidas numa cama pequena demais. Stella em seu antigo lugar, Desiree no local onde dormira por anos. Elas passaram horas acordadas, sussurrando no escuro, até que a visão foi ficando turva, nenhuma das duas querendo ser a primeira a fechar os olhos.

Um mês depois de Stella ter voltado a Mallard, sua filha finalmente ligou para casa e anunciou que estava retornando para a Califórnia. Seu lance com Frantz — e não era a cara dela chamar um relacionamento sério de "lance"? — tinha chegado ao fim, ela gastara todo o dinheiro na Europa e perdera a paixão por teatro musical. Deu algumas desculpas diferentes, mas Stella, que ouvia com o coração na boca, não ligava. Não importava que a filha não tivesse dito que queria ficar mais perto dos pais, que sentia falta deles. Stella tinha ido para casa e agora a filha também estava voltando para casa. Os dois acontecimentos não tinham ligação, é claro, mas Stella os juntou em sua cabeça, um retorno desencadeando o outro. Cancelou a aula da tarde para encontrar Kennedy no aeroporto de Los Angeles. Então lá estava ela, andando pelo terminal, arrastando uma mala cheia. Estava mais magra e tinha cortado o cabelo, as ondas louras na altura do pescoço.

Stella a puxou para um abraço e a segurou por tanto tempo que as outras pessoas ao lado da esteira de bagagem ficaram olhando.

— Você está bem? — perguntou a filha. — Parece diferente.

— Diferente como?

— Não sei. Cansada.

Ela passara o último mês sem conseguir dormir à noite. Toda vez que fechava os olhos, via Desiree.

— Estou bem — respondeu, segurando a mão da filha. — Estou muito feliz que tenha voltado.

— O que houve com sua aliança?

Ela quase mentiu. Sua naturalidade para mentir a assustava. Quase contou à filha a mesma história que relatara a Blake quando chegou em casa, as mãos nuas pela primeira vez em vinte e tantos anos. Que tirara a aliança no trabalho para lavar as mãos e devia tê-la esquecido na saboneteira do banheiro dos professores, e apesar de ter corrido atrás de todos os zeladores, ninguém a encontrou. Parecia tão aflita que ele acabou tendo que consolá-la.

— Ah, tudo bem, Stel. Acho que você já estava merecendo um upgrade mesmo.

Ele encomendou uma aliança nova personalizada com o ourives favorito dela. Uma mentira para obter a primeira aliança, uma mentira diferente para obter a segunda. Ela nunca poderia ser completamente honesta com o marido, mas, por algum motivo, ali em pé no aeroporto, não conseguiu mentir de novo para a filha. Talvez fosse a exaustão ou o alívio de vê-la em casa finalmente, ou talvez, pensou ao pegar a mala, soubesse que a menina tinha o gene da fuga correndo em suas veias também. Ela sempre sentira dentro de si aquela ânsia de fugir e nunca tinha entendido; Stella tampouco quis explicar. Era sua filha, que para sempre seria a única pessoa na vida a conhecê-la de verdade.

Stella pegou a alça da mala, encarando o carpete desbotado.

— Dei para minha irmã. Ela precisa mais do que eu.

Kennedy parou.

— Sua irmã? Você voltou lá?

— Vamos, querida. Podemos conversar no carro.

O trânsito estaria infernal. Ela sabia disso antes mesmo de pegarem a autoestrada 405. Um carro colado no outro, luzes de freio até onde o olhar alcançava. Assim que se mudou para Los Angeles, ela achava o trânsito até bonito. Todas aquelas pessoas indo para algum lugar. Tinha medo de dirigir na autoestrada, mas, quando pegou o jeito, saía para dirigir no meio do dia porque aquilo lhe trazia paz. Gostava de examinar o céu sem nuvens, as montanhas azul-claras no horizonte. A filha ainda pequena no banco de trás, murmurando com o rádio.

— Pode me perguntar o que quiser — disse ela, segurando o volante. — Mas, quando chegarmos em casa...

— Eu sei, eu sei — interrompeu a filha. — Não posso dizer nada.

— Não é fácil falar sobre isso, me machuca, entende? Mas quero que você me conheça.

A filha virou o rosto para olhar pela janela. Não estavam tão longe de casa, mas aquilo era Los Angeles. Dava para falar de uma vida inteira em dezessete quilômetros.

DEZESSETE

Eles chamaram o homem morto de Freddy.

Tinha vinte e um anos, um metro e noventa, oitenta quilos, vítima de uma cardiomegalia. Em seus momentos mais mórbidos, o pessoal do laboratório o chamava de Fred, o Morto. Na Universidade de Minnesota, todos os alunos de medicina batizavam seus cadáveres. Aquilo personalizava a morte, diziam os professores, restaurando a dignidade ao indigno processo de morrer, ao indigno processo da ciência. Era isso que as pessoas pensavam quando imaginavam doar o corpo para pesquisa: jovens de vinte e poucos anos com jalecos de laboratório brincando de inventar nomes. A cada ano, pelo menos um grupo preguiçoso o suficiente para batizar você de Yorick e vida que segue. Por mais estranho que parecesse, chamá-lo de Freddy o tornava ainda menos íntimo para Jude. Não era seu nome verdadeiro. Ele vivera e morrera como outro homem completamente diferente, um que eles nunca conheceriam para além dos detalhes em sua ficha. Ele mal vivera, na realidade, e agora provavelmente teria uma vida mais interessante ali naquela chapa do laboratório no porão.

Depois que superou o cheiro, Jude passou a gostar de trabalhar com cadáveres. Não precisava fazer piada sobre eles para disfarçar seu desconforto e nunca se sentira nauseada ao ver um corpo morto. As palestras a entediavam, mas ela ficava extasiada no laboratório, sempre a primeira a pegar o bisturi quando o professor pedia por voluntários. As pessoas vivem em corpos que são, em grande medida, um mistério. Há coisas que você nunca aprende sobre si mesmo, e algumas delas ninguém

sabe até que você morra. Ela era fascinada pelo mistério das dissecações, assim como pelo desafio. Precisavam procurar nervos mínimos que eram impossíveis de encontrar. Era quase como uma pequena caça ao tesouro.

— Isso é nojento, amor — disse Reese.

Ele sempre se esquivava quando ela chegava em casa cheirando a formaldeído. Pedia que tomasse banho antes de beijá-lo. Nunca queria que ela o tocasse logo depois dos cadáveres. Ele sempre fora mais sentimental, pelo menos era o que Jude pensava, até a tarde em que sua mãe ligou para contar que a avó tinha morrido. Estava em pé num escritório sem janelas, segurando o telefone com a bochecha. Trabalhava como professora assistente naquele semestre, então lhe deram um escritório que ela mal usava. Ninguém tinha aquele número de telefone a não ser Reese e a mãe, só para emergências. Ficou tão assustada ao ouvir a voz da mãe que nem se deu conta do único motivo possível para aquela ligação.

— Você sabia que ela estava doente — disse a mãe, tentando consolá-la ou talvez apenas aliviar o choque.

— Eu sei. Mas mesmo assim...

— Ela não sentiu dor. Estava sorrindo e conversando comigo até o fim.

— Você está bem, mamãe?

— Ah, você me conhece.

— É por isso que estou perguntando.

A mãe deu um risinho.

— Estou bem. Enfim, o enterro é na sexta. Só queria te avisar. Sei que você está ocupada com a faculdade...

— Sexta? Vou pegar um avião...

— Calma aí. Não tem necessidade de vir até aqui...

— Minha avó morreu. Estou indo para casa.

A mãe não tentou mais dissuadi-la, e Jude ficou agradecida por isso. Ela já estava agindo como se avisá-la da morte da avó fosse um incômodo. Que tipo de vida a mãe achava que ela levava que não podia ser interrompida por uma notícia como aquela? Elas desligaram o telefone e Jude foi até o corredor. Os alunos passavam, agitados. Um amigo do departamento de biologia acenou com o café ao entrar na sala de descanso. Uma garota ruiva e magra pregou um pôster verde no quadro de anúncios convocando para um protesto. É assim que funciona com a morte. O que magoa são os detalhes específicos. A morte, de forma geral, é um barulho de fundo. Ela ficou em pé ali, em seu silêncio.

WEST HOLLYWOOD ERA UM CEMITÉRIO, disse Barry da última vez que ligou. Todo dia, uma nova ladainha dos agonizantes.

Havia os caras que você meio que conhecia, como Jared, o barman louro do Mirage que pesava a mão nos drinques. Ele dava uma piscadela e depois virava a garrafa de gim em seu copo, como se estivesse lhe fazendo um favor pessoal e não tratasse todo mundo com aquela generosidade. Seu velório foi em Eagle Rock. Havia os ex-namorados ou inimigos como Ricardo, também conhecido como Yessica, uma drag queen que vencera Barry em mais competições do que ele jamais admitiria. Tinha pedido para ser cremado, e Barry ficou em pé na orla de Manhattan Beach enquanto suas cinzas eram jogadas no mar. Depois havia os homens que você amava. Luis tinha acabado de ser internado no Hospital Good Samaritan e, quando Jude ligou, não parava de falar sobre o enfermeiro que disse a ele que Bobby Kennedy morrera ali.

— Dá para acreditar? Quer dizer, um presidente morreu aqui.

Ela não teve coragem de contar a ele que Bobby Kennedy nunca foi presidente. Morreu enquanto concorria ao cargo, um jovem promissor.

— Não tão jovem — ponderou Barry, quando ela ligou em seguida. — Tinha quarenta e poucos anos.

— Isso não é jovem? — perguntou ela.

Ele não respondeu, e ela desejou não ter dito nada.

Nos fins de semana, ela ia a reuniões exaltadas comandadas por ativistas que organizavam petições, abaixo-assinados e manifestações com o objetivo de despertar o governo daquela indiferença. Fez trabalho voluntário com um grupo de alunos que distribuía camisinhas e agulhas esterilizadas no centro de Minneapolis. Visitava pacientes que não tinham família, para quem levava revistas e baralho. Pensava sobre a morte constantemente e, ainda assim, na tarde em que sua avó morreu, não conseguiu tocar o cadáver. Era uma bobagem, mas não foi nem capaz de olhar para ele. Não parava de imaginar a avó deitada, sem vida, numa chapa de metal em algum outro lugar. A vovó nunca doaria seu corpo para a ciência. Odiaria a ideia de ter estranhos tocando nela e, além disso, era católica e ainda acreditava que cremação era pecado. No Dia do Julgamento, seu corpo ressuscitaria, então ela precisava mantê-lo intacto.

— É só me enterrar no quintal num caixão velho de madeira — costumava dizer a avó.

Isso foi anos antes, quando ela começou a perceber que estava doente. Suas memórias indo e vindo como a maré.

Durante aquele ano inteiro, Jude leu todos os livros que encontrou sobre Alzheimer. Estudou a doença desesperadamente, como se entendê-la pudesse fazer alguma diferença. Não fez, é claro. Não passava de uma estudante do primeiro ano e, no fim das contas, queria ser cardiologista. O coração era um músculo que ela compreendia. O cérebro a deixava

desnorteada. Mesmo assim, pegou livros na biblioteca e leu tudo o que conseguiu. No cérebro da avó, fragmentos de proteínas endureceram e viraram pequenas placas entre as células nervosas. O tecido cerebral encolheu. As células do hipocampo se degeneraram. A certa altura, quando a doença se espalhasse pelo córtex cerebral, a avó perderia a habilidade de cumprir tarefas rotineiras. Perderia o discernimento, o controle de suas emoções, da língua. Não conseguiria se alimentar sozinha, reconhecer as pessoas, controlar suas funções corporais. Ela perderia a memória. Perderia a si mesma.

— Não gaste aquele dinheiro todo comigo — disse a avó uma vez. — Não vou estar por aqui para ver.

Ela não ligava para a roupa com a qual seria enterrada, para a inscrição em sua lápide, para as flores que a enfeitariam. Mas nada de cremação, de jeito nenhum. Era inflexível quanto a isso. Jude nunca a pressionou, embora não compreendesse. Se Deus podia reconstruir um corpo em decomposição, por que não reanimaria cinzas? Mas também não queria imaginar aquilo, a avó queimada, partículas de osso e pele rodopiando dentro de uma urna. Saiu mais cedo do laboratório.

Em casa, Reese mexia a sopa no fogão. Estava sem camisa, descalço, de calça jeans. Vivia sem camisa ultimamente. Qualquer um pensaria que eles moravam numa cabana em Miami e não no frio do norte.

— Vai pegar uma pneumonia — disse ela.

Ele riu e deu de ombros.

— Acabei de sair do banho.

Seu cabelo ainda estava molhado, pequenas gotas de água nos ombros. Ela o abraçou por trás pela cintura e beijou suas costas úmidas.

— Minha avó morreu.

— Caramba. — Ele se virou para encará-la. — Sinto muito, amor.

— Tudo bem. Ela estava doente e...

— Ainda assim. Você está bem? Como está sua mãe?

— Ela está bem. Estão todos bem. O funeral é na sexta. Quero pegar um avião até lá.

— Claro, deveria mesmo. Por que não me ligou?

— Não sei. Eu não estava pensando direito. Nem consegui olhar para o cadáver. Não é uma bobagem? Quer dizer, eu já sabia que era um corpo morto. Por que hoje foi diferente?

— Como assim? Hoje é diferente.

— Nós nem éramos tão próximas.

— Não importa — disse ele, puxando-a para um abraço. — Família é família.

NAQUELA TARDE, NUM TRAILER DE MAQUIAGEM em Burbank, o telefone tocou sete vezes até que o cabeleireiro tirou o aparelho do gancho e o empurrou na direção da loura sentada na cadeira.

— Não sou sua secretária — cochichou de um jeito espalhafatoso enquanto lhe entregava o telefone.

Ele não sabia por que a "estrela" — o que ela era, apesar do que ele achasse — não respeitava seu tempo, por que estava sempre atrasada, por que não dizia para aquele namorado grudento, ou quem quer que não parasse de ligar, que telefonasse mais tarde. Ela disse que não estava esperando ligação nenhuma, mas se levantou para atender, metade do cabelo arrumado de um jeito que a deixaria envergonhada décadas depois, quando visse trechos granulados de *Pacific Cove* na internet.

— Alô? — disse.

— É a Jude — respondeu a voz. — Sua avó morreu.

Feito uma idiota, Kennedy logo pensou na mãe de seu pai, que morrera quando ela era criança, seu primeiro funeral. Foi o *sua* que a confundiu, não *nossa* avó. Sua avó, aquela que nunca conhecera. E que nunca conheceria. Morta. Ela se apoiou na bancada e tapou o rosto com as mãos.

— Ai, meu Deus — reagiu.

Ao perceber a tragédia do outro lado da linha, o cabeleireiro saiu dali. Finalmente sozinha, Kennedy pegou um maço de cigarros. Ela vinha tentando parar. A mãe tinha conseguido e agora a atazanava com isso o tempo inteiro. Às vezes dizia a si mesma que ia parar de uma vez. Jogava todos os maços fora. Mas então sempre encontrava cigarros perdidos nas gavetas, no porta-luvas do carro, escondidos justamente para serem achados depois. Ela se sentia uma drogada, na verdade. Quando tentava parar era o único momento em que se sentia uma viciada. Mas podia parar depois. Sua avó tinha morrido. Ela merecia um cigarro, certo?

— Você precisa melhorar esse tato para dar notícias — disse.

Do outro lado da linha, imaginou Jude sorrindo.

— Desculpe. Não sabia como dizer de outro jeito.

— Como está sua mãe?

— Está bem, acho.

— Caramba, sinto muito. Não sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada. Ela é sua avó também.

— Não é a mesma coisa. Não a conheci como você.

— Bem, ainda assim achei que devia saber.

— Está bem. Entendo.

— Vai contar para ela?

Kennedy riu.

— Quando é que conto alguma coisa para ela?

Ela não disse à mãe, por exemplo, que ainda falava com Jude. Não o tempo inteiro, mas com frequência. Às vezes Kennedy ligava para ela e deixava mensagens na secretária eletrônica. Hey Jude, dizia, porque sabia que a irritava. Às vezes Jude ligava primeiro. As conversas eram sempre assim: hesitantes, meio combativas, familiares. Nunca falavam por muito tempo, nunca combinavam de se encontrar e, às vezes, as ligações pareciam mais uma formalidade do que qualquer coisa, como sentir o pulso de alguém com o dedo. Pressionavam os dedos ali por alguns minutos e então largavam.

Não contavam para as mães sobre essas ligações. Elas manteriam aquele segredo até o fim da vida separada das gêmeas.

— Talvez ela queira saber disso — opinou Jude.

— Acredite, ela não quer — afirmou Kennedy. — Você não a conhece como eu.

Segredos eram a única língua que elas falavam. A mãe demonstrava seu amor mentindo para ela e, em troca, Kennedy fazia o mesmo. Nunca mais mencionou a foto do funeral, embora guardasse aquela imagem desbotada das gêmeas, embora tenha ficado analisando a foto na noite em que a avó morreu, sem contar a ninguém.

— Eu não a conheço nem um pouco — respondeu Jude.

NAQUELA NOITE, NA CAMA, JÁ BEM TARDE, Jude pediu a Reese que fosse com ela para casa.

Passava os dedos por suas sobrancelhas grossas, ele não fazia a barba há tanto tempo que ela começou a chamá-lo de lenhador. Ele estava sempre mudando. Seu maxilar estava mais acentuado, os músculos mais firmes, os pelos dos braços tão grossos que sempre a chocavam. Até o cheiro dele era

diferente. Ela notava cada pequena mudança nele desde que haviam terminado, pouco antes de ela se mudar para Minnesota. Ele não queria deixar sua vida em Los Angeles. Não queria segui-la até o Meio-Oeste, pendurado nela feito um peso morto. Um dia, disse, ela acordaria e perceberia que podia arranjar alguém muito melhor do que ele.

Durante toda a primavera, eles foram terminando devagar, um pouquinho de cada vez, arrumando pequenas brigas, fazendo as pazes com sexo, e depois recomeçando o ciclo. Em dois momentos, ela quase foi morar com Barry; era melhor terminar logo do que adiar o inevitável, disse a si mesma, mas toda noite continuava dormindo na cama de Reese. Não conseguia pegar no sono em nenhum outro lugar.

Naquele ano, a primeira neve chegara mais cedo que o esperado, pequenos flocos caindo do céu no Halloween. Olhara pela janela da Moos Tower, observando os universitários correndo de fantasia. Pensava em seu caubói sentado no sofá naquela festa lotada e, mais uma vez, tentava não chorar. Mas, naquela noite, ela o encontrou na porta de seu apartamento usando um gorro preto coberto de flocos de neve, uma bolsa de lona pendurada no ombro.

— Droga — disse ele. — Eu sou um idiota completo às vezes, sabia?

Na universidade, ela conheceu uma endocrinologista negra que se dispôs a prescrever testosterona para Reese. Eles precisavam economizar muito todo mês para pagar do próprio bolso, mas as drogas que conseguiam nas ruas iam destruir o fígado dele, segundo a Dra. Shayla. Ela era sincera, mas gentil, e disse a Reese, enquanto escrevia em seu bloco, que ele a lembrava do próprio filho.

Agora, deitada na cama de frente para ele, Jude beijou suas pálpebras fechadas.

— O que você acha? — perguntou ela.

— De verdade? Você quer que eu vá?

— Acho que não consigo voltar lá sem você.

Ela se apaixonara por ele quando tinha dezoito anos. Não dormira nenhuma noite longe dele nos últimos três anos. Num quarto de hotel sujo em Nova York, ela desenrolara seus curativos com cuidado, ansiosa enquanto o ar frio tocava sua pele nova.

O ALZHEIMER ERA UMA DOENÇA HEREDITÁRIA, o que significava que Desiree sempre se preocuparia em desenvolvê-la. Começou a fazer palavras cruzadas porque lera numa revista feminina que esse tipo de estímulo para o cérebro podia ajudar na prevenção à perda de memória.

— Precisa exercitar seu cérebro — dizia ela para a filha. — Como qualquer outro músculo.

A filha não tinha coragem de dizer a ela que o cérebro, na verdade, não era um músculo. Esforçava-se para ajudá-la com as dicas enquanto imaginava Stella em algum lugar do mundo já começando a esquecer.

A CIDADE NATAL DE JUDE WINSTON, que nunca fora realmente uma cidade, não existia mais. E, ainda assim, continuava igualzinha. Ela olhava pela janela da caminhonete de Early, que a surpreendera quando chegou para encontrá-los em Lafayette. Ela ainda esperava pelo El Camino.

— Aquele carro era mais velho que você — contou Early, rindo. — Eu precisava me livrar dele.

Ele vestia o macacão da refinaria, e ver Early de uniforme também a surpreendeu. Ele apertou a mão de Reese e puxou Jude para um abraço,

beijando sua testa. A barba dele ainda arranhava, do jeito que ela se lembrava.

— Olhe só para você. Tão grande. Nem dá para acreditar.

Ele ainda parecia forte, mesmo com o cabelo ficando grisalho, os fios brancos começando a aparecer nas costeletas, espalhando-se pela barba. Ela brincou com isso, e ele riu, tocando no queixo.

— Vou tirar tudo. Melhor andar com a cara pelada do que parecendo o Papai Noel.

— Como está a mamãe?

Ele secou a testa, puxando o boné para trás.

— Ah, ela está bem. Sabe como é sua mãe. É forte. Vai superar.

— Queria ter estado aqui — disse ela.

Mas não tinha certeza se realmente queria. Nunca soube o que dizer para a avó. Mas queria ter estado lá para apoiar a mãe, que não devia passar por aquilo sozinha. Devia haver duas mulheres para confortar a avó no fim da vida, uma de cada lado da cama, segurando a mão uma da outra.

— Está tudo bem — respondeu Early. — Não ia poder fazer nada. Estamos felizes que está aqui agora.

Ela apertou a coxa de Reese, que apertou a dela de volta. Ele olhava pela janela, os lábios entreabertos. Jude sabia que ele sentia falta daquilo, não das praias banhadas de sol ou das calçadas urbanas congeladas, mas daquela cor marrom do interior se espalhando pelos quilômetros e quilômetros de mato. A casa branca estreita e comprida surgiu, e parecia igual ao que ela lembrava, mas havia algo errado, já que a avó não estaria sentada na varanda para recebê-los. Aos poucos, como ondas, Jude ia se dando conta da morte dela. Não era uma enxurrada; a água batia gradualmente em seus tornozelos.

Era possível se afogar em cinco centímetros de água. Talvez o luto também fosse assim.

JUDE PASSOU A NOITE AJUDANDO A MÃE a cozinhar para o banquete. Early foi terminar de resolver as coisas na funerária e levou Reese com ele. Pela janela da cozinha, ela ficou observando os dois homens entrarem no caminhão, e imaginou sobre que raio de assunto iriam conversar.

— Ainda estão felizes? Ele trata você bem? — perguntou a mãe.

Desiree não estava olhando para ela, curvada sobre o forno para tirar uma bandeja de batata-doce.

— Ele me ama — respondeu Jude.

— Não foi o que perguntei. São duas coisas diferentes. Acha que nunca pode machucar alguém que ama?

Jude cortava o aipo para a salada de batata e começou a sentir aquela onda familiar de culpa. Soubera por quatro anos do paradeiro de Stella e não dissera uma palavra. Nunca imaginara que Stella reapareceria por conta própria, que a mãe ligaria para ela chorando numa manhã e desmascararia suas mentiras. Pedira desculpas quanto pôde, mas, ainda que a mãe tenha dito que lhe perdoava, ela sabia que algo havia mudado entre as duas. Tinha crescido aos olhos da mãe, não era mais sua filhinha, era uma mulher feita, com os próprios segredos.

— Você acha... — começou Jude e parou, jogando o aipo numa tigela. — Você acha que o papai te amava?

— Acho que todas as pessoas que me machucaram me amaram — respondeu a mãe.

— Acha que ele me amava?

A mãe tocou seu rosto.

— Sim. Mas eu não podia ficar lá esperando para ver.

NA MANHÃ DO FUNERAL, JUDE ACORDOU na cama da avó porque, segundo sua mãe, duas pessoas que não eram casadas não dormiriam na mesma cama naquela casa. Continuava tentando empurrá-los para o altar, se desse para considerar um empurrãozinho aquela declaração tão óbvia. Ela não sabia que Jude e Reese já tinham conversado sobre casamento uma ou duas vezes. Não poderiam se casar, não enquanto Reese não tivesse uma nova certidão de nascimento, mas mesmo assim conversavam sobre o assunto do mesmo jeito que crianças falam sobre casamento: com melancolia. A mãe achava que eles eram intelectuais que se achavam descolados demais para o casamento. O que era melhor do que se soubesse quanto eles eram românticos.

Jude levou lençóis limpos para seu antigo quarto e ajudou Reese a arrumar a cama, sem destacar que a mãe e Early também não eram casados aos olhos da lei e da igreja. Não conseguiu dormir até de manhã. Ficou imaginando, feito uma idiota, que sentiria a presença da avó. Mas não sentiu nada e foi ainda pior.

No corredor, ela se virou e prendeu o cabelo, enquanto Reese fechava o zíper de seu vestido preto.

— Mal dormi ontem à noite — contou ela. — Sem você lá.

Ele a beijou na nuca. Usava seu terno preto bom. A mãe dela tinha pedido a ele que ajudasse a carregar o caixão. Jude ouvira os dois conversando na cozinha na noite anterior enquanto escovava os dentes. Sua mãe dissera a Reese que o considerava como um filho, com casamento ou não, mas esperava que ao menos ele não a fizesse esperar muito para ser avó.

— Não estou dizendo que precisa ser agora — dizia sua mãe. — Sei que são ocupados. Mas um dia, só isso. Antes que eu esteja velha e mal consiga me mexer. Você seria um bom pai, não acha?

Ele ficou calado por um instante.

— Espero que sim — respondeu.

QUASE NO FIM DA VIDA, ADELE VIGNES CONTOU a Desiree histórias tão vívidas sobre sua infância que a filha ficou se perguntando se ela estava confundindo-as com as novelas. Uma garota que ela odiava na escola e que tentara empurrá-la num poço. Os irmãos todos vestidos de preto para roubar carvão. Um garoto pobre que lhe dera um enfeite de cravos no baile de formatura. Contara um desses casos diante da TV, onde passava as tardes assistindo a novelas. Eram o formato perfeito para ela. A cada dia as histórias avançavam, mas, no fim da semana, o mundo basicamente continuava o mesmo, os personagens seguiam sendo quem sempre foram.

Na primeira vez que a mãe a chamou de Stella, Desiree tinha acabado de ajudá-la a se sentar na cadeira. Procurava o controle remoto entre as almofadas do sofá, mas parou de repente.

— O quê? Do que me chamou? — perguntou. Estava tão confusa que respondeu meio atrapalhada: — Sou eu, mamãe. Desiree.

— Claro — afirmou a mãe. — Foi o que eu quis dizer.

Ela pareceu ficar envergonhada com o engano, como se tivesse sido apenas uma gafe. O Dr. Brenner disse a eles que não corrigissem os erros dela. Ela dizia o que acreditava ser verdade em sua mente; corrigi-la ia apenas agitá-la ou confundi-la. E normalmente Desiree não a corrigia. Quando a mãe chamava Early de Leon, quando esquecia os nomes de coisas comuns como panela, caneta, cadeira. Mas como a mãe poderia se esquecer dela? A filha que morara com ela pelos últimos vinte anos? A que preparava suas refeições, a colocava na banheira, lhe dava seus remédios. O Dr. Brenner dizia que era a natureza da doença.

— Eles se lembram das coisas mais antigas. Ninguém sabe por quê. É como se estivessem vivendo a vida de trás para a frente.

Assim era a história de trás para a frente: o presente que retrocedia de modo entediante, todas aquelas visitas de médicos, os comprimidos intermináveis, o homem estranho que apontava uma luz para seus olhos, os programas de TV que ela não conseguia acompanhar, a filha a vigiando, levantando-se toda vez que Adele se erguia da cadeira, toda vez que Adele tentava ir a qualquer lugar. Ela de repente percebia estar nos lugares mais estranhos. Saía para dar uma volta e caía no sono no meio do campo por horas, até que a filha, chorando, a enrolava num cobertor e a levava para casa. Ela era um bebê, talvez. A garota era sua mãe ou sua irmã. Seu rosto mudava sempre que Adele olhava para ela. Em determinado momento, houve duas delas. Ou talvez ainda houvesse, talvez toda vez que ela fechasse os olhos uma nova surgisse. Ela apenas se lembrava do nome de uma. Stella. Iluminada, abrasadora e distante.

— Para onde você foi, Stella? — perguntou ela uma vez.

Isso foi já perto do fim ou, talvez, do início. Estava esperando Leon voltar da loja. Ele prometera lhe trazer narcisos. Stella estava sentada ao lado dela, passando creme em suas mãos.

— Lugar nenhum, mamãe — respondeu, sem conseguir olhar para ela. — Estive aqui o tempo inteiro.

— Você foi, sim. Foi para algum lugar...

Mas ela não lembrava para onde. Stella subiu na cama com ela e a abraçou.

— Não. Eu nunca fui embora.

DESIREE VIGNES DEU NO PÉ DE MALLARD, diziam as pessoas, como se sua partida tivesse sido abrupta. Ninguém imaginara que ela ficaria mais de um ano e, no fim, permaneceu por quase vinte. Então a mãe morreu e ela decidiu que, finalmente, não aguentava mais. Talvez não conseguisse mais morar na casa de sua infância agora que perdera os dois pais, embora seus momentos finais tenham sido completamente diferentes. O pai morreu no hospital, olhando para o rosto de seus assassinos. A mãe apenas dormiu e não acordou mais. Talvez ainda estivesse sonhando.

Mas não foram só as memórias que a fizeram ir embora. Pelo contrário, ela estava pensando no futuro. Pela primeira vez na vida, olhava para a frente. Então, depois de enterrar a mãe, ela vendeu a casa e se mudou com Early para Houston. Ele arranjou um emprego na refinaria Conoco e ela, num call center. Fazia trinta anos que não trabalhava num escritório. Em seu primeiro dia, teve calafrios sob o ar-condicionado ao pegar o telefone, tentando se lembrar do roteiro. Mas sua supervisora, uma loura de trinta e poucos anos, disse que ela estava fazendo um bom trabalho. Ficou olhando para a mesa, envergonhada com o elogio.

— Não sei — disse à filha. — Parecia hora de seguir em frente.

— Mas você gosta daí?

— É diferente. O trânsito. O barulho. Todas essas pessoas. Tem um tempo, sabe, que não vejo tanta gente em volta.

— Eu sei, mamãe. Mas você gosta?

— Às vezes acho que devia ter ido embora mais cedo. Por você e por mim. Podíamos ter ido a qualquer lugar. Eu podia ter sido como Stella, ter uma boa vida.

— Estou feliz que você não é como ela — respondeu a filha. — Estou feliz que acabei ficando com você.

No call center, ela se sentava todos os dias para ligar para uma lista de telefones. Não era um trabalho fácil, dissera a jovem supervisora no primeiro dia. Precisava saber lidar com rejeição, com pessoas desligando na sua cara, xingando.

— Não vai ser pior do que nada que já disseram na minha cara — disse ela, e a supervisora riu.

Ela gostava de Desiree. Todas as moças gostavam. Elas a chamavam de Mama D.

Depois da primeira semana, Desiree tinha decorado o roteiro repetindo para si mesma, sentada no banco em frente ao escritório, enquanto esperava Early chegar para buscá-la. Olá, Fulano — era preciso sempre personalizar a mensagem —, meu nome é Desiree Vignes e trabalho na Royal Travel, em Houston. Estamos oferecendo, como uma promoção temporária, diárias de hotel de dois dias e três noites na área metropolitana de Dallas-Fort Worth-Arlington. Agora, tenho certeza de que está pensando "Qual é a pegadinha?", certo? Ela sempre fazia uma pausa nessa parte e ria um pouquinho, o que normalmente conquistava o cliente ou lhe dava a chance de desligar. Ficava surpresa ao notar que, em muitos casos, eles permaneciam na linha.

— Você tem uma vozinha muito doce — disse Early certa vez, abrindo um sorriso largo para ela na varanda.

O que parecia mais provável era que as pessoas estivessem solitárias. Às vezes, ela se imaginava ligando daquele jeito comercial para Stella. Será que reconheceria sua voz? Será que ainda pareceria com a dela mesma? Ou será que Stella pareceria uma pessoa solitária que a deixaria falar apenas para ouvir a voz de alguém do outro lado da linha?

ADELE VIGNES FOI ENTERRADA na parte destinada às pessoas de cor do cemitério de St. Paul. Ninguém esperava que fosse diferente. Sempre tinha sido assim, os brancos no norte, os de cor no sul. Ninguém reclamava até o ano em que os ministros da igreja de brancos, que era dona do cemitério, limparam as lápides para o Dia de Finados, mas apenas do lado norte. Quando os moradores de Mallard protestaram, o diácono não quis provocar uma briga, então mandou dois coroinhas reclamões com baldes para esfregar as lápides também do lado das pessoas de cor. Jude quase riu quando a mãe lhe contou. Aquela era a solução que encontraram — não acabar com a segregação no cemitério, mas simplesmente limpar as lápides de ambos os lados. Um furacão intenso poderia causar uma enxurrada no cemitério, os caixões velhos boiando, abertos, inundados de água turva. Algum coveiro vasculharia a lama em busca de relógios de ouro ou anéis de diamante, deslumbrado com a própria sorte, e pisaria nos ossos, sem saber a diferença.

No cemitério, observou Reese levar sua avó, Early do outro lado, quatro outros carregadores de caixão atrás deles. Diante do buraco na terra, o padre abençoou o corpo, a mão fazendo o sinal da cruz no ar, e, simples assim, sua avó foi levada para debaixo da terra. Jude esfregou as costas da mãe, esperando que ela não se virasse. Não podia olhar para seu rosto, não naquele momento. Durante a missa, segurara sua mão e imaginara mais uma mulher sentada naquele banco, Stella passando os dedos pelas contas do rosário, juntando-se à irmã naquele luto silencioso.

No banquete, a cidade se reuniu na casa de Adele Vignes na esperança de ter um vislumbre da filha perdida de Mallard. Ela estava na faculdade de medicina agora, pelo que ouviram a mãe dizer; metade das pessoas esperava que ela aparecesse com um jaleco branco. A outra metade estava descrente,

pois com certeza Desiree exagerara. Como era possível que aquela menina de pele escura tivesse feito todas aquelas coisas que Desiree contou?

Mas não a encontraram entre os mortos. Ela escapara pela porta dos fundos com o namorado e os dois correram de mãos dadas pelo bosque até o rio. O sol começava a se pôr e, sob o céu cor de tangerina, Reese tirou a camiseta pela cabeça. O sol aqueceu seu peito, que ainda era mais pálido do que o restante do corpo. Com o tempo, as cicatrizes iam esmaecer e a pele, escurecer. Ela olharia para ele e nem se lembraria de quando se escondia dela.

Ele abriu o zíper do vestido dela, o dobrou com cuidado, depois o colocou sobre uma pedra e os dois entraram na água fria, gritando, a água na altura das coxas. Este rio, como todos os outros, se lembrava do seu curso. Os dois boiaram sob as copas frondosas das árvores, implorando para esquecer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço eternamente a: minha agente, Julia Kardon, por acreditar sempre; minha editora, Sarah McGrath, por me ajudar a brigar por este livro difícil e por me desafiar a crescer como escritora; todo mundo na Riverhead, mas especialmente ao Team Brit do passado e do presente — Jynne Dilling Martin, Claire Mcginnis, Delia Taylor, Lindsay Means, Carla Bruce-Eddings e Liz Hohenadel Scott.

A todos os amigos que me ouviram choramingar sobre a impossibilidade de escrever um segundo romance, mas especialmente Brian Wanyoike, Ashley Buckner e Derrick Austin, cujo apoio me fez manter minha sanidade. Aos meus primeiros leitores, Chris McCormick, Mairead Small Staid e Cassius Adair, cujos retornos incisivos e generosos me encorajaram e me guiaram. A todos os bibliotecários, livreiros e leitores que apoiaram *As mães*. E, por fim, à minha família. Sou grata pelo amor de vocês.

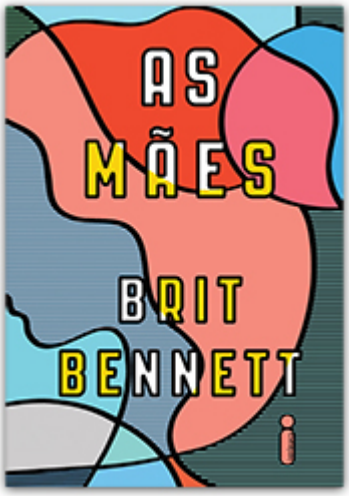
SOBRE A AUTORA



©Emma Trim

BRIT BENNETT nasceu e cresceu no sul da Califórnia. Formou-se na Universidade de Stanford e obteve seu mestrado em ficção na Universidade do Michigan, onde recebeu o Hopwood Award e o Hurston/Wright Award. Em 2016, foi eleita pela National Book Foundation uma das cinco vozes mais promissoras da literatura americana com menos de 35 anos. A autora já teve ensaios publicados em veículos como *The New Yorker*, *The New York Times Magazine*, *The Paris Review* e *Jezebel*. Seu romance de estreia, *As mães*, publicado pela Intrínseca, tornou-se best-seller do *The New York Times*.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DA AUTORA



As mães

LEIA TAMBÉM



A dança da água
Ta-Nehisi Coates



Território Lovecraft
Matt Ruff



Ruby
Cynthia Bond